UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS
CÂMPUS DE BAURU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA

BIANCA RAFAELA BONI

ENTRE DIÁLOGOS E AFETOS:
GRUPO DE MULHERES COMO ESPAÇO DE (TRANS)FORMAÇÃO

BAURU/SP
2024

BIANCA RAFELA BONI

ENTRE DIÁLOGOS E AFETOS:
GRUPO DE MULHERES COMO ESPAÇO DE (TRANS)FORMAÇÃO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação para a Ciência.

Orientador: Prof. Dr. Harryson Júnio Lessa Gonçalves
Coorientador: Prof. Dr. Marcos da Cruz Alves Siqueira.

BAURU/SP
2024

B715e

Boni, Bianca Rafaela
Entre diálogos e afetos : Grupo de Mulheres como espaço de (Trans)Formação / Bianca Rafaela Boni. -- Bauru, 2024
182 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru
Orientador: Harryson Júnio Lessa Gonçalves
Coorientador: Marcos da Cruz Alves Siqueira

1. Etnografia. 2. Espaços Formativos. 3. Colonialidade de Gênero. 4. Mulheres. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE BIANCA RAFAELA BONI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 01 dias do mês de março do ano de 2024, às 15:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de BIANCA RAFAELA BONI, intitulada **Corpo, gênero e ciência: perspectivas, dilemas e inquietações de professoras/pesquisadoras no ensino de ciências e matemática**. A Comissão Examinadora foi constituida pelos seguintes membros: Prof. Dr. MARCOS DA CRUZ ALVES SIQUEIRA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Humanidades / Instituto Federal de São Paulo - IFSP - Campus Ilha Solteira, Profa. Dra. DEISE APARECIDA PERALTA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Economia, Administração e Educação / Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias - UNESP/Jaboticabal, Profa. Dra. BRUNA LARISSA RAMALHO DINIZ (Participação Virtual) do(a) Colegiado de Ciências Biológicas - Campus Luiz Meneghel / Universidade Estadual do Norte do Paraná, Profa. Dra. ISABELA CANDELORO CAMPOI (Participação Virtual) do(a) Campus de Paranavaí / Universidade Estadual do Paraná, Profa. Dra. LILIANE SANTOS DE CAMARGOS (Participação Virtual) do(a) Departamento de Biologia e Zootecnia / Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira - Unesp. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. MARCOS DA CRUZ ALVES SIQUEIRA

Documento assinado digitalmente
gov.br
MARCOS DA CRUZ ALVES SIQUEIRA
Data: 01/03/2024 17:15:21-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências
Campus Universitário de Bauru
Seção Técnica de Pós-Graduação

PROPOSTA DE ALTERAÇÃO DO TÍTULO

A COMISSÃO EXAMINADORA PROPÕE A ALTERAÇÃO DO TÍTULO DO TRABALHO DA ALUNA: BIANCA RAFAELA BONI

DE: *"CORPO, GÊNERO E CIÊNCIA: PERSPECTIVAS, DILEMAS E INQUIETAÇÕES DE PROFESSORAS/PESQUISADORAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA"*

PARA: *"ENTRE DIÁLOGOS E AFETOS: GRUPO DE MULHERES COMO ESPAÇO DE (TRANS)FORMAÇÃO"*

Bauru, 01 de março de 2024.

gov.br Documento assinado digitalmente
HARRYSON JUNIO LESSA GONCALVES
Data: 03/05/2024 01:38:04-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Harryson Júnio Lessa Gonçalves
Orientador

gov.br Documento assinado digitalmente
MARCOS DA CRUZ ALVES SIQUEIRA
Data: 02/05/2024 08:43:13-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Marcos da Cruz Alves Siqueira
Coorientador

Dedico à todas as Mulheres que ensinam e pesquisam mesmo em uma realidade de enfrentamentos vivenciada desde a nossa chegada ao mundo e que lutam diariamente pelo direito de existir.

AGRADECIMENTOS

Entendo o ato de agradecer como um reconhecimento da coletividade. Ninguém vive sozinho no mundo. Me entender enquanto Mulher, Professora e Pesquisadora só é possível a partir da experiência compartilhada com as pessoas que me atravessaram de alguma forma ao longo da minha existência.

Sendo assim, agradeço inicialmente à Mulher que me carregou no ventre e me presenteou com a vida, minha mãe. Tudo que sou hoje e os lugares que fui capaz de ocupar é consequência das lutas que ela travou, dos sacrifícios que precisou enfrentar e de todo amor que me doou de forma incondicional e incontestável. Me vejo nela em cada pedaço de mim e me orgulho profundamente de carregá-la em minhas veias e no meu coração.

Agradeço às Mulheres da minha família – Tia Rosa, Vó Mariquinha, Maria do Carmo, Patrícia e Sara – que me inspiram a cada dia ser potente, independente, amorosa, corajosa e sábia. São essas Mulheres que me moldaram e que guiam meus passos na busca de conquistar meu lugar ao sol e de lutar por um mundo melhor para as Mulheres que ainda estão por vir.

Agradeço ainda, às Mulheres que tive a honra de compartilhar grandes momentos ao longo da minha trajetória acadêmica, pelas trocas, pelos ensinamentos em tantos aspectos e pelos afetos que levarei no coração em um lugar muito especial. Mulheres essas que me inspiram enquanto Professora e Pesquisadora, presentes em cada palavra que escrevo e a cada dizer que direciono aos meus alunos em sala de aula – minhas queridas amigas do grupo de pesquisa, dos núcleos e da graduação.

Agradeço também às professoras e professor presentes nas bancas de qualificação e defesa por terem aceito participar dessa empreitada e que com muita generosamente e sabedoria contribuíram de forma significativa na construção desta pesquisa: Deise Aparecida Peralta, Bruna Larissa Ramalho Diniz, Isabela Candeloro Campoi, Liliane Santos De Camargos, Ana Clédina Rodrigues Gomes, Ana Lúcia Braz Dias, Nelson Antonio Pirola.

Às professoras/pesquisadoras que participaram do Grupo de Mulheres, possibilitando o desenvolvimento desta pesquisa e que com muita seriedade,

afeto e carinho doaram seu tempo e disposição para a construção e desenvolvimento das reflexões e contribuições discutidas aqui.

Também sou eternamente grata pelo universo ter colocado em meu caminho meu orientador e grande amigo – Prof. Harryson, que sempre com muita paciência, compreensão e cuidado me guiou durante toda trajetória acadêmica e com quem tive a oportunidade de aprender com sua generosidade e seriedade em tudo que se propõe a fazer. Pelas palavras de força e incentivo quando não tive forças pra continuar e por sempre acreditar em mim mesmo quando não fui capaz.

Ao meu coorientador, Prof. Marcos, por sempre estar presente quando precisei de conselhos, direcionamentos e de acalento. Por suas ricas contribuições para esta pesquisa, por ajudar a me reconectar com a escrita e incentivar a me doar por completo ao sentir cada palavra aqui escrita.

Ao Igor, grande amigo, confidente e irmão de alma, por sempre estar ao meu lado e me ajudar a levantar nas piores quedas, por tornar muito mais leve os desafios que enfrentemos na graduação e pós-graduação e por sempre trazer alegria na minha vida.

Ao meu companheiro de vida, Thiago, por ser meu porto seguro, meu acalento, meu aconchego e meu lar. Por estar ao meu lado em todos os momentos e por me apoiar em cada decisão. Por ser meu parceiro de aventuras e por fazer todo o possível para que eu pudesse me dedicar aos meus sonhos e aos sonhos que sonhamos juntos.

Ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Avançadas em Currículo (NIPAC) por contribuir de forma significativa na minha formação humana e acadêmica.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciência da Faculdade de Ciências – Unesp, campus de Bauru e todos os docentes associados.

Aos meus filhotes – Luke, Amora e Mel – que entre lambidas e bagunça, foram um alívio em meio à rotina e que com muito amor e carinho, nunca me deixaram sozinha.

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a construção desse trabalho.

Aos seres de luz que me acompanham, protegem e iluminam meus caminhos.

"Eu levantei a minha voz, não para que pudesse gritar, mas para que aquelas sem voz pudessem ser ouvidas. Nós não podemos ser bem-sucedidos quando metade de nós é contida."

Malala Yousafzai

RESUMO

A presente pesquisa se trata de uma etnografia que visa a responder a seguinte questão: Como a constituição de um Grupo de Mulheres que são professoras/pesquisadoras contribui para (trans)formações a respeito das relações entre corpo e gênero? Para tanto, analisamos a constituição e desenvolvimento de um Grupo de Mulheres formado por professoras/pesquisadoras, bem como os processos formativos que emergiram a respeito das relações entre corpo e gênero. Para alcançar tal objetivo, discutimos, a partir dos diálogos construídos por professoras/pesquisadoras, como se estabelecem as relações entre corpo e gênero diante da coletividade de um Grupo de Mulheres; bem como analisamos o papel do Grupo de Mulheres como espaço coletivo de (trans)formação em face das relações construídas entre professoras/pesquisadoras. Na tentativa de amplificar vozes e constituir um espaço formativo de escuta e reflexão, foi construído um Grupo de Mulheres (GM) com professoras/pesquisadoras de um grupo de pesquisa em currículo. Buscamos, a partir dos diálogos realizados, discutir como o corpo, marcado pelo gênero, se constitui como agente das relações sociais, qual sua implicação nas disputas de poder e sua capacidade de enfrentar sistemas de regulação ao subverter as práticas de controle e exclusão. Ainda, como tais relações emergem nas vivências pessoais e profissionais das participantes do GM e qual a importância desses espaços diante da (trans)formação docente que tange as relações de corpo e gênero. Diante disso, a presente pesquisa considera que os processos formativos consolidados do GM emergem principalmente a partir da coletividade estabelecida entre as professoras/pesquisadoras e que se constituíram a partir das redes de afeto, apoio e parceria diante das dificuldades enfrentadas por cada uma das participantes. A participação dessas Mulheres em espaços formativos que a instigaram refletir sobre as relações de poder estabelecidas a partir da dicotomia entre homens e Mulheres e as possibilidades de subverter um sistema ancorado nos ideais da tríade colonialidade/patriarcado/capitalismo, provocaram uma mudança na forma como se percebem no mundo e seu papel na luta pelo seu direito de existência das Mulheres. Pensar espaços como esse subvertem uma lógica produtivista de produção acadêmica, pois as relações de coletividade ancoradas na parceria e nas redes de afeto as fortalecem, bem como contribui para que suas experiências nos âmbitos acadêmicos, profissionais e pessoais sejam atravessadas pelas relações que se estabelecem entre corpo e gênero, permeando suas construções intelectuais e suas vivências como uma forma de subverter um sistema produtor de relações desiguais e opressoras.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia; Espaços Formativos; Colonialidade de Gênero; Mulheres.

ABSTRACT

This research is an ethnography aimed at answering the following question: How does the formation of a group of women who are teachers/researchers contribute to (trans)formations regarding the relationships between body and gender? To this end, we analyze the formation and development of a group of women composed of teachers/researchers, as well as the formative processes that emerged regarding the relationships between body and gender. To achieve this objective, we discuss, based on the dialogues constructed by teachers/researchers, how the relationships between body and gender are established in the collectivity of a group of women; as well as analyzing the role of the group of women as a collective space of (trans)formation in the face of the relationships built between teachers/researchers. In an attempt to amplify voices and create a formative space for listening and reflection, a group of women (GM) was formed with teachers/researchers from a curriculum research group. Through the dialogues conducted, we seek to discuss how the body, marked by gender, becomes an agent of social relations, its implication in power struggles, and its ability to confront systems of regulation by subverting control and exclusion practices. Furthermore, we explore how these relationships emerge in the personal and professional experiences of the GM participants and the importance of these spaces in teacher (trans)formation concerning body and gender relations. Therefore, this research considers that the formative processes consolidated by the GM mainly emerge from the collectivity established among the teachers/researchers, formed by networks of affection, support, and partnership in the face of the difficulties faced by each participant. The participation of these women in formative spaces that encouraged reflection on power relations established from the dichotomy between men and women and the possibilities of subverting a system anchored in the ideals of coloniality/patriarchy/capitalism provoked a change in how they perceive themselves in the world and their role in the fight for women's right to exist. Thinking of spaces like this subverts a productivity-driven logic of academic production, as the collectivity relationships anchored in partnership and networks of affection strengthen them and contribute to their experiences in academic, professional, and personal spheres being influenced by the relationships established between body and gender, permeating their intellectual constructions and experiences as a way of subverting a system that produces unequal and oppressive relationships.

KEYWORDS: Ethnography; Formative Spaces; Gender Coloniality; Women.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EPTNM – Educação Profissional Técnica de Nível Médio

FEIS – Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira/SP

GM – Grupo de Mulheres

GEMMA – Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ações Afirmativas

GGB – Grupo Gay da Bahia

GT4 – Grupo de Trabalho 4: Gênero e Sexualidade

NABISA – Núcleo Afro-Brasileiro e Indígena de Ilha Solteira

NIPAC – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Avançadas em Currículo

NUGENS – Núcleo de Apoio e Discussão de Gênero e Sexualidade

NUPE – Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

STF – Supremo Tribunal Federal

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

SUMÁRIO

PARA COMEÇAR CUTUCAR A FERIDA 5
ATRAVESSAMENTOS 6
(TRANS)FORMAÇÕES 9
É PRECISO ESTAR ATENTA E FORTE! 10
INTENÇÕES 14
1| ENTRE O URDUME E A TRAMA – O TECER DOS FIOS 18
1.1. O TECER DOS FIOS 19
1.2. O PERCURSO 21
1.3. AS VOZES QUE ECOAM 26
2| ... AQUELA QUE É PERSISTENTE 29
3| O QUE PODE O CORPO DE UMA MULHER? 40
4| GRUPO DE PESQUISA E UM NOVO HORIZONTE 56
5| ALGUMAS CONSIDERAÇÕES 62
6| REFERÊNCIAS 66
APÊNDICE 1 70
APÊNDICE 2 74
APÊNDICE 3 77

1

PARA COMEÇAR CUTUCAR A FERIDA

***Corpo Sem Juízo* | *Jup Do Bairro*[2]**

Meus olhos cansados se abrem pra um novo dia
Engulo a saliva da minha própria rebeldia
E quem diria que eu um dia cê me ouviria falar?
É que as minhas correntes foram soltas antes de eu me expressar

Tardia e sinto que aqui não posso caminhar
Meu corre é longo mas num pulo chego onde eu quero chegar
Por onde eu quero, posso até chegar numa ilusão
Mas sigo em frente e nem sempre ouço o meu coração

Anoitece, o sol já desce, pedidos em formas de prece

[1] O dia do grito, 6 dez 2021 – Milena Paulina (Olhar de Paulina). Disponível em: https://olhardepaulina.com/ensaios/o-dia-do-grito-IGY9627. Acesso em: 09 jun. 2022.
[2] BAIRRO, Jup. Corpo Sem Juízo. São Paulo: gravação independente, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6il3RIZSlgM&ab_channel=JupdoBairro. Acesso em: 09 jun. 2022.

De uma gente que só ajuda outra se julga se merece
Ninguém quer conhecer, se preocupar pra quê?
Nesse caminho falho eu não o que eu mereço receber

É como estar diante da morte e permanecer imortal
É como lançar a própria sorte e não ter direito igual
Mas eu resisto, eu insisto, eu existo
Não quero ter o controle de todo esse corpo sem juízo

Um corpo sem juízo que não quer saber do paraíso
Mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso

Meus olhos cansados se abrem pra um novo dia
Engulo a saliva da minha própria rebeldia
E quem diria que eu um dia cê me ouviria falar?
É que as minhas correntes foram soltas antes de eu me expressar

Tardia e sinto que aqui não posso caminhar
Meu corre é longo mas num pulo chego onde eu quero chegar
Por onde eu quero, posso até chegar numa ilusão
Mas sigo em frente e nem sempre ouço o meu coração

Anoitece, o sol já desce, pedidos em formas de prece
De uma gente que só ajuda outra se julga se merece
Ninguém quer conhecer, se preocupar pra quê?
Nesse caminho falho eu não o que eu mereço receber

É como estar diante da morte e permanecer imortal
É como lançar a própria sorte e não ter direito igual
Mas eu resisto, eu insisto, eu existo
Não quero ter o controle de todo esse corpo sem juízo

Um corpo sem juízo que não quer saber do paraíso
Mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso

ATRAVESSAMENTOS

Quando vi a imagem que inicia esse texto, tive a sensação de algo sendo libertado, como se eu pudesse ouvir os gritos estrondosos a clamar pela sua existência. Mas, ao mesmo tempo, também tive a sensação de dor, de que esse grito de liberdade não tenha vindo a partir de uma voz serena e pacífica, mas de uma súplica pela vida, que tomou fôlego para se soltar das profundezas de seus pulmões pela força e pela dor da luta. Uma luta pelo direito de existir, uma luta pela soltura das amarras que tanto sufocam, espremem e asfixiam. Vozes essas que, juntas, se tornam potência, ganham força e alcançam cada vez mais cantos

do mundo. E é pela força que essa imagem me transborda que consigo unir forças para contribuir, por meio desta pesquisa, para que os corpos – nossos corpos – possam se (re)erguer e gritar ao vento quem somos e pelo que lutamos. Como nos diz Jup do Bairro, são esses corpos sem juízo que tem o compromisso de mudar o destino traçado por aqueles que nos julgam merecedores ou não das suas migalhas. São os gritos desses corpos – que resistem, insistem e existem – e que serão ouvidos. É a partir disso, que começo a tomar fôlego para (re)pensar o que experenciei ao longo da minha trajetória pessoal e acadêmica sobre a Mulher que sigo me tornando e o que está implicado nesse processo.

Durante boa parte de minha vida, acreditei que – ser Mulher – era apenas aquilo que via na televisão, nas novelas, o que ouvia na missa da igreja e o que me diziam na escola. Ser Mulher era “sinônimo de vaidade”, “ser comportada e obediente”, “não falar alto”, “ser delicada”, “se dedicar aos filhos e ao lar”, “se dar ao respeito”, “ter peito e vagina”, “ser recatada”. Aquelas que fugiam disso, geralmente, eram mal vistas e dedos eram apontados – repletos de julgamentos. Aos poucos fui conhecendo Mulheres diversas que não atendiam a esses requisitos impostos, do que se esperava “ser Mulher”. O que elas eram então? O que eu era, afinal?

Talvez, meu corpo passou anos tentando caber nas caixinhas que me eram enfiadas goela abaixo, em uma busca incessante pelo formato de corpo “ideal”, desejável, que se dá ao respeito e que atende expectativas outras, que não as minhas. “Menina tem que brincar de boneca e casinha”; “Precisa ser mais vaidosa e delicada”; “Ter muito amigo homem é coisa de vagabunda”; “Você está gorda, precisa emagrecer para arrumar namorado”; “Só pensa em estudar... quando vai casar?”; “Quando vai ter filhos? Já está na idade para isso!” – ecos que fizeram morada nos meus pensamentos durante muito tempo e que ressoavam como eu deveria ser.

Essas microagressões camufladas de palavras profetizam uma única forma do que é “ser Mulher”; ou melhor, do que se espera que seja uma Mulher. Sutilezas essas, que se infiltram, enraízam e tomam espaço, tempo e vida. Aprisionam o que foge da estrutura hétero/cis/cristã/eurocêntrica e sufoca até se tornarem naturalizadas, mesmo que se (re)produza a partir da dor do outro, de outras tantas vozes silenciadas e esquecidas. Então, foi a partir do contato com possibilidades outras de ser e estar no mundo, com pessoas e perspectivas

diversas, que me permiti “abrir os olhos... e os ouvidos” para o que, até então, pensava existir de uma única forma.

Muitos questionamentos começaram a fazer parte do meu cotidiano, e me provocaram a buscar outras possibilidades vinculadas ao *ser*. Isso me instigou a (re)aprender, (des)construir, “cutucar” feridas e contestar tudo o que conhecia até então como único e verdadeiro. Precisei me fazer sensível para reconhecer situações, momentos, discursos e pensamentos, que tentavam, a todo momento, domesticar e controlar meu corpo; o que fez parte de uma tomada de consciência por um processo doloroso, mas necessário para enxergar o mundo a partir de um olhar crítico sobre tudo o que me cercava – inclusive, sobre o que significa “ser Mulher” a partir das mais diversas complexidades, contextos e realidades.

Todo esse processo começou principalmente nos espaços da Universidade, mas também a partir do olhar mais atento para as pessoas ao meu redor, que fazem parte da minha vida e do meu cotidiano. Passei a perceber, de uma outra perspectiva, as Mulheres que fizeram quem eu sou; Mulheres que também tentavam subverter o sistema que as aprisionava, mesmo sem ter a noção do impacto que isso poderia provocar na minha vida.

Minha avó, semianalfabeta, criou duas filhas e três filhos sofrendo violência doméstica e fazendo “das tripas coração” para conseguir dar sustento para a família. Se divorciou em uma época em que isso não era bem visto para a Mulher. Mas seguiu firme, forte e ajudando a família toda sem pestanejar até seu último suspiro e, mesmo com o sofrimento de uma vida toda não perdeu o sorriso e as boas gargalhadas que dava a plenos pulmões. Dona Mariquinha, como todos a chamavam, se orgulhava de cada conquista nossa e fazia questão de espalhar para todo mundo o quanto tinha orgulho dos seus.

Minha tia, uma Mulher que batalhou sempre pelo seu sustento e em ajudar as pessoas ao seu redor. Foi para cidade de São Paulo em busca de novas oportunidades, conquistou espaços e enfrentou barreiras para conseguir abrir o próprio negócio. Mesmo com os tombos da vida, se reergueu e foi em busca do seu pedacinho de terra, conquistando seu lugar no mundo junto ao Movimento Sem Terra (MST)[3], administrou sozinha seu sítio, cuidou dos seus bichos, sempre batalhando para ter sua renda. Hoje, voltou a morar na cidade, mas sem

[3] Atualmente chamado de Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

perder de vista sua independência, com tudo do jeito que decidiu ter e fez acontecer.

Minha mãe – meu maior exemplo de Mulher – adiou seus sonhos para cuidar de mim e do meu irmão, ficou viúva quando meu irmão ainda era pequeno e precisou ser mais forte do que pensava ser capaz para (sobre)viver e dar condições dignas para os filhos. Ela sempre me incentivou a ler e estudar, sem a pressão de que deveria ser a melhor aluna da turma, mas reforçando o quanto era importante estudar para ter uma vida digna. Lembro que um dia, enquanto eu fazia uma tarefa da escola, ela me disse que era importante concluir a atividade, pois ela gostaria de poder me chamar de doutora no futuro. Minha mãe também sempre foi independente e batalhou pelas suas – e nossas – conquistas; na época eu não me dei conta, mas hoje percebo o quanto isso foi importante para que eu me tornasse uma Mulher que também busca seu lugar no mundo.

(TRANS)FORMAÇÕES

É nesse processo de tomada de consciência, ao perceber a potência das Mulheres que me cercam, que me deparei com a necessidade de compartilhar vivências e entender como todas essas questões se cristalizam e dominam tantos corpos, de tantas Mulheres. O espaço da universidade foi crucial para pensar e refletir sobre as relações de gênero, sexualidade e questões étnico-raciais, importantes não apenas como possibilidade de aproximação dessas discussões, mas também um lugar onde pude me entender enquanto uma Mulher que estava se formando professora de Ciências e Biologia e, também, pesquisadora em uma universidade pública.

A atuação nesses espaços me possibilitou uma formação – para além dos muros da universidade – a respeito das problemáticas relativas às questões de gênero e sexualidade que não só foram enfrentadas na minha vivência, mas que coadunam com as de outras pessoas, outras dores e lutas. Foi quando senti a necessidade de encontrar respostas/caminhos para os questionamentos que surgiam ao longo dos anos e das minhas experiências dentro e fora da universidade.

Pensar as relações de poder a partir da crítica à colonialidade, ao eurocentrismo e às faces do epistemicídio me provocaram a estar atenta e

sensível ao que me cerca e, também, ao que estava distante da minha realidade, mas presente de alguma forma naquilo que me constitui enquanto uma Mulher cis, branca, gorda, latino-americana, professora e pesquisadora.

É PRECISO ESTAR ATENTA E FORTE!

Diante disso, é importante destacar que o Brasil vem sendo considerado um dos piores países para ser Mulher em relação às dimensões de inclusão, justiça e segurança, ficando em 80º posição em um ranking de 170 países do índice elaborado por *Georgetown Institute for Women, Peace and Security*[4] em 2021. Também fica evidente, que o contexto pandêmico da Covid-19 desde 2020 piorou a situação colocando as Mulheres em situação maior de risco por violência doméstica e aumento na disparidade de gênero em serviços remunerados ou não (no caso de cuidados domésticos). Se pensarmos em questões de raça e classe, a situação se agrava ainda mais.

Ainda, o país também ganha destaque no que se refere à violência contra pessoas LGBTQIA+[5]. Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (Antra), em 2021 foram registrados 140 assassinatos de pessoas trans no Brasil[6] com Travestis e Mulheres Trans pretas e pardas como a grande maioria das vítimas, sendo colocado como o país mais violento com pessoas trans, seguido do México e Estados Unidos em uma pesquisa realizada com dados de 74 países. O Grupo Gay da Bahia (GGB) também corrobora com esta realidade ao evidenciar que a cada 29 horas uma pessoa LGBTQIA+ é assassinada no Brasil[7].

Um país tão violento e inóspito para Mulheres e pessoas LGBTQIA+ não se configura dessa forma repentinamente, há um projeto sendo (re)produzido e colocado em ação desde a sua constituição enquanto nação – "[...] o rosto, o

[4] O índice foi produzido a partir da análise de 11 indicadores onde foram consideradas três dimensões: a inclusão das mulheres (econômica, social e política), a justiça (leis formais e discriminação informal) e a segurança (nos níveis individual, comunitário e social). Disponível em: https://giwps.georgetown.edu/the-index/. Acesso em: 18 abr. 2022.

[5] LGBTQIA+: Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e mais uma multiplicidade de identidades.

[6] Relatório disponível em: https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf. Acesso em 18 abr. 2022.

[7] Relatório referente ao ano de 2021 está disponível em: https://grupogaydabahia.com/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/. Acesso em 18 abr. 2022.

corpo, a pele, a língua, atributos ditos humanos, não bastam para assegurar o direito à vida" (Bento, 2018, p. 14) – aquilo que Berenice Bento (2018) nomeia como necrobiopoder, consolidado a partir de técnicas de promoção de vida e de morte em uma hierarquização dos corpos, no qual aqueles desqualificados como humanos devem ser exterminados para que outros possam viver.

Lutas seculares pela vida de Mulheres, pessoas LGBTQIA+ e pessoas negras vem conquistando a sangue e suor o direito ao reconhecimento enquanto cidadãs(ãos), enquanto seres humanos. Mas, ainda assim, vemos essas conquistas escorrerem pelos dedos quando o movimento neoconservador alcança posições de poder, principalmente na esfera política. Esse movimento diz respeito às alianças políticas, inicialmente estabelecidas nos Estados Unidos, que visavam manter a ordem patriarcal e capitalista, conquistando forte influência nos contextos latino-americanos. Isso permitiu uma aproximação entre o conservadorismo cristão e o individualismo liberal, bem como entre o antipluralismo e neoliberalismo, atuando como uma racionalidade política que se manifesta na regulação da moralidade sexual baseada na defesa da família heteronormativa e seu potencial reprodutivo (Vaggione; Machado; Biroli, 2020).

É importante destacar que a tomada de espaços pelo movimento neoconservador coincide com avanços significativos de políticas reivindicadas pelos movimentos feministas e LGBTQIA+ no país, pois confrontam diretamente a hegemonia da Igreja sobre o Estado. Como destacam Miskolci e Campana (2017), esse confronto é visto pelos grupos religiosos como incentivo a um individualismo que se choca com a ideia comunitária da sexualidade religiosa, pautada na hierarquização dos homens sobre as Mulheres e centrada na reprodução. Isso chama atenção não apenas dos grupos católicos, mas também neopentecostais, que tem como missão ocupar espaços de poder. A aliança entre esses grupos religiosos mobiliza a moralização da vida política em nome da moral e bons costumes.

No Brasil, a faísca disparadora do pânico moral a respeito de uma suposta ideologia de gênero[8] se deu justamente em 2011, com o reconhecimento legal

[8] O conceito de ideologia de gênero surgiu por volta de 1997, em contraposição à IV Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher em Beijing-Pequim, realizada em 1995. Desde então, o termo vem sendo utilizado para defender uma identidade feminina pautada no essencialismo, reiterando a maternidade como papel central da mulher, bem como para reforçar a ideia de um

pelo Supremo Tribunal Federal (STF) da união entre pessoas do mesmo sexo. Dias depois, Jair Bolsonaro, deputado na época, motivou um ataque ao programa Escola sem Homofobia, denominando como “kit gay” o material que seria distribuído nas escolas pelo referido programa, que visava combater a violência contra a população LGBTQIA+.

A ideia da ideologia de gênero foi disseminada por lideranças religiosas católicas e intelectuais laicos com o objetivo de sinalizar as divergências entre seus interesses e o pensamento feminista, uma reação aos usos do termo gênero em acordos internacionais sobre direitos humanos. Tal ideia reafirma uma sexualidade hegemônica e atribui ao movimento feminista e LGBTQIAP+ o avanço da imoralidade e a destruição da família tradicional e conservadora. Como afirmam Jasmine Moreira e María Rita de Assis César,

> Com esses enunciados sendo apresentados ao grande público, os grupos fundamentalistas e conservadores obtém sustentação política, tomam corpo e empreendem sua cruzada moral. Estabelecem então uma rede de poder, voltada a combater a reconfiguração de forças que os movimentos sociais e a Academia vêm provocando nas instituições no campo da sexualidade (Moreira; César, p.7, 2019).

É nesse contexto que se cria o imaginário da criança sob ameaça, atraindo a atenção das massas e legitimando a aliança política entre a bancada evangélica, congressistas católicos e conservadores agnósticos (Miskolci; Campana, 2017; Miskolci, 2018; Vaggione; Machado; Biroli, 2020). Em 2014, no âmbito educacional – diante dos debates sobre o Plano Nacional de Educação (PNE) – foi reacendida a chama da ideologia de gênero propagada nas mídias de forma intensa que a família e as crianças estavam sob ameaça e era preciso combater a ideologia de gênero nas escolas. No ano seguinte, momento em que os estados e municípios discutiam os planos de educação, houve um fortalecendo das alianças dos grupos de interesses diversos na reação contra o avanço dos direitos sexuais, na luta contra homofobia e no reconhecimento da diversidade de gênero (Miskolci; Campana, 2017).

A proposição inicial do PNE (PL nº 8.035-B/2010) apresentava como uma de suas diretrizes a ênfase na promoção da igualdade racial, regional, de gênero

---

conceito tradicional – e hegemônico – de sexualidade e de família, principalmente em resistência aos avanços das políticas de direitos sexuais e reprodutivos (MISKOLCI; CAMPANA, 2017).

e de orientação sexual para superação das desigualdades e erradicação de todas as formas de discriminação. No entanto, a pressão da oposição constituída por grupos neoconservadores contrários ao uso do termo gênero, forçou o apagamento das especificações de desigualdades, dando lugar a uma diretriz genérica a respeito da eliminação de todas formas de discriminação.

Nos anos seguintes, discussões a respeito da diversidade sexual e de gênero na educação escolar durante a construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a educação infantil e ensino fundamental, também apresentou retrocessos não somente em relação às questões específicas referentes à gênero e sexualidade, mas também a respeito dos direitos humanos de forma geral.

Como apresenta a investigação realizada por Silva, Brancaleoni e Oliveira (2019), a promulgação da BNCC em 2017 deixa evidente a limitação da sexualidade unicamente a uma dimensão biológica com concepções médico-higienistas e o silenciamento e apagamento de discussões a respeito da diversidade de gênero, além de abordar os conceitos de direitos humanos e preconceito genericamente e de forma descontextualizada. Como destacam os autores, a BNCC silenciou discussões sobre gênero e isso, em última instância, pode colaborar para a manutenção da misoginia, lgbtfobia no ambiente escolar.

Ressaltamos a problemática da questão ao considerar que tal documento normativo orienta o desenvolvimento de matrizes curriculares da educação básica em todo país, o que implica que a discussão e reflexão sobre gênero e sexualidade pode não ser incluída nos processos educativos (Silva; Brancaleoni; Oliveira, 2019). Com isso, o pânico moral causado pelo combate à ideologia de gênero no campo educacional pode ter sido fator determinante para que causasse grandes impactos e retrocessos quanto às políticas educacionais que possibilitariam fortalecer a luta pelos direitos das populações marginalizadas, pelo respeito às diversidades e culturas, bem como o desenvolvimento de um pensamento crítico nas escolas.

Como ressaltam Fabiana Carvalho e Álvaro Lorencine Júnior (2018), devemos olhar para a escola como um espaço onde as relações de poder e regulação se fazem presentes e dominantes nas relações, nos currículos, nos livros didáticos, na postura do que se espera poder fazer ou não nos ambientes escolares, na organização das salas de aula, onde o corpo é disciplinado,

docilizado. Guacira Lopes Louro entende que esse corpo docilizado é treinado para o silêncio e para uma forma determinada de se expressar, em que percebe o espaço escolar de uma forma particular. “Mãos, olhos e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas” (Louro, 2000, p. 14).

Nesse sentido, é urgente a viabilização de caminhos que reflitam sobre aquilo que é naturalizado, imposto, docilizado. Quais corpos são permitidos viver? E porque existem os que não podem estar ali? Porque apenas uma forma de ser Mulher, de ser homem... de ser? Até quando histórias e vivências outras serão ignoradas para que possamos caber em uma caixinha que nos enfiam goela abaixo? Qual o papel da escola e de seus atores na luta pelo direito de ser e existir? É preciso construir possibilidades de amplificar as vozes marginalizadas e silenciadas nesses espaços.

Para Guacira, as práticas e linguagens de controle e repressão dos corpos são produtoras de marcas, cravadas nas histórias dos sujeitos sobre qual comportamento deve ser determinado. E para tornar tais marcas efetivas e fortalecidas, há um investimento de diferentes agências – família, igreja, mídia, lei – inclusive a escola. Tais instâncias realizam uma determinada pedagogia, um investimento que articula e (re)produz identidades e práticas hegemônicas e excludentes ao passo que nega a existência de tantas outras. No entanto, tais agências também são capazes de disponibilizar representações alternativas, divergentes e contraditórias (Louro, 2000).

E pensando na escola, como podemos disponibilizar essas representações alternativas? Quais ferramentas podemos utilizar para abrir caminhos para que a luta contra hegemônica possa caminhar nos espaços escolares? Como construir pontes que possibilitem a aproximação da escola com as discussões e reflexões feministas sobre corpo, gênero e ciência?

INTENÇÕES

Retomo aqui a minha vivência acadêmica para ressaltar a importância da minha participação no grupo de pesquisa, nos grupos de estudo e nas ações desenvolvidas pelos núcleos, espaços esses que – para além da minha formação enquanto professora de Ciências e Biologia – também (trans)formaram

a minha percepção sobre as relações que me perpassam, e as opressões que se tornam, sutilmente, naturalizadas. Essa perspectiva remolda o que eu compreendo sobre ser professora, pesquisadora e Mulher e como a minha voz, assim como de tantas outras, podem contribuir para que se interrompa o ciclo de regulação de corpos, de sujeitos e de existências. Isso me faz questionar, se esses espaços poderiam também contribuir na (trans)formação de outras professoras/pesquisadoras.

Diante disso, buscamos com a presente pesquisa responder a seguinte questão: *Como a constituição de um* Grupo de Mulheres *que são professoras/pesquisadoras contribui para (trans)formações a respeito das relações entre corpo e gênero?*

Como objetivo geral, analisamos a constituição e desenvolvimento de um Grupo de Mulheres formado por professoras/pesquisadoras, bem como os processos formativos que emergiram a respeito das relações entre corpo e gênero.

Para tanto, buscamos:

- Discutir, a partir dos diálogos construídos por professoras/pesquisadoras, como se estabelecem as relações entre corpo e gênero diante da coletividade de um Grupo de Mulheres;
- Analisar o papel do Grupo de Mulheres como espaço coletivo de (trans)formação em face das relações construídas entre professoras/pesquisadoras.

Na tentativa de amplificar vozes e constituir um espaço de escuta e reflexão, foi constituído um Grupo de Mulheres (GM) onde abordamos temas a respeito das relações entre gênero, corpo e ciências no ensino de Ciências da Natureza e Matemática com quatro professoras/pesquisadoras de um grupo de pesquisa em currículo. São Mulheres, mães – ou não, pesquisadoras, professoras – formadas com muita experiência de sala de aula, que iniciaram a carreira docente ou que se dedicam inteiramente à pesquisa na pós-graduação. Tais participantes também compartilham experiências de longa data pelas parcerias no Grupo de Pesquisa que somos integrantes. São Mulheres que admiro a trajetória, que me espelho, que inspiram o meu trabalho (também enquanto professora e pesquisadora) e, sobretudo, me provocam a tencionar o entendimento sobre tais relações nos espaços que ocupam e como ocupam.

Na constituição do GM com essas Mulheres, também faço parte – não como mera pesquisadora que olha de fora, observando cada fala e cada movimento. Mas também como integrante do grupo, como Mulher, pesquisadora na área de Currículo e professora em início de carreira. Me coloco nessa posição por também compartilhar vivências e atravessamentos diante dos dilemas e inquietações que pairam sobre as relações entre corpo, gênero e ciência.

Tal grupo teve a intenção de se constituir como momentos em que as participantes possam discutir, a partir de suas vivências, como essas relações atravessam sua atuação profissional enquanto professoras e pesquisadoras e sua vida pessoal, momento este onde possam expressar seus dilemas, inquietações, provocações e reflexões. Os registros desses momentos se deram a partir dos diálogos entre as Mulheres que constituem o GM, na busca por tecer uma etnografia que possa interpretar e discutir suas concepções, dilemas e inquietações sobre os atravessamentos de corpo, gênero e ciência no ensino de Ciências e Matemática.

De acordo com Mariza Peirano (2014), essa tecitura etnográfica não busca se formar a partir de um método técnico pensado a priori, mas sim uma construção artesanal – o tecer das palavras narradas pelas integrantes do GM com o entrelaçamento dos dizeres de teóricas/os que irão fundamentar esta etnografia, transformando a experiência vivida em linguagem escrita. A partir disso, será possível compreender os atravessamentos das relações entre corpo, gênero e ciência no ensino de Ciências e Matemática diante da experiência dessas Mulheres professoras e pesquisadoras bem como as possiblidades que o grupo de pesquisa pode proporcionar na (trans)formação docente.

Pensando na construção dessa tecitura artesanal apresentamos os fios que nos guiaram ao longo do processo. Inicialmente, apresentamos os atravessamentos que me motivaram a investigar as inquietudes e intenções que constituem essa pesquisa. Na primeira sessão apresentamos como se deu a formação do Grupo de Mulheres, como os encontros aconteceram, bem como quem são as participantes e como as vejo diante das reflexões propostas. Também discutimos como a etnografia aqui proposta foi costurada a partir das *afetações* (Favret-Saada, 2005) e das *formulações teórico-etnográficas* (Peirano, 2014) que a fundamentam.

Buscamos ainda, na sessão 2, discutir sobre como a divisão sexual do trabalho configura as relações desiguais de gênero entre homens e Mulheres e quais implicações se estabeleceram nesse contexto e como as professoras/pesquisadora se percebem enquanto Mulheres diante das relações de corpo e gênero.

Na terceira sessão discutimos, a partir dos diálogos e reflexões provocados nos encontros do GM pelas professoras/pesquisadoras, como o corpo, marcado pelo gênero, se constitui como agente das relações sociais, qual sua implicação nas disputas de poder e sua capacidade de enfrentar sistemas de regulação ao subverter as práticas de controle e exclusão.

Ainda, buscamos compreender o papel de espaços de formação constituídos a partir da coletividade de diálogos, reflexões e afetos nos atravessamentos das relações entre corpo e gênero diante da experiência das professoras/pesquisadoras como possiblidade de (trans)formação docente. Tais reflexões foram abordadas na sessão quatro. Por fim, traçamos algumas considerações sobre como a constituição de um Grupo de Mulheres possibilita subverter a lógica produtivista de produção acadêmica, pois, o espaço formativo que se configura fortalece as relações de coletividade, parceria e afeto, contribuindo para que as experiências dessas Mulheres sejam atravessadas pelas relações entre corpo e gênero como uma forma de subverter um sistema produtor de relações desiguais e opressoras.

1| ENTRE O URDUME E A TRAMA – O TECER DOS FIOS

***Todas as vidas | Cora Coralina*[9]**

“Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acocorada ao pé do borralho,
olhando para o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai de santo...

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim
a Mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute benfeito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
a Mulher do povo.
Bem proletária.

[9] CORALINA, Cora. Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. Editora Global, 1ª edição digital. São Paulo, p. 18-19, 2012.

Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada.

Vive dentro de mim
a Mulher roceira.
- Enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a Mulher da vida.
Minha irmãzinha...
Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida -
a vida mera das obscuras."

Assim como Cora Coralina evoca, me entendo como sou a partir das Mulheres que me habitam, das que passaram por mim e das que ainda cruzarão meu caminho. O texto que aqui escrevo se constrói a partir das tantas vozes que ecoam em mim, principalmente das Mulheres professoras-pesquisadoras que se propuseram construir, junto comigo, um espaço de discussão, acolhimento e escuta diante de inquietudes que atravessam o nosso cotidiano. Nesta sessão, descrevo o processo artesanal de tecer os fios (vozes) que – entrelaçados – irão conceber esta etnografia e como se deu a formação do GM, como aconteceram os encontros, de quem são as vozes que aqui ecoam e como me atravessam.

1.1. O TECER DOS FIOS

Podemos entender a etnografia como um processo de tecelagem, que depende dos atravessamentos e significações de quem o tece. É o entrelaçamento de linhas verticais (urdume), que se referem às vozes das Mulheres que constituem

esta pesquisa ao narrar suas vivências e seus dilemas quanto às relações entre corpo, gênero e ciência e que permeiam cada palavra aqui escrita, com as linhas horizontais (trama) que podemos entender como os referenciais que atravessam, dão significado e potencializam ao inquietar e questionar aquilo que é posto como norma.

A construção etnográfica deve estar atrelada à interpretação da cultura e dos significados ligados a um determinado contexto com determinadas pessoas, e é nesse movimento que Clifford Geertz entende o fazer etnográfico como

> tentar ler (no sentido de 'construir uma leitura de') um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não como os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (Geertz, 1978, p. 20).

Hammersley e Atkinson (2022) entendem que a prática etnográfica pode ser desafiadora por se tratar de uma atividade de compreensão do mundo social para além daquilo que experimentamos em nosso cotidiano, em sintonia com objetivos específicos da pesquisa e da produção de conhecimento científico, o que envolve grande esforço de reflexão e análise. "O objetivo é investigar alguns aspectos da vida das pessoas, o que elas fazem, como elas encaram as situações que enfrentam, como consideram umas às outras, e também como veem a si mesmas". (Hammersley; Atkinson, 2022, p. 21).

Nesse ato de tecelagem etnográfica, minha percepção de mundo também é afetada, não como *o outro* que observa de fora, mas como parte integrante, pois também me reconheço no lugar de professora-pesquisadora, integrante do Grupo de Pesquisa em Currículo. Assim, compartilho as vivências, dilemas e inquietações que são colocadas em pauta no GM e, nesse movimento, conforme Teresa Caldeira (p. 142, 1988): "[...] as vozes são todas equiparadas [...]". Me entender como parte desse grupo de professoras-pesquisadoras possibilita instigar provocações e questionamentos em que, para além de ser aquela que informa e descreve, participarei da construção de sentidos, sugerindo conexões possíveis entre as reflexões e experiências narradas.

Ser afetada pelos atravessamentos da pesquisa, não significa que minhas contribuições enquanto pesquisadora se esvaziarão, pois como insiste Jeanne Favret-Saada (2005), aceitar esse lugar abre caminhos para uma comunicação específica com as integrantes do GM, que pode ser verbal ou não, mas que permite

alcançar nuances que uma conversa esvaziada de afetamentos não seria capaz de expressar. Nesse processo, como reflete José Guilherme Cantor Magnani (2002),

> O pesquisador não apenas apreende o significado do arranjo do nativo, mas ao perceber esse significado e conseguir descrevê-lo agora nos seus termos (dele, analista), é capaz de atestar sua lógica e incorporá-la de acordo com os padrões de seu próprio aparato intelectual e até mesmo de seu sistema de valores (Magnani, p. 16, 2002).

O grande desafio está posto, transformar a ação vivida – as afetações, os diálogos, as reflexões – em palavras. Não as que sejam apenas organizadas em uma breve descrição daquilo que foi vivido, mas que são capazes de captar os silêncios, os sentidos. Portanto, as palavras aqui escritas não apenas textualizam, elas "[...] fazem coisas, trazem consequências, realizam tarefas, comunicam e produzem resultados (Peirano, p. 386, 2014)". É nesse processo íntimo e artesanal que a presente etnografia vai sendo tecida, a partir de uma polifonia que ecoa naquilo que inquieta e aflige.

Para constituir essa tecitura artesanal, foi necessário um afastamento da experiência vivida a partir da construção do GM, pois nesse distanciamento intencional se tornou possível compreender o que foi experenciado. Como nos diz Jeanne Fravret-Saada, "[...] no momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência; no momento em que a narramos não podemos compreendê-la. O tempo da análise virá mais tarde" (Favret-Saada, p. 160, 2005). Os encontros aconteceram no segundo semestre de 2022 e, apesar de entender que muitas reflexões e inquietações poderiam ainda ser discutidas diante das vivências diárias das professoras-pesquisadoras, foi importante encerrar os encontros para que pudesse sentir, digerir e interpretar tudo que foi dito – verbalmente ou não. É nesse processamento de sentidos que se possibilita o entrelaçar os fios do urdume com os fios da trama.

1.2. O PERCURSO

Como mencionado anteriormente, constituímos um Grupo de Mulheres (GM) com pesquisadoras/professoras de um Grupo de Pesquisa em Currículo não apenas com o intuito de evocar como se sentem ou experenciam seu trabalho/pesquisa e suas vivências pessoais no que diz respeito às tensões entre corpo e gênero. Os

encontros do GM também foram se constituindo como um espaço de escuta, acolhimento e afeto onde as discussões envolviam-se com reflexões e desabafos, tons acalorados de revolta e também vozes trêmulas de emoção quando algum sentimento vinha à tona.

Inicialmente, convidamos todas as Mulheres integrantes do grupo de pesquisa – sejam elas inseridas na pós-graduação e docência, ou não. Dentre aproximadamente 20 convites enviados via *WhatsApp*, cinco Mulheres se interessaram em fazer parte do GM e, dentre essas, quatro participaram de fato dos encontros. As justificativas sobre a não participação do GM, em sua grande parte, se deram pela falta de tempo em assumir mais um compromisso, por estarem sobrecarregadas com outras tarefas – seja do trabalho docente, da pós-graduação e/ou questões particulares/familiares. Algumas não deram nenhum retorno do convite e entendemos que não havia interesse de participação.[10]

Tivemos quatro temas abordados em cinco encontros, sendo estes:

1) “O que é Ser Mulher?”;
2) “O que pode o Corpo de uma Mulher?”;
3) “Qual o papel da Ciência na percepção, construção e (re)afirmação de corpo e gênero?”;
4) “Grupo de Pesquisa e um novo horizonte”.

Os encontros aconteceram de forma remota e *online*[11] – via aplicativo *Google Meet*, com duração de aproximadamente duas horas (das 19h30 às 21h30); às vezes mais longas, quando as discussões ficavam mais acaloradas, às vezes mais curtas quando as tarefas do dia-a-dia das participantes exigiam maior atenção. A opção pelos encontros serem dessa forma, se deu pelo fato de que o grupo de pesquisa em questão possui integrantes de diferentes regiões. Acontecendo de forma *online*,

[10] Para todas as participantes do GD foi enviado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para ciência e assinatura que descrevia todos os processos da pesquisa, o objetivo, o contato da pesquisadora, do orientador e coorientador. Tais informações também estavam presentes no convite enviado para as convidadas, bem como as dúvidas foram sanadas tanto por meio de conversas no *WhatsApp*, como durantes os encontros.

[11] Mesmo que os encontros tenham se desenvolvido de forma online, optamos por não aderir aos termos *etnografia virtual*, *netnografia*, *webnografia ou etnografia digital*, por considerar que o objeto desta investigação não é o espaço online em si, mas sim as narrativas das experiências vividas pelas participantes. Ainda, corroboramos com Fragoso, Recuero e Amaral (2011) ao optarmos pelo termo etnografia, desde que as formas de coleta de dados e observação sejam descritas, problematizadas e diferenciadas nas suas variações *online* e/ou *offline.*

foi possível reunir as participantes que residem em Ilha Solteira/SP, São José do Rio Preto/SP, Bandeirantes/SP, Pereira Barreto/SP e Araçatuba/SP. Optar por encontros de aproximadamente duas horas, com intervalos de um mês entre um encontro e outro também se deu por levar em consideração que as participantes possuem dupla, às vezes até tripla, jornada de trabalho – sendo professoras, mães, pesquisadoras, que precisam dar conta das tarefas de docência e da Pós-Graduação, dos cuidados com a casa, da família. Tivemos o cuidado para que os encontros não se tornassem "apenas mais uma reunião que precisam dar conta", mas que fosse esse espaço de partilha e acolhimento diante da rotina atarefada e dos percalços do dia-a-dia. Os encontros foram gravados com a autorização das participantes e transcritos na íntegra (apêndice 3) para posterior análise.

Cada encontro foi pensado a partir de uma temática e uma questão disparadora que pudesse envolver as participantes a relatar suas percepções, suas reflexões. Foi realizada uma pesquisa no *google* para encontrar e selecionar mídias, imagens e reportagens que causasse algum impacto e instigasse a reflexão e o debate de acordo com o tema de cada encontro. Com tais elementos selecionados, o roteiro dos encontros foi organizado para que as participantes tivessem oportunidade de se expressar: um momento inicial de acolhimento, uma pergunta disparadora sobre o tema, apresentação das mídias e momentos para discussão para que pudessem relatar como se sentiam ao ver/ouvir, se elas lembravam de alguma situação que remetia aquilo ou até mesmo alguma reflexão que pudessem ter ali, qualquer tipo de relato que se sentissem à vontade para externalizar e por fim, o encerramento. Cada participante tinha seu momento de fala e eu também trazia algumas provocações ou questões caso sentisse a necessidade de aprofundar ou entender melhor algo que tenha sido dito; e, também, relatava minhas vivências, experiência e angústias diante do que estava sendo abordado no encontro. Esse roteiro foi pensado como uma forma de organização, mas que poderia se alterar de acordo com o andamento dos encontros.

No primeiro encontro, que aconteceu no dia 25 de agosto de 2022, tivemos a participação de três integrantes. Nesse primeiro encontro, iniciei nossa conversa apresentando a minha pesquisa e qual seria o objetivo do GM diante das reflexões propostas. Apesar de conhecer as participantes – de longa data – me apresentei contando um pouco de como eu me sentia a respeito da intenção de pesquisa e o que me motivou a buscar me aprofundar na temática e mergulhar nisso durante o

doutorado. Achei importante esse momento para que as expectativas quanto aos nossos encontros pudessem estar alinhadas.

Em seguida, com o objetivo de entender melhor o que as motivaram aceitar o convide para participarem do GM, pedi para que comentassem sobre sua vida, o que esperam dos encontros e o que levou a aceitarem o convite. Busquei deixá-las confortáveis para que pudessem falar. Depois desse momento de apresentações e aproximações, foram exibidas duas músicas: “Todxs Putxs – Ekena” (videoclipe e música)[12] e “O que pode um corpo sem juízo? – Jup do Bairro” (música e letra)[13] – o acesso às músicas pode ser feito pelos QR Codes abaixo (figuras 1 e 2).

FIGURA 1
“Todxs Putxs” - Ekena

FIGURA 2
“O que pode um corpo sem juízo? – Jup do Bairro”

Depois da exibição das músicas as participantes foram questionadas: “*O que chamou a atenção e como se sentiram em relação às músicas? Remeteu a algo que já vivenciaram ou presenciaram na vida pessoal, profissional e/ou acadêmica?”.* As participantes comentaram e relataram suas percepções, sentimentos e vivências que vieram à tona com as músicas.

Diante das falas das participantes, questionei ainda, como elas percebem as relações de corpo e gênero nas suas vivências e se elas percebem que a participação no grupo de pesquisa teve alguma influência na forma como percebem tais relações na sua atuação profissional e acadêmica. Os relatos, gravados e transcritos, serão abordados com mais detalhes na sessão 2 ao discutirmos sobre os atravessamentos de corpo, gênero e ciência nas vivências e experiências das professoras-pesquisadoras.

Já no segundo encontro que aconteceu no dia 15 de setembro de 2022, tivemos a participação de apenas uma integrante, que no primeiro encontro não pôde estar presente. As outras integrantes tiveram imprevistos pessoais e/ou de trabalho

[12] Disponível em: https://youtu.be/tVK1tlhIIUE?si=niBIP553qAkb6PBe. Acesso em: 05 set. 2023.
[13] Disponível em: https://youtu.be/8Al22ANncKM?si=zE9xDuJ66L3tzPpU. Acesso em: 05 set. 2023.

de última hora e não puderam estar presentes. Como estava sendo sua primeira vez no GM, optamos por fazer a mesma dinâmica realizada anteriormente com as outras participantes. Então, seguimos com as apresentações, a exibição das músicas e a discussão a partir das questões disparadoras comentadas anteriormente.

No terceiro encontro – realizado em 20 de outubro de 2022 – todas as participantes puderam estar presentes. Inicialmente, retomamos o que discutimos no encontro anterior, para repensar as reflexões trazidas pelas participantes. Em seguida, foram apresentadas algumas imagens (apêndice 1) que pudessem remeter aos diversos aspectos relacionados ao corpo de Mulheres cis/trans/gordas/pretas/mães/com deficiência. O objetivo dessa dinâmica era de que as participantes pudessem observar as imagens e refletir como o corpo e o gênero são percebidos pela sociedade e quais questões podem estar implícitas e/ou explícitas nessas percepções. Então as questionei: *"Qual(is) dessas imagens te chamou mais atenção? Por quê? Remeteu a algo que você já vivenciou na escola, na universidade, no cotidiano? Alguma delas te causou desconforto? Por quê?".* Depois de relatarem o que sentiram a respeito das imagens, também indaguei: "*Quando você se percebeu Mulher? Como foi essa(s) experiência(s)? Alguma vez já te questionaram enquanto* Mulher*?".*

No quarto encontro, que aconteceu no dia 01 de dezembro de 2022, o objetivo foi refletir com as participantes o papel da Ciência na percepção, construção e (re)afirmação de corpo e do gênero, bem como entender como isso perpassa em suas vivências pessoais, profissionais e acadêmicas. Apenas duas participantes puderam estar presentes, as outras tiveram imprevistos e se ausentaram. Neste encontro, observamos algumas imagens e reportagens (apêndice 2) que remetem aos corpos de Mulheres negras, cis, trans e gordas no que se refere à ciência e saúde. Em seguida, as participantes foram provocadas com as seguintes questões disparadoras: *"Na sua atuação docente e/ou de pesquisa, qual sua percepção a respeito do papel da ciência na sociedade?" e "Como o ensino de Ciências/Biologia e Matemática poderia contribuir para a construção de um pensamento científico contra hegemônico sobre corpo e gênero?".*

Enfim, no quinto e último encontro, que foi realizado no dia 29 de dezembro de 2022, a intenção foi discutir sobre o papel do grupo de pesquisa nas (des)construções de sentidos a respeito de corpo, gênero e ciência. Em um primeiro momento, retomamos as discussões do encontro anterior e retomamos o objetivo do

GM. Então, indaguei as participantes com as seguintes questões: *"Como as relações entre corpo, gênero e ciência influenciam no ensino de ciências da natureza e matemática? E na pesquisa em currículo?"*; "*O grupo de pesquisa do qual você participa teve alguma influência na sua percepção sobre as relações entre corpo, gênero e ciência? Em quais aspectos?*". As participantes puderam colocar suas percepções a respeito e o que vivenciaram e, em um último momento, fiz as considerações e agradecimentos sobre a participação de cada uma delas para o GM e retomei a importância da presença de cada uma delas. Neste último encontro, apenas duas participantes estiveram presentes.

1.3. AS VOZES QUE ECOAM

Em algumas pesquisas que tive contato durante a graduação da área de Ensino de Ciências ou correlatas era comum que as pessoas que participaram das pesquisas fossem descritas de acordo com os aspectos e características interessantes para interpretação dos dados. "Maria, 35 anos, professora, formada em pedagogia, atua na educação infantil há 10 anos, etc.". Esse tipo de descrição sempre me pareceu algo distante, seco, objetificado. Como poderia eu fazer tal descrição com as participantes desta pesquisa-diálogo, sendo elas próprias as vozes deste emaranhado de palavras? Mulheres que estiveram ao meu lado durante minha trajetória, não só acadêmica, mas pessoal também em muitos momentos. Vozes essas, que me inspiram diariamente como profissionais da educação, como pesquisadoras, como revolucionárias dentro de seus próprios espaços conquistados. Não poderia deixar que tal descrição fosse tão apática, pois são suas vozes que constroem esta pesquisa-diálogo e que também se fazem presentes em mim, em quem venho buscando me tornar. Diante de todo esse afeto, só poderia descrevê-las partindo da leitura que fiz sobre como cada uma me atravessou ao longo desse caminho compartilhado.

Inicio por quem me acolheu no primeiro dia que entrei em uma escola, não mais como aluna, mas como professora em formação e pesquisadora. Elisabeth[14] é formada em Ciências Biológicas e mestra em Ensino e Processos Formativos pela

[14] Ao longo de todo texto, os nomes das participantes foram substituídos por pseudônimos para manter o sigilo e a segurança de suas identidades. Os nomes escolhidos como pseudônimos se referem a algumas das autoras que fundamentam esta pesquisa: María Lugones, Rita Segato, Naomi Wolf e Elisabeth Badinter.

Unesp, onde defendeu uma dissertação que discutiu suas vivências como professora de Biologia durante a pandemia da Covid-19 em uma autoetnografia que elucidou suas tensões e emoções diante da prática escolar nesse período. Atualmente está cursando o doutorado em Educação para Ciência, é pesquisadora na área de Currículo e atua como diretora de uma escola pública de tempo integral. Elisabeth é uma pessoa dedicada e amorosa que se desdobra para conseguir oferecer a atenção necessária para sua família ao mesmo tempo que se busca contribuir significativamente com a Educação e mergulha sem medo nos estudos e discussões que a instigam ir mais além. Com a Elisabeth aprendi a me agarrar às oportunidades que me levam a aprender mais e a não me intimidar com os obstáculos colocados à nossa frente. Elisabeth é metamorfose, é a transformação que não perde a essência e não teme aquilo que é o novo.

Rita – uma poesia viva – é uma Mulher que conheci ainda durante a graduação e que sempre me encantou com sua forma de perceber e tocar o mundo. Sempre com anseio de conhecer, questionar, entender, inquietar... me instiga a vontade de (re)descobrir o mundo, mesmo que o processo fosse dolorido. Professora formada em Ciências Biológicas e Mestra em Ensino e Processos Formativos pela Unesp; hoje, se dedica a pesquisar sobre o papel da maternidade nos currículos de Ciências e Matemática durante o doutorado em Educação para Ciência. Ao se tornar mãe, durante sua formação no doutorado, Rita também vem despertando em mim a vontade de lutar por uma sociedade que seja menos hostil para as meninas que ainda estão se descobrindo no mundo.

Naomi é uma força da natureza que não passa despercebida. Ela é ventania e tempestade ao mesmo tempo em que é calmaria e serenidade. É uma Mulher forte que declara sua potência no seu jeito de ser e na forma como se coloca nos espaços que ocupa. Formada em Ciências Biológicas, é professora e Mestra em Ensino e Processos Formativos pela Unesp – sua dissertação discutiu com seriedade as políticas curriculares de educação de imigrantes da cidade de São Paulo. Trabalhou como professora de Tecnologia e Inovação e atualmente é consultora pedagógica na área de apoio escolar e tecnologias. Com Naomi aprendo diariamente a me colocar em tudo o que faço, a ser autêntica sem nunca me perder em mim.

Percebo a María como uma Mulher sábia, aquela que semeia e refloresta por onde passa, abrindo caminhos para que outras Mulheres percorram suas próprias jornadas sem nunca as abandonar. Está sempre ali, segurando a mão daquelas que

impulsiona, incentivando e encorajando mesmo que a jornada seja tortuosa. Não tem como pensar nela sem pensar em poesia, sem lembrar do mundo que os livros nos permitem explorar, conhecer e aprender. Tudo que se propõe a fazer e construir vem com dedicação e seriedade, e assim se torna um grande exemplo para as pessoas ao seu redor. María é pedagoga e lecionou por doze anos nos anos iniciais do Ensino Fundamental e atua na área de Coordenação Pedagógica, além de ter trabalhado como formadora de professores e coordenadores dos anos iniciais para o Ensino de Matemática. Com María me inspiro a buscar sempre mais, a me doar e partilhar com as que estão ao meu lado e com as que ainda virão.

É nessas Mulheres e tantas outras que compartilho a jornada que reconheço a potência de *ser* Mulher e da luta diante de tudo aquilo que tentam nos impedir de *ser*. É por essas vozes que reivindico sermos ouvidas, termos nosso lugar conquistado respeitado e nossa luta potencializada. Foi ao lado dessas Mulheres que essa pesquisa-diálogo foi construída, fio-a-fio, diante de suas inquietações, perspectivas e formas de se entender no mundo.

Compreendemos até aqui quais são as vozes que constituem as linhas verticais de urdume desta tecitura etnográfica – quem são as professoras-pesquisadoras que, diante de um Grupo de Mulheres, compartilharam reflexões acerca das relações entre corpo, gênero e ciência. Nas sessões a seguir, iremos tecer os diálogos realizados durante os encontros e discutiremos, a partir das linhas horizontais da trama, quais as implicações do corpo generificado nas disputas de poder e sua capacidade de enfrentar sistemas de regulação ao subverter as práticas de controle e exclusão.

2| ... AQUELA QUE É PERSISTENTE

Maria, Maria | Milton Nascimento[15]

Maria, Maria é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma Mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta

Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania de ter fé na vida

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania de ter fé na vida

Maria, Maria é uma canção escrita por Fernando Brant e Milton Nascimento inspirados em uma Mulher que vivia nos trilhos do trem em Minas Gerais. Uma Mulher que, apesar de tudo que vivia ali, lutava para garantir que os três filhos tivessem estudos e melhores oportunidades na vida, diferente dela. Esses versos também podem ser inspiradores para as Mulheres que sentem na pele que o mundo

[15] Composição: Fernando Brant / Milton Nascimento. Disponível em: https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47431/. Acesso em: 06 out. 2023.

é mais rígido com elas, que lutam todos os dias por espaço e por reconhecimento, Mulheres que lutam pela própria vida e direito de existir em paz. Mulheres que batalham dobrado para sustentar a família. Maria, Maria serve de inspiração para que possamos nos ver em Marias e transformar o mundo em um lugar melhor para as Marias que estão por vir.

Nesta sessão, abordaremos sobre como a divisão sexual do trabalho configura as relações desiguais de gênero entre homens e Mulheres e quais implicações se estabelecem nesse contexto. Os trechos das falas das participantes foram selecionados para compor esta tecitura a partir do entrelaçamento dos diálogos entre as participantes do GM com as discussões e reflexões de autoras(es) que fundamentam essa construção.

No primeiro momento do GM, que aconteceram em dois encontros, me apresentei e expliquei para as participantes o que me motivava estar ali com elas. Expliquei todos os atravessamentos que me levavam até aquele momento e o que me inspirou propor essa construção – em muitas mãos – do grupo. Em seguida, pedi para que se apresentassem, apesar de nos conhecermos de longa data, pois queria ouvir como elas se reconhecem nesse lugar de professoras/pesquisadoras em um GM, e o que levou elas estarem ali comigo.

A primeira a se expressar foi Elisabeth, que logo enfatizou o quanto ocupar determinados espaços ainda demanda muito esforço apenas por ser Mulher e que aceitou participar do GM por ser persistente:

- Na questão da Mulher, da questão do quanto nós somos persistentes, e se eu pudesse falar, que tipo de Mulher eu sou? Eu sou a Elisabeth, aquela que busca e aquela que é persistente. Porque se eu não fosse persistente, eu não conseguiria chegar nos lugares que eu acredito que eu mereço estar. A gente enquanto professora tem que quebrar sempre barreiras, né? E essa questão da Mulher na ciência também. Essa questão sobre como a gente é vista... "nossa, mas foi uma Mulher que fez isso?". Já começa aí o impacto... "nossa, mas foi uma Mulher que descobriu isso?", [...] eu me sinto o tempo todo tendo que provar que eu tenho capacidade para fazer as minhas coisas, então o convite logo foi aceito por conta que eu tô sendo persistente hoje, né?

Mesmo diante de um contexto onde a equidade de gênero no mundo do trabalho e em espaços formativos sejam discussões em pauta, ainda há muito o que resistir para garantir direitos básicos e acesso a espaços negados às Mulheres. Amplamente discutida pelos estudos de gênero e trabalho, a divisão sexual do

trabalho permeia intimamente na organização das relações sociais, sendo, de acordo com Flávia Biroli (2018, p. 23), um “lócus importante da produção de gênero” que se constrói a partir de uma dinâmica que incide sobre homens e Mulheres em conjunto com sua posição de classe e com o racismo estrutural. Nesse caso, o acesso à escolarização e profissionalização de Mulheres brancas se encontra mais próxima de homens brancos, se comparado em relação à homens negros. Da mesma forma, a mulher negra se encontra na posição de maior desvantagem se comparada com as condições anteriores. Nesse sentido, é fundamental considerarmos a divisão sexual do trabalho a partir dos condicionantes não só de gênero, mas também de classe e raça que contribuem para a perpetuação de processos de opressão.

A (re)produção de gênero por meio da divisão do trabalho se torna estruturante ao responsabilizar de forma desigual as tarefas definidas para homens e Mulheres.

> Essas estruturas são constitutivas de possibilidades de ação, uma vez que restringem as alternativas, incitam julgamentos, que são apresentados como de base ideológica [...] e fundamentam formas de organização da vida que, apresentadas como naturais ou necessárias, alimentam essas mesmas estruturas, garantindo assim sua reprodução (Biroli, 2018, p. 44).

Como nos apontam Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007), a divisão sexual do trabalho é fundamental para modular, histórica e socialmente, as relações sociais entre homem e mulher. Em tais relações, cabe ao homem a esfera produtiva (pública) e às Mulheres a esfera reprodutiva (privada), bem como a apropriação dos homens de funções sociais associadas às posições de poder. Dessa forma, como discutem as autoras, dois princípios organizadores reforçam esse modelo de divisão de trabalho: o princípio de separação, onde existem trabalhos pré-designados para homens e Mulheres; e o princípio hierárquico, em que o trabalho de homem tem mais valor social do que o realizado pela mulher.

A divisão sexual do trabalho promove e reproduz a legitimação biologizante e equivocada do gênero enquanto sexo biológico e reduz as práticas sociais a papéis sociais condicionados a priori, entendidos como naturais da espécie humana. Todo esse processo promove condições de desvantagens e opressões, como o trabalho doméstico não remunerado exercido pelas Mulheres, que são responsabilizadas

pelo cuidado familiar sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno. Trabalho esse, que é invisibilizado e não valorizado (Hirata; Kergoat, 2007).

O trabalho sem remuneração exercido pelas Mulheres é o que possibilita os homens exercerem o trabalho remunerado que é valorizado socialmente. Isso molda uma estrutura que as desfavorece, fundando a base do sistema patriarcal capitalista neoliberal que consiste na exploração do trabalho das Mulheres pelos homens. Tal exploração não se limita a ideia tradicional de conjugalidade onde o homem seria o provedor da família, pois mesmo em outras conformações familiares, a mulher ainda continua sendo a principal responsável pelo cuidado com os filhos e com o cotidiano das atividades domésticas, implicando em uma brutal sobrecarga gerada por uma opressão sistêmica e institucionalizada produzida pela divisão sexual do trabalho (Biroli, 2018). Assim, a divisão sexual do trabalho pode ser compreendida como uma construção social, histórica e hierárquica que produz condições desiguais nas relações entre homens e Mulheres.

Cabe ressaltar ainda que, apesar do processo de globalização possibilitar um aumento exponencial da participação das Mulheres no mercado de trabalho, a precarização e vulnerabilidade do trabalho remunerado exercido pelas Mulheres também teve um avanço significativo. Como destaca Hirata (2001, p. 144),

> Pode-se dizer que as desigualdades de salários, de condições de trabalho e de saúde não diminuíram, e que a divisão do trabalho doméstico não se modificou substancialmente, a despeito de um maior envolvimento nas responsabilidades profissionais por parte das Mulheres

O acesso das Mulheres ao mercado de trabalho não garantiu necessariamente melhores condições de acesso a posições de valorização social do trabalho, pois reforça a condição inferiorizada do trabalho realizado pela mulher. Corroboramos com a reflexão da Elisabeth ao se dizer persistente por lutar pelos espaços que ocupa, pois o sistema que (re)produz as desigualdades de gênero força sua desistência a todo momento para que ocupe um lugar de submissão. A sua persistência é força para poder ocupar espaços antes negados e ainda abrir caminho para que outras Mulheres também possam ter acessos.

É importante destacar o quanto o trabalho não remunerado exercido pelas Mulheres afeta toda a organização social, pois ao completarem jornadas duplas de trabalho, seja nos cuidados com a casa e a família e na construção de uma carreira profissional, se tornam a base fundamental para que os homens possam dominar

todas as esferas da sociedade. Se pensarmos no âmbito acadêmico, apesar das Mulheres serem maioria em formação na pós graduação, continuam como minoria nos cargos de alto nível dentro das universidades. Esse processo pode ser denominado de “efeito tesoura”, que diz respeito à poda realizada em relação às Mulheres à medida que a carreira acadêmica avança. O que quer dizer que há uma redução significativa na presença de Mulheres na transição do mestrado para o doutorado e também em relação à ocupação de cargos mais estáveis e elevados, ocorrendo em grande parte das áreas do conhecimento (Gemma, 2023).

Corroborando com a Elisabeth, Rita demonstra se identificar com o que foi falado sobre o quanto as Mulheres precisam se provar em qualquer coisa que se propõe, inclusive ao gerar uma vida e maternar:

- E além do corpo, além da coisa do corpo, essa parada do gênero tá pegando muito agora, como Mulher a gente sempre tem que provar duas vezes, né? Igual a Elisabeth falou, foi uma Mulher que descobriu isso, mas uma Mulher que fez isso, é como se aquilo fosse um uma grande coisa, um grande feito, como se o gênero fosse um demérito, fosse um porém pra você conseguir algo. E a partir do momento que você é mãe, cara, parece que isso é como se fosse um fardo. As pessoas vêem minha filha como um fardo [...] e para mim, é um ato de esperança, [...] então, quando você cria uma pessoa, isso é uma responsabilidade com a sociedade também. Então pra mim, ser mãe é uma responsabilidade social, criar meus filhos é uma coisa importante, [...] não é parar a minha vida.

Ainda, traz uma reflexão bastante pertinente sobre o processo de exclusão de Mulheres que se tornam mães e a cobrança diante das suas escolhas e comenta que a participação no GM seria uma oportunidade de trocar experiências e se energizar com outras mães e com colegas que vivenciam a rotina acadêmica.

- A Mulher, ou ela faz a escolha de seguir com a carreira ou a escolha de criar os filhos, ou ela faz os dois e aí as pessoas acham que ela não está fazendo nenhuma coisa direito. Então não tem coisa boa. Ou você está abrindo mão de ter uma família para trabalhar. Isso é ruim. Ou você está abrindo mão de trabalhar para ter uma família. Ou você está fazendo os dois de forma incapaz. Eu imaginei que ia ter essas outras colegas de grupo que são mães há mais tempo para ouvir as experiências e também de estar com a com a galerinha que ainda vive o que eu vivi a pouco tempo atrás, [...] então é bom eu também me energizar com vocês.

Biroli (2018) demonstra que ao pensar a maternidade a partir dos estudos feministas fica evidente que historicamente as Mulheres são restringidas de participar de outras esferas da vida pela responsabilidade imposta sobre o cuidado com os filhos, enquanto os homens são isentos de tal responsabilidade. Isso se desdobra em um fator de vulnerabilidade das Mulheres pela dedicação desigual de

tempo e energia que dificultam o exercício remunerado e a participação em outras dimensões da vida pública, como a política e a formação no ensino superior.

> As tensões entre maternidade e trabalho remunerado, ou entre maternidade e atuação política, não são vivenciadas da mesma maneira pelos homens que são pais, justamente porque deles se espera menos ou muito pouco do cotidiano da criação dos filhos, ainda que a divisão convencional implique a atribuição a eles do papel de provedor (Biroli, 2018, p.107).

Podemos perceber tal fator ao analisarmos as dificuldades que as Mulheres que são mães e pesquisadoras enfrentam no acesso ao ensino superior, e na ocupação de cargos de chefia e liderança dentro da Universidade. Além do "efeito tesoura" discutido anteriormente, há ainda uma "dupla poda" quando se trata de pesquisadoras que são mães. De acordo com uma pesquisa publicada pelo grupo *Parent in Science*[16], mesmo quando conseguem entrar na pós graduação, as Mulheres enfrentam dificuldades na participação em eventos científicos, na dedicação à produção científica e na concessão de bolsas de fomento à pesquisa, principalmente durante e após o período de licença-maternidade, direito conquistado por lei[17]. A responsabilidade de criação dos filhos recai sobre a mulher e, consequentemente, isso afeta outras dimensões da sua vida, diferente dos homens que não têm sua carreira acadêmica e profissional comprometida quando se tornam pais. Nesse contexto, é notório a produção de desigualdades e vulnerabilidade provocadas pela divisão sexual do trabalho, seja no âmbito do acesso e conclusão da formação de nível superior ou na ocupação de lugares de privilégio e credibilidade pelas mulheres, principalmente quando se tornam mães.

Isso fica evidente na fala da María ao comentar sobre essa disparidade de gênero que percebe não só na sua formação acadêmica, mas na sua atuação na escola também, pois aponta para uma sobrecarga muito grande em relação as Mulheres que atuam nessa área.

---

[16] De acordo com o site oficial, o grupo *Parent in Science* é formado por cientistas mães e pais e surgiu com o intuito de levantar a discussão sobre a parentalidade dentro do universo da academia e da ciência, analisando o impacto dos filhos na carreira científica de mulheres e homens. Disponível em: https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science. Acesso em: 20 de dez. 2023.

[17] Lei nº 13.536, de 15 de dezembro de 2017. Dispõe sobre a prorrogação dos prazos de vigência das bolsas de estudo concedidas por agências de fomento à pesquisa nos casos de maternidade e de adoção. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13536.htm. Acesso em: 29 de dez. 2023.

- Hoje em dia, o trabalho docente está cada vez mais burocratizado, a gente vê os professores enfrentando cargas muito pesadas de trabalho e a gente vê que a Mulher desde sempre tem uma jornada dupla, tripla e que é muito difícil. Então, a gente percebe por exemplo, quando há um processo na escola, sempre tem um ou dois, né? A gente vê a diferença em relação a tranquilidade de levar a vida mesmo, né? E cada vez mais a gente têm visto no ambiente escolar, mesmo que seja a duras penas, né? Pessoas que estão na escola e estão conseguindo estudar, fazer mestrado, fazer doutorado, e aí a gente vê cada vez mais o quanto é difícil.

María, ao refletir sobre a dificuldade das Mulheres atuarem profissionalmente e terem que lidar com mais de uma jornada de trabalho quando consideramos os cuidados com a família, que muitas vezes fica apenas sob sua responsabilidade, também faz uma denúncia sobre quanto o espaço escolar e acadêmico, que deveria ser acolhedor, se torna excludente e dificulta ainda mais que Mulheres possam seguir adiante com suas carreiras, enquanto isso não é empecilho para os homens, corroborando com o que foi discutido anteriormente.

Sua motivação para participar do GM foi justamente um compromisso com o Grupo de Pesquisa e pela parceria com uma colega também pesquisadora e que, mesmo estando em um momento de sobrecarga, sentiu que seria importante esse apoio de estar ali enquanto participante do GM.

Para Naomi, participar do GM seria uma oportunidade de formação pois a troca de experiências com as participantes possibilitaria o contato com outras realidades, já que as questões de gênero sempre a atravessaram de alguma forma.

- Eu aceitei o convite por ser uma Mulher na ciência né? Nós quatro somos Mulheres na ciência e por estar nesse momento de estar realizando uma pesquisa, então é importante também poder trocar e conhecer outras pesquisas, outras coisas novas e porque as questões de gênero elas sempre me atravessaram. E consequentemente as questões do corpo e de pressão estética, e além disso pra poder trocar com vocês, pra poder trocar com Mulheres que como eu, acreditam nesse espaço aqui não só como um espaço de desabafo, de pesquisa, enfim, mas também como um espaço formativo, porque a gente tá conhecendo outras realidades.

No momento da realização do primeiro encontro, Naomi estava a pouco tempo na escola atuando como professora de Tecnologia e Inovação e tendo sua primeira experiência profissional docente. Ela conta como que tais questões têm feito parte do seu cotidiano escolar.

- E aí as questões de gênero, agora pensando elas têm me atravessado muito nesse momento porque eu tô ali nos meus primeiros meses dentro de uma escola, né? [...] E aí algumas questões começaram a aparecer dentro da escola. As questões de gênero não só no tratamento que os alunos me dão ali, porque eu sou uma professora, eu sou uma Mulher muito baixa, e então parece que a minha autoridade é menor, eu sempre sou vista como estagiária, eu nunca sou a professora de uma sala de aula, então tô vivendo esse lugar, enquanto aos meus colegas de professorado não, sabe? [...] Isso tem sido muito estranho porque eu não imaginava que algumas questões ainda não

tinham sido sanadas. É também muito dolorido às vezes que a gente vivencia as coisas, questões de gênero dentro da escola que a gente quando tá pesquisando a gente acha que não tem mais e aí a gente chega e vê como algumas coisas ainda não mudaram, né?

Para Naomi, estar em contato com outras Mulheres pesquisadoras parece ser uma oportunidade de refletir e se fortalecer a respeito dos atravessamentos que as relações produzidas a partir da divisão sexual do trabalho a impactam já logo no início da sua atuação docente na educação básica. Mesmo com um olhar mais crítico e preparado para lidar com essas questões, vivenciar essas disparidades na falta de reconhecimento profissional ainda a afetam negativamente.

Apesar de realidades diferentes que cada uma trazia de bagagem, percebemos algumas constantes em suas falas. A sobrecarga que as Mulheres enfrentam diante de jornadas múltiplas em que precisam dar conta do trabalho, dos estudos, dos cuidados com a casa e a família acabam atuando como uma âncora que as obrigam a se provarem muito mais que os homens, que não carregam todo esse peso.

Para elas, participar do GM acaba se tornando um momento de formação a partir das experiências trocadas, dos desabafos e das reflexões que puderam se fazer ali. A intenção de compromisso e parceria com uma outra pesquisadora também demonstra o quanto se torna significativa essa rede de afetos construída a partir deste espaço.

Ao refletir sobre como se percebe no mundo, Rita nos conta ainda que se sente em constante formação enquanto professora, pesquisadora e mulher e que nunca parece ser suficiente diante dessas identidades que vem construindo ao longo de sua trajetória. Durante a discussão, ela ainda diz nunca ter parado para pensar que talvez esse sentimento de insuficiência seja por ser mulher e não sabe o quanto isso pode impactar na sua vida.

- Parece que eu sou uma eterna mulher, professora e pesquisadora em formação e eu nunca chego, eu nunca me sinto suficiente [...]. E aí por muito tempo pensei que isso era uma questão minha, uma insegurança minha, uma síndrome do impostor minha, uma questão tipo eu não me achando suficiente, mas hoje aqui nessa conversa, juro que eu nunca tinha parado pra pensar nisso; comecei a pensar se isso não tem a ver com o fato de ser mulher.

Ainda discutindo sobre a importância de as Mulheres ocuparem espaços, Naomi destaca o valor das Mulheres que vieram antes de nós, abrindo caminho – com muita luta – para que pudéssemos ter o acesso que temos hoje. Ela relembra emocionada a importância da sua mãe na sua trajetória acadêmica:

- Mas, uma coisa que veio da sua pergunta, Bianca, é como isso está nesses espaços formativos, por exemplo, ser professora e estar no mestrado hoje só me foi possibilitada porque existiram outras Mulheres que me abriram esse espaço porque pensando em Mulheres fortes da minha família, por exemplo a minha mãe, eu só pude estudar porque a minha mãe se ausentou de estudar porque ela tava trabalhando e aí a minha mãe só foi entrar na graduação, aí a minha mãe terminou o ensino médio muito depois no EJA e... foi fazer uma graduação depois que eu já estava dentro da universidade e o quanto ela teve que que abrir mão de sonhos que eram dela pra que eu pudesse viver os meus, fiquei pensando muito nisso enquanto eu ser professora, pesquisadora e ser mulher tem a ver também com a minha mãe.

A partir da fala da Naomi, Rita reflete sobre como sua descendência foi se perdendo ao longo de sua vida pela ausência de seu pai – um homem negro – e o quanto isso impactou sua percepção racial: "eu também não tenho pertencimento de cor, eu não sou branca e não sou negra, é uma coisa muito difícil pra mim, e eu falo só tenho ancestrais negros, né?". Ela entende que sua participação no Núcleo Afro-Brasileiro e Indígena de Ilha Solteira (Nabisa)[18] contribuiu para (re)pensar sua identidade enquanto Mulher, o que se tornou mais evidente ao descobrir que sua avó paterna dedicou a vida em um terreiro de religião de matriz africana, algo que sempre despertou interesse.

- [...] quando o meu pai veio me visitar eu descobri que a minha avó tinha um terreiro no Rio de Janeiro e eu não sabia disso, a vida da minha avó foi dedicada a isso sabe? É uma mulher que eu vi duas vezes na vida, que eu não sei nada sobre ela, que não tem ninguém pra me contar sobre ela. É muito triste essas coisas, né? Como a gente é desconectado da nossa própria história, principalmente quando a gente vem de uma classe social mais baixa, né? Eu conheço pessoas que sabem o histórico da própria família, de várias gerações atrás e eu não sabia ao que a minha vó dedicou uma vida inteira.

A partir da fala de Rita, podemos nos remeter à Lélia Gonzalez (2020), quando afirma que o racismo latino-americano é sofisticado o suficiente para manter a condição de subordinação de negros e índios por meio da ideologia do branqueamento. Desde o processo de colonização, reproduz e perpetua a ideia de que os valores da cultura ocidental branca são superiores, verdadeiros e universais. "Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca prova sua eficácia pelos efeitos de estilhaçamento, de fragmentação da identidade racial que ele produz [...] (Gonzalez, 2020, p. 132)."

[18] O Núcleo Afro-Brasileiro e Indígena de Ilha Solteira (Nabisa), surgiu em 2016 na Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira (Unesp/Feis) – sob coordenação do Prof. Harryson Júnio Lessa Gonçalves – e é vinculado ao Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão (NUPE). Tem como objetivo promover ações voltadas para a afirmação de aspectos identitários e culturais de populações tradicionais africanas e afro-brasileiras como parte constituinte da nossa história. Ações essas que acontecem por meio de práticas educativas que objetivam provocar reflexões a respeito das relações étnico-raciais, a partir de cines-debates, palestras, cursos, saraus, entre outras atividades (Martins; Gonçalves, 2018).

Talvez isso possa explicar a dificuldade de reconhecimento da própria identidade não só de Rita, mas de muitas outras pessoas que perderam o vínculo com sua ancestralidade ao longo do tempo. O racismo possui suas raízes tão profundas e emaranhadas na estrutura social que se torna difícil e complexo identificar o marco inicial desse não pertencimento e daí surge a dificuldade de se reconhecer como parte de uma cultura agora distante da própria vivência – “eu não sou negra, nem sou branca” – então o que eu sou?

O contato com discussões e reflexões acerca das estratégias e engrenagens que (re)produzem o racismo se mostram significativos para Rita ao quebrar a barreira que a impedia de conhecer sua história e pertencimento. Percebemos que tal processo não é imediato – e nem poderia, pois reconhecer a estrutura violenta que se movimenta para promover o esquecimento não é fácil de lidar, mas acreditamos que esses espaços formativos como o Nabisa possam afetar de alguma forma as engrenagens opressoras do racismo, mesmo que de forma lenta e sutil.

O impacto desses espaços formativos também é destacado na fala de María ao comentar que, para além do ambiente familiar, estar mais próxima de discussões e reflexões que o espaço acadêmico muitas vezes possibilita o contato mais próximo com outras vivências, diálogos e realidades. O que para ela, é libertador.

- [...] a ligação corpo, gênero, essa linha se torna cada vez mais saudável perto do conhecimento. E quanto mais próxima do conhecimento acadêmico, a gente vê o quanto é gostoso, quando a gente sai do ambiente do mundo da vida, e vai pro ambiente acadêmico, pela nossa liberdade de abordar pautas que a gente não abordaria em um outro ambiente, na escola, ou no ambiente de trabalho, ou com a família.

Diante dos contextos aqui evidenciados, é notório que a (re)produção de um sistema que subjuga as mulheres e promove desigualdades, vulnerabilidades e instrumentos de opressão diante dos âmbitos de gênero, classe e raça, impacta consideravelmente a vida das mulheres, que se percebem sobrecarregadas e desvalorizadas. Podemos destacar na fala de Elisabeth que, apesar da imposição sistemática que a responsabiliza pelo trabalho não remunerado exercido por meio dos atos de cuidado familiar, há uma resistência por sua parte de aceitar tal condição como destino natural de sua existência enquanto Mulher.

Pra gente conseguir ser pesquisadora, para conseguir estudar, a gente que já têm filhos, como a Rita que tá com a neném pequena, ela já mamou, tá ali brincando, mas às vezes, não é porque a gente não tem essa rede de apoio, mas porque o filho quer ficar com a gente, mas a gente também precisa trabalhar. Aí vem aquela imagem da mulher guerreira, mas é estressante. Como se

fosse só obrigação da mulher [...], como se a nossa função fosse somente essa de ser mãe e não de ser cientista. Mas, nós podemos ser mães, podemos ser cientistas, podemos trabalhar, mas parece que é uma obrigação nossa a limpeza da casa, organização, filhos.

Em contrapartida, Elisabeth também reconhece que a sobrecarga proveniente da configuração social que impõe às Mulheres múltiplas jornadas de trabalho – incluindo remuneradas e não remuneradas, não pode ser entendida como algo natural, não só pelo desgaste físico, mas também emocional que pode afetar as Mulheres quando submetidas a essas condições de desigualdade.

[...] E essa questão da mulher segurar o mundo, às vezes ela mesma se coloca nisso. "Deixa que eu faço, que eu resolvo." Só que depois psicologicamente, emocionalmente, a gente não dá conta. [...] Eu acho que a gente não tem essa função de carregar o mundo nas costas. A gente tem que reconhecer nossas potencialidades, mas também as nossas fragilidades.

Diante do que foi exposto até aqui, percebemos que a divisão sexual do trabalho causa impactos significativos nas configurações sociais entre homens e mulheres. Em suas falas, as professoras/pesquisadoras refletem sobre como esses processos de produção de desigualdades se fazem presentes tanto no âmbito pessoal como profissional de suas experiências. Os diálogos construídos durante os encontros, na qual expuseram suas inseguranças enquanto profissionais, os desafios enfrentados ao longo da experiência de maternar e o reconhecimento de suas origens enquanto fundantes de suas identidades, são fundamentais na constituição do GM enquanto um espaço formativo que se estabelece na coletividade de um grupo de professoras/pesquisadoras que compartilham afetos, dilemas e inquietações.

3| O QUE PODE O CORPO DE UMA MULHER?

Triste, Louca ou Má | Francisco, *el Hombre*[19]

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar
Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só [...]
Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar...

[19] Canção de Francisco, el Hombre e composição de Sebástian Piracés-Ugarte / Rafael Gomes / Mateo Piracés-Ugarte / Andrei Martinez Kozyreff / Juliana Strassacapa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lKmYTHgBNoE&ab_channel=Francisco%2CelHombre. Acesso em: 10 fev. 2024.

Como discutimos anteriormente, as Mulheres são condicionadas, a partir de uma noção essencialista e biologizante, a cumprir determinados papeis sociais pré-estabelecidos. Isso implica em todos os aspectos da nossa vida, seja na busca pela formação de uma carreira profissional ou nas relações interpessoais que nos cercam.

Nesta sessão temos a intenção de discutir, a partir dos diálogos construídos entre as professoras/pesquisadoras participantes do GM, como o corpo marcado pelo gênero, se constitui como agente das relações sociais, qual sua implicação nas disputas de poder e sua capacidade de enfrentar sistemas de regulação ao subverter as práticas de controle e exclusão. Para tanto, buscamos refletir sobre a (re)produção de normas homogeneizadoras que buscam controlar e limitar as Mulheres.

Em um dos momentos de discussão do GM, Elisabeth comenta o quanto se sente pressionada com as cobranças em relação ao corpo imposta sobre as Mulheres, de nunca estarem satisfeitas e como essas violências acabam sendo normalizadas. Ressalta ainda, a importância de espaços que não reforcem estereótipos de como uma Mulher deve ser e se comportar:

- Então, a gente tá sempre tendo que impor algumas coisas. Às vezes, os pais que ensinam a gente a lidar com essas ofensas de uma forma como se fosse natural as pessoas te ofenderem, você que tem que ser alheia, você que não tem que ligar: "Ah não dá bola pra isso não." E eu vejo que tem uma necessidade muito grande de trabalhos como esses, espaço como esse, onde a Mulher possa ter voz. E sem nenhum estereótipo de beleza, de corpo. [...] "Agora chega, né? Cê já estudou bastante, agora cê tem que se dedicar a sua casa, seus filhos" – como se eu não fizesse isso, né? E a gente faz. [...] A gente se desdobra, e a gente consegue, justamente porque nós somos persistentes. Nós somos, de certa forma, corajosas e a gente não se conforma com a realidade que não é do que é imposta pra gente.

. Segundo Naomi Wolf (2020), o Mito da Beleza[20] nasceu a partir da necessidade de manter as Mulheres sob controle, pois mesmo com o aumento exponencial das Mulheres no mercado de trabalho, ainda assim, conseguiam brechas para conquistar espaços de poder.

A busca por uma determinada forma de beleza ocupa ainda mais tempo, recurso e energia das Mulheres para que possam ser aceitas e valorizadas socialmente. O corpo, nesse contexto, se transforma em algo lucrativo, já que a indústria da beleza se apropriou das inseguranças e a transformou em produtos

[20] Podemos compreender o Mito da Beleza, conceito cunhado por Naomi Wolf em 1991, como uma força opressora que atua de forma estrutural e política contra o avanço do feminismo e que tem o poder de controlar e assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade já não eram mais tão capazes de se impor.

milagrosos na busca por algo inalcançável – o corpo perfeito: branco, magro, cisgênero, heterossexual e submisso (Wolf, 2020).

Rita evidencia o quanto a busca pelo corpo ideal é produzida como central no que diz respeito ao comportamento que se espera das Mulheres. Refletindo sobre isso, ela demonstra que o cuidado com a aparência se torna mais significativo do que qualquer outro aspecto relacionado às capacidades das Mulheres.

- Agora, a mulher tem um trilhão de coisas para cuidar, é a unha, é o cabelo, é a sobrancelha, é o buço, é a roupa, é o peso, é tudo, é tudo. E se você falha em alguma coisa, você está falhando em tudo e também, se você cuida disso, é como se isso te trouxesse um peso de que então está tudo bem na sua vida (Rita)

Elisabeth comenta que na escola de ensino médio, onde atua como coordenadora, a questão do peso corporal é algo que se destaca entre as estudantes. Entendemos que esse culto à magreza, para além de bullying, pode estar atrelado à gordofobia e pressão estética, algo que atinge todas as pessoas, mas impacta as Mulheres com muita mais força e de forma sistemática.

- Na música ainda ficou bem focada a questão de usar quarenta e quatro. Eu sou uma Mulher que usa quarenta e quatro hoje. E eu me sinto muito bem com isso. E a gente vê principalmente essa questão. E aí vem a questão do bullying também [...].

María também percebe essa cobrança em relação ao corpo na convivência com suas colegas de trabalho de uma escola de ensino fundamental inicial.

- [...] pela profissão ser majoritariamente de Mulheres, pensando nas conversas que a gente vivencia nas escolas, em relação às Mulheres, é sempre essa de cobrança em relação ao corpo, é sempre buscando emagrecer, é sempre pensando na roupa, o que eu vou fazer no meu cabelo, então, nos momentos de lazer são essas conversas que a gente vivencia na escola. Então, há essa cobrança em relação aos padrões dentro das escolas, e onde há uma reunião de Mulheres basicamente só se fala disso.

Da mesma forma, Naomi vivenciou momentos na escola onde se questionou sobre essa cobrança em relação ao corpo, algo muito normalizado dentro do espaço escolar e o quanto isso afeta ela de uma forma muito negativa.

- Os meus companheiros não tem que pensar como eles vão pra escola trabalhar. Então é muito difícil vencer isso, a gente tem que pensar como que a gente vai pra escola trabalhar, a gente tem que pensar como a gente vai sair pra não ser violentada na rua. Ai, eu estou muito cansada, gente. E aí veio todo esse cansaço, essa raiva. E aí hoje por exemplo, eu vivenciei um momento muito difícil no meu trabalho porque um companheiro meu de trabalho disse que a gente deveria usar mais luz na hora de fotografar pra parecer mais magro. Por que a gente tem que parecer mais magro? No fundo qual é o problema do corpo gordo? Por que ele tem que ser escondido, sabe?

Acho importante ressaltar que a busca pelo “corpo ideal” movimenta uma grande demanda que é suprida por grandes corporações que vendem uma ideia de saúde muito deturpada, em que não basta a pessoa ser magra, ela precisa seguir as normas vigentes do que se considera como ideal naquele momento. Conforme María Luisa Jimenez-Jimenez (2020, p. 147),

> [...] se associa ao corpo padronizado, magro e jovem a busca interminável por alcançá-lo de qualquer maneira, já que se constrói a ideia da conquista da beleza como utilidade, relacionando a conquista de corpo uniformizado a produtos que geram lucros milionários para a indústria da beleza.

Os corpos que fogem dessa norma são vistos como não saudáveis e não dignos de respeito, normalizando múltiplas formas de preconceito e violência. A exclusão institucionalizada de corpos dissidentes se perpetua a partir de espaços que essas pessoas são coibidas a ocupar, de serviços que não conseguem ter acesso, inclusive afetos que lhe são negados, por não estarem dentro daquilo que se espera – e se exige – de um corpo ideal.

A cobrança pelo corpo idealizado é ainda mais impiedosa quando se trata de pessoas gordas. O estigma de que o corpo gordo é sinônimo de corpo doente se fundamenta em um processo que culpabiliza e responsabiliza unicamente o indivíduo, transformando sua característica física em julgamento moral que desconsidera qualquer outro fator como acessibilidade ou genética (Jimenez-Jimenez, 2020; Poulain, 2013). Ao analisar uma das imagens apresentadas no terceiro encontro, Naomi reflete sobre a ausência de corpos gordos representados em livros didáticos.

- [...] eu lembro muito das representações de livros didáticos, e como esses corpos são representados por pessoas magras. Parece que as pessoas que têm corpo gordo não existem ou não podem estar sendo representadas nesse espaço.

Sobre a mesma imagem analisada, Rita também reflete que os corpos representados são irrealistas e que tais representações produzem e fortalecem estereótipos daquilo que se deve considerar como norma – corpos magros e brancos, aparecendo não só em livros didáticos, como apontou Naomi, mas também em diversos conteúdos na internet.

- [...] Quase todo conteúdo de internet, de escola, tudo que você vê são bebês brancos, Mulheres grávidas brancas [...] e todas as Mulheres são magras? Essas Mulheres grávidas de cintura fina com o peito em pé… São corpos muito surrealistas para uma gravidez. [...] E a gente vê que se estende para todo o restante das representações, em livros didáticos. [...] São representações sutis que vão fortalecendo esse estereótipo. Que vão moldando a gente desde muito pequeno.

Desse modo, se concretiza o pânico social de engordar e que toma tanto tempo, energia e recurso das Mulheres na busca infinita pelo corpo “padrão” que é inalcançável pela grande maioria das pessoas. Para Jimenez-Jimenez (2020), esse pavor é denominado de gordofobia, uma forma nada sutil de discriminação e, consequentemente, exclusão social que nega acessibilidades às pessoas gordas.

> Essa estigmatização é estrutural e cultural, transmitida em muitos e diversos espaços e contextos na sociedade contemporânea. O prejulgamento acontece por meio de desvalorização, humilhação, inferiorização, ofensa e restrição dos corpos gordos de modo geral (Jimenez-Jimenez, 2020, p.147).

Com as redes sociais cada vez mais influentes no estilo de vida, na construção de gostos pessoais e escolhas de vida, constantemente nos esbarramos em perfis que cultuam o emagrecimento a todo custo e demonizam os corpos que fogem da regra – de pessoas gordas. No entanto, entre pílulas e chás milagrosos, a falsa noção de realidade toma conta do imaginário de quem consome incansavelmente esse tipo de conteúdo. Passam desapercebidos pelas telas os filtros que modificam e plastificam os corpos, os infinitos procedimentos estéticos invasivos, as cirurgias plásticas omitidas e os “truques” com enchimento por baixo das roupas esportivas para venderem aquilo que não existe – o corpo perfeito.

María, ao comentar sobre uma das imagens apresentadas, ainda no terceiro encontro, percebe que há uma ausência de discussões e representatividade de corpos não só nas redes sociais, mas também em filmes infantis que poderiam ser utilizados na escola para abordar tais questões.

- O Instagram mostra o tempo todo os corpos padrões. Eu fiquei pensando naquela imagem do filme, da criança gorda olhando a vilã sempre gorda, né? E aí eu fiquei pensando se tem filmes em que a princesa é gorda. [...] Por causa da representatividade, e como eu estou um pouco desatualizada dos filmes de criança eu não me lembro de nenhum.

A percepção de imagem de jovens e adolescentes vem sendo impactada diretamente por influência dos conteúdos consumidos na internet e, para Elisabeth, essa é uma questão estrutural e que está refletindo na saúde mental das(os) estudantes.

- Gente, eu sou coordenadora do Ensino Médio, e eu nunca tive tantos alunos com crise de ansiedade. E aí a gente vai conversar com eles para saber quais são os gatilhos e, a maioria estão relacionados a aparência. "Ah, porque eu sou feia, porque ninguém gosta de mim na sala." É um problema estrutural, tem que mudar a nossa sociedade, porque não existe pessoa perfeita. Cada um tem sua beleza e pronto.

Corroborando com a reflexão de Elisabeth, Naomi Wolf (2020, p. 23) entende que "o mito da beleza, como muitas ideologias da feminilidade, muda para se adaptar a novas circunstâncias e põe em xeque o esforço que as Mulheres fazem para aumentar seu próprio poder". No entanto, é incoerente pensar em uma única forma de beleza, como tentam a todo custo impor um padrão físico ideal. Para a autora,

> A "beleza" não é universal, nem imutável, embora o mundo ocidental finja que todos os ideais de beleza feminina se originam de uma Mulher Ideal Platônica. O povo maori admira uma vulva gorda, e o povo padung, seios caídos. Tampouco é a "beleza" uma função da evolução das espécies: seus ideais mudam a uma velocidade muito maior do que a evolução das espécies [...] (Wolf, 2020, p.29).

Apesar de não ser exclusividade das Mulheres, a busca pelo corpo perfeito mobiliza de forma visceral a opressão sistematizada para subjugá-las. Ao atribuir valor às Mulheres a partir de um padrão físico construído culturalmente, se impõe relações de poder nas quais as Mulheres precisam competir umas com as outras por recursos que são apropriados pelos homens, garantindo sua posição de dominação. A ideologia da beleza se fortalece ao assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade já não conseguem mais se impor (Wolf, 2020).

Os sentidos e representações que formam e regulam os modos de ser de cada sujeito, são produzidos não apenas nos espaços da família e da escola. O conceito de Pedagogias Culturais, conforme Paula Deporte de Andrade e Marisa Vorraber Costa (2017), nos provoca a pensar como outros espaços sociais também são capazes de configurar e se infiltrar nas entranhas das relações sociais. As diferentes mídias como internet, TV, cinema, revistas, etc., não só produzem, mas perpetuam significados que ensinam como agir e pensar em face das situações

cotidianas. Entendemos que tais processos podem impactar profundamente as relações sociais configuradas entre corpo e gênero.

Esses espaços que promovem pedagogias para além da escola, são derivados de disputas de poder entre grupos sociais que buscam consolidar suas perspectivas e modos de pensar e existir na sociedade. Tais disputas podem contribuir tanto para a (re)produção de preconceitos e estereótipos que, em consonância com interesses históricos, políticos e sociais, oprimem grupos excluídos socialmente, como também são capazes de promover relações alternativas que vão de encontro com as demandas enunciadas por tais grupos minoritários e que possibilitam significações para além daquelas impostas violentamente e que desconsideram as múltiplas possibilidades de existência (Andrade, 2021; Andrade; Costa, 2017; Siqueira, 2021) .

Nesse sentido, a pressão estabelecida pelos conteúdos consumidos nas mídias da internet impacta de forma significativa a maneira como o corpo marcado pelo gênero é percebida social, política e culturalmente. Como meios de propagação e reprodução de estereótipos e normas de regulação, as redes sociais podem contribuir para que falsas representações de um modelo ideal de corpo seja disseminado, provocando distorções de realidade que atingem não só, mas principalmente, as Mulheres.

Outro ponto que provocou reflexões durante os encontros foi em relação à violência de gênero e o quanto isso está presente na vida das Mulheres desde muito novas. Elisabeth comentou que na escola, uma das questões que precisa trabalhar com as alunas é a respeito da roupa que usam – o short curto, como ela comenta: “[...] às vezes a gente tem que ensinar a se defender de uma forma a não usar aquele short, porque é como se nós fossemos um pedaço de carne que estamos ali prestes a ser devoradas.” Neste caso, podemos perceber que, ao lidar com adolescentes, mesmo entendendo que não é a roupa que vai poupar qualquer Mulher de sofrer algum tipo de violência, ainda sim acaba se tornando uma preocupação no sentido de tentar protege-las de alguma forma. As próprias alunas têm essa noção e a questionam – “mas o outro que tem que aprender a me respeitar, né?”.

- E eu acho que esse é o grande foco, o que precisa mudar na nossa sociedade, né? Porque nós somos, de uma certa forma, disciplinadas o tempo todo. O nosso corpo, a gente não pode falar o que quer, é proibido a Mulher também demonstrar as suas necessidades, né? Como se fosse um direito só do homem fazer isso, suas necessidades, e até enquanto a questão sexual, suas

preferências. Então, hoje a gente vê o que a música passou é o conflito que isso tem, dessa questão do direito, da gente tá sempre tentando conquistar os nossos direitos.

Segundo Lourdes María Bandeira (2019), as violências de gênero, especificamente contra Mulheres, podem ser consideradas como um fenômeno social articulado e constante marcado pelas dimensões psicológicas, morais e físicas. Se antes os atos de violência poderiam ser justificados pela defesa da honra dos homens, atualmente, a ordem tradicional se ressignifica e reestrutura seus valores e padrões sexistas, mas sem eliminá-los – a violência contra a mulher continua, porém, utiliza outros modos de viabilização: seja pelo dito “amor doentio”, pela culpabilização ou responsabilização da vítima pela violência que sofre em razão do seu gênero. Para a autora, a violência contra a mulher não pode ser caracterizada como uma patologia ou desvio individual de caráter, mas sim como uma “permissão social” concedida aos homens pela estrutura social vigente que tenta a todo custo controlar e oprimir as Mulheres (Bandeira, 2019).

Conforme a autora,

> Suas manifestações são maneiras de estabelecer uma relação de submissão ou de poder, implicando sempre situações de medo, isolamento, dependência e intimidação para a mulher. É considerada como uma ação que envolve o uso de força real ou simbólica por parte de outrem com a finalidade de submeter o corpo e a mente à vontade e à liberdade de alguém (Bandeira, 2019, p. 304).

Bandeira (2019) ainda discute a importância de olharmos para a questão de gênero em interface com a violência como ampliação, aprimoramento e desdobramento de diretrizes que se estabeleçam no campo da segurança, justiça e saúde no Brasil. Para além da perspectiva da autora, compreendemos ainda a importância dos espaços escolares também estarem preparados e munidos de ações que possibilitem a formação, sensibilização e capacitação da comunidade escolar visando às transformações socioculturais em consonância com os coletivos feministas, para construção de novos saberes e práticas que exigem atuação multissensorial e multidisciplinar em uma estrutura tão violenta com as Mulheres.

Retomando as vivências na atuação docente a respeito das relações de gênero, María conta que na escola tem percebido cada vez mais casos de violência

contra a Mulher, o que ficou mais evidente durante a pandemia[21], e relembra o quanto sofreu com assédios na rua desde sua adolescência e lamenta ser uma situação comum a muitas meninas e Mulheres.

- A gente até não vê a marca, mas a gente vive diariamente. Na escola está cada vez mais presente, parece que na pandemia as coisas ficaram mais difíceis, a gente vê muitas Mulheres com medidas protetivas, muitas mães nos procurando, porque o pai não pode pegar o filho. Toda semana tem um caso desses [...]. Quando a gente é adolescente, nossa! Quantas vezes eu não fui perseguida nas ruas, por tá com um short mais curto, ou às vezes nem tava com short curto. Eu me lembro que eu tinha 11 anos e tava indo pra escola sozinha. E todos os dias, um homem de bicicleta me seguindo. Isso é uma coisa que assombra qualquer Mulher. Acho que toda Mulher tem um episódio assim, né?

De acordo com o boletim "Elas Vivem: dados que não se calam"[22] produzido pela Rede de Observatórios da Segurança, foram registrados 2.423 casos de violência contra a mulher em 2022, o que significa que a cada quatro horas ao menos uma mulher foi vítima de violência. Desses, 495 são feminicídios, ou seja, uma mulher morre a cada dia apenas por ser mulher. O estado de São Paulo segue na liderança de notificações de violência contra mulher, apesar de diminuir pouco mais de 3% de casos entre 2021 e 2022. Já os estados do Rio de Janeiro e Bahia apresentaram um crescimento considerável na variação de eventos de violência contra mulher.

Os dados divulgados são alarmantes, mas o relatório destaca ainda, que há muitos casos de negligência por tipificação errônea dos crimes cometidos contra as, além da subnotificação, o que cria a sensação de que o problema é menor do que realmente é (Rede de observatórios da segurança, 2023).

Rita Segato (2005), ao analisar os casos de feminicídio na *Ciudad Juaréz*, no norte do México, conclui que há uma necessidade de as Mulheres serem disciplinadas, contidas e censuradas, colocando o homem como figura soberana e moralizadora que, no ato violento, conquista seu status de masculinidade a ao

[21] Em decorrência da pandemia do coronavírus iniciada em 2020, o número de casos de violência doméstica teve aumento significativo em diversos países da América Latina. No Brasil, houve aumento de pelo menos 45% de casos de violência doméstica, dado que pode ser muito maior se considerarmos a maior dificuldade de as mulheres fazerem as denúncias e conseguirem se livrar de seus agressores que, em grande maioria, conviviam no mesmo ambiente devido ao isolamento social para prevenção de contaminação pelo vírus. Mais alarmante ainda se pensarmos nas mulheres em situações de maior vulnerabilidade como mulheres negra, indígenas, quilombolas, LGBT+ e com deficiência (Bertotti *et al*, 2021).

[22] Disponível em: http://observatorioseguranca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2023/03/RELATORIO_REDE-DE-OBS-elas-vivem_final-2.pdf. Acesso em 01 de jan. 2024.

promover o poder de morte. A ação da violência contra a mulher evoca o assassinato de uma mulher genérica, apenas por pertencer a esse tipo de identificação, colocando o feminicídio em um sentido semelhante ao genocídio (Segato, 2005).

A fala da María em consonância com o que foi discutido anteriormente reforça o quanto as Mulheres estão sujeitas a serem violentadas desde crianças e adolescentes, o que não muda com a chegada da idade adulta. O que quero chamar atenção aqui é o quanto ainda caminhamos a passos lentos e temos muito o que lutar pela frente para que haja alguma mudança realmente significativa nas (trans)formações socioculturais.

Concordamos com a fala/desabafo da Naomi sobre o impacto que sentiu a respeito das músicas apresentadas. Ela comenta ter sido uma reflexão dolorida, mas que veio como um abraço ao ouvir o trecho “mulher, a culpa que você carrega não é tua” pois, para ela, é muito cansativo carregar o fardo de sempre ter que lutar pelo mínimo e também de sempre pensar naquilo que nós não podemos fazer, ser, vestir, espaços que não podemos ocupar.

- Ah, porque a gente está exausta, a gente tem medo de andar na rua, a gente tem que lidar com comentário no trabalho, a gente tem que ensinar nossos companheiros, a gente tá acabada. [...] Então, me caiu como um abraço um pouco dolorido, mas ainda como um abraço. [...] A gente só sabe o que a gente não pode. A gente nunca parou pra pensar no que a gente pode. Isso também é uma coisa muito dolorida porque é que a gente, Mulher, sendo Mulher cis ou trans, a gente não só sabe o que a gente não pode, a gente não tem noção do que a gente pode, do que a gente é capaz, sabe? Então é muito difícil estar nesse lugar.

O clipe de uma das músicas apresentadas nos dois primeiros encontros também chamou a atenção da Rita pela diversidade de Mulheres que participaram, pois ela consegue enxergar o quão diverso é *ser* Mulher:

- [...] mas é legal ver a escolha artística, né? A diversidade de Mulheres que tem ali, de corpos, de cores, de tudo, né? Um clipe muito diverso e isso é bom também, a gente vê essa diversidade, porque a gente é bombardeado nas mídias, em tudo com o mesmo tipo de Mulher, parece que a gente tá sendo Mulher errado.

Ela ainda comenta que depois de se tornar mãe, essa pressão social de como ela deve se comportar enquanto Mulher tem sido exaustiva, principalmente em relação ao seu corpo e o tipo de vaidade que esperam que ela tenha. Para Rita, o corpo da Mulher é visto como um domínio público, que as pessoas se sentem no direito de intervir, seja da maneira que for, inclusive que este corpo vem se tornando cada vez mais uma mercadoria.

A cobrança em relação à maternidade é algo muito comum para as Mulheres, seja as que decidem se tornar mães ou as que escolhem não ser. Ainda é muito enraizada na sociedade a ideia de que toda mulher tem o grande objetivo de gerar uma criança e que isso seria algo predeterminado, quase como uma vocação divina os cuidados da criança serem exclusivos das Mulheres – é o seu destino. No entanto, a maternidade compulsória e romantizada desconsidera as subjetividades, as violências e opressões vivenciadas para que se dediquem a seus filhos, cobrança essa que é imensamente desproporcional em relação aos homens que se tornam pais ou que escolhem não ser, como apontam Ruane Cesar, Amando Loures e Bárbara Andrade (2019).

Como demonstra Elisabeth Badinter (1980), a maternidade não é uma vocação natural da mulher, muito menos algo que esteja vinculado a sua essência, já que o amor materno pode ou não acontecer e promover interesse e dedicação à criança. A autora também afirma que os papeis desempenhados por mãe e pais tampouco são naturais pois se constroem socialmente a partir de movimentos de dominação e opressão das Mulheres, delimitando seu lugar ao espaço privado dos cuidados com os filhos e a família.

César et al. (2019) também corroboram ao destacar que a mídia atualmente contribui com a culpabilização da mulher no que se refere à maternidade, reforçando a necessidade de atenção em tempo integral dedicada aos filhos, ao mesmo tempo que cobra da mulher que seja boa em tudo – boa mãe, boa esposa, vaidosa, dedicada ao trabalho e ao lar. Toda essa cobrança e culpabilização em torno do que se espera da maternidade sobrecarrega as Mulheres, enquanto que o mesmo não acontece com os homens.

Acho importante destacar ainda, que nesse momento da conversa, Rita pede desculpas algumas vezes pois precisou ficar com a filha no colo para acalmar o choro e amamentá-la, tentei demonstrar que ali elas estavam em um lugar seguro e que ela poderia ficar à vontade para o que fosse preciso. Ela continuou a discussão com a filha no colo e para mim, mediadora do que estávamos refletindo e conversando, foi um momento impactante, pois cenas como essa são muito raras dentro do ambiente acadêmico. Mulheres que são mães na universidade acabam não sendo ouvidas, sequer consideradas e precisam se provar capazes ainda mais. Para mim, era muito significativo e importante que a Rita se sentisse confortável para estar ali,

expressando suas falas ao mesmo tempo em que a demanda da maternidade se fazia presente.

Em outro momento de desabafo e reflexão, Naomi também comentou o peso que colocam nas crianças diante dos papéis de gênero esperados desde antes do nascimento para meninas e meninos – “é isso que a gente está ensinando para as nossas crianças. Que tem que lavar louça e não ser engenheira, sabe? Então, é isso a gente não sabe nem o que a gente pode ser mesmo”. Nesse momento, a Rita corrobora ao citar as expectativas que impuseram na sua filha quando estava montando o enxoval com tema de astronauta e que precisou discutir inclusive sobre lugares que as meninas podem sonhar em ocupar para além daquilo que tentam doutrinar as meninas a serem: responsáveis pelos cuidados da família e organização da casa.

- E aí, a partir do momento que descobriu que ela era uma menina, falavam: “E agora? O que você vai fazer?” Eu falei: “Uai, astronauta tá definido o tema, vai ser astronauta.” “É, mas é menina, vai fazer de astronauta?” E eu falei: “Mas não tem astronauta Mulher? Tem pouco, mas devia ter mais, né?”

- [...] é isso gente, é isso, é tudo muito marcado, mas essa coisa do brinquedo eu sempre tive com os meus sobrinhos também, é muito triste, cara, é só boneca, casinha, e comidinha, e os meninos não, né? O problema não é brincar disso, é que só as meninas brincam.

Nos últimos anos, podemos perceber uma onda de eventos que servem justamente para reforçar os estereótipos de gênero e os papeis que as crianças deveriam desempenhar desde o seu nascimento. Nos referimos aqui ao fenômeno do “chá revelação”, uma festa organizada pelos pais (geralmente um casal heterossexual) e/ou pela família e amigos que consiste na revelação do sexo do bebê. No evento, as cores majoritariamente atreladas a decoração e ao anúncio são o rosa para meninas e azul para meninos.

Como apontam Isabela Pironi, Jean P. Rossi e Eliane Maio (2022), juntamente com a grande revelação do órgão genital que a criança possui desde a gestação, vem a materialização do que se espera que aquela criança ainda por chegar venha desempenhar ao longo de sua vida. Os brinquedos, o tema do enxoval, as cores das roupas e de todos os acessórios da criança são selecionadas a partir do que é mais adequado para um corpo com vagina ou um corpo com pênis. Desconsidera-se completamente os processos de desenvolvimento e evolução motora, cognitiva e social que aquela criança precisaria para crescer e resta apenas aquilo que esperam que ela performe. Bonecas, casinhas, tudo em tons de rosa e florido para as

meninas. Carrinho, bola, blocos de montagem, soldadinhos e tudo verde ou azul para os meninos. Meninas delicadas, amorosas e vaidosas; meninos serelepes, corajosos e espertos.

Conforme Berenice Bento (2011), percebemos que esse não é um processo natural ou que passe pelo âmbito biológico, pois é produzido *a priori*.

> Aquilo que evocamos como um dado natural, o corpo-sexuado, é resultado das normas de gênero. Como afirmar que existe um referente natural, original, para se vivenciar o gênero, se ao nascermos já encontramos as estruturas funcionando e determinando o certo e o errado, o normal e o patológico? O original já nasce "contaminado" pela cultura. Antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo (Bento, 2011, p. 550).

Conforme Preciado (2002), podemos entender que os papeis atribuídos de forma naturalizada por homens e Mulheres, na verdade são processos de regulação esculpidos nos corpos para assegurar a exploração de um sexo pelo outro. Segundo o autor, podemos conceber o sistema sexo/gênero como um sistema de escritura,

> O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história de produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais (Preciado, 2002, p. 26).

A (re)produção dos papeis de gênero naturalizam a existência dos corpos a partir de um modelo cis heteronormativo que abomina qualquer traço de diversidade sexual, de gênero e de raça. O futuro dos homens e das Mulheres já é pré-definido e consolidado como norma e o que foge à regra está sujeito a ser suprimido. Dessa forma, se constrói um tipo de vigilância aos corpos alheios em uma busca incessante pela consolidação dos meios de opressão. Mas não podemos pensar tal ideia como um único caminho, por isso a importância de reflexões como as narradas pela Naomi e pela Rita e o fortalecimento de meios de lutar contra essas expectativas geradas sobre como as crianças devem ser ou não.

Para Elisabeth, é importante que essas expectativas de gênero sejam quebradas já dentro de casa e entende o papel das Mulheres na criação de seus filhos para romper com falas e comportamentos machistas, inclusive com relação à criação de meninos também. E que, por outro lado, sem uma perspectiva mais crítica

a respeito do que se espera do homem e da Mulher, esses estereótipos de comportamento podem acabar sendo reforçados, perpetuando uma única forma de ser.

- [...] são paradigmas que devem ser quebrados e nós enquanto Mulheres que estamos criando os nossos filhos, [...] é não deixar essas falas machistas tomarem conta da cabeça dos nossos filhos, para que eles cresçam achando que a Mulher tem que ser submissa a ele.
- [...] Agora se você também permite... é como se fosse perpetuado o negócio, passado de gerações em gerações [...].

Entendemos ainda que, a responsabilidade de quebrar esse ciclo violento que normatiza os corpos e aprisiona toda e qualquer possibilidade de *ser* fora do que se espera, não é papel que deve ser exercido somente pelas Mulheres. Os homens também precisam se des/re/construir e compreender o sistema que, para além de reprimir as Mulheres, também sentenciam a masculinidade como universal, eliminando qualquer possibilidade de masculinidades outras.

Quando questionada sobre o que significa ser Mulher, María também entende que isto está para além do órgão genital, já que para ela o gênero é uma construção que se inicia desde o nascimento. Todas as expectativas do que seria a forma correta de ser mulher, só puderam ser percebidas na sua vida adulta, quando tomou consciência do peso que precisava carregar para atender as expectativas de gênero que são normalizadas diariamente.

- Ser mulher não é ter vagina. Ser mulher não é se relacionar com outro sexo. Ser mulher é tudo isso aqui que eu sou, mas como eu explico? Eu acho que me deram esse gênero, desde pequena, me ensinaram, construíram por mim, eu assumi isso docilmente, sem refletir. Mas, hoje eu vejo que a carga da palavra mulher é muito forte. Para mim, não significa só o gênero, significa também toda a força, significa também uma carga de sensibilidade que parece maior em relação aos homens, e significa todas essas atribuições que nos enfiaram goela abaixo. E eu pensei que fosse quando eu assumi a minha sexualidade lá na adolescência, mas talvez não. Acho que talvez tenha sido quando eu me tornei adulta e tive que desempenhar todos esses papéis que a sociedade me impôs. Então, eu acho que foi isso. Mais ou menos quando me tornei uma adulta, lá pelos vinte. Sempre me vi como mulher, mas acho que eu me compreendo mesmo, como uma mulher, com toda a carga que uma mulher carrega, na idade adulta.

Em consonância com María compreendemos gênero, para além de uma categoria biológica naturalizante, mas como uma construção sociocultural implicada nos corpos e que (re)produz sistemas de opressão e submissão fundadas em um sistema colonizador e capitalista. Superando a universalidade da categoria mulher, entendemos que as discussões a respeito das relações de gênero não podem acontecer isoladas de raça e classe. Os instrumentos de opressão que atuam contra Mulheres do norte global não podem ser considerados os mesmos que incidem sobre

as Mulheres não brancas dos países do sul. Assim como não é possível universalizar as estratégias de coerção e controle que atingem Mulheres brancas, negras e indígenas, pois agem a partir de processos distintos e com intencionalidades também distintas (Lugones, 2014; Oyěwùmí, 2004).

María Lugones (2014) entende que a colonização produziu a dicotomização entre sujeitos considerados humanos e não humanos e que as pessoas colonizadas eram desumanizadas e sujeitificadas. Tal processo marcou a diferenciação entre homem e mulher e as formas de opressão que recairiam sobre as/os colonizadas/os, o que levou a autora a conceber aquilo que ela chama de Colonialidade de Gênero. Tal conceito foi cunhado por Lugones como uma complexificação da compreensão de Colonialidade do Poder[23], de Aníbal Quijano partindo da crítica à como o autor considera gênero diante dessas relações de poder.

> Ao usar o termo colonialidade, minha intenção é nomear não somente uma classificação de povos em termos de colonialidade de poder e de gênero, mas também o processo de redução ativa das pessoas, a desumanização que as torna aptas para a classificação, o processo de sujeitificação e a investida de tornar o/a colonizado/a menos que seres humanos (Lugones, 2004, p. 939).

Dessa forma, o sistema colonial de gênero discutido por María Lugones não se produz apenas como uma das opressões forjadas pela colonização, mas como elemento fundamental na organização e manutenção da colonialidade/modernidade. Os processos que envolvem a colonialidade de gênero não foram superados historicamente e continuam (re)produzindo formas diversas de violência e de controle das intersubjetividades, permanecendo como constructos centrais do sistema de poder na interseção entre raça, classe e gênero (Lugones, 2004).

Como ressalta Oyèrónké Oyěwùmí (2004), gênero vem se tornando cada vez mais uma importante categoria analítica na busca pela compreensão do mundo e dos sistemas de opressão e hierarquização que o produzem. No entanto, é importante sempre questionar os interesses e preocupações que discutem as formas

[23] A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social quotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América (Quijano, 2009, p. 68). A colonialidade do Poder pode ser entendida como um modelo específico de produção de poder que interliga a formação social, o controle do trabalho, o Estado e a produção de conhecimento em que a ideia de raça e racismo se tornam um princípio organizador estruturante global (Grosfoguel, 2009; Maldonado-Torres, 2009).

de subordinação e opressão das Mulheres como universais. Quando não se considera as particularidades das experiências e vivências de cada contexto sociocultural e histórico, provoca-se um apagamento generalizado de possibilidades outras de organização social. Para a autora, é fundamental para as discussões acerca das relações de gênero e que

> [...] as discussões centraram-se sobre a necessidade de atentar-se ao imperialismo, à colonização e outras formas locais e globais de estratificação, que emprestam peso à afirmação de que o gênero não pode ser abstraído do contexto social e outros sistemas de hierarquia (Oyěwùmí, 2004, p.3).

Diante disso, parece imprescindível decolonizar as relações de gênero possibilitando formas outras de ser. Decretar essa crítica deve necessariamente partir de uma práxis com vistas à destruição dos sistemas de opressão que instauram o controle e subordinação dos corpos por uma lógica colonial, capitalista e heteronormativa na busca por um horizonte de real transformação social.

4| GRUPO DE PESQUISA E UM NOVO HORIZONTE

“Hoje encontrei pedaços de mim.
Em mulheres gigantescas.
Que cruzaram meu caminho.
Estou mais inteira. Graças a elas.
Ô, sorte"
Flavia Campos[24]

Ao longo dos encontros, os núcleos e o grupo de pesquisa vez ou outra apareciam nos comentários, mesmo que de forma muito suscinta, então questionei se elas percebem algum impacto desses espaços formativos em relação à forma como percebem gênero, corpo e sexualidade. Para Rita, o impacto é muito significativo pois, apesar de não serem temas centrais em suas pesquisas, são discussões que sempre a atravessam de alguma forma e que antes passavam despercebidas, enquanto que hoje, a partir das discussões e dos estudos, ela percebe o quanto isso a impulsiona não só na sua atuação como pesquisadora, mas nas relações interpessoais também.

- Não que antes eu fosse uma pessoa extremamente preconceituosa e machista e homofóbica, mas eu não pensava nisso porque isso não estava me atingindo diretamente, então eu não pensava nisso. A partir do momento que você começa a estudar e ver pessoas que vivem isso todo dia, você começa a se importar. Você pega aquela dor pra você. Então essas dores são todas minhas hoje.

Para Elisabeth, a participação no grupo de pesquisa foi como se libertar da alienação, pois ela mudou muito a forma de pensar e perceber o mundo e isso impactou diretamente sua atuação como professora e suas relações interpessoais. Ela comenta se sentir parte de uma linha de produção que perpetuava um sistema de opressão, mas que agora ela é capaz de se questionar “mas eu estou ajudando a subverter esse sistema e alguma forma?” e é isso que tem direcionado suas ações dentro e fora da escola.

- E as discussões me fortalecem. Geralmente eu amo participar das reuniões. Eu gosto de ouvir as pesquisas que os meninos estão fazendo e eles sabem tanta coisa bacana que eu não tive, por muito tempo eu não tive isso, e agora eu tô tendo e eu sou muito grata por isso, né? Eu sou muito grata porque até na criação dos meus filhos eu também mudei, né? A forma como eu tô preparando eles, não é pra tá na linha de produção, tô preparando eles para pensar, eu tô preparando eles para

[24] CAMPOS, Flavia. Coragem, substantivo feminino. São Paulo: Editora Patua, 1 ed. 2020, p. 196.

respeitar, de uma forma que isso seja enraizado. [...] Então, o Gepac[25] me ajudou a entender também qual era a minha responsabilidade enquanto professora, e também para defender as professoras que atuam dentro da sala de aula.

Diferente das outras participantes que tiveram uma mudança brusca na forma de ver o mundo a partir das discussões presentes no grupo de pesquisa e nos núcleos, Naomi já tinha contato com as discussões feministas por meio de sua mãe. Então apesar de se sentir mais preparada para enfrentar o universo machista da universidade, como ela coloca, a participação nesses espaços formativos possibilitou um aprofundamento teórico para além da sua subjetividade, aprendendo também a se posicionar e a coletivizar o conhecimento: “Eu acho que dentro dos núcleos eu aprendi que não adianta a gente entender só pra gente, né? Que a gente tem que coletivizar esse conhecimento”.

Rita complementa ainda, que participar do grupo de pesquisa e das ações desenvolvidas pelos núcleos além de contribuir para sua formação no aprofundamento de referenciais e discussões, também a sensibilizou em relação às opressões vivenciados pelo outro que antes passavam desapercebidas. Enxergar a dor do outro e suas origens transformaram seu olhar para o impacto que o grupo de pesquisa e os núcleos possam ter provocado na sua percepção social.

“Mas, isso é o Gepac, isso é o Nugens[26]. Não que antes eu fosse uma pessoa extremamente preconceituosa e machista e homofóbica, mas eu não pensava nisso porque isso não estava me atingindo diretamente, então eu não pensava nisso. A partir do momento que você começa a estudar e ver pessoas que vivem isso todo dia, você começa a se importar. Você pega aquela dor pra você. Então essas dores são todas minhas hoje. [...] Então ainda, questões me atravessam, porque elas atravessam os meus, atravessam pessoas. Então, eu acho que isso são os núcleos, o Gepac.

Naomi também evidencia que os momentos de encontros do GM são percebidos como um espaço formativo, de trocas, pesquisa e acolhimento, reforçando a ideia da coletividade de Mulheres como um caminho para se fortalecer

[25] O Grupo de Pesquisa em Currículo: Estudos, Práticas e Avaliação (Gepac) congregou ações nas áreas de Didática e Currículo em suas mais diversas perspectivas e teve, como basilar para as atividades do Grupo, as diversas teorias e perspectivas curriculares e educacionais que motivam a ação educativa, tanto no âmbito formal quanto não-formal. Em 2023, o Grupo de Pesquisa passou a se denominar Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Avançadas em Currículo (Nipac) e é coordenado pela Profa. Dra. Deise Aparecida Peralta e pelo Prof. Dr. Harryson Júnio Lessa Gonçalves. Ressalta-se a interdisciplinaridade e a(s) diversidade(s) como preceito central das atividades de investigação conduzidas pelo núcleo. Apesar de atualmente o Grupo de Pesquisa ser conhecido como Nipac, manteremos o nome Gepac nos trechos proferidos pelas professoras/pesquisadoras, pois na época dos encontros do GM, o núcleo ainda não havia passado pela mudança mencionada.

[26] O Núcleo de Apoio e Discussão de Gênero e Sexualidade (Nugens) busca promove ações educativas dentro e fora dos muros da Universidade e espaços de reflexão e sensibilização para tais temáticas. Além do desenvolvimento de projetos, palestras, cines-debates e rodas de discussão, o núcleo também atua como frente de denúncias de atitudes discriminatórias, agindo como uma ponte entre as vítimas de violência e setores responsáveis pelos procedimentos legais dentro da Universidade, contando também com a parceria da Delegacia da Mulher de Ilha Solteira/SP (Souza; Camargos, 2020).

diante dos obstáculos enfrentados enquanto Mulher, pesquisadora, mãe e professora.

- Eu aceitei o convite por ser uma mulher nas ciências né? Nós quatro somos mulheres na ciência e por estar nesse momento de estar realizando uma pesquisa, então é importante também poder trocar e conhecer outras pesquisas, outras coisas novas e porque as questões de gênero elas sempre me atravessaram, né? E consequentemente as questões do corpo e de pressão estética e, além disso, pra poder trocar com vocês, pra poder trocar com mulheres que como eu, acreditam nesse espaço aqui não só como um espaço de desabafo, de pesquisa, enfim, mas também como um espaço formativo, porque a gente tá conhecendo outras realidades, né?

Para María, a importância do participar do grupo de pesquisa foi se (re)conhecer enquanto mulher, entender que a cobrança que sentia em dar conta de tudo para ser reconhecida era algo estrutural e que as conversas dentro e fora dos encontros possibilitaram que ela refletisse e ampliasse sua percepção a respeito de gênero e sexualidade e sobre sua identidade enquanto mulher também.

- Então, a convivência no grupo de pesquisa, principalmente as presenciais, foram fundamentais. Porque em cada conversa de grupo que você chega, nos momentos informais, para falar da pesquisa, da vida, do trânsito no carro, você sabe que esse trajeto de Rio Preto à Ilha era um momento muito importante pra gente, né? O carro estava todo cheio de Mulheres, né? Basicamente com as mesmas funções. Quase todas mães, esposas, professoras e todas no mestrado ou no doutorado, então essas conversas contribuíram muito para mim, enquanto pessoa, me sinto uma pessoa totalmente diferente hoje, e não só em relação à gênero, mas também à sexualidade. Eu vejo que a minha visão se tornou muito mais aberta, mais ampla em relação ao tema. Sobre identidade também. Identidade como construto social, a gente antes de ter formação mesmo, talvez a gente pensasse de forma errônea em relação a gênero e sexualidade. E hoje eu tenho uma visão melhor, graças aos estudos mesmo do grupo.

Para Elisabeth, essa rede de apoio e afeto foi o que a impulsionou a participar do grupo de pesquisa mesmo com toda a sobrecarga que possui enquanto professora, pesquisadora e mãe. Para ela, estar com outras Mulheres que também vivenciam as mesmas experiências a fortalece e a incentiva a enfrentar os desafios que possam surgir ao longo de sua formação na pós-graduação.

- E eu só fui pro Gepac quando eu comecei a conversar com a María e eu vi que ela era mãe e que ela também era professora e trabalhava, e aí, sabe quando você encontra o consolo? Então, eu tava vendo outras mães que também têm essas dificuldades que eu tenho, então eu falei: Eu vou tentar. E eu venho me fortalecendo com esse tipo de conversa, com as reuniões que a gente tem.

A partir das falas de María e Elisabeth, fica evidente que o grupo de pesquisa contribui para além da formação acadêmica, mas enquanto rede de apoio e de afeto. Entendemos que esses espaços formativos, como o grupo de pesquisa, como o GM construído ao longo desta pesquisa, se transformam em espaços fundamentais onde

possam se sentir livres e seguras para expressar suas angústias, dilemas, frustrações e compartilhar suas conquistas em meio a outras Mulheres que também passam pela experiência da pesquisa e docência. É nesta coletividade que essas Mulheres se fortalecem e se reconstroem para enfrentar desafios e lutar pelos espaços que almejam ocupar.

Ela comenta ainda que ter acesso a esses espaços formativos, que dificilmente estão presentes nas escolas, a preparou para lidar de forma mais incisiva com situações que enfrenta na escola onde as famílias a questionam sobre educação sexual, por exemplo. Apesar de se entender como alguém que sempre buscou uma visão de diversidade, o contato com discussões sobre gênero e sexualidade no âmbito do grupo de pesquisa, ampliou sua forma de pensar o assunto, entendendo o gênero como uma construção social e não uma finitude biológica. Notamos aqui a importância desses espaços formativos também em sua atuação profissional dentro da escola ao aprofundar reflexões e ampliar as possibilidades de lidar com situações desafiadoras.

Para Elisabeth, as contribuições do grupo de pesquisa possibilitam transformar seu entendimento sobre determinados assuntos ao identificar estar reproduzindo ideias de forma equivocada. O acesso a tais discussões e reflexões refletiram diretamente na atuação dentro de sala de aula, mudando a forma como aborda temas relacionados às diversidades dentro da Biologia e incentivando as(os) estudantes a buscaram também esse aprofundamento.

- Eu vejo essa questão da formação do professor porque quando eu cheguei no GEPAC eu vi algumas coisas e identifiquei que eu estava reproduzindo de uma forma inconsciente, eu achava que isso era certo, foi um choque pra mim, eu não tenho vergonha nenhuma de falar pra vocês isso porque eu vi essa questão da base, da formação do professor que ensina a biologia. Até então eu tava agindo como uma bióloga, e como eu falei, eu fui treinada no laboratório e eu ficava focando nisso também e quando eu comecei a fazer parte do grupo, eu até estava dando aula para uma aluna, que agora é orientada da minha professora e eu lembro que a gente fazia altas discussões filosóficas e também essa questão social e a gente questionava bastante alguns pontos de acordo com o que a gente falava, como você falou dessa questão da evolução, do crânio. Eu lembro que ela apresentou até um seminário que eu pedi, eu já fiz completamente diferente com as turmas que vieram porque eu já estava tendo esses diálogos, essas leituras e eu comecei também a questionar os meninos e trazer essas questões.

O grupo de pesquisa também aparece como um catalisador importante para Rita no que se refere às reflexões sobre gênero, sexualidade e raça, assim como se estabelece como uma rede de trocas e aprofundamento. Para ela, as trocas construídas nessa coletividade são fundamentais para

- [O grupo de pesquisa] teve influência total, eu diria que o que molda minha forma de ver, de questionar, de pensar as relações entre corpo, gênero e ciência são as vivências do grupo de pesquisa. [...] Então foi nesses espaços que eu aprendi muito, a questionar, a buscar referenciais. Como as coisas se interseccionam, então isso é muito forte, esse espaço é o espaço catalisador de todas as reflexões envolvendo esse campo para mim. [...] Não é que todas as reflexões que eu tenho derivam do grupo, mas as iniciais sim, e é lá que eu vejo com mais liberdade. E se eu precisar recorrer a alguém no grupo para compreender algo, eu sei a quem eu vou recorrer. Então, o espaço do grupo é um espaço de aperfeiçoamento, de compreensão, não só teórica, mas de sociedade como um todo.

Para María, os diálogos estabelecidos no grupo de pesquisa contribuíram significativamente para sua formação profissional, acadêmica e pessoal. No que diz respeito às relações de raça e gênero, percebe sua participação no grupo de pesquisa como uma oportunidade de refletir sobre tais questões, pois foi o espaço onde teve acesso ao aprofundamento dessas discussões a partir da ciência, o que foi fundamental para se entender enquanto Mulher.

***-** Pra mim o grupo foi importante porque, primeiro, a gente conheceu pessoas. [...] Foi muito importante ouvir as pessoas falando, as leituras, as pesquisas, os momentos antes da qualificação, antes da defesa, [...] e contribuiu demais para a minha formação humana, profissional, como coordenadora, mas mais como pessoa mesmo.*

- Para mim, foi essencial conhecer sobre gênero, sexualidade, corpo e racismo pela visão da ciência. Foi um divisor de águas e isso aconteceu no mestrado, não foi na graduação. Porque eu vivi a minha graduação já faz algum tempo, então essa nova etapa da minha vida, que foi tardia, é muito importante pra minha constituição como pessoa, como mãe, né? E o meu papel dentro da minha família também.

Ressalto ainda, minha experiência de participação também nesses espaços formativos, já que venho do mesmo grupo de pesquisa que as professoras/pesquisadoras. Participar de um grupo de pesquisa em currículo – atualmente conhecido como Nipac, desde a graduação, possibilitou compreender, ainda, como tais discussões se reverberam no currículo escolar, importante nçao apenas como possibilidade de aproximação dessas discussões, mas também um lugar onde pude me entender enquanto uma Mulher que estava se formando professora de Ciências e Biologia e, também, pesquisadora em uma universidade pública.

Ainda, minha participação no Nabisa desde sua criação, foi significativa para desconstruir preconceitos enraizados e me perceber em um lugar de privilégio, entendendo o meu papel como Mulher branca/professora/pesquisadora na luta contra a sociedade racista e hegemônica que, infelizmente, nos atravessa.

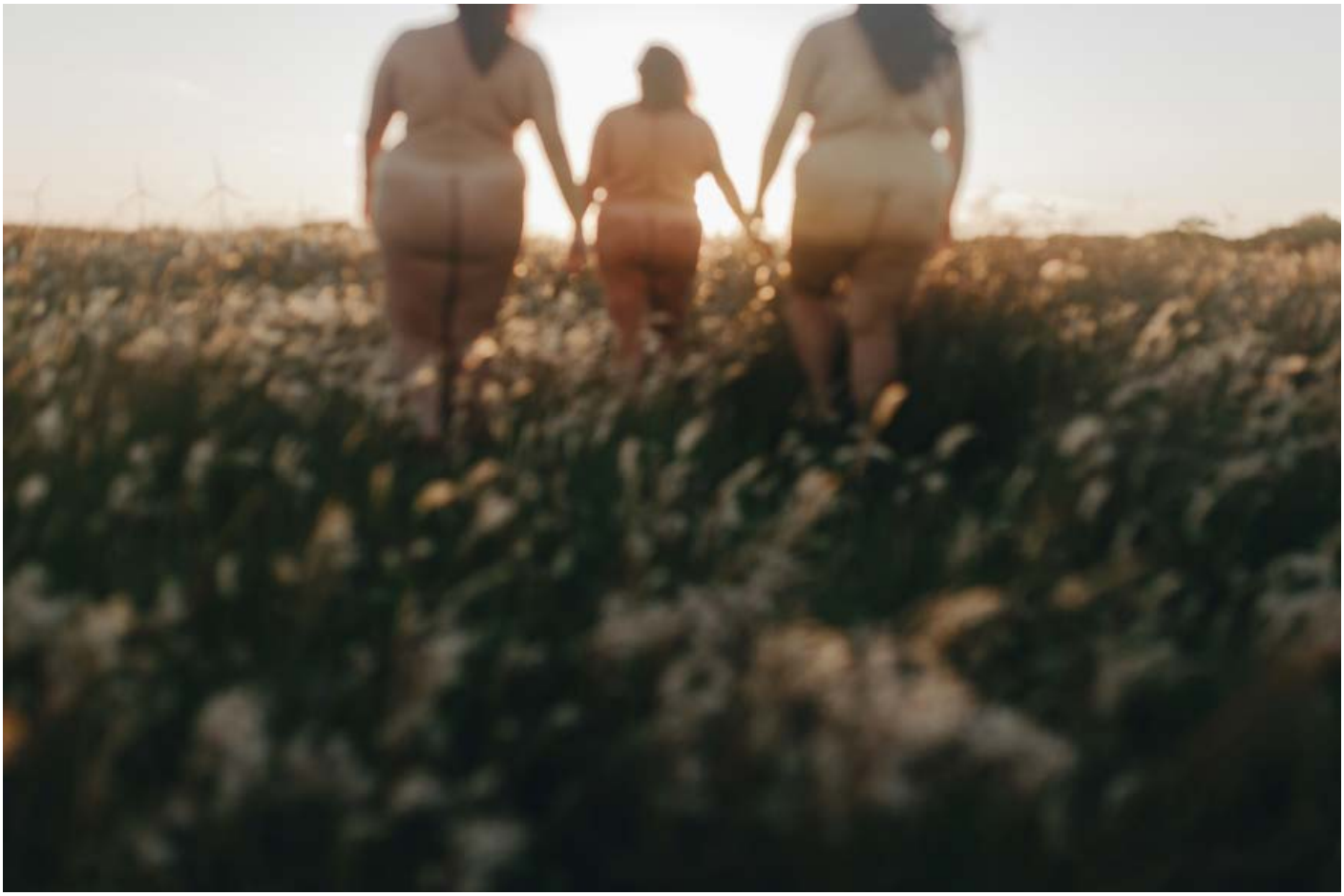
É importante destacar como a minha atuação no Nugens também mudou a forma como (re)significo o meu *ser* Mulher, como percebo as relações sociais de poder e as opressões machistas/cis/heteronormativas que permeiam as entranhas não só da Universidade, mas da sociedade como um todo.

Fazer parte também do grupo de trabalho de Gênero e Sexualidade (GT4), uma extensão das discussões realizadas pelo Gepac, me possibilitou o contato mais profundo com autoras/es que me provocam, a cada leitura e discussão, (re)pensar gênero e sexualidade como objeto de pesquisa, não a partir de uma investigação isolada dos outros lócus sociais, mas que implica nas mais diversas esferas de poder, de disputa, de subversão do *status quo* e que atravessam o currículo, a cultura, a política e a educação em sua totalidade.

Fazer parte desses espaços formativos me provocaram a pensar as relações de poder a partir da crítica à colonialidade, ao eurocentrismo e às faces do epistemicídio, me instigando a estar atenta e sensível ao que me cerca e, também, ao que estava distante da minha realidade, mas presente de alguma forma naquilo que me constitui enquanto uma Mulher cis, branca, gorda, latino-americana, professora e pesquisadora.

A partir dos relatos abordados até aqui, podemos notar que a participação no grupo de pesquisa, nos núcleos e no Grupo de Mulheres constituído ao longo desta pesquisa, provocou (trans)formação significativas no que diz respeito a como essas professoras/pesquisadoras se entendem nos espaços que ocupam e nas relações produzidas dentro e fora do contexto acadêmico e profissional. Tais espaços formativos concretizam não apenas a apropriação de discussões em relação às pesquisas desenvolvidas pelo grupo, mas também a possibilidade de refletir como a condição de Mulher em uma sociedade marcada pelo machismo e misoginia perpetuam a ideia de sujeição das Mulheres como forma de controle e exclusão.

Espaços formativos como esses, que se preocupam em questionar e refletir sobre como o corpo marcado pelo gênero é produzido a partir da perpetuação de desigualdades, podem constituir uma possibilidade de ir contra uma lógica de rivalidade feminina e de produção acadêmica que desconsidera as subjetividades e os afetos que se fortalecem na coletividade. Espaços esses que se configuram diante de diferentes realidades, mas que convergem em um denominador comum: a luta pelo direito de existir de maneira plena e sem medo.



27

5| ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As discussões realizadas até aqui demonstram o quanto o corpo das Mulheres é produzido a partir de processos de regulação e controle que fundamentam todo um sistema que sustenta o *modus operandi* colonial/capitalista. As imposições sobre como deve ser o comportamento, o modo de se vestir, o que deve comer, o que deve falar, com quem deve se relacionar são parte de uma lógica que busca manter as Mulheres sob controle para que os lugares de poder permaneçam ocupados pelos homens.

---

[27] Projeto “Eu, gorda”, 6 dez 2021 – Milena Paulina (Olhar de Paulina). Disponível em: https://olhardepaulina.com/ensaios. Acesso em: 09 jan. 2024.

A divisão sexual do trabalho coloca a Mulher como única responsável pelos atos de cuidado com o ambiente doméstico, com a família e com os filhos, mesmo quando passa a trabalhar fora de casa. Todas essas tarefas acumuladas sobrecarregam a Mulher com o exercício do trabalho não remunerado, enquanto tais responsabilidades não recaem sobre os homens que podem se dedicar livremente às atividades remuneradas e aos espaços públicos e cargos de poder.

Se pensarmos no âmbito acadêmico, tal disparidade fica exacerbada quando, apesar do número de Mulheres com ensino superior ser maior que o dos homens, quem ocupa os cargos de alto nível, em sua maioria, não são as Mulheres. Podemos chamar esse movimento de “efeito tesoura” que poda as Mulheres, que mesmo com formação e habilidades comprovadas não conseguem ter acesso aos espaços de decisão e poder. No campo da política, essa disparidade também fica muito evidente, principalmente quando consideramos aspectos de raça, etnia, classe e sexualidade. Quem ocupa a maior parte desses espaços são homens, brancos, cis e heterossexuais.

A maternidade também foi um ponto de foco ao longo de todos os encontros realizados pelo GM, pois se as Mulheres já enfrentam grandes obstáculos apenas pelo seu gênero, se levarmos em consideração as que são mães, as desigualdades de acesso se acentuam ainda mais. Tanto o acesso às Universidades como no desenvolvimento da carreira profissional, Mulheres que são mães sofrem um efeito de “dupla poda” que a impedem de alcançar o mínimo. Para a sociedade, seria intragável uma mãe que abandone sua prole para de dedicar à carreira profissional, ao mesmo tempo que aquela que se dedica em tempo integral aos filhos também é coloca em um lugar de dependência em relação ao homem, provedor financeiro. O contrário não acontece. Aos homens, não há cobranças – implícita ou explícita – sobre tal escolha ou sobre como deve ser sua dedicação aos filhos.

Notamos que, diante desse cenário, a divisão sexual do trabalho não só promove desigualdades, mas justamente produz as relações sociais que se estabelecem na dicotomia entre homens e Mulheres. É nesse processo que se constrói uma estrutura que oprime, controla e violenta corpos de Mulheres nos mais diversos níveis e em múltiplos contextos. Também é importante ressaltar que todo esse processo de produção de desigualdades deve considerar a interdependência das relações de classe e raça quando pensamos nas relações de opressão e controle.

Outro ponto que pensamos ser importante destacar, é que nesta pesquisa o enfoque das discussões se deu a partir dos diálogos com as professoras/pesquisadoras que constituíram o GM, portanto, seus dilemas, frustrações e inquietações refletem as relações entre corpo e gênero a partir da experiência de Mulheres cisgêneros, ou seja, que se identificam com o gênero que foi designado a elas ao nascimento. Quando falamos sobre os processos de produção de desigualdade, opressão e controle perante as Mulheres, consideramos todos os embates que possam gerar a partir das relações entre corpo e gênero. No entanto, entendemos que as violências contra Mulheres trans são brutais e devem ser analisadas a partir de suas especificidades, para que suas vivências e experiências não sejam generalizadas ou apagadas. Dessa forma, partimos da ideia de que *a luta das Mulheres deve considerar todas as Mulheres, em suas mais diversas possibilidades, ou vitória nenhuma haverá*.

Entendemos ainda que os papeis de gênero estabelecidos desde antes do nascimento das crianças não pode ser considerado como algo intrínseco à biologia da espécie humana ou como natural e essencialista. O corpo é marcado pelo gênero por meio das construções históricas e socias, bem como a partir das intenções pré-estabelecidas de exercício do poder sobre o outro marcados pela colonialidade. A compreensão de que aquilo que se entende como possibilidade única de ser Mulher é um constructo sócio-histórico reflete na construção de possibilidades outras de relações sociais que não aquelas impostas e demarcadas por determinados grupos em detrimento de seus interesses sociais, políticos e econômicos.

Ainda, cabe destacar que a violência de gênero contra a Mulher não deve ser pensada como um desvio de caráter ou patologia, mas sim como um projeto cada vez mais elaborado, sistematizado e institucionalizado que promove o controle, a submissão e a desvalorização das Mulheres para além de suas intersubjetividades, onde o homem reafirma sua masculinidade a partir do status de detentor do poder de morte – um projeto de necrobiopoder. Diante disso, se faz urgente que os espaços formativos dentro e fora da escola sejam instrumentos de fortalecimento e de organização na luta contra as violências de gênero, nos âmbitos socioculturais e políticos.

Diante das discussões promovidas até aqui, ao analisarmos a constituição e desenvolvimento de um Grupo de Mulheres, ficou evidente que os processos formativos emergem principalmente a partir da coletividade estabelecida entre as

professoras/pesquisadoras que se constituíram a partir das redes de afeto, apoio e parceria diante das dificuldades enfrentadas por cada uma das participantes. A participação dessas Mulheres em espaços formativos que a instigaram refletir sobre as relações de poder estabelecidas a partir da dicotomia entre homens e Mulheres e as possibilidades de subverter um sistema ancorado nos ideais da tríade colonialidade/patriarcado/capitalismo, provocaram uma mudança na forma como se percebem no mundo e seu papel na luta pelo seu direito de existência das Mulheres.

Cabe ressaltar, que tais espaços subvertem uma lógica produtivista de produção acadêmica, pois as relações de coletividade ancoradas na parceria e nas redes de afeto as fortalecem para disputar o acesso a espaços de decisão e poder, bem como contribui para que suas experiências nos âmbitos acadêmicos, profissionais e pessoais sejam atravessadas pelas relações que se estabelecem entre corpo e gênero, permeando suas construções intelectuais e suas vivências como uma forma de subverter, seja de maneira sutil ou escancarada, as amarras que nos prendem e nos calam em nossos próprios corpos.

É diante deste contexto que entendo a construção desta tese como um processo de reconhecimento da força que somos capazes de ter para seguir lutando contra um sistema que nos oprime, nos censura e nos impossibilita de ir além. Que possamos nos reconhecer capazes ainda de (re)conquistar aquilo que nos foi roubado e que juntas possamos nos fortalecer diante da brutalidade que nos é escancarada desde sempre. Insisto ainda em dizer que, o que vivenciei ao desenvolver esta pesquisa me transformou profundamente pois, cada palavra aqui escrita foi enraizada também em mim como uma forma do meu corpo, generificado, se lembrar da responsabilidade enquanto Professora, Pesquisadora e Mulher de, ao lado de tantas outras Mulheres, lutar pela nossa existência, pela nossa liberdade e pelo nosso lugar no mundo.

Em tempos de sufocamento, que juntas possamos ser o fôlego necessário para gritar ao mundo quem somos e para quê viemos.

6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. D.; COSTA, M. V. Nos rastros do conceito de Pedagogias Culturais: invenção, disseminação e usos. **Educ. rev**., Belo Horizonte, n. 33, e157950, p. 1-23, jun 2017. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698157950. Acesso em 15 fev 2024.

ANDRADE, P. D. A invenção das Pedagogias Cultuais. In: Pedagogias Culturais: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade. Organizadores: Viviane Castro Camozzato, Rodrigo Saballa de Carvalho, Paula Deporte de Andrade. 1ª ed – Curitiba: Appris. 2016, p. 19 – 32.

BADINTER, Elisabethabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Flammarion, Paris, 1980.

BANDEIRA, Lourdes María. Violência de Gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. In**: Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Heloisa Buarque de Hollanda (Org). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 293 – 314.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Rev. Estud. Fem. [online]**. 2011, vol.19, n.02, pp.549-559. ISSN 1806-9584. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/DMNhmpzNbKWgH8zbgQhLQks/abstract/?lang=pt. Acesso em: 15 dez. 2023.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação? C**adernos Pagu**. Campinas, n. 53, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/MjN8GzVSCpWtxn7kypK3PVJ/?lang=pt. Acesso em: 25 jun. 2022.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia**. Novos estudos, São Paulo, n.21, p. 134 - 157, 1988.

CARVALHO, Fabiana Aparecida de; LORENCINI JÚNIOR, Álvaro. Os Discursos Biológicos para os Gêneros, as Sexualidades e as Diferenças no Brasil: Um Panorama Histórico. **Revista Valore, Volta Redonda**, n. 3, p. 575-586, 2018. Disponível em: https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/149. Acesso em: 20 jul. 2022.

CESAR, Ruane Cristine Bernardes; LOURES, Amanda Freitas; ANDRADE, Barbara Batista Silveira. A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher. **Revista Mosaico**, v.10, n.2Sup, p.68-75, jul./dez. 2019. Disponível em:

https://doi.org/10.21727/rm.v10i2Sup.1956. Acesso em: 09 nov. 2023.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser Afetado”. Tradução: PAULA SIQUEIRA. **Cadernos de Campo.** n. 13, 2005, p. 165 – 161. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263. Acesso em: 25 nov. 2022.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Rita; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Cap. 1, p. 13-41.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar. 2020, 375 p.

GROSFOGUEL, Ramón. Para Descolonizar os Estudos de Economia Política e os Estudos Pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: **Epistemologias do Sul**. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, María Paula. (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2009, p. 337 – 382. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4578635/mod_resource/content/1/OB_GROSFOGUEL%20-%202009%20-%20Para%20descolonizar%20os%20estudos%20de%20economia%20politica%20e%20os%20estudos%20pos%20coloniais. Acesso em: 25 ago. 2023.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Etnografia: Princípios em prática.** São Paulo: Editora Vozes, 2022.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. Cadernos Pagu, v. 2001, pp.139-156. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/PcsfvS6CPpgQRZLRmdTzgxL/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 15 fev. 2024.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 15 fev. 2024.

JIMENEZ-JIMENEZ, María Luisa. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. **Revista Epistemologias do Sul**, UNILA, v.4, 2020. Disponível em: https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2643. Acesso em: 19 dez. 2023.

LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 110-125. 2000.

LUGONES. María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas. Florianopolis**. SetDez. 2014, p. 935 – 952. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577. Acesso em: 22

dez. 2023.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. ju 2002, p. 11-29. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s0102-69092002000200002. Acesso em: 05 mar. 2023.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A Topologia do Ser e a Geopolítica do Conhecimento: modernidade, império e colonialidade. In: **Epistemologias do Sul**. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, María Paula. (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2009, p. 337 – 382. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4578635/mod_resource/content/1/OB_GROSFOGUEL%20-%202009%20-%20Para%20descolonizar%20os%20estudos%20de%20economia%20politica%20e%20os%20estudos%20pos%20coloniais. Acesso em: 25 ago. 2023.

MARTINS, I. M.; GONÇALVES, H. J. L. O Núcleo Afro-Brasileiro de Ilha Solteira (NABISA): um relato de experiência. In: LUIZ, J. M.; MONTEIRO, A. C. G.; LIMA, I. C. (Org.). **Educação das relações étnico-raciais e interdisciplinaridade: experiências de ensino, pesquisa e extensão do N'umbuntu.** Ananindeua: Itacaiúnas, 2018. p.59-65.

MISKOLCI, R. **Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à "ideologia de gênero"**. Cadernos Pagu, n.53. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/7Yd3hfBsD9rH3NW3YqPpzvD/abstract/?lang=pt. Acesso em: 25 jun. 2023.

MISKOLCI, R; CAMPANA, M. **"Ideologia de Gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo**. Revista Sociedade e Estado, v. 32, n. 3, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/abstract/?lang=pt. Acesso em: 25 jun. 2023.

MOREIRA, Jasmine; CÉSAR, María Rita de Assis. Ideologia de Gênero: uma metodologia de análise. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 4, e86456, 2019. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/2175-623686456. Acesso em: 10 fev. 2024.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. **Concepts, Methodologies and Paradigms**. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1 – 8.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?lang=pt. Acesso em: 20 jul. 2023.

PIRONI, Isabela Daiane; ROSSI, Jean Pablo Guimarães; MAIO, Eliane Rose. "Não importa o sexo, eu só quero que seja menino": cisheteronormatização dos corpos em chás de revelação. In**: É de menina ou menino? Imagens de gêneros, sexualidades e educação**. (Org.) João Paulo Baliscei. – 1.ed. – Curitiba-PR, Editora Bagai, 2022, p.32 – 46.

POULAIN, J. P. **Sociologia da obesidade**. São Paulo: Senac, 2013.

PRECIADO, Paul B. **Manifiesto contra-sexual**. Madrid: Opera Prima, 2002.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: **Epistemologias do Sul**. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, María Paula. (Orgs.). São Paulo: Cortez, 209, p. 73 – 118. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4578635/mod_resource/content/1/OB_GROSFOGUEL%20-%202009%20-%20Para%20descolonizar%20os%20estudos%20de%20economia%20politica%20e%20os%20estudos%20pos%20coloniais. Acesso em: 25 ago. 2023.

SEGATO, Rita Laura. Território, soberania e crimes de segundo estado: a escritura nos corpos das Mulheres de Ciudad Juarez. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, 2005. pp. 265-285. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X200500020004. Acesso em: 22 maio 2023.

SILVA, Caio Samuel Franciscati; BRANCALEONI, Ana Paula Leivar; OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues. **Base Nacional Comum Curricular e diversidade sexual e de gênero: (des)caracterizações**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1538-1555, jul. 2019. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12051. Acesso em: 05 jul. 2023.

SIQUEIRA, Marcos da Cruz Alves. **Pedagogias Cristãs:** representações sociais de gênero e sexualidades lgbti+ na mídia evangélica. 2021. 192 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/teses-e-dissertacoes-1/teses#2021. Acesso em: 12 dez. 2023

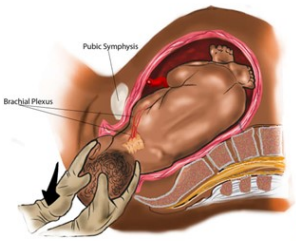
SOUZA, Carla Araújo; CAMARGOS, Liliane Santos de. O ressurgir da fênix: a história do Núcleo de Apoio e Discussão de Gênero e Sexualidade. In: HENRIQUES, F; XAVIER; LEMOS, L. (ORG). **Diversidades na universidade: pesquisas. Práticas e diálogo**s. Bauru, SP; Grandus Editora, 2020, p. 75 – 77.

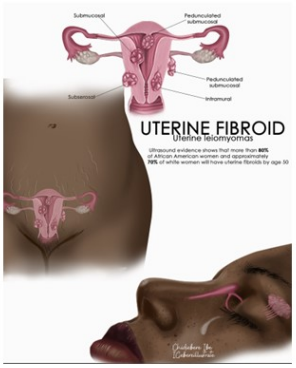
VAGGIONE, J. M; MACHADO, M. D.C; BIROLI, F. Introdução. Matrizes do neoconservadorismo religioso na América Latina. In: **Gênero, Neoconservadorismo e Democracia: disputas e retrocessos na América Latina.** 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 13 – 40.

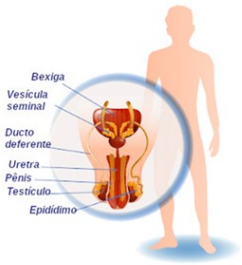
WOLF, Naomi. O mito da beleza: como imagens de beleza são usadas contra as Mulheres. Tradução: Waldéa Barcellos. 15ª edição – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 490p.

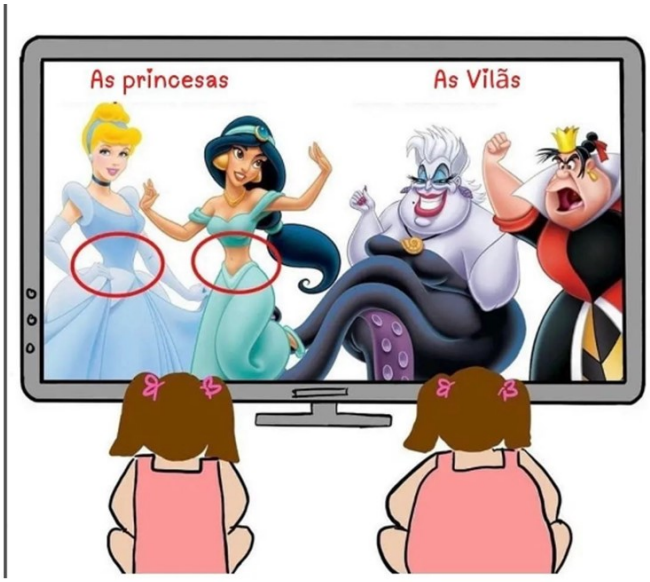
APÊNDICE 1

Imagens observadas para discussão do GM que pudessem remeter aos diversos aspectos relacionados ao corpo de Mulheres cis/trans/gordas/pretas/mães/com deficiência.








As princesas
As Vilãs

QUADRINHOS ÁCIDOS EM:
PRÉ-CONCEITOS
POR PEDRO LEITE
FÁCIL
CHATA
RELAXADA
LÉSBICA
FÚTIL
GULOSA
GALINHA
VULGAR
GLUP!
GLUP!
www.quadrinhosacidos.com.br

DESCREVI UM ESTUPRO E DEPOIS DISSE QUE ERA PIADA...
918.229 VISUALIZAÇÕES
180 MIL
26 MIL
COMENTAR
SALVAR
FOI SÓ UMA PIADA, VOCÊS NEM CONHECEM O CARA E JÁ ESTÃO JULGANDO.
NÃO ACREDITEM EM TUDO QUE ESTA NA INTERNET
GAROTA É ESTUPRADA POR 33 HOMENS..
33
MAS ELA QUIS NÉ? ERA UMA VAGABUNDA, TAVA NO BAILE POR QUE? EU VI NA INTERNET QUE ELA ERA MULHER DE TRAFICANTE
MERECEU SIM
DUDA

- Faculdade
- Trabalho
- Ir ao banco
- Encontrar o Beto
Meu Deus! Será que darei conta de tudo isso?
Tadinha! Tão jovem e bonita presa em uma cadeira de rodas!
@janeladapatty

No bisturi

Brasil é líder em cirurgias plásticas em pacientes na faixa dos **13 aos 18 anos** de idade.

Nos Estados Unidos, **4%** dos pacientes que se submetem a cirurgia estética são adolescentes. No Brasil, esse percentual é de **6,6%**

As operações mais comuns são rinoplastia, plástica no nariz, e aumento das mamas com colocação de silicone.

Nos últimos dez anos houve aumento de **141%** no número de procedimentos entre jovens de 13 a 18 anos.

Pesquisa da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética com cirurgiões de todo mundo revelou que **18,6%** deles já realizou procedimento para aumento de seios em mulheres menores de idade.

Fonte: Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica

1.472.435 CIRURGIAS ESTÉTICAS E REPARADORAS

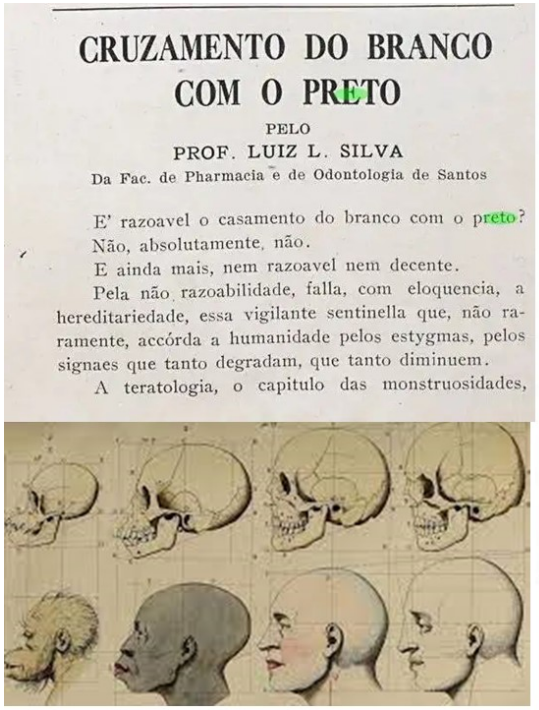
Esse foi o número de cirurgias, como implante de mamas e rinoplastia, feitas só no ano passado. Desse total, cerca de 97 mil procedimentos foram em mulheres com menos de 18 anos.

OS PRINCIPAIS MOTIVOS QUE LEVAM OS ADOLESCENTES A PROCURAREM INTERVENÇÕES PLÁSTICAS:

1. Descontentamento com a estética;
2. Alívio de dores (como o peso dos seios);
3. Influência da internet.

APÊNDICE 2

Imagens e reportagens que remetem aos corpos de Mulheres negras, cis, trans e gordas no que se refere à produção de conhecimento na área da ciência e da saúde.



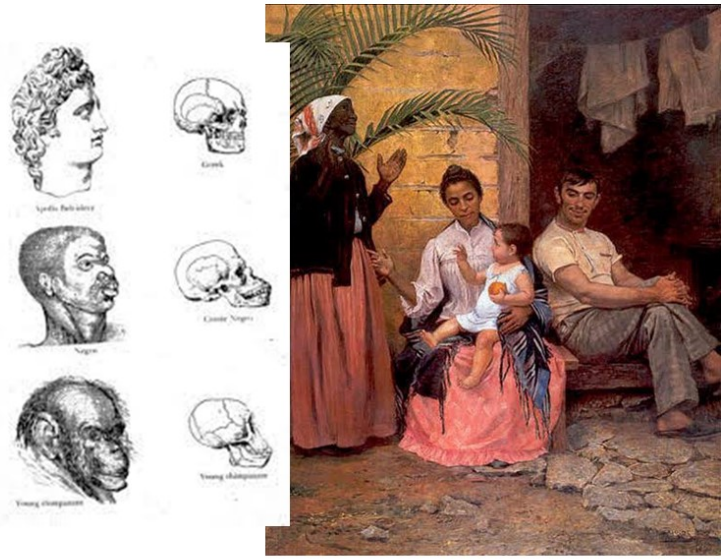
CRUZAMENTO DO BRANCO COM O PRETO

PELO

PROF. LUIZ L. SILVA

Da Fac. de Pharmacia e de Odontologia de Santos

E' razoavel o casamento do branco com o preto?
Não, absolutamente, não.
E ainda mais, nem razoavel nem decente.
Pela não razoabilidade, falla, com eloquencia, a hereditariedade, essa vigilante sentinella que, não raramente, accórda a humanidade pelos estygmas, pelos signaes que tanto degradam, que tanto diminuem.
A teratologia, o capitulo das monstruosidades,



Eugenia e Darwinismo social

James Marion Sims – “pai da ginecologia”

Racismo na saúde: nas maternidades do Brasil, a dor também tem cor

Estereótipos de que negras são mais fortes e resistentes levam mulheres a sofrer com falta de analgesia no momento do parto

POR AGÊNCIA PÚBLICA | 03.03.2020 00H30

Estudo da sífilis de Tuskegee (EUA)

Henrietta Lacks

OMS retira transexualidade da lista de doenças e distúrbios mentais

Publicado em 22/06/2018 17h12 | Atualizado em 22/06/2018 17h13 Compartilhe:

O Ministério dos Direitos Humanos celebra a retirada da transexualidade da lista de doenças ou distúrbios mentais. Neste mês, a Organização Mundial da Saúde publicou a 11ª edição do CID (*Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*), que deixou de incluir o chamado "transtorno de identidade sexual" ou "transtorno de identidade de gênero."

Desigualdade de gênero na área científica ainda é realidade no cenário atual

Geovana Benites, Gabriel Giordani / 13 de junho de 2022

Representatividade | Apesar do avanço em relação à participação feminina, as mulheres ainda enfrentam dificuldades para entrar e permanecer na área científica

Gordofobia médica: como o preconceito na saúde afeta pacientes gordas

A discriminação é antiga, mas só agora ganhou visibilidade; leia relatos de agressões, que podem se desdobrar em traumas a serem superados

Por **Carol Gomes** 24 jan 2019, 18h49

APÊNDICE 3

A transcrição dos encontros do GM é apresentada neste apêndice para que a pessoa leitora possa apreciar com mais detalhes, e na íntegra, todos os diálogos que foram realizados pelo grupo durante os cinco encontros. Reiteramos que, para manter a originalidade e respeitando a essência dos diálogos construídos, mantivemos o texto de forma fidedigna aos relatos realizados pelas professoras/pesquisadoras, apenas utilizando pseudônimos para não identificar as participantes ou pessoas que possam ter sido citadas ao longo dos diálogos.

1º ENCONTRO

Bianca: Pronto! Bom, então vamos começar nosso primeiro encontro. Primeiro, antes de tudo, eu queria muito agradecer a vocês se disporem a tá aqui hoje, né? Eu sei que a vida tá uma loucura, tá uma correria, né? A gente tem outros compromissos, outras coisas pra fazer. Então, agradeço de coração vocês estarem aqui. Tô até emocionada porque são pessoas que são muito importantes pra mim, sabe? E vocês estarem participando desse momento…

Enfim, é foda demais, sei nem palavras. Então, muito obrigada e não só agradecida, mas eu também tô muito lisonjeada, né, de poder ter essa troca com vocês, de poder ouvir o que vocês têm a dizer, né, a gente poder ter esse momento aqui. Agradeço muito, também tô muito lisonjeada. Eu queria começar nosso encontro me apresentando. Vocês me conhecem, mas eu gostaria de apresentar como eu me enxergo enquanto mulher e também apresentar pesquisa. O porquê da proposta da tese, o porquê da proposta desse grupo de discussão. Para vocês conseguirem ter um pouco essa dimensão do porquê de tudo isso. Então eu vou começar falando um pouquinho. Mas aí depois a gente conversa bastante, tá? Então, vocês me conhecem, né? Desde a graduação, a Elisabeth também me conhece há bastante tempo. Eu sempre vivi no mundo em que a mulher buscava ser aquela mulher ideal, sabe? Da propaganda de TV, da revista, da novela, sempre tive uma questão muito forte com a questão do meu corpo, da minha aparência, sempre foi muito forte em mim… E quando eu entrei na universidade eu tive uma explosão na minha cabeça, né? Porque eu comecei a ter contato com outros tipos de Mulheres, com outras formas de ser mulher e que, até então eu eu achava que não era possível, sabe?

E então entrar na universidade e principalmente participar de um grupo de pesquisa que trabalha questões de educação e que tem vertentes que se relacionam com diversidade foi muito importante para eu conseguir me construir enquanto mulher nesse processo. De me formar professora, e por mais que eu não tenha pesquisado até o doutorado, questões relacionadas à gênero, a sexualidade e tudo mais, isso sempre permeou minha formação.

Então, eu sempre participei do Nabisa, do Nugens, das discussões do grupo de pesquisa, no barzinho com os amigos, a gente sempre conversava muitas coisas e isso foi muito importante pra eu me formar como professora também e mudar a minha forma de me enxergar mulher. E muita coisa da forma como eu me vejo hoje mudou ao longo desses anos enquanto eu estive na universidade. E no doutorado eu tive essa necessidade, sabe? De tantas coisas que me atravessaram eu tive essa necessidade de buscar mais respostas. Porque cada vez eu tinha mais perguntas e eu precisava buscar algumas respostas para entender melhor tudo isso, pra me entender melhor também e meu papel como professora nisso tudo.

Então por isso que eu decidi durante o doutorado, com muito custo, um pouco até atrasada, eu decidi qual seria o tema da minha pesquisa, que seria então trabalhar questões relacionadas ao corpo, ao gênero e a ciência. E por que eu escolhi esses três temas? Eles talvez pareçam que cada um tá no seu nicho, mas eles se conectam muito, né? Eles se relacionam muito porque o é o nosso corpo. Ele muitas vezes é visto como um domínio público. Às vezes a gente não tem decisão sobre o nosso próprio corpo. E é uma forma de controle também, nós estamos sujeitas sermos controladas por conta do nosso corpo. Então, o gênero nos atravessa o tempo inteiro. A gente desde muito nova sabe o quanto o gênero nos atravessa, mesmo que a gente não tenha consciência disso. Mas sabemos como isso acontece e a ciência pode vir como uma forma de compactuar com é essa normativa que é estabelecida em relação ao nosso corpo, em relação ao gênero, compactuar e reforçar, né? Esses padrões, essas normas, mas ela também pode servir como algo libertador. Como algo pra revolucionar mesmo. Então, por isso que essas três temáticas implicam e se envolvem muito no que eu quero transmitir com a minha pesquisa e com o nosso grupo, com as nossas conversas. Então esse foi o intuito. Eu acho que o meu objetivo principal com essa pesquisa é amplificar nossas vozes enquanto Mulheres, enquanto pesquisadoras, enquanto professoras. Mesmo que não esteja atuando em sala de aula, mas somos professoras, todas nós aqui e

enfim, esse é meu maior objetivo contribuir para amplificar essa voz e ter um espaço para que vocês sejam ouvidas também, sobre os dilemas, sobre as inquietações que vocês. Enfim acho que nesse momento era isso, para que vocês saibam também a minha motivação. Do porquê eu quis trabalhar essa temática e formar esse grupo. Eu espero que o nosso grupo aqui seja um grupo onde vocês se sintam confortáveis pra falar, pra questionar, pra dizer realmente aquilo que atravessa vocês. Espero que vocês se sintam confortáveis. Espero que esse seja um espaço que a gente possa ter bastante troca. E eu queria saber de vocês: Quem são vocês? Apesar da gente já se conhecer há muito tempo, eu queria saber quem são vocês. Como vocês se percebem e o que que motivou vocês a aceitaram estar aqui hoje. Aceitar participar do nosso grupo. Então, fiquem à vontade para falarem um pouquinho de vocês. Quem gostaria de falar primeiro?

Elisabeth: Quem vai primeiro, gente? Pode ser? Pode ser eu. Ai, bom, primeiro eu quero te parabenizar e também te agradecer pelo convite, né? Porque, eu me vejo nesse tema, né? Na questão da mulher, da questão do quanto nós somos persistentes, e se eu pudesse falar, que tipo de mulher eu sou? Eu sou a Elisabeth, aquela que busca e aquela que é persistente. Porque se eu não fosse persistente, eu não conseguiria chegar nos lugares que eu acredito que eu mereço estar. A gente enquanto professora tem que quebrar sempre barreiras, né? E essa questão da mulher na ciência também. Essa questão sobre como a gente é vista… Nossa, mas foi uma mulher que fez isso? Já começa aí, né? Aí o impacto: “Nossa, mas foi uma mulher que descobriu isso?” E a gente precisa o tempo todo, eu me sinto o tempo todo tendo que provar que eu tenho capacidade para fazer as minhas coisas, né? Então é o convite, né? Logo foi aceito por conta, né? Que eu tô sendo persistente hoje, né? Porque eu tô sendo, eu tô no meu ambiente de trabalho, mas eu tenho o horário para que eu possa me dedicar a essa questão do estudo da forma continuada, mas eu tenho que às vezes brigar por esse direito, né? Eu tenho que persistir, eu tenho que insistir porque se não a gente não consegue ter essas oportunidades. E também que nos encantam, né? Que nos atravessam e que a gente vê a necessidade, porque alguém se espelha em você também, né? E essa questão do corpo a gente nunca tá de acordo com a língua do povo, né? Se você também é muito magro, as pessoas falam, né? “Como você é muito magro.” Eu fui uma adolescente, né? Era magra, demorou muito pra me desenvolver, né? Como moça, né? O meu corpo só pode desenvolver depois que eu fui mãe. Então, a gente tá

sempre tendo que impor algumas coisas. A gente tem, às vezes, os pais que ensinam a gente a lidar com essas ofensas de uma forma como se fosse natural as pessoas te ofenderem, você que tem que ser alheia, você que não tem que ligar: “Ah não dá bola pra isso não.” E eu vejo que tem uma necessidade muito grande de trabalhos como esses, espaço como esse, onde a mulher possa ter voz. E sem nenhum estereótipo de beleza, de corpo, de né? Ai porque como, né? Você é uma mãe, mas você estuda, né? Eu tenho um irmão caçula que ele é bem conservador, né? Gosta do Bolsonaro, e ele falou pra mim: “Agora chega, né? *Cê* já estudou bastante. Agora *cê* tem que se dedicar a sua casa, seus filhos.” Como se eu não fizesse isso, né? E a gente faz. Agora que a Rita é mãe, acho que ela entende o que eu tô dizendo, né? A gente se desdobra, e a gente consegue, justamente porque nós somos persistentes. Nós somos, de certa forma, corajosas e a gente não se conforma com a realidade que não é do que é imposta pra gente, né? Então eu me defino : como a professora Elisabeth, que uma boa parte da minha vida, durante o meu dia, me dedico a carreira, aos meus alunos, eu gosto de ser parceira dos meus alunos, eu gosto de realmente lutar por esses espaços e agora eu tô numa posição que eu consigo. , ter mais é dar mais oportunidades para esses alunos, a gente tá fazendo muita coisa bacana, tem o apoio da minha diretora que ela também é mulher e que ela também tem essa visão de que a gente precisa desses espaços . Ela não é bolsonarista, né? E eu sou mãe de dois também. Sou esposa, sou filha e tô aqui e sou companheira de luta, né? E tô muito feliz de estar aqui com vocês. Passo a palavra.

Bianca: Obrigada, Elisabeth.

Rita: Vou pegar o gancho da Elisabeth, que ele tocou aqui… Boa noite pra todo mundo, pra ficar registrado, também quero parabenizar a Bianca, tanto pela iniciativa de pesquisa, com essa temática tão importante, colocar a gente pra conversar sobre isso, eu me senti muito honrada com o convite de fazer parte, e é muito gostoso ver e acompanhar uns aos outros, né? Ver a gente crescendo, se desenvolvendo eu acho uma delícia, envelhecer tá sendo bom, acho que é muito legal ver os anos passarem, acompanhar as pessoas crescendo e é muito legal ver a Bianca se formando esse mulherão que ela é e estou muito feliz em fazer parte desse momento. Então, obrigada Bianca pelo convite.

Eu sou a Rita, eu sou formada como professora de biologia. Fiz o mestrado, tô fazendo doutorado e também esse convite foi muito importante nesse momento

porque eu acho que nunca como agora essas coisas atravessaram tanto a minha vida quanto essa questão do gênero e do do corpo também porque você gestar uma criança, parir uma criança é uma coisa que modifica o seu seu corpo, e não só modifica o seu corpo aí engordar e emagrecer não é uma coisa que você se vê lá, você se vê nutrindo, e é muito louco, você vê seus cabelos caindo, você vê muitas coisas acontecendo e isso mexe com o seu corpo. E ser professora de ciências e biologia ajuda nesse processo. Eu tenho agora vinte quilos a mais do que eu tinha antes da gravidez. Eu acho que eu lido com isso com uma certa naturalidade primeiro porque eu sou uma mulher magra ainda que com uns quilos a mais, eu ainda conheço isso, mas também porque eu tenho essa noção de que isso é um fator biológico, né? Que eu tô armazenando gordura para gerar, para nutrir minha filha, para ter leite, é uma questão biológica, então tudo isso atravessa. E além do corpo, além da coisa do corpo, essa parada do gênero tá pegando muito agora, como mulher a gente sempre tem que provar duas vezes, né? Igual a Elisabeth falou, foi uma mulher que descobriu isso, mas uma mulher que fez isso, é como se aquilo fosse um uma grande coisa, um grande feito, como se o gênero fosse um um demérito, fosse um porém pra você conseguir algo e a partir do momento que você é mãe, cara, parece que isso é como se fosse um fardo. As pessoas vêem minha filha como um fardo. E eu já ouvi as pessoas falando: “Ah eu não acho que pôr o filho no mundo é uma coisa boa, é um ato de egoísmo.” E para mim, é um ato de esperança, porque pessoas que são racistas, que são homofóbicas, que são injustas, que são machistas, que são… diversos defeitos, né? Então, quando você cria uma pessoa, isso é uma responsabilidade com a sociedade também. Então pra mim, ser mãe é uma responsabilidade social. Criar meus filhos é uma coisa importante, minha filha, meu enteado é um trabalho importante, não é parar a minha vida. E eu tenho enxergado muito isso. Não é o fato das pessoas mais próximas que eu tenho graças a Deus. Mas, várias pessoas veem como se eu tivesse parando a minha vida com esse fardo que é cuidar de um bebê. Pra mim não é. Muito pelo contrário. A partir do momento que minha filha nasceu eu vi que eu dedicava muita energia vital para poucas coisas e eu posso ser mãe, ser pesquisadora e ser esposa, ser filha, ser amiga. Então, para mim isso está sendo muito louco e é isso. Acho que é bem o que a Elisabeth falou, depois que a gente é mãe o gênero atravessa, porque tudo fica: “Nossa, mas será que ela consegue fazer?” Parece que as pessoas contam menos com você a partir do momento que você tem um bebê. E é claro que

tem que mudar, não é a mesma coisa mesmo, eu tenho uma responsabilidade com a minha filha, eu acho que isso não me torna, ou a Elisabeth ou qualquer mãe uma pessoa menos capaz. Ao contrário, sociedade que deveria se adaptar para ter mães também. Porque todo mundo aqui tem mãe. Então todo mundo precisa de mãe. E aí você olha na mídia os pais são vistos como um homem bem sucedido. É um homem que tem uma família. Um homem que não tem uma família é representado como um beberrão, um mulherengo. Então ele tem que ter uma família tradicional, né? Ele tem um emprego, ele tem todas essas *checklists*. A mulher, ou ela faz a escolha de seguir com a carreira ou a escolha de criar os filhos, ou ela faz os dois e aí as pessoas acham que ela não está fazendo nenhuma coisa direito. Então não tem coisa boa. Ou você está abrindo mão de ter uma família para trabalhar. Isso é ruim. Ou você está abrindo mão de trabalhar para ter uma família. Ou você está fazendo os dois de forma incapaz.

Eu imaginei que ia ter essas outras colegas de grupo que são mães há mais tempo para ouvir as experiências e também de estar com a com a galerinha que ainda vive o que eu vivi a pouco tempo atrás porque também é uma mudança muito bruta de estar de repente vivendo só pra pra vida acadêmica, com as amizades, com diversão e tal, tem as partes que a gente sente falta também, então é bom eu também me energizar com vocês. Enfim, é um prazer tá aqui.

Bianca: Obrigada, Rita.

Naomi: Ai, Bianca, eu tentei anotar aqui, eu acho que eu vou me embananar e te dar trabalho na hora de transcrever isso. Vou tentar me organizar.

Bianca: Fala de coração, não se preocupe com isso não.

Naomi: Então tá, então, primeiro eu agradeço o convite, né? Pra mim é um momento muito importante fazer parte desse momento junto com você, da sua pesquisa, e eu me sinto também muito lisonjeada de tá aqui, de ter recebido o convite e de tá com outras Mulheres que me inspiram, né? Desde quando eu cheguei aqui em Ilha Solteira. Então, enfim, agradeço não só a Bianca mas a Rita e a Elisabeth por também participarem desse espaço, né? Então, eu sou a Júlia, a Naomi depende de onde a gente está. Ai, essas coisas às vezes se confundem né?

Sou uma mulher, sou professora, então a minha formação em um primeiro momento da graduação foi em Licenciatura em Ciências Biológicas, depois eu entrei no mestrado, e então eu também, além de professora sou mestranda né? Tô vivendo esses dois momentos ao mesmo tempo. Aí durante a graduação, durante a minha

formação antes de entrar na graduação também, eu participei de alguns espaços que me possibilitaram pensar as questões de gênero, como por exemplo, o Nugens e também questões raciais como o Nabisa e isso tudo me formou enquanto professora. E pra falar a verdade, eu aceitei o convite por ser uma mulher nas ciências né? Nós quatro somos Mulheres na ciência e por estar nesse momento de estar realizando uma pesquisa, então é importante também poder trocar e conhecer outras pesquisas, outras coisas novas e porque as questões de gênero elas sempre me atravessaram, né? E consequentemente as questões do corpo e de pressão estética, e além disso pra poder trocar com vocês, pra poder trocar com Mulheres que como eu, acreditam nesse espaço aqui não só como um espaço de desabafo, de pesquisa, enfim, mas também como um espaço formativo, porque a gente tá conhecendo outras realidades, né? E aí as questões de gênero, agora pensando elas têm me atravessado muito nesse momento porque eu tô ali nos meus primeiros meses dentro de uma escola, né? Sendo realmente professora, não sendo realmente professora, mas estando como eu posso dizer? Estou dentro da escola. É verdade. E aí, né? Isso, exercendo a profissão. E aí, primeiro que as pessoas começaram a me chamar de professora pelos corredores e num primeiro momento eu me assustei muito. E aí algumas questões começaram a aparecer dentro da escola. As questões de gênero não só no tratamento que os alunos me dão ali, porque eu sou uma professora, eu sou uma mulher muito baixa, e então parece que a minha autoridade é menor, eu sempre sou vista como estagiária, eu nunca sou a professora de uma sala de aula, então tô vivendo esse lugar, enquanto aos meus colegas de professorado, sabe? Tem sido difícil porque eu convivo com outros professores dentro da sala de aula, né? Então eu vivo em um grupo. Sou professora em grupo. E aí isso tem sido muito estranho porque eu não imaginava que algumas questões ainda não tinham sido sanadas. É também muito dolorido às vezes que a gente vivencia as coisas, questões de gênero dentro da escola que a gente quando tá pesquisando a gente acha que não tem mais e aí a gente chega e vê como algumas coisas ainda não mudaram, né? Então é isso por enquanto. Sem mais spoilers.

Bianca: Obrigada, Naomi. Muito bom ouvir vocês e eu fico até… Gente, eu estou muito emocionada. Antes eu estava muito nervosa, mas agora eu estou muito emocionada com a fala de vocês. Tá sendo uma experiência muito gostosa, mas estranha, né? Ao mesmo tempo que estar junto com vocês, porque eu tô me emocionando muito, realmente não esperava. Mas é isso, né? Ser afetada. E enfim,

mas é muito interessante perceber que cada uma, dentro da sua realidade tem suas questões, né? E eu acho que são pontos muito importantes pra gente poder discutir também e não só hoje, mas nos próximos encontros, né? E pensando nisso que vocês falaram sobre como vocês se enxergam mulher dentro do contexto, da realidade de vocês eu pensei em passar um um clipe de uma música que eu acredito que talvez vocês até conheçam, não sei se vocês conhecem é da Jupi do Bairro. Não é uma música na verdade, é uma música falada, digamos, né? De um álbum dela e uma música então eu vou compartilhar aqui com vocês, *cês* me avisem se tiver dando certo. Ah o compartilhamento e aí depois a gente conversa mais um pouquinho, tá bom? Sobre como vocês se sentiram em relação a esse essas mídias. Vou colocar aqui pra compartilhar, *cês* só me avisem se tiver dando certo, tá? Tá aparecendo pra vocês?

Rita: Sim, tá aparecendo.

Bianca: Eu vou soltar se se o áudio não sair vocês me avisem, tá? Que a primeira vez que eu tô compartilhando dessa forma. Vamos lá então!

Bianca: Voltar aqui pra vocês, eu vou colocar agora a música da Jupi do Bairro, tá bom? Aí a gente conversa.

Aqui tá a letra da música, né? E esse aqui é o vídeo, né? Mas que na verdade é uma imagem. Então, ai meu Deus. Gente. Calma, começou a tocar uma música aqui de uma janela que abriu sem querer, desculpa. Vou compartilhar de novo. Então, eu coloquei aqui a página, né? Da letra da música pra vocês poderem acompanhar, tá? Vou soltar aqui.

Bianca: Voltei. Vocês conseguiram ouvir, né? Certo. Eu escolhi essas duas músicas, a música falada da Jup do Bairro e também a música da Ekena porque eu percebo que são músicas que que representam muito. Traz muita representação sobre diversas coisas. E eu queria saber um pouquinho sobre como vocês se sentiram, assistindo e ouvindo essa música falada da Jup do Bairro,se isso remeteu a alguma coisa que vocês vivenciaram, na vida pessoal ou profissional de vocês, acadêmica e como vocês se sentem, né? Pensando em tudo que foi falado ali, né? Nas músicas e tal, como vocês percebem isso, né? O que chama atenção de vocês nessas duas mídias

Elisabeth: Ai, as duas músicas retratam um pouco do que a gente estava falando aqui na nossa apresentação, né? E em alguns momentos chega a dar até um desespero, né? De saber que todas nós temos uma história pra contar sobre

algum fato que você mostrou ali na música, né? A questão do cabelo, a questão da sua vestimenta, as escolhas que você faz. E às vezes a gente vê um adolescente com um short curto, a gente tá na escola, né? E é o que eu tava falando no início, às vezes a gente tem que ensinar a se defender de uma forma a não usar aquele short, porque é como se nós fossemos um pedaço de carne que estamos ali prestes a ser devorados. Então, como elas saem no período noturno a gente não pode deixar as alunas né? Porque é até uma questão de proteção, né? E aí a gente trabalha essas questões aqui na escola e elas questionam a gente, né? E elas questionam e falam: "Ah, mas o outro que tem que aprender a me respeitar, né?" E eu acho que esse é o grande foco, o que precisa mudar na nossa sociedade, né? Porque nós somos, de uma certa forma, disciplinadas o tempo todo, né? O nosso corpo, a gente não pode falar o que quer, é proibido a mulher também demonstrar as suas necessidades, né? Como se fosse um direito só do homem fazer isso, suas necessidades, e até enquanto a questão sexual, né? Suas preferências, né? Então, hoje a gente vê o que a música passou é o conflito que isso tem, dessa questão do direito, da gente tá sempre tentando conquistar os nossos direitos. E em contrapartida, eu gosto muito dessa fala do Foucault que ele fala dessa disciplinarização dos corpos, né? Nós somos treinadas de uma certa forma, principalmente a mulher, porque se você fala que nem vê uma menina, igual estava aquela menina dançando, né? Com um short bem curtinho e tal: "A lá ó, tá vendo? Aquela menina ali não deve ter recebido educação dos pais, a lá ó." E a ainda usou o termo, né? Puta, né? Então quer dizer, isso eu não posso ser uma mulher da ciência, porque eu gosto de um short curto, porque eu corto meu cabelo bem curto, né? Então eu acho que essa mensagem ficou bem forte nas duas músicas. Passo a palavra.

Bianca: Elisabeth, como você falou né? Na questão da sua escola, que você percebe muito isso nessa questão da roupa das meninas da roupa, e como lidar com isso né? E como você percebe essas questões na sua experiência como professora? Você já vivenciou, além dessa questão do short, você já vivenciou alguma coisa na sua sala de aula ou algo que tenha te marcado muito em relação ao corpo, em relação ao gênero, além dessa experiência com o short que você comentou?

Elisabeth: Sim, a gente sempre vê, principalmente quando você falou da questão do corpo quando a gente está acima do peso, né? Na música ainda ficou bem focada a questão do de usar quarenta e quatro. Eu sou uma mulher que usa quarenta e quatro hoje. E eu me sinto muito bem com isso. Né? E a gente vê

principalmente essa questão. E aí vem a questão do bullying também. Não sei se é pertinente, mas enquanto professora de biologia, eu sempre procurei mesmo, minha vida toda, sempre trabalhei, parava a aula e começava a conversar com os meus alunos sobre aquela ação. Eu acho que a menina não tinha que ficar quieta e deixar como meus pais me ensinaram que eu não tinha que dar ouvidos. Pelo contrário. E também não deixar aquilo afetar. Nós temos hoje depois que voltou às aulas principalmente muitos alunos com problemas emocionais por conta da pandemia né? E eles voltaram, eles voltaram acima do peso. Então, até a questão deles se vestirem mesmo mudou também. E isso é muito ruim porque o aluno que é ofendido, o que a gente pode fazer pra ajudar? A gente chama pra conversar, a gente faz todo um processo, né? Mas eu me sinto muito mal quando isso acontece. Porque eu penso: "É, eu sou mãe." Hoje tudo que eu aprendo eu passo pros meus filhos. Meus filhos já conhecem Michel Foucault, um aos nove anos de idade e a outra aos dezesseis, está lendo o Vigiar e Punir de tanto eu falar sobre o livro. Eles defendem questões que eu na idade deles nem sabia que eu podia estudar sobre isso, que eu podia dialogar, ler e entender também. Igual a uma parte da música que fala "que a gente não tem culpa do que está acontecendo" De como a gente se veste. Mas nós já tivemos inúmeras, principalmente em relação ao peso. As meninas que, de repente, hoje estão voltando com o cabelo enrolado. Porque também, eu acho que é tudo fruto de um trabalho que está acontecendo com as novelas, a questão até da mídia, né? O que tá passando, porque melhorou muito, pra gente que é mais antiguinho, porque vocês são muito meninas, né? Mas eu falo, porque sou a mais velha aqui do grupo. Mas a gente via que a tendência era o cabelão liso. E até alunos que eu nem conhecia que tinham cabelo enrolado. Então, eu eu acredito que quanto mais abrir o espaço de diálogo, principalmente pro adolescente, trabalhar com ensino médio, para que ele possa compreender que o problema não está nele. Porque o cabelo é enrolado e fim. São questões. Eu teria muitas histórias. Muitas Marias, muitas Joanas, muitas Marías… São alunas que a gente presenciou que não queriam vir para a escola porque o pessoal da sala fazia bullying. Hoje é chamado de bullying. Na minha época falava sarro. Estava tirando sarro de você, fazendo chacota e se você não está de acordo com a língua do povo ou com uma suposta identidade que a sociedade cria, você é um é um bicho, né? Você é um patinho feio. Então na hora que você foi passando a música, tudo me deu essa sensação de desespero também. "Uai, eu não posso escolher a cor da roupa que eu quero usar, por quê?" O que está

certo? Então eu sempre me faço essa pergunta também. Às vezes eu coloco uma roupa e às vezes eu fico pensando: “Nossa, se eu for com essa blusa vai ficar muito decotado. Eu estou com uma blusa decotada.” E na música falava sobre o decote. “Ah mas como que você vai chegar perto do seu patrão?” Na minha época a gente recebia uma espécie de treinamento para trabalhar. Então, qual a roupa que eu deveria vestir, para ir dar aula, por exemplo? Não podia usar blusa que fosse regata. Então são tudo coisas que são impostas e sem a gente perceber a gente acaba aderindo como se aquilo fosse normal. E é nessas discussões, principalmente depois que eu vim para o Gepac, eu vi que não tava nada normal e que eu precisava mesmo dando aula de biologia, eu precisava introduzir essas questões nas minhas aulas. E é isso, passo a palavra.

Bianca: Obrigada, Elisabeth. Rita? Júlia, Naomi?

Naomi: Acho que eu vou. Posso ir?

Bianca: Pode.

Naomi: A primeira música me caiu, mesmo que ela seja muito dolorida, me caiu como um abraço. Ah, porque a gente está exausta, a gente tem medo de andar na rua, a gente tem que lidar com comentário no trabalho, a gente tem que ensinar nossos companheiros, gente tá acabada, a gente não aguenta mais e aí vem essa coisa, né? Daí a música fala: “mulher a culpa que você carrega não é tua, divide o fardo comigo.” Aí dá aquele alívio. Então, me caiu como um abraço um pouco dolorido, mas ainda como um abraço. E a segunda música eu fiquei pensando muito. A gente só sabe o que a gente não pode. A gente nunca parou pra pensar no que a gente pode. Isso também é uma coisa muito dolorida porque é que a gente, mulher, sendo mulher cis ou trans, a gente não só sabe o que a gente não pode, a gente não tem noção do que a gente pode do que a gente é capaz, sabe? Então é muito difícil estar nesse lugar. Aí, fiquei pensando nisso na segunda música porque como Elisabeth falou, ela teve que fazer essa formação pra ver como ela ia se vestir na escola, né? Os meus meus companheiros não tem que pensar como eles vão pra escola trabalhar. Então é muito difícil vencer isso, a gente tem que pensar como que a gente vai pra escola trabalhar, a gente tem que pensar como a gente vai sair pra não ser violentada na rua. Ai, eu estou muito cansada, gente. E aí veio todo esse cansaço, essa essa raiva. E aí hoje por exemplo eu vivenciei um momento muito difícil no meu trabalho porque um companheiro meu de trabalho disse que a gente deveria usar mais luz na hora de fotografar pra parecer mais magro. Por que a gente

tem que parecer mais magro? No fundo qual é o problema do corpo gordo? Por que ele tem que ser escondido, sabe? Então a gente tá vivendo esse momento é muito importante pra mim, até pra eu desabafar, descarregar esse momento que eu vivi e é isso.

Bianca: Obrigada, Naomi. Muito importante também tudo isso que você falou e Rita, se você quiser aproveitar pra falar, pode ficar à vontade.

Rita: Desculpa, é que eu dei uma levantadinha, ela acordou pedindo mamá.

Bianca: Não, tudo bem!

Rita: É, então, a primeira música eu já conhecia, e a mesma frase que a Júlia falou, foi a hora que eu me arrepiei e eu falei: "Nossa, é isso né?" É uma culpa que não é não é nossa, não é um fardo nosso né? Uma coisa que a gente vive que a gente está tentando combater e se exaurindo sem conseguir. Então, a primeira música faz a gente pensar muito nisso, mas é legal ver a escolha artística, né? , a diversidade de Mulheres que tem ali, de corpos, de cores, de tudo, né? Um clipe muito diverso e isso é bom também, a gente vê essa diversidade, porque a gente é bombardeado nas mídias, em tudo com o mesmo tipo de mulher, parece que a gente tá sendo mulher errado, né? Eu tô sentindo muito isso também, depois de ser mãe, que eu não consigo fazer certas coisas, parece que às vezes eu não estou cuidando de mim porque eu não não fiz a minha sobrancelha, não fiz a minha unha, não hidratei meu cabelo, mas isso é porque eu só convivo com a internet, eu falo, mas também é autocuidado eu aproveitar um momento que minha filha dorme pra eu assistir uma série, pra eu ler um livro, autocuidado não é eu ir pro salão, não é só isso, sabe? E as pessoas me cobram isso, esses dias eu fui no salão cortar o cabelo e a moça: "Não, porque você tem que se cuidar, *cê* tem que vir mais aqui." Mas, me cuidar não é ir ao salão, me cuidar são outras coisas, né? Então a primeira música eu fiquei pensando muito nisso, e na segunda aquele texto lindo, a gente fica… fiquei lembrando mais da vida acadêmica, das discussões teóricas que é um espaço também que eu sinto muita falta. O que a Júlia falou no começo, falei "Nossa, é mesmo." Quanta coisa ali a gente vivenciou, aprendeu, então é cada trecho que eu via lendo ali e ouvindo foi me remetendo essas discussões teóricas mesmo do que é se tornar mulher, né? Do que é ser um homem, de como a gente vive as nossas sexualidades. Então, eu fiquei lembrando muito disso, pensei numa disciplina que eu fiz recentemente no programa, que a gente usou como caso sociocientífico, o caso que é um um dispositivo intrauterino que é tipo uma espécie de anticoncepcional e

causou um monte de problema nas Mulheres, de cirurgia, de perder o útero. Então, a disciplina inteira foi em torno desse caso, né? A gente ficou pensando sobre como o corpo da mulher, como se não bastasse ele ser público no sentido de todo mundo ter responsabilidade, de você não ter aquela opção de opinar no seu corpo, no que você faz, nos filhos que você tem ou não tem, e além disso, ele também é uma propriedade do mercado agora, né? *Cê* tá ali a disposição de ser experimento de métodos anticoncepcionais e coisas do tipo e isso é muito bizarro! Sendo vendido como uma liberdade sexual. A gente vai pensando em muitas coisas.

Bianca: Obrigada, Rita. Algumas coisas que vocês falaram, que também foi algo que que me tocou muito com essas duas músicas, é que foi quando a Naomi falou que a gente só sabe o nosso corpo não pode, né? Desde sempre: “Ai, não pode sentar de perna aberta, não pode usar decote demais, não pode usar saia curta demais, não pode usar camiseta larga demais.” A gente só sabe o que a gente não pode e não só em relação a aparência, né? A gente não pode, sei lá, querer ser mecânica, a gente não pode não querer ter filhos, né? A gente não pode ter filhos e também investir na nossa carreira ao mesmo tempo, né? Então, foi uma fala da Naomi que me pegou muito, que também é uma fala muito forte, né? Que eu parei, a hora que ela falou, nossa, é verdade, a gente só sabe que a gente não pode, né? Muito diferente talvez de homens e meninos, né? Que podem ser super-heróis, podem ser o que quiserem desde muito pequenos, né? Então é algo que chama muito a atenção. Pode falar, Naomi.

Naomi: É isso, Bianca. Acho que pensando, estruturalmente, as nossas crianças, por exemplo, esses tempos atrás eu fui comprar um presente pra uma priminha minha. Aí, fui na loja de brinquedos. Aí chegando lá é um terror, né? A gente sai de lá querendo chorar, querendo quebrar tudo porque as opções de brinquedos de menino com muitas aspas é, coisa de médico, é coisas relacionada a profissões, que são vistas como masculinas, sei lá, coisas sobre engenharia coisa nesse sentido. E os brinquedos femininos: fogãozinho. Eu vi um brinquedo feminino com muitas aspas de novo, era um negócio de lavar louça,é isso que a gente está ensinando para as nossas crianças. Que tem que lavar louça e não ser engenheira, sabe? Então, é isso a gente não sabe nem o que a gente pode ser mesmo. E isso me assusta muito porque além de ser muito dolorido parece que a gente está lutando à toa. Quando a gente olha para realidade, lógico que eu sei que a gente não está

lutando à toa e que são passos lentos mesmo. Mas, nossa, eu estou muito cansada. É muito cansativo. Passo a palavra para a Rita.

Rita: Ah, é só me lembrou que no primeiro ultrassom que eu fiz, o palpite da médica era que minha filha era um menino, né? E eu decidi que eu queria fazer o enxoval do quarto, as coisinhas de astronauta. Mas não era porque era um menino, porque a gente achou esse tema legal. E aí, a partir do momento que descobriu que ela era uma menina, falavam: “E agora? O que você vai fazer?” Eu falei: “Uai, astronauta tá definido o tema, vai ser astronauta.”

“É, mas é menina, vai fazer de astronauta?” E eu falei: “Mas não tem astronauta mulher? Tem pouco, mas devia ter mais, né?” Aí que tem que ser astronauta mesmo o tema porque tem que ter mais, e eu quero que a minha filha saiba que ela pode ser o que ela quiser. Aí eu fui ver as imagens pra fazer a decoração do chá de bebê dela e fazer convitinho essas coisas, e se vocês pesquisam figuras de astronauta meninas, elas são todas cientificamente incorretas porque elas têm que ser belas, né? Astronauta não pode estar de cabelo preso, então o cabelo sai pra fora do capacete. Aí esse astronauta vai explodir a cabeça, né? E aí, se a minha filha tiver brincado de astronauta ela tem que ser uma astronauta burra, ela tem que achar que pode estar com o cabelo solto no espaço. Gente, foi uma tristeza, mas é isso, criar uma filha é isso. Aí você vai comprar roupa, a maioria das roupas é extremamente marcando o gênero, não tem não tem pra onde fugir. Tem a Elisabeth que tem filho sabe, vocês que quiseram e tiverem filhos, *cês* vão perceber, é extremamente marcado, tudo é extremamente marcado. Se você ganha as coisas também, minha filha tem uma priminha seis meses mais velha que ela. Ela ganhou o enxoval inteiro, fazer o quê? Eu não vou usar? E é isso gente, é isso, é tudo muito marcado, mas essa coisa do brinquedo eu sempre tive com os meus sobrinhos também, é muito triste, cara, é só boneca, casinha, e comidinha, e os meninos não, né? O problema não é brincar disso, é que só as meninas brincam.

Elisabeth: É, tem a máquina de lavar também, tá gente? Quero dizer, tem geladeira nos brinquedos, né? Então, isso também eu acho que é bem marcado, bem lembrado isso daí, é porque as meninas não podem escolher as profissões dos meninos, né? É muito legal o carrinho de controle remoto, mas menina vai usar carrinho de controle remoto? Ué, mas ela não vai dirigir o próprio carro? Né? Então eu acho, são paradigmas que devem ser quebrados e nós enquanto Mulheres que

estamos criando os nossos filhos, eu acho que muito o que falha, né? Que nem é essa criação, é essa fala, é não deixar essas falas machistas tomarem conta da cabeça dos nossos filhos, para que eles cresçam achando que a mulher tem que ser submissa a ele, em casa meu filho lava a louça. Tem o dia da minha filha, mas também tem o dia dele, que lava banheiro também. Eu acho, é na criação dos filhos. Agora se você também permite, né? É permissiva que essas, digamos, é como se fosse perpetuado o negócio, passado gerações em gerações, se você contribuir com isso, aí já é o nosso papel também enquanto Mulheres que estão lutando por esse espaço já deixa de ser, né? Eu penso, né? Se não, o que a gente tá querendo? A gente ajuda a fortalecer esse tipo de comportamento. Ah, ela foi estuprada? Ai, porque ela estava usando uma saia curta, porque se ela não tivesse usando essa saia curta ela não teria sido estuprada. Como se a culpa ainda fosse da vítima. E é uma inversão de valores, uma inversão de papéis e muitas vezes você vê Mulheres tendo esse tipo de fala, esse tipo de comportamento, e não um comportamento de também exigir os seus direitos enquanto mulher. Né? Que ocupa esses espaços. Passo a palavra.

Bianca: É realmente, né? E é tudo muito monocromático, né? Ou é rosa ou é azul e não tem mais nada além disso. É desesperador, né? Eu tô com a minha sobrinha também, tem um ano e seis meses mais ou menos, e é muito desesperador também quando eu quero comprar alguma coisinha pra ela. A minha cunhada tem muito essa questão, né? De querer que ela case, ela é louca pra comprar uma cozinha pra ela, sabe? Então é bem marcado. E só contando uma experiência que onde eu trabalho, na minha escola tem muito caso de meninas grávidas, né? Tanto no EJA, que às vezes tá grávida, mas já tem outros filhos, meninas de vinte e poucos anos, mas as meninas do ensino médio regular também, que ainda têm menos de dezoito anos e estão grávidas, ou já tem filhos e é muito é interessante perceber o comportamento da escola em relação a essas meninas. Então, quando a menina tem filho já está no EJA, tá ali batalhando, né? E ela precisa faltar, porque o filho ficou doente, perdeu alguma coisa, tipo, os professores vão pra cima tipo: “Ai, quis ter filho, perdeu a vida e tudo mais.” Tem um comportamento muito hostil com essas meninas. E eu percebo isso até da minha coordenadora, né? Uma das minhas alunas tem um bebê pequeno e ela ficou grávida de novo e ela foi desabafar com a minha coordenadora, né? E ela estava me contando essa semana, e aí ela falou que queria fazer faculdade, estava muito empolgada falando que ia fazer e a minha

coordenadora falou: “Ah, você quis fazer filho, como vai fazer faculdade agora?” E, uma coordenadora, né? Então, eu nunca vi ela comentar sobre isso dos meninos que são pais. Ela não tem esse tipo de comportamento com eles porque a responsabilidade é sempre da mulher, né? De cuidar do filho, de cuidar da casa e os homens são isentos dessa responsabilidade. E outra coisa também que me chamou muita atenção, foi a Rita falando,que às vezes parece que a gente tá sendo mulher errada, né? Quando eu pensei na temática da pesquisa, eu quis tentar encontrar na minha vivência um pouco sobre como eu me sinto mulher, como que eu me descobri mulher. Eu sempre tive muito essa sensação de que eu estava sendo mulher errada, porque eu nunca fui uma pessoa que gostava de rosa, que gostava de brincar de boneca, nunca fui muito delicada. Eu não me encaixava, sabe? E aí ficou muita pergunta na minha cabeça, o que é ser essa mulher então, né? E eu fui começar a perceber o que poderia ser mulher quando eu entrei na universidade, que eu vi outras realidades, outras possibilidades de ser mulher, e isso me marcou muito. Que não tem uma forma errada de ser mulher. Pô! Cada mulher é uma mulher diferente, né? Tem a sua forma de vaidade diferente, o seu autocuidado diferente, né? E é muito triste a gente querer encaixar tanta vivência, tanta experiência numa caixinha só, né? *Cês* queriam comentar mais alguma coisa?

Vocês falaram também em relação à participação no Gepac, nos núcleos, no Nabisa, e principalmente no Nugens que trata as questões de gênero e sexualidade e como vocês percebem essa relação da participação no Gepac, nos núcleos com tudo isso que vocês vivenciam? Em relação ao gênero, em relação ao corpo, vocês acham que teve alguma influência, que virou alguma chavinha, ou que, enfim, como vocês percebem a atuação desses grupos? Da participação nesses grupos, de se tornarem pesquisadoras na área de educação, com essas temáticas? De corpo, gênero e ciência.

Rita: Eu acho que mudou cem por cento. Eu não consigo, não consigo nem dizer o que mudou porque acho que está tão emaranhado, tão embaralhado com quem eu sou, participar dos núcleos, do Gepac… É até difícil pontuar o que mudou, mas é uma coisa que é tudo, é tudo que eu pesquiso, tudo que eu penso, tudo que eu olho, tudo que eu faço no dia a dia. Começo a olhar como essas questões estão atravessadas por conta da participação, por conta da troca com as pessoas que fazem parte. Então, mesmo que seja uma questão que não diz respeito a mim, necessariamente, mas se eu já ouvi na experiência do colega aquilo ali, eu já começo

a olhar para aquela questão de outra forma. Não é o tempo todo, principalmente na na coisa da pesquisa. Eu nunca tive no meu mestrado, no meu doutorado gênero e sexualidade, não é um tema central. Mas tudo que eu leio eu fico olhando, fico procurando, tudo que eu vivencio, tô vendo como isso tá atravessando, ainda que não seja um tema central da pesquisa, porque faz parte, né? E aí eu sempre percebo também nas disciplinas, em tudo que eu faço, não facultativamente, né? Porque eu sou obrigada a fazer, mas eu tenho um pouco mais de liberdade para explorar. Vou fazer um trabalho final de uma disciplina e eu posso escolher o tema, e eu vou fazer um capítulo, um negócio, um trabalho para um evento. E vou me voltando para essas vertentes. Essa questão do gênero principalmente. Sempre, sempre é uma coisa que naturalmente vou sendo levada a pensar e eu acho que é justamente por ter participado desses espaços que prezam tanto essas discussões, né? E o Gepac também, de várias formas, não só na questão do gênero, mas também da inclusão de diversas temáticas que outros grupos não priorizam. Eu acho que esses esses espaços de formação que a gente vive priorizam muito e isso vai moldando quem a gente é, como a gente olha pro mundo. Como a gente olha pras questões, apesar de não ter essa vivência diária de sala de aula igual a vocês, o meu companheiro é professor, professor de ensino básico, então ele chega em casa e fala: “Ah, você não sabe…” e ele reclamando esses dias de como sala dos professores não tinha conversa pedagógica, que ele queria que tivessem tratando as coisas de forma pedagógica e como não tratam ele fica na dele e aí começam cada dia uma conversinha idiota. Esses dias foram as Mulheres falando: “Você vê como a mulher é pelo banheiro dela, porque a mulher asseada, o banheiro sempre tá limpo e não sei o que lá.” E ele na dele. “*Cê* não acha Virgílio? *Cê* não acha?” Ou: “Que a fulaninha tá usando muito short curto.” E eu vou olhando essas coisas… E eu falo: “Mas e aí, o que você fala? O que você fez?” Ele já é militante do grupo de amigos. Porque se ele me mostrar um negócio atravessado, eu falo, mas agora é sua função enquanto homem falar, problematizar isso que enviaram, né? Esses dias mandaram no grupo dele alguma coisa lá sobre sobre uma mulher trans e ele me mostrou indignado. Eu falei “Agora expresse sua indignação para com o grupo. Não só para comigo. É que vocês se educam.” Mas, isso é o Gepac, isso é o Nugens. Não que antes eu fosse uma pessoa extremamente preconceituosa e machista e homofóbica, mas eu não pensava nisso porque isso não estava me atingindo diretamente, então eu não pensava nisso. A partir do momento que você começa a estudar e ver

pessoas que vivem isso todo dia, você começa a se importar. Você perde aquela dor pra você. Então essas dores são todas minhas hoje. Ainda que eu esteja vivendo numa família tradicional brasileira, que é pai, mãe, filha e filho fora do casamento. Eu vivo em uma família tradicional brasileira. Então ainda, questões me atravessam, porque elas atravessam os meus, atravessam pessoas. Então, eu acho que isso são os núcleos, o Gepac.

Elisabeth: Ai, gente, eu sou suspeita de falar. Eu sempre me emociono quando eu lembro que eu nunca tinha ouvido falar, né? Sobre as questões que vocês estudavam lá no Gepac e foi uma coisa que me encantou, porque embora eu não concordasse, eu não sabia que eu podia não concordar. É estranho, né? É engraçado até falar, mas eu não sabia que eu poderia questionar e que tinha gente estudando sobre isso, tinha gente lutando por essas causas e é como se eu tivesse andando por aí alienada, achando que a vida era essa "normalidade" mesmo, né? Não aceitar, mas dane-se, né? A minha opinião, porque todo mundo pensava daquela forma e quando eu entrei no grupo eu tive muita dificuldade no início pra também entender como que era essas questões porque tinham nomes, e eu não sabia nem os nomes e eu não me conformava de até aquele momento não ter ouvido aqueles nomes, não ter ouvido aqueles pesquisadores. Aquelas pessoas da área da educação que estudavam isso porque não aparecia nos documentos que eu tinha que ler no meu trabalho, né? Enquanto professor da rede pública estadual, né? E isso foi mexendo com a minha percepção. Então, eu fui mudando minha forma de pensar, e também fui contagiando quem estava do meu lado. E pra mim foi uma certa libertação. Porque eu podia ajudar meus alunos e ainda falar, fulano de tal fala isso né? Tem a lei tal que também defende isso, não pode acontecer isso aqui na escola. Por mais que lá no grupo a gente discuta questões, que parecem tão atuais, eu vejo que dentre os professores, a gente não tem isso, não tem essas falas, não têm esses espaços e nós vamos fazer uma roda de conversa sobre questões de gêneros, né? E o meu gestor pediu pra mudar o nome que não podia colocar isso porque senão, o que os pais vão achar dessa conversa que vai ser feita aqui na escola e isso partiu também dos alunos, eles queriam discutir essas questões até pra poder falar de respeito pra falar de liberdade de expressão e aquilo eu achei que era super pertinente né? Nós poderíamos fazer mas desde que nós não usássemos a palavra. E aí eu olhei pra ele e fiquei pensando, eu também já fui de não saber do que está falando, mas eu não era ignorante a esse ponto, de não deixar o aluno se pronunciar.

O que ele tava sentindo. Eu sempre fui, eu acho que a gente tem que ouvir o outro, né? Então, é umas coisas que eu acho que todo mundo tinha que fazer parte do grupo, às vezes eu vou em alguma formação ou eu tô lá no Gepac, e eu vejo alguém falando sobre o currículo, por exemplo, que é algo que me atravessa muito, né? Embora ainda não tenha condições de discutir como vocês discutem lá, mas eu vejo que a coisa tá cimentada. Sabe aquela coisa bem rígida, que não deixa passar? Não, mas não pode falar isso? Não, porque a nem todo mundo quer a família tradicional brasileira. E será que existe essa família tradicional? Porque eu atendo todo mundo, todos os dias aqui na escola, quando eu tava como professora, eu não via certas coisas. E agora, eu vejo umas coisas, eu ouço umas coisas que eu falo, meu Deus aonde que tá essa família perfeita? Porque eu não vejo essa família perfeita nos meus alunos. Eu vejo muitos conflitos de gente normal. Né? Que eu me considero uma pessoa normal. Normal pra mim é viver com esses conflitos. É a gente entender que todo mundo tem uma certa fragilidade e que a gente precisa mudar muita coisa na nossa sociedade porque senão não, não sei onde a gente vai parar. A gente tira por essa questão. Eu estou com o olho ardendo, tá meninas? Eu troquei de óculos, então… Então a gente vê, ouve umas coisas na própria televisão, esses debates que estão tendo sobre política e eles falam muitas coisas e eu vejo, que a escola é alvo de tudo isso. Tem que ser modelo. Aí eu nunca tinha lido nada que falasse que isso era o modelo e lá no Gepac, em uma disciplina apresentou um pesquisador pra gente que falava dessas coisas de perpetuar. Só que eu estava vendo que eu estava ajudando a perpetuar coisas erradas. Né? Omitir certas coisas que deveriam ser feitas na escola. Como discutir, e não basta a gente falar que tem que respeitar. É como se eu tivesse concedendo um direito, como se eu fosse desse poder, aquela razão, você que tá errado, mas eu te concedo, né? Você não tá no peso, ou você não tá de acordo com as regras, como você falou do casamento, né? O que é o casamento, gente? Se a gente for analisar é você entrar na igreja toda de branquinho, mostrar pra sociedade que você casou, mas o que faz o casamento? É convivência todos os dias, é você saber respeitar o espaço do outro, você ter um espaço aberto de diálogo, e tantas outras coisas que constrói o casamento. E às vezes a gente passa pros nossos alunos que a vida é como se fosse uma linha de produção. O menino entrou na escola, ele estuda, depois ele vai pra faculdade, vai se casar, vai ter filhos, vai ter cachorro, né? E ele vai trabalhar também pra continuar mantendo esse sistema, né? E aí ele vai ficar velho demais para realizar os sonhos

dele, ele vai morrer, porque tá cheio de doenças de tudo que ele contraiu durante toda a sua vida pra trabalhar, trabalhar, trabalhar e trabalhar, porque nunca tá suficiente, nossos salários são injustos, né? Mas isso é normal, a sociedade prega que é normal. E eu me vi desse jeito no Gepac que eu estava dentro, estava fazendo parte dessa linha de produção. Então, os alunos chegavam, eu ajudava a formar, e era currículo… E hoje eu vejo isso com outro olhar. Às vezes quando eu tô fazendo alguma coisa aqui até com os professores também eu fico pensando "Mas eu estou ajudando a subverter esse sistema de alguma forma?" Porque eu me ausentar desse lugar e falar, não, isso aqui não é pra mim, não vai resolver nada. E as discussões me fortalecem. Geralmente eu amo participar das reuniões. Eu gosto de ouvir as pesquisas que os meninos estão fazendo e eles sabem tanta coisa bacana que eu não tive, por muito tempo eu não tive isso, e agora eu tô tendo e eu sou muito grata por isso, né? Eu sou muito grata porque até na criação dos meus filhos eu também mudei, né? A forma como eu tô preparando eles, não é pra tá na linha de produção, tô preparando eles para pensar, eu tô preparando eles para respeitar, de uma forma que isso seja enraizado. Acho que eu consegui expressar, né? É como se fosse algo concedido, como se coloca numa posição que você é soberano e os outros subalternizados, né? Se você é pobre, se você é professor, você não tinha dinheiro pra estudar, você resolveu ser professor? Nossa, você fez mestrado, mas aonde? Ah, na educação. como se fosse uma categoria bem subalternizada, né? Então eu acho que é a partir daí. Então, o Gepac me ajudou a entender e também qual era a minha responsabilidade enquanto professora, e também para defender as professoras que atuam dentro da sala de aula, né? Eu não quero ser vista tradicionalmente como naturalmente maternalista, né? Ah, ela é professora porque ela é mãezinha e não é bem as coisas, né?

Bianca: Obrigada, Elisabeth.

Naomi: Gente, é difícil. Eu tive a sorte de nascer numa família com uma mãe feminista. Então, eu sou um ponto que é um pouco fora da curva, quando a gente pensa nela no geral. Então, eu cheguei dentro da universidade e eu tinha muitas questões resolvidas não, mas eu já sabia sobre muitas questões, né? E aí quando eu adentrei ao Gepac, e aos núcleos eu acho que foi um um lugar de aprofundamento teórico primeiro, né? De estudo mesmo e enxergar que a gente também tem que estudar essas questões, não está só no âmbito subjetivo, e também além de aprofundamento teórico, de ter um olhar mais atento porque quando

a gente chega na universidade a gente dá de cara com um universo muito machista né?A maioria dos nossos professores são homens, brancos, héteros e aí eu comecei ter esse olhar mais atento e a ter mais aprofundamento teórico também, e pra além disso, ver que várias pessoas vivenciavam o mesmo que eu vivenciava e pensavam também da mesma forma então, pra mim foi importante isso e aprender a me posicionar também e a importância que tem de se posicionar dentro de uma sala de aula, no bar em todos os espaços que a gente vive. Eu acho que dentro dos núcleos eu aprendi que não adianta a gente entender só pra gente, né? Que a gente tem que coletivizar esse conhecimento.

Bianca: Engraçado que ouvir vocês falando sobre a participação do Gepac e o quanto isso foi importante pra vocês. Eu mudei muito minha percepção de tudo, né? Quando eu cheguei na universidade. Eu vivia num mundinho, uma redoma, né? Que é aqui minha cidade. As coisas sempre da mesma forma, as pessoas com os mesmos pensamentos. Então, ter essa vivência na universidade foi algo muito explosivo pra mim. Foi muito bombástico, digamos. E eu tinha uma visão muito romantizada de tudo, né? E as cutucadas que a gente leva quando participa do Gepac, ou do Nugens, ou do Nabisa e é uma coisa que incomoda, mas é um incômodo que, não que você fique incomodado, mas que você percebe que é necessário, sabe? Para ter esse incômodo, é necessário colocar o dedo nessa ferida, né? Não é um processo gostosinho. Um processo muitas vezes doloroso, a gente se coloca no lugar de pessoa privilegiada, a gente também se coloca de vítimas, né? De muitas opressões que antes, de muitas coisas que aconteceram, principalmente na minha adolescência, eu não tinha a menor dimensão do que tinha acontecido, né? E eu fui perceber isso anos depois, depois de participar do Gepac, depois de participar do núcleo, né? De violências que a gente sofre diariamente, microagressões e que colocam a gente num lugar muito pequeno. E perceber isso também durante esse processo formativo e de desconstrução também é muito dolorido né? Muitas vezes o grupo também tem esse papel de acolher. De pessoas que estão ali, tendo as mesmas vivências, percebendo as coisas da mesma forma, né? Não pensando igual, né? Mas é estando ali juntas, né? E acolher pessoas também, né? Como a Elisabeth colocou que antes ela vivia e sentia muito alienada, e ter esse acolhimento também eu acho que é importante. Para nos tornar um grupo fechado com as pessoas que pensam igual, que estão todas nessa mesma caixinha, mas também é necessário abrir esse diálogo com outras pessoas, com outras

vivências, com outros contextos. E eu queria saber um pouquinho de vocês também como vocês se percebem Mulheres, professoras e pesquisadoras. O que isso significa para vocês? Vocês já falaram bastante, mas, o que que significa esses três adjetivos para vocês?

Elisabeth: Ai, gente, é uma mistura de sensações que eu acho que é difícil a gente achar palavras pra conseguir definir todas essas emoções, né? Primeiro é aquilo, eu consegui, né? Porque como a gente foi falando durante o início, pra gente é tudo muito difícil principalmente porque a gente ocupa certas funções dentro da sociedade que é esperado da gente, né? Esse exemplo de mulher, esse exemplo de mãe. O que é ser uma mulher boa na sociedade? É uma mulher que sabe cuidar bem da casa, do marido, dos filhos. Enfim, muitas atribuições. A minha profissão, como professora, como uma professora que pesquisa, uma professora que contribui com a formação dos seus alunos, a gente precisa também dessa base de formação para que a gente consiga abrir esses espaços de diálogos para que os alunos também se percebam, né? Mas como assim, se percebam? Porque às vezes nós somos tão cobrados para cumprir o currículo que esses espaços de diálogos muitas vezes não acontecem, né? Porque somos pressionadas a terminar. Então como eu me percebo né? Eu estou tão grata pela pessoa que eu estou me tornando, porque eu pretendo viver mais, logicamente, né? Mas eu tô tão feliz de ter chegado na idade que eu estou com essa cabeça, com a maturidade e ainda ver que eu tenho muito a aprender ainda, me senti, de uma certa forma, jovem, né? Pra tá aprendendo cada vez mais, e eu convivo com pessoas da minha idade que acham que isso não é um privilégio enquanto mulher, então eu me sinto muito agraciada neste momento por ter essas conquistas, né? Como essa mulher tem que administrar toda uma vida, entre família, filhos e estudar não é fácil. Eu acordava quatro horas da manhã pra ler os textos, pra poder estudar antes de trabalhar. E eu fiz isso por muitos anos antes do processo seletivo. Depois quando eu tava fazendo as disciplinas, quando eu tava escrevendo. Então, quando você falou que estava emocionada, eu me sinto muitas vezes emocionada quando eu tô fazendo alguma coisa, falar: “Nossa eu consegui, né?” A gente está falando tanto de direito, né? Nessa questão da mulher ser tão subalternizada que eu estava junto com essas Mulheres. E eu me sinto na obrigação de ajudar outras pessoas a saírem dessa linha de produção que a gente está. Então acho que uma palavra é feliz por ter conhecido essas pessoas. Eu amo estar com vocês, aprendendo com vocês, uma meninada, um pessoal jovem, com a cabeça

super aberta e que pra vocês é tudo muito natural. Então, eu me sinto privilegiada, me sinto agradecida, por participar de um grupo de pesquisa, de tá por dentro, atualizada e também em tudo eu enxergo algo que poderia ser pesquisado. Quando você começou a falar, eu fiquei pensando… Eu falei também lá no meu GT que algo a ser pesquisado seria essas Mulheres que são casadas independente de papéis ou não, que são casadas, que têm seus filhos e que querem ingressar na universidade. Não é fácil gente, sabe? Eu já tinha tentado outras vezes e quando você fala que você é casada e que você tem filhos e que você trabalha. Às vezes não é nem o seu projeto que não é bom. Você é excluída porque você não vai se dedicar a pesquisa como alguém que não tem todos esses problemas.

Eu estou com uma professora aqui, não vou falar o nome porque é antiético, e ela está fazendo mestrado, só que não é na área de educação. E aí ela estava chorando e eu fui conversar com ela pra saber o que estava acontecendo e tudo, trouxe ela na minha sala e ela me disse que a orientadora dela pediu pra ela largar o trabalho que se ela quisesse ser pesquisadora, ela tinha que largar o emprego dela, e os pais não tem condições de manter na universidade até que você termine sua pesquisa e ela tava arrasada e aí eu fiquei conversando com ela, falei nossa não vai sair de lá, é seu direito estar lá. E aí eu até falei se precisar a gente vai fazer um horário que você consiga também se dedicar a sua pesquisa. E aí me coloquei à disposição e tal. Só que eu fiz pra ela o que eu gostaria que tivessem feito comigo. E eu espero contagiar outras Mulheres maduras, né? Não estão naquela idade que digamos perfeita, né? Pra estudar, pra ser pesquisadora a se inspirar a ir ser pesquisadora e não só pelo status mas pelo bem que isso nos faz, e o que a gente pode fazer pros nossos alunos, né? Eu acredito muito nessa questão da formação do professor, faz toda a diferença na hora que você tá na sala de aula. Então acho que seria isso: que eu me definiria como mulher, pesquisadora essa responsabilidade social, enfim, todas essas coisas. Passo a palavra.

Bianca: Obrigada, Elisabeth. Meninas, quem gostaria?

Rita: Esse é realmente um tema difícil, que sempre me pega, e até na minha dissertação eu refleti muito sobre isso. Parece que eu não me sinto nem professora nem pesquisadora. Parece que eu me sinto em um eterno “em formação”. E mulher também. Parece que eu sou uma eterna mulher, professora e pesquisadora em em formação e eu nunca chego, eu nunca me sinto suficiente, eu tenho um diploma que diz que eu sou professora, eu tenho um diploma que diz que eu sou mestre, mas eu

eu não me sinto nem professora e nem pesquisadora. E aí por muito tempo pensei que isso era uma questão minha, uma insegurança minha, uma síndrome do impostor minha, uma questão tipo eu não me achando suficiente, mas hoje aqui nessa conversa, juro que eu nunca tinha parado pra pensar nisso. Comecei a pensar se isso não tem a ver com o fato de ser mulher porque eu tenho um amigo que é pesquisador e da área também, né? Porque tem isso que a Elisabeth falou, né? Ah, mas se é da educação, parece que você tá brincando de escolinha, que você não está pesquisando que você não está estudando, sabe?

Aí eu tenho um amigo que é pesquisador em física nuclear, e uma vez a gente conversando, e eu não lembro qual foi o termo que eu usei, se era algo "que eu não trabalho", algo assim, ele me corrigiu muito duro falou: Não, Rita você é pesquisadora!" Aí, eu pensei: "Ah…" E ele é tão pesquisador quanto eu ele, é aluno de doutorado, e ele se intitula como pesquisador. Quando começou aquele conflito entre a Rússia e a Ucrânia, ele tá morando na Rússia agora, então ele deu uma entrevista, embaixo do nome dele tava lá: "Júlio Oliveira, pesquisador." Se eu fosse dar uma entrevista, ia falar, "Ah, estudante" Eu ia me definir como estudante, eu não ia me definir como pesquisadora. Aí eu fui pensando, será que isso é porque eu sou mulher? Porque eu não fui criada pra ser pesquisadora, eu não fui criada nem pra ser professora, gente. Na minha família eu sou a primeira pessoa a estudar numa universidade pública, minha irmã mais velha fez faculdade, mas fez uma faculdade privada e foi o que deu pra fazer ali e quase não conseguiu porque tinha que trabalhar. E eu falo pro Virgílio que eu era criança, e eu estava limpando a casa e minha mãe vinha me corrigindo falando "Ó, se um dia você for limpar a casa de alguém, não pode deixar os cantinhos, *cê* não pode deixar isso…" Então, eu fui criada pra isso, não porque minha mãe é uma pessoa do mal, é o maior orgulho da minha mãe eu estudar, ela se esforçou muito pra que eu estudasse, mas eu não consigo me sentir nem professora, nem pesquisadora e eu não sei o quanto disso é por eu ser mulher, é por eu não me dedicar exclusivamente a isso, porque agora eu tenho uma filha. É complicado, né? É complicado. E eu não sei se quando eu for pra sala de aula, quando eu terminar o doutorado isso vai mudar, se eu finalmente vou me sentir uma mulher pesquisadora e professora.

Bianca: Rita, nossa! Parece que você estava me descrevendo. Eu também tive muito disso. Eu tenho, né? Muito essa sensação e eu comecei a parar de falar que eu estava fazendo doutorado porque eu tinha vergonha de não estar trabalhando

como se o que eu estivesse fazendo não fosse um trabalho, né? No doutorado, no mestrado e eu comecei a ficar com vergonha, e eu comecei a me forçar a falar que a minha pesquisa, que a pós-graduação era um trabalho, né? Até pras pessoas não me desmerecerem também, porque quando eu falo que eu tô pesquisando alguma coisa, é como se eu fosse uma vagabunda, né? Com as pessoas ao meu redor eu tinha essa sensação, então eu me forcei a falar que eu estava trabalhando e as pessoas entenderem que era o trabalho, né? Até quando eu voltei a morar na casa da minha mãe, né? No final do mestrado

eu vim morar com o Thiago também, eu sempre tive essa sensação de que eu não estava fazendo nada, sabe? Então por isso que eu precisei me forçar a entender como um trabalho também. E esse ano eu comecei a atuar como professora, pra mim parece estranho porque parece que eu sou mais professora do que pesquisadora, só que na verdade um complementa o outro né? E ouvindo a Elisabeth falar do quanto isso é importante pra ela, de ser pesquisadora também, de abrir caminhos para que outras Mulheres também se tornem pesquisadoras. Pra mim já é um pouco diferente, né? Parece que eu sou muito mais professora do que pesquisadora. Como se um tivesse mais valor que o outro, sabe? E é muito estranho, a Rita falando, eu super me identifiquei

Rita: Bianca, deixa eu só complementar uma coisa que eu tenho me educado a fazer, coisa de um mês pra cá, quando as pessoas me perguntavam, e o doutorado? Eu falava, ah, tá bem. Terminou as disciplinas? Porque eu sempre tive comigo que ninguém se importava, o que as pessoas achavam que eu fazia, não era nada, que era tipo, sei lá, fazer ensino médio, nem equivalente a uma graduação. E aí eu comecei a mudar, esses dias um amigo perguntou, e aí como é que está o doutorado? E eu respondi: Eu estou pesquisando isso, isso e isso agora eu estou em tal estágio da minha pesquisa. Até porque também é uma responsabilidade nossa enquanto professoras e pesquisadoras desmistificar essa questão do doutorado, do cientista que pras pessoas, as pessoas geralmente estão mais interessadas do que a gente imagina. Não sei se é só eu que tinha esse hábito de cortar a conversa, mas olha, a partir do momento que eu comecei a explicar, falar, ah, no doutorado, eu estou pesquisando isso, isso e isso. As pessoas arregalam o olho, tipo, nossa, você faz isso! E o que essas pessoas acham que o doutorado é? Eu não sei mesmo porque quando eu falo sobre o doutorado todo mundo fica muito surpreso.

Bianca: Nossa, a mesma sensação Rita, e eu vou começar a usar a sua estratégia viu? Vou começar a falar o que eu pesquiso também porque eu sempre desconverso achando que as pessoas não vão se interessar.

Elisabeth: Mas aí meninas, eu entendo a fala de vocês, mas é com vocês que eu aprendi a questão do empoderamento. Porque a gente tem que se empoderar, vocês são pesquisadores, vocês fazem trabalhos incríveis, né? Vocês estão se dedicando, se debulhando. O problema é a nossa sociedade. Se você perguntar para alguém aqui, o que é ser bom professor, as pessoas irão responder: é aquele que não falta, é aquele que cumpre o currículo. Mas isso torna ele um bom professor? Ele trabalha de uma forma que vai ajudar o aluno a se libertar de uma alienação ou ele contribui para que esse aluno continue nesse formato? Então, eu sei como é isso mesmo, essa coisa. Ah, mas ele não trabalha, ele só estuda. E tem esses níveis, né? De merecimento. Ah, o que seu filho fez? Daqui um tempo, Rita, você vai ver isso daí. A Isabela tem dezesseis anos. Mas o que ela vai fazer de faculdade? O que ela pretende fazer? E quando o adolescente fala que ele não sabe… Ela só tem dezesseis anos. Como se fosse uma obrigação. Mas como assim você já está no primeiro ano do ensino médio? Você tem que saber! Então, eu vejo nessa questão também da gente também se colocar, né? Da gente, não como se fosse, você quer ser melhor ou pior que outra pessoa, mas é bem no sentido que eu entendo, é no sentido do que nós podemos e que nós devemos estar, são lugares que nós devemos ocupar. Tá tendo um concurso que o Estado tá fazendo sobre a menina cientista. E eu fui ler o edital, né? Falei, deixa eu ver o que é. É só pras meninas dos nonos anos.

E aí eles estão tentando fazer um trabalho desse resgate da mulher na ciência. Mas de certa forma é aquilo que eu estava falando. Eu estou cedendo ao espaço que não é seu, entendeu? Eu tô cedendo. Por exemplo, a gente foi lá conhecer o CIEBP, e eu tenho várias alunas que querem fazer robótica. Eu tô com uma eletiva aqui que eu tô com quarenta e nove alunos, eu tive que fazer uma categorização para colocar… Então, eu ainda vejo muito isso na fala, como se fosse ceder o espaço para elas, como se isso fosse só ocupado por meninos. A robótica, programação, arduíno, é como se só os meninos soubessem. Eu sinto às vezes quando eu vou fazer alguma formação e vou mexer com tecnologia e pensam, nossa, mas você sabe isso? Como se a gente não tivesse condições de aprender, então eu acho vocês não devem ter vergonha, meninas, de falar que vocês são

pesquisadoras, que vocês fazem um trabalho incrível. Ainda mais com essa discussão que nós estamos fazendo, isso nos leva a lutar pelos espaços.Vocês são minha inspiração! E não queria que vocês se sentissem assim, ah mas não trabalha, agora tá trabalhando, agora tem valor, né? Porque é horrível fazer o mestrado, o doutorado trabalhando gente, não é fácil, não é fácil. Eu fico pensando, quem tem essa oportunidade, quem é bolsista é que conseguiu, né? Que nem a Bianca estava falando, tudo né? Mas se a gente for ver também a Rita falando sobre a questão da bolsa é muito pequena pra quem tem uma família e mesmo se você é sozinho. Se você mora muito longe do campus da universidade, precisa pagar o ônibus, gente, no preço que tá as coisas e manter comida e manter seus gastos mínimos, até porque também por conta da sua pesquisa se locomover pros lugares onde você tem que fazer a pesquisa, às vezes precisa sair. As meninas foram para a Bolívia, será que todo mundo ia ter condições? Então pode entrar, passo a palavra.

Naomi: Bianca, não sei responder sua pergunta. Tipo, acho que a minha fala seria um misto da fala da Rita e com a sua, e eu não consigo me enxergar enquanto pesquisadora, enquanto professora. Pois é, enquanto professora eu tinha sido jogada agora dentro da escola, né? Acho que a minha ficha começou a cair agora… Ah então agora dentro da escola eu tô começando a me enxergar enquanto professora, mas enquanto pesquisadora e eu sempre me vejo enquanto mulher em formação. Mas é isso, eu não consigo me enxergar enquanto pesquisadora nesse momento. Mas uma coisa que me veio da sua pergunta é que eu preciso pensar isso em terapia, que eu não me enxergo enquanto pesquisadora, enquanto professora mas ao mesmo tempo pensar em mim nos espaços, por exemplo, na escola, nas disciplinas, enfim, vivenciando esses momentos é sempre uma felicidade e um momento doloroso em todos esses espaços, tem
um misto dos dois. Mas, uma coisa que veio da sua pergunta, Bianca, é como isso está nesses espaços formativos, por exemplo, ser professora e estar no mestrado hoje só me foi possibilitada porque existiram outras Mulheres que me abriram esse espaço porque pensando em Mulheres fortes da minha família, por exemplo, a minha mãe eu só pude estudar porque a minha mãe se ausentou de estudar porque enquanto vim pra Ilha Solteira pra estudar, ela tava trabalhando e aí a minha mãe só foi entrar na graduação, aí a minha mãe terminou o ensino médio muito depois no EJA e depois do que a gente acha “certo”, enfim, a gente enquanto sociedade, né? E foi fazer uma graduação depois que eu já estava dentro da universidade e o quanto

ela teve que que abrir mão de sonhos que eram dela pra que eu pudesse viver os meus, fiquei pensando muito nisso enquanto eu ser professora, pesquisadora e ser mulher tem a ver também com a minha mãe. sabe? Com as coisas que ela me possibilitou, com as vivências que ela me possibilitou. E é isso. Aí fiquei muito reflexiva. Se eu falar demais acho que eu vou chorar. Estou com saudade da minha mãe.

Bianca: Tô com o olho cheio de lágrimas aqui, Naomi. Quase chorando porque você falar disso, das Mulheres que abriram caminhos, e até pouco tempo atrás eu não tinha muito essa noção, né? Dessa ancestralidade e de tudo que as Mulheres da minha família passaram pra eu estar aqui hoje também. Então, eu passei a ter consciência há pouco tempo, há poucos anos. E eu fiquei muito emocionada porque eu perdi minha avó recentemente. E quando eu estava escrevendo a minha tese e conversando com o Marcos, né? Que tá me orientando nessa parte da escrita, ele falou, fala das Mulheres da sua família, né? De onde você veio. E aí eu fui parar pra pensar na história da minha avó. Que ela não foi alfabetizada, porque o pai dela, meu bisavô, proibia ela de ir pra escola, né? Então ela foi uma mulher que foi proibida de estudar, né? Para ajudar em casa ela se casou muito nova e meu avô quem ensinou ela a escrever, a ler e ela tinha letra de criança que tá começando a ser alfabetizada, sabe? Aquela letra de forma e tal, e apesar dele ter feito isso que mudou muito a vida da minha vó, ela saber ler e escrever, ele era muito violento, e aí eu quando fui escrever isso eu parei pra pensar, eu falei: “Gente, eu nunca parei pra pensar nisso, sabe? Das Mulheres que vieram atrás de mim, da minha mãe e da minha tia, das Mulheres da minha família e o quanto isso é importante, né? Pra gente tá aqui hoje que às vezes a gente tá lá conversando no grupo de pesquisa ou num barzinho, e a gente, sei lá, não para pra pensar nisso, né? E aí quando eu estava escrevendo sobre isso, sobre as Mulheres da minha família eu comecei a ter noção da responsabilidade que é falar sobre isso, né? Sobre corpo, sobre gênero, sobre ciência, sobre o ensino de ciências, de matemática também, enfim, o quanto a gente tem uma responsabilidade muito grande com as Mulheres. Com as professoras, com as pesquisadoras. Então, eu busco ao máximo na convivência de algo com vocês. Eu vou fazer o meu maior esforço, na minha escrita também, pra ter principalmente esse respeito. Porque talvez, com toda certeza, a Rita está abrindo muitos caminhos pra minha filha também. A Elisabeth abriu vários caminhos pra Isabela, pra filha dela. Talvez eu, você, né? Se a gente for

ter filhas Mulheres, futuramente, enfim, e a gente também vai tá nesse papel, né? Nesse lugar. Então, é muito importante a gente ter que falar sempre com muito respeito, né? Sobre as pessoas que vieram atrás da gente. Ai, bom meninas, vocês querem falar mais alguma coisa? O que vocês acharam do nosso primeiro encontro? Como vocês se sentem?

Rita: Ai, agora esse final que *cê* tava falando eu liguei, deu um curto circuito aqui na minha mente, liguei um ponto no outro. Recentemente, o nascimento da minha filha fez eu me ligar mais com a minha família, né? Eu não tinha muito muito vínculo com meu pai, principalmente a família do meu pai é uma família que eu não conheço. Meu pai foi um pai ausente mesmo, ele não foi um pai presente, mas eu estou tentando correr atrás do prejuízo aí, somos pessoas, né? Enfim, eu descobri recentemente, e fiquei pensando na minha relação com o Nabisa, né? Que eu sempre tive ali, eu sempre acho que *cês* me acompanham, já viram eu falando sobre como eu também não tenho pertencimento de cor, eu não sou branca e não sou negra, é uma coisa muito difícil pra mim, e eu falo só tenho ancestrais negros, né? Meu pai é um homem negro e tal. Só que eu não tenho tanta vivência de nada do que é colocado ali. Já passei por situações de racismo, mas foram situações muito pontuais. Acho que eu não tenho uma vida marcada pelo racismo, um cotidiano marcado pelo racismo. São vivências pontuais. Mas, falando das Mulheres que me precedem, né? Que eu vejo, eu sempre vi as religiões de matriz africana ali que tem os colegas que participam, que discutem e sempre ouvi com muito respeito, mas nunca entendi, mas sempre me atraiu, lembro de um amigo sentar comigo, me explicar cada orixá, cada origem de orixá e quando o meu pai veio me visitar eu descobri que a minha avó tinha um terreiro no Rio de Janeiro e eu não sabia disso, a vida da minha avó foi dedicada a isso sabe? É uma mulher que eu vi duas vezes na vida, que eu não sei nada sobre ela, que não tem ninguém pra me contar sobre ela. É muito triste essas coisas, né? Como a gente é desconectado da nossa própria história, principalmente quando a gente vem de uma classe social mais baixa, né? Eu conheço pessoas que sabem o histórico da própria família, de várias gerações atrás, né? E eu não sabia ao que a minha vó dedicou uma vida inteira, muito louco pensar nisso, né?

Naomi: Acho que eu não tenho mais nada pra falar que eu já não tenha expressado mas queria agradecer a nossa conversa de hoje porque me fez muito bem estar aqui nesse espaço de diálogo e vivenciar esse momento, poder falar sobre

algumas coisas que às vezes ficam entaladas … Então, só agradecer mesmo estou ansiosa já pro próximo encontro.

Bianca: Bom, eu fiquei muito feliz também com o nosso encontro. Vocês viram que eu estava bem nervosa no começo, no final, porque eu fiquei emocionada chorando, é muito bom tá aqui com vocês, nem nas minhas expectativas eu poderia imaginar que seria tão tão tão bom tá com vocês, né? A Naomi falou que fez bem pra ela, também fez muito bem pra mim e eu fico muito lisonjeada, né? De poder ouvir a história de vocês, poder ouvir vocês falarem e poder ouvir o desabafo de vocês também, né? Enquanto Mulheres, fico muito feliz de vocês terem topado tá aqui comigo. Também estou muito ansiosa pelo próximo encontro. E é isso, gente. Eu acho que por hoje a gente conseguiu discutir bastante coisa, fico muito contente com tudo que a gente conversou, que a gente pôde discutir aqui e mais uma vez agradeço vocês estarem aqui, né? A Elisabeth na correria da escola, a Naomi também tem um monte de coisa que ela tem pra fazer, a Rita com sua filha no colo, né? A minha maior honra foi ter a presença da nenê, gente. Nossa melhor participante de todas.

Rita: Pra ela já crescer desconstruída, ligada. Foi muito legal, também gostei muito, Bianca, Elisabeth, Júlia, obrigada por essa noite, conversar com adultos, com gente pensante, nossa, pra mim foi uma delícia, tô ansiosa pro próximo.

Elisabeth: Vocês falando aí da mãe, da avó e eu também estava ouvindo ali eu falei ai meu Deus do céu, vocês sabem, eu perdi minha mãe recentemente e está fazendo uma falta gigante, e todos os dias eu lembro da dificuldade que foi a infância dela, e essa questão que você tava falando que a sua avó deixou de estudar, a minha mãe também, sabe? Ela tirou o ensino médio com sessenta e três anos e pra ela foi uma conquista gigantesca, e aí tudo que eu faço hoje eu faço pensando se elas ficariam orgulhosas de saber da mulher que eu estou me tornando, né? Eu penso que onde quer que ela esteja de certa forma, ela está feliz e eu acredito que a sua avó também, né? A sua mãe Júlia, a sua mãe Rita, e as mães que vocês vão ser, diferentes da gente, né? Com certeza as suas filhas também, os seus filhos terão histórias pra falar nesse sentido, né? Dessa formação que nós estamos tendo, né? Eu agradeço muito por ter participado.

Bianca: Muito obrigada, viu gente? Eu não canso de falar, tô muito feliz de tá aqui com vocês, muito honrada e que a gente possa se encontrar então no nosso próximo encontro daqui a um mês.

2º ENCONTRO

Bianca: Eu sempre tive dificuldade de me entender como mulher, no sentido de que eu não era igual as Mulheres que falavam que a gente tinha que ser. Meu corpo sempre foi diferente, minha forma de, enfim, quando eu era criança eu gostava de brincar de brincadeira de moleque, entre aspas, não gostava de rosa, nunca gostei, não gostava de brincar de bonecas, as bonecas que eu brincava, eu arrancava a cabeça. Então, eu não tinha essa feminilidade, eu sempre tive um pouco dessa dificuldade assim, sabe? Acho que eu me questionava um pouco em relação a isso. Até o momento que eu fui pra universidade e eu vi outras possibilidades de ser mulher. E aí eu percebi que não tinha só uma forma de ser mulher. Quando a gente chega na universidade, a gente vê um um universo muito diverso, daquele mundinho que a gente vivia ali com a nossa família no caso, né? E aí eu eu fui me descobrindo assim, como mulher, as formas de ser mulher, as opressões que eu sofria como mulher e que até então, eu não entendia isso, até hoje eu descubro opressões que eu sofri e que eu não entendi. Eu não entendia como opressão, mas hoje eu entendo essas violências que eu passei, e hoje eu entendo que é uma violência, que foi uma violência. Então, é sempre um processo, e eu sempre me questionei muito, e quando eu consegui encontrar algum tipo de resposta, ou algo que me desse mais um questionamento, era um pouco doloroso. Muito doloroso, E fazer parte do Gepac, fazer parte do Nugens, do Nabisa, foi botando mais o dedo na ferida. Foi me deixando com mais vontade de querer entender algumas coisas e questionar muitas outras coisas. Mesmo eu não pesquisando na área até o mestrado, participar do do Nunes, do Nabisa, das discussões do GT que a gente começou durante a pandemia, foram me instigando a pesquisar sobre isso. E aí, a gente chega no doutorado, tipo, tá, e aí, o que eu vou fazer? E aí, depois de muita conversa o Harry falou, por que não? Você trabalhar com essa temática, ser algo que está tão presente nas suas leituras, no que você pensa, no que você questiona, e aí eu comecei a olhar para essas questões que eu vivenciava de uma outra forma, com um olhar de querer investigar mesmo. E aí por isso que surgiu essa ideia de construir um grupo de discussão, e no primeiro momento seria com professoras de biologia, mas a gente viu também por esse histórico, de eu colocar na minha escrita o quanto o Gepac foi importante, o quanto participar desses grupos foi importante pra mim enquanto mulher, professora e pesquisadora, pra construir essas

identidades, a gente pensou: Por que não tentar entender isso com outras pessoas que participam também do grupo de pesquisa? Como essas Mulheres, professoras e pesquisadoras percebem essas relações de corpo, gênero e ciência. Então, com isso surgiu essa ideia, que é justamente entender, como vocês enxergam essas relações, suas inquietações, o que aflige vocês quando se trata dessas relações ou não, se tem algo que incomoda ou que não incomoda. Então, essa é a ideia do GT, esse é objetivo da minha pesquisa e de construir também esse espaço com vocês. E muito além da minha pesquisa, a gente também quis ter um espaço para amplificar vozes, sabe? Porque como as meninas expressaram na no último encontro, nem sempre a gente tem um espaço para falar sobre isso. Por mais que a gente tenha essas identidades, a gente, seja mulher, professora, pesquisadora, às vezes a gente vivencia coisas e não tem um espaço para dialogar sobre isso com outras pessoas, com outras Mulheres. Então, seria um espaço mesmo pra gente amplificar as vozes juntas. E aí eu queria saber um pouquinho de você também, como você se percebe como mulher, como professora, como pesquisadora, como mãe. Enfim, como você se enxerga dentro dessas identidades, como isso é pra você?

María: Ah, assim, pensando na identidade que eu tenho, eu acredito que a que mais me define: enquanto mulher, enquanto pesquisadora, enquanto professora, acho que a minha trajetória na escola é muito maior que a trajetória acadêmica. Pensando primeiro na escola, é um espaço majoritariamente dominado por Mulheres, pensando no meu nível de ensino, que e o ensino fundamental 1, então a gente vê com certo conforto a nossa atuação enquanto professora, porém a gente olha pra todas nós e vê também toda a sobrecarga que é ser professora e mulher. Hoje em dia, o trabalho docente está cada vez mais burocratizado, a gente vê os professores enfrentando cargas muito pesadas de trabalho e a gente vê que a mulher desde sempre tem uma jornada dupla, tripla e que é muito difícil. Então, a gente percebe por exemplo, quando há um processo na escola, sempre tem um ou dois, né? A gente vê a diferença em relação a tranquilidade de levar a vida mesmo, né? E cada vez mais a gente têm visto no ambiente escolar, mesmo que seja a duras penas, né? Pessoas que estão na escola e estão conseguindo estudar, fazer mestrado, fazer doutorado, e aí a gente vê cada vez mais o quanto é difícil. Essas pessoas ficam ainda mais sobrecarregadas. E é muito mais difícil, muitas vezes, quando a gente se encontra a gente fala sobre a dificuldade de levar até mesmo as relações familiares. Geralmente, são pessoas que vêm de famílias pobres, então,

eu, as minhas amigas, nós somos as primeiras das famílias a estar em uma universidade a nível de pós-graduação, e as famílias não entendem, não tem instrução para conseguir compreender a gente, as necessidades que a gente têm de estarmos nesse espaço. Elas olham pra gente e pensam: “Nossa, já tem um emprego. Pra que vai continuar estudando, pra que vai dificultar a vida?” Quem poderia entender, são as pessoas que estão no nosso espaço escolar, mas muitas vezes também elas acabam pensando que não vale a pena. Então, quem acredita mesmo na educação e quer levar o estudo pra frente, sendo mulher então, têm muita dificuldade para lidar com tudo, com as relações, com a rotina, com a sobrecarga, com as relações na escola, com as relações na universidade, na família, tem dificuldades por todos os âmbitos mesmo. E enquanto mulher, pra mim, é confortável, eu sempre me reconheci como mulher, meu gênero, minha sexualidade, heteronormativa, então, é tranquilo pra mim, porém, eu vejo a dificuldade das pessoas que não se enxergam assim também. E a dificuldade também de atuar nesses espaços, tive muitas amigas que eram lésbicas no CEFAM, então, tiveram aquele conflito, quando entram na escola, têm uma luta para um reconhecimento, mesmo sendo a escola um espaço, que por ser dos anos iniciais, do infantil, é um espaço majoritariamente feminino, elas ainda encontram dificuldade. E os homens, encontram ainda mais, os que atuam nesse nível, né? Encontram bastante dificuldade para lidar com a profissão, com os pais, com os gestores. Têm que provar pra todo mundo que eles são capazes, que eles são profissionais. Acho que é isso.

Bianca: O que motivou você a participar aqui hoje, e o que você espera desses encontros, da participação neste grupo?

María: O que me motivou mesmo, foi uma parceria, um compromisso de grupo, que eu entendo algo como importante para sua pesquisa, sendo você uma outra mulher que também está nesse caminho, que também está aí lutando como a gente, e por mais que eu esteja nessa situação que você imagina que eu estou, às vésperas da qualificação, tentando escrever, eu não poderia faltar com esse compromisso que eu tenho de grupo, e com você, enquanto amiga, parceira, da minha trajetória de mestrado, eu sou muito grata; você, o Igor foram os primeiros a me recepcionar no Gepac, então, não poderia faltar com você nesse momento, que você está precisando de adeptos a sua pesquisa, porque a gente sabe, que hoje fazer pesquisa em educação, e em gênero então, meu Deus, né? É muito difícil. A pesquisa em educação ser reconhecida, ter o seu espaço, a gente vê, por exemplo,

no início do doutorado, teve o meu exemplo, do projeto submetido pra Fapesp, o projeto não teve críticas, não foi reprovado pelos avaliadores, mas a coordenação cortou o projeto porque não era interesse prioritário, se eu não me engano. O tema não era prioridade. E não era porque a gente estava no meio do governo Bolsonaro, na época do Covid, então, o pouco que sobrou de recursos, foi direcionado para as pesquisas em saúde. Então, educação já é muito difícil, é difícil ter financiamento, é cada vez mais difícil pra gente tocar, né? E aí, a gente pensando assim, em como são importantes essas pesquisas, e o quanto essas pesquisas precisam ganhar forças, eu me vejo na obrigação de contribuir e auxiliar no que for preciso.

Bianca: Eu agradeço muito, mais uma vez, todo esse carinho. Mesmo na loucura que está a sua vida, em véspera de qualificação. Eu reconheço muito o valor, a sua presença aqui hoje. E assim, você acha que de alguma forma, o Gepac fez você enxergar de uma outra forma, ou até conseguir enxergar algumas coisas, repensar algumas coisas, em relação a você ser mulher, pesquisadora. O grupo teve alguma influência?

María: Sim, o grupo teve bastante influência, porque quando eu ingressei no Gepac eu me via nessa imagem de mulher que tem que dar conta de tudo, né? Então, de certa forma, até a minha postura era dessa forma. Eu tentava ao máximo cumprir com muito zelo. Eu tentava estar presente na minha família, me cobrava muito sobre tudo, e quando chegou na qualificação do mestrado, e daí pra frente, perto da defesa, que eu não consegui dar conta mesmo, que foi humanamente impossível, as pessoas me tiraram a carga que eu carregava, de ter que dar conta de tudo, então, parece que assim, a gente tinha a expectativa, não conscientemente, eu tinha que ser muito boa em todos os âmbitos da minha vida para eu poder ser reconhecida, e assim, é um fardo muito pesado, muito difícil de levar. Então, a convivência no grupo de pesquisa, principalmente as presenciais, foram fundamentais. Porque em cada conversa de grupo que você chega, nos momentos informais, para falar da pesquisa, da vida, do trânsito no carro, você sabe que esse trajeto de Rio Preto à Ilha era um momento muito importante pra gente, né? O carro estava todo cheio de Mulheres, né? Basicamente com as mesmas funções. Quase todas mães, esposas, professoras e todas no mestrado ou no doutorado, então essas conversas contribuíram muito para mim, enquanto pessoa, me sinto uma pessoa totalmente diferente hoje, e não só em relação à gênero, mas também à sexualidade. Eu vejo que a minha visão se tornou muito mais aberta, mais ampla em

relação ao tema. Sobre identidade também. Identidade como construto social, a gente antes de ter formação mesmo, talvez a gente pensasse de forma errônea em relação a gênero e sexualidade. E hoje eu tenho uma visão melhor, graças aos estudos mesmo do grupo.

Bianca: E você poderia explicar um pouquinho melhor, dar exemplos, sobre como foi esse “amplificar” a visão em relação à gênero e sexualidade?

María: Eu me lembro quando eu estava na matemática, eu fiz uma disciplina e a gente no início da disciplina, a gente tinha um trabalho que era meio misterioso, então o professor queria que a gente construísse um texto argumentativo, para que a gente respondesse se a sexualidade era socialmente construída, ou se era uma herança biológica, mais ou menos assim. E aí, ele exemplificou, os dois sentidos, então ele queria saber mesmo sobre os nossos argumentos, porque cientificamente a gente tinha explicações das duas formas. E eu me lembro que eu expliquei que era um construto social, então eu argumentei por essa linha, porém sempre tive muitas dúvidas. Eu sempre achava que no fundo tinha alguma coisa genética, e depois dos estudos, eu sinto vergonha da minha desconfiança, sabe? Depois que eu li os textos da Scott, o texto do Seffner que tem citações de vários outros teóricos de gênero e sexualidade, então assim, não dá pra dizer mesmo. Hoje, é inadmissível pensar isso, pra mim. A gente tem vários fatores que provam que é um construto social mesmo e que a própria binaridade já é algo muito forte, e é construído socialmente, presente na nossa sociedade e que acaba arrastando a gente para certos pensamentos equivocados. Se a gente for pensar lá na história antiga, a gente vê tantos exemplos, e em outras sociedades também, construídas de outra forma, a gente ainda fica nesse pilar, né?

Bianca: E essa mudança de perceber essas relações, também mudou as suas relações na escola, na sua vida pessoal, para além das disciplinas. Teve algum impacto mais direto?

María: Olha, eu sempre, de certa forma, na escola, sempre busquei essa visão de diversidade, de direitos humanos, mas assim, hoje eu me sinto mais preparada, então hoje, depois de todos esses estudos, eu sei argumentar com as famílias, que chegam até a escola pra dizer: “Não, eu não quero educação sexual na escola.” Ainda assim, é um debate difícil, mas hoje eu sei argumentar muito melhor. Enquanto ser humano, eu não sei se chegou a mudar, porque eu nunca fui preconceituosa, sabe? A não ser esse preconceito que a gente carrega meio

embutido, né: Como esse pensamento de que poderia ser genético, mas assim, eu sempre fui muito aberta. Eu tenho familiares que não são heterossexuais, não acho que me transformou tanto internamente, mas me preparou muito pra vida.

Bianca: Pra lidar melhor com algumas situações.

María: Para o enfrentamento.

Bianca: Eu vou compartilhar o clipe que eu falei e a música, tá? Aí você me avisa se tá dando certo.

María: Tá.

Bianca: Ó, um é esse clipe da Ekena, que chama Todas Putas, e o outro é um poema cantado digamos assim, uma poesia da Jup do Bairro que vai falar um pouco sobre o corpo também.

Bianca: Bem forte, né? E aí tem também da Jup do Bairro que é “O que pode um corpo sem juízo?”

María: Perfeito.

Bianca: Gostou? Dos dois?

María: Sim.

Bianca: E o que você sentiu? O que você achou?

María: O primeiro eu já tinha visto, mas não me lembrava. É lindíssima a música. Esse segundo é meio que um resumo, né? É um resumo e um poema dos nossos estudos. E o primeiro toca muito, né? Mulher deixa essa culpa que não é tua. Todos aqueles corpos de Mulheres, todas as formas de viver também, que acabam aparecendo no vídeo, junto com as escolhas, as escolhas de vida e, a forma de se orientar pelo mundo de forma autêntica. De uma forma que as pessoas se sintam bem pra deixar o que se é por dentro, transparecer também por fora. Muito lindo! E também uma marcha, ao mesmo tempo, né? A música é de resistência, então, perfeito. Uma escolha ótima para desencadear o tema, acredito que deva ter dado bastante debate no outro encontro, né?

Bianca: E esses dois clipes, eles remeteram a algo que você já vivenciou?

María: Parece com a vida, assim. Mas no geral, não me lembro de nenhuma situação. Ah, sim, o começo do vídeo traz bastante as marcas violência física, isso a gente vive infelizmente. A gente até não vê a marca, mas a gente vive diariamente. Na escola está cada vez mais presente, parece que na pandemia as coisas ficaram mais difíceis, a gente vê muitas Mulheres com medidas protetivas, muitas mães nos procurando, porque o pai não pode pegar o filho. Toda semana tem um caso desses,

mas essa semana a mãe veio chorando porque ela não era casada no papel com o pai da criança, eles se separaram e ela não teve um divórcio legal, a criança ficou com ela e de repente ele ligou pra ela e disse que ia pegar a transferência da criança porque ele iria se mudar de cidade, e legalmente, ele tem o direito, então mesmo a mãe vindo até nós, o que a gente tem que fazer é não obedecer a lei, infelizmente. Porque se ele for muito incisivo, se ele chegar com advogado, ele pode fazer isso. Então, a mãe veio chorando porque a guarda é dos dois. Qualquer um pode chegar na escola e solicitar a transferência. Então ela chegou na gente e alertou, então ela foi na escola chorando muito e aí a gente recomendou que ela fosse com urgência no conselho tutelar, a gente ligou na supervisão e a supervisão disse que se ele chegar não tem como. E a gente também falou pra ela ir na delegacia da mulher, para registrar. Mas, é lamentável tudo que a mulher tem que viver por conta do machismo, do patriarcado na sociedade e agora, lembrando desse caso, a gente vai lembrando de vários. Quando a gente é adolescente, nossa! Quantas vezes eu não fui perseguida nas ruas, por tá com um short mais curto, ou às vezes nem tava com short curto. Eu me lembro que eu tinha 11 anos e tava indo pra escola sozinha. E todos os dias, um homem de bicicleta me seguindo. Isso é uma coisa que assombra qualquer mulher. Acho que toda mulher tem um episódio assim, né?

Bianca: Parece que é um padrão, né? Acredito que seja. A escola para pedófilos, para caras assim é um prato cheio. Na minha escola eu também vivenciei isso. Um cara de bicicleta perseguindo as meninas, em outras escolas também. Você falando aí de Rio Preto, não sei se você estudava em Rio Preto, mas assim…

María: Eu morava em Jales, uma cidade desse tamanho… (pequena).

Bianca: Ainda tinha aquela coisa, né? Vamos pegar o cara de pau que aí ele não volta mais. Aí aconteceu isso, às vezes passava uma viatura ali de vez em quando. Mas sempre voltava a acontecer, desse cara perseguindo as meninas. E assim, são diferentes gerações, acontecia antes, acontece agora. Parece que nunca acaba. E é interessante você falar desse caso, porque deve ser difícil lidar, com esse caso das mães e dessa mãe específica, da guarda do filho… E além disso que você falou, como você percebe essas relações, corpo, gênero, ciência na sua experiência docente, como coordenadora?

María: Eu acho assim, sempre muito difícil. Por que tem que ser tão mais difícil pra mulher? Nossa! O que lá na origem determinou que o homem era o sexo dominante? O mais forte? Quem escolheu isso? O que será que desencadeou, e por

que será que é tão difícil reverter? A gente vê aí na política, né? Porque nem a gente querendo escolher Mulheres, elas não estão lá. Mas na escola, essa relação corpo, gênero, pensando na escola e na minha trajetória, eu vou remeter a outros aspectos, porque assim, pela profissão ser majoritariamente de Mulheres, pensando nas conversas que a gente vivencia nas escolas, em relação às Mulheres, é sempre essa de cobrança em relação ao corpo, é sempre buscando emagrecer, é sempre pensando na roupa, o que eu vou fazer no meu cabelo, então, nos momentos de lazer são essas conversas que a gente vivencia na escola. Então, há essa cobrança em relação aos padrões dentro das escolas, e onde há uma reunião de Mulheres basicamente só se fala disso. Hoje, essas conversas já me cansam. Quando eu vou para as reuniões da minha família, essas conversas já me irritam profundamente, é difícil de lidar com uma conversa vazia assim, e a gente em nome dos laços afetivos acaba se sujeitando. Quanto mais próximo do ambiente acadêmico, mais próximo do conhecimento, mais distante dessas conversas. Há outras pautas para se abordar. Então, quando você senta numa roda, quando as pessoas lêem literatura, que as pessoas gostam muito de música, de dança, de viagens, de experiências diferentes, a conversa já é outra. Então, se a gente for ver a ligação, ainda que não seja aquela ciência padrão, a ligação corpo, gênero, essa linha se torna cada vez mais saudável perto do conhecimento. E quanto mais próxima do conhecimento acadêmico, a gente vê o quanto é gostoso, quando a gente sai do ambiente do mundo da vida, e vai pro ambiente acadêmico, pela nossa liberdade de abordar pautas que a gente não abordaria em um outro ambiente, na escola, ou no ambiente de trabalho, ou com a família. Acho que é até visível quando a gente aqui de Rio Preto vai até aí, a gente tá muito imerso nesse ambiente familiar, de trabalho, e a gente vai até vocês e a gente curte essa liberdade, sem segundas intenções, então é muito bom.

Bianca: Eu tenho essa sensação também, María. Eu acho que a gente tem diferentes personalidades, diferentes formas de ser de acordo com o que a gente tem em volta, né? Então eu sinto também, é quase uma necessidade, quando a gente vai pra Ilha, quando a gente se encontra, eu também sinto essa liberdade, enfim, de ser de qualquer jeito. Do jeito que for. Ah, porque eu tô aqui com a minha família, não posso fazer tal coisa, ou falar tal coisa. Eu também sinto essa liberdade. E eu acho que nesses momentos que a gente tem essa liberdade, e são os momentos que eu me enxergo, como mulher, como professora. Na escola eu não

me sinto pesquisadora, parece que é algo muito distante. Parece que eu tô ali como professora e que as outras coisas são isoladas. O que é estranho porque a gente é tudo ao mesmo tempo. É uma sensação estranha.

María: Sem julgamentos mesmo. E eu achei que pra você não seria a mesma sensação, de estar nesse ambiente, porque parece que pra você é um ambiente que é mais comum. Mas, não. Porque hoje você está vivendo muito na escola, né? E muito em família também.

Bianca: É, hoje eu tô vivendo muito mais na escola e em família do que nesses momentos quando a gente tem encontro do grupo de pesquisa. Mas mesmo quando eu estava morando em Ilha que eu tinha mais contato com esse ambiente, com essas pessoas, com essa liberdade, eu ainda sentia um pouco dessa… Hum, de ter outro tipo de comportamento. Eu acho que é natural, de acordo com o local que a gente está. Mas eu sentia também essa diferença. É que eu tenho menos contato com o pessoal de lá, mas eu fico muito saudosa.

María: E se a gente pensar, por que esses outros ambientes aprisionam tanto a gente, né? Qual o padrão de comportamento que faz a gente se sentir presa em um determinado ambiente, mesmo em situações não profissionais e livres em outros ambientes? A gente tem uma determinada identidade. Uma identidade acadêmica. É bom estudar essas coisas, né?

Bianca: E eu só queria comentar antes que eu me esqueça… Eu fui ouvindo junto com você, né? E me lembrou muito o começo da nossa conversa, sobre essa culpa que você sentia por ter que dar conta de tudo por ser mulher, né? Essa culpa não é sua, né? Então, só pra comentar que eu lembrei muito de você quando eu estava ouvindo a música.

María: Na hora do refrão foi a parte que mais me tocou mesmo, dessa parte que a culpa não é sua. Que é a parte mais difícil pra mim, internamente.

Bianca: É, a gente conhece a María como aquela que dá conta de tudo. Então, até essa cobrança interna tem muito da gente, que coloca esse peso em você.

María: Sim, é verdade. O peso não vem só de dentro, vem de fora também. Mas não tanto de vocês, né? Vem de longas datas.

Bianca: E pra finalizar, eu queria saber, o que é ser mulher pra você, e por que você se considera mulher, qual foi o momento que você se entendeu como mulher?

María: Difícil, hein? Por que o que é ser mulher? Se o nosso gênero foi totalmente construído desde o nascimento. Me deram esse gênero, né? Mas eu acho que quando a gente entra na puberdade, na adolescência, quando a gente descobre mais a nossa sexualidade. Ser mulher não é ter vagina. Ser mulher não é se relacionar com outro sexo. Ser mulher é tudo isso aqui que eu sou, mas como eu explico? Eu acho que me deram esse gênero, desde pequena, me ensinaram, construíram por mim, eu assumi isso docilmente, sem refletir. Mas, hoje eu vejo que a carga da palavra mulher é muito forte. Para mim, não significa só o gênero, significa também toda a força, significa também uma carga de sensibilidade que parece maior em relação aos homens, e significa todas essas atribuições que nos enfiaram goela abaixo. E eu pensei que fosse quando eu assumi a minha sexualidade lá na adolescência, mas talvez não. Acho que talvez tenha sido quando eu me tornei adulta e tive que desempenhar todos esses papéis que a sociedade me impôs. Então, eu acho que foi isso. Mais ou menos quando me tornei uma adulta, lá pelos vinte. Sempre me vi como mulher, mas acho que eu me compreendo mesmo, como uma mulher, com toda a carga que uma mulher carrega, na idade adulta.

Bianca: Então, pra você ser mulher é tudo isso? Toda essa carga, tudo isso que você falou. Não é só ter o órgão genital, né?

María: Sim.

Bianca: Você gostaria de comentar mais alguma coisa sobre tudo que a gente conversou hoje?

María: Gente, muita vergonha de tudo que eu devo ter falado, um raciocínio que não foi muito contínuo. Mas acho que é isso mesmo.

Bianca: Ah, mas você falou que sentia vergonha de que achava que tinha uma carga genética e tal. Imagina eu que tô estudando sobre gênero, pesquisando, e tal. Eu tenho *facebook* desde 2010 e eu tive aquela fase que eu postava cada coisa, e eu postava cada abobrinha. Cada asneira. Ainda bem que a gente consegue evoluir, mudar e crescer, né? E eu acho que é importante, porque eu poderia ter continuado com aquele mesmo pensamento, mas hoje eu vejo como mudou. E, falando também sobre o meu relacionamento, faz treze anos que eu e o Thiago estamos juntos. Então, muita coisa dessas mudanças ele também acompanhou e precisou de muita conversa; a gente se via e duas semanas depois eu voltava pra casa surtada com esse negócio de gênero e sexualidade, né? E ele: Quê? O que está acontecendo? Então, a gente conversou muito. E teve também esse esforço

dele de querer conversar, de querer saber, porque ele poderia ter se afastado, né? E teve também a minha mãe, por exemplo. Porque quando a gente começa a discutir essas coisas a gente fica muito combativa, né? E eu tive essa fase com a minha mãe, e ela tinha medo de conversar comigo, então, ela ficava pisando em ovos comigo, e isso também não é legal e até eu perceber que isso não era legal, mas hoje a gente consegue conversar melhor. Então, eu percebo que esse processo que a gente passa, de transformação, de se entender, as pessoas à nossa volta também acabam sendo influenciadas por isso. Então, eu acho que por mais que a gente não perceba, a gente tá se transformando de alguma forma.

María: Aqui em casa, nós três, meu filho tem uma cabeça totalmente diferente, nossa, graças a Deus que já é dessa geração. Mas assim, quando eu começo a falar, os dois já falam “Ah lá, já começou a militar!” “Não vem com lacração, não, mãe!” A gente não tem mais paciência, né? Eu tô nessa fase. Inclusive, ano passado eu tive um. Parece que a minha relação com o meu pai, que era uma relação de muita admiração, começou a mudar. Porque o meu irmão contou para ele que ele era gay e ele não reagiu nada bem. Assim, ele reagiu bem com o meu irmão, mas quando ele disse que traria o namorado para cá, meu pai deu uma surtada, e aí eu fiquei muito brava com meu pai, eu ainda tô brava com ele, na verdade. E teve toda essa divisão na minha família. E é uma coisa que ainda não foi totalmente superada, eu ainda tô com aquele nó, por pena do meu irmão, de tudo que ele já viveu. Ele tá hoje em Londres, e a gente já começa a pensar: Por que foi embora pra tão longe, né? Por que precisou ir pra tão longe? Será que é pra poder viver livremente? E aí a gente imagina toda a dor que foi. E foi difícil, pra que tudo isso na vida, né?

Bianca: Na minha família também eu tenho dois tios que são gays, e hoje eu tenho uma relação muito tranquila, mas minha mãe contou que minha avó colocou pra fora de casa, eu tive um tio que faleceu de Aids, e tinha todo aquele preconceito com a doença. Então, foi muito difícil na minha família, mas depois de muito sofrimento, hoje é bem tranquilo em relação a sexualidade dos dois. Mas, por quê? Pra quê?

María: É, pra quê? É a mesma pessoa…

Bianca: O que isso implica na vida do outro, né?

María: E a gente vê, que nesse ambiente em que ele tá, de bares, cercado de homens, zuando qualquer coisa, têm essa influência, machismo puro.

María: Então, Bianca, obrigada, viu?

Bianca: Foi ótima a nossa conversa, poderia ficar aqui horas e horas, mas eu sei também que você tem muita coisa pra fazer, pra resolver, precisa descansar, muito obrigada por ter vindo hoje, por ter ficado aqui comigo e espero que você consiga vir nos próximos.

María: Tá certo, obrigada, tchau.

3º ENCONTRO

Bianca: Bom, então a gente conversou nos últimos encontros sobre como vocês percebem a relação entre gênero, corpo e ciência na vida pessoal de vocês, como participantes de um grupo de pesquisa, na escola, ou na pesquisa de vocês. A gente viu também o clipe da música da Ekena e também a poesia cantada da Jup do Bairro que falava muito dessa questão do corpo, sobre ser mulher e tudo que envolve. E foi muito interessante tudo que vocês comentaram, tudo que vocês falaram, tudo que vocês desabafar também. Eu lembro que eu fiquei muito emocionada com o que a gente conversou e hoje, a partir daquilo que a gente conversou, eu trouxe algumas imagens pra gente poder discutir sobre elas, então eu gostaria que vocês vissem essas imagens, eu vou deixar elas um pouquinho na tela e aí, eu gostaria que depois a gente conversasse sobre como vocês se sentem em relação a essas imagens, o que vem na cabeça de vocês, se vocês já vivenciaram, ou que vocês presenciaram e se vocês se incomoda, ou se traz conforto. Enfim, como vocês se sentem em relação a essas imagens. Então, eu vou projetar aqui pra vocês. Tá aparecendo pra vocês?

Rita: Sim!

Bianca: Beleza. Bom, essa primeira imagem, remete ao corpo, a anatomia de corpos, então, a gente tem diversas imagens relacionando essa anatomia, de mulher, de homem, aí vocês podem reparar bem nos detalhes, o que vocês pensam sobre essas imagens. O que essas imagens remetem a vocês como professoras, pesquisadoras, Mulheres. Posso passar?

Naomi: Sim, pode passar.

Bianca: Nessa segunda imagem, nós temos uma charge da Laerte, e ela está no banheiro, e chega uma mulher e fala: “Esse banheiro é feminino, sabia?” E a

Laerte fala: “Quer ver minha operação, querida?” E a mulher responde: “Não!” E no próximo quadrinho a Laerte continua: “De amíGMalas…” E aqui, duas imagens, na primeira tá escrito: “Vestiário Feminino, esse banheiro é de todas as Mulheres, não bináries, Mulheres trans, Mulheres cis. Você está no banheiro e acha que o gênero da outra pessoa no recinto não bate com o que diz na porta? Não se preocupe! A pessoa conhece bem o seu gênero.” E na outra se refere ao vestiário masculino e tem a mesma mensagem, mas se refere a todos os homens, não bináries, homens trans e homens cis. Com a mesma mensagem. Aqui nós temos mais duas imagens, onde a gente tem o que seria uma tela, princesas e vilãs e duas meninas assistindo. E na segunda imagem, uma mulher com vários dedos apontados para ela. E aqui nós temos uma outra, uma tirinha, chamada “Pré-conceitos” onde cada quadrinho tem uma característica, fácil, chata, relaxada, lésbica, fútil, gulosa, galinha, vulgar. Adjetivos que são colocados para essas Mulheres com essas características. E na segunda imagem, a gente tem uma capa, como se fosse do YouTube, com um homem e tá escrito: “Descrevi um estupro e depois disse que era piada…” com vários mil likes, muitas visualizações e do lado tem um homem falando: “Foi só uma piada, vocês nem conhecem o cara e já estão julgando. Não acreditem em tudo que está na internet.” E em baixo uma outra imagem como se fosse uma notícia: “Garota é estuprada por trinta e três homens.” e ao lado, o mesmo cara falando: “Mas ela quis, né? Era uma vagabunda, tava no baile por quê? Eu vi na internet que ela era mulher de traficante. Mereceu sim!” E nesse próximo slide a gente tem mais três imagens, na primeira a gente tem uma mulher caracterizada como metade como cientista e a outra metade como mãe, segurando um bebê. Nessa outra imagem a gente tem a imagem de uma mãe segurando uma criança, acredito que tentando trabalhar, com notebook, café, e um homem ao lado na tv, no video-game. E aqui nessa terceira imagem, uma mulher com uma criança no colo e uma outra criança ao lado, o cachorro também, e ela também está trabalhando. Aqui nós temos uma outra imagem, uma mulher cadeirante e ela pensando nos afazeres: “Faculdade, trabalho, ir ao banco, encontrar o Beto. Meu Deus! Será que eu darei conta de tudo isso?” E tem um homem ao lado, apontando o dedo pra ela e dizendo: “Tadinha! Tão jovem e bonita presa em uma cadeira de rodas!” E aqui uma outra imagem de uma mulher segurando o mundo, o planeta Terra, e um balãozinho ao lado, como se alguém tivesse falando pra ela: “Tá, mas nem um batom?!” E aqui, uma outra imagem e tá escrito: “No bisturi.” e tem algumas informações referentes a cirurgias plásticas o

Brasil é líder em cirurgias plásticas em pacientes na faixa de 13 aos 18 anos de idade. Nos Estados Unidos, 4% dos pacientes que se submetem a cirurgia estética são adolescentes. No Brasil, esse percentual é de 6,6% As operações mais comuns são rinoplastia, plástica no nariz, e aumento das mamas com colocação de silicone, nos últimos 10 anos, houve aumento de 141% no número de procedimentos entre jovens de 13 a 18 anos. Pesquisa da Sociedade Internacional de cirurgia plástica estética, com cirurgiões de todo mundo, revelou que 18,6% deles não é desses. De cirurgiões já realizou procedimento para aumento de seios em Mulheres menores de idade, não é? São dados da sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. E na segunda imagem tem que um milhão quatrocentos e setenta e duas mil, quatrocentos e trinta e cinco cirurgias estéticas e reparadoras, de implantes de mamas e rinoplastias, foram feitas só no ano passado aqui no Brasil, e desse total de cirurgias, noventa e sete mil procedimentos foram em Mulheres menores de idade. E os principais motivos que levam essas jovens a procurarem intervenções plásticas é o descontentamento com a estética, alívio de dores, como o peso dos seios e a influência da internet. Vocês querem que volte alguma imagem?

Rita: Vou começar a falar da primeira: durante a minha gravidez, eu comecei a seguir muito conteúdo sobre gravidez, né? Então, eu comecei a seguir doulas, que são acompanhantes de parto, voltado para aquela questão mais tradicional, que eram as responsáveis pelo parto, e hoje têm as doulas que ajudam a gente a garantir os nossos direitos durante o parto porque tem várias coisas que são direitos da mulher, não ter manobra de apertar a barriga, mas a gente no momento do parto não consegue lidar com essas coisas, então a doula pode ser essa pessoa que te auxilia ali. Ou quem prefere ter o parto residencial. Mas, assim, eu seguia pelo conteúdo e eu fui percebendo como é só dinheiro. Você pode ter um parto mais próximo do natural, na sua casa, com uma parteira, desde que você desembolsa quinze mil reais, então a mulher pobre ela não consegue, e eu não vou bater boca com o médico que vai fazer uma cesárea em mim, ou que vai rasgar da minha vagina até o meu ânus. Mas aí, no conteúdo dessas doulas, eu vi elas comentando sobre como a gente nunca vê representação de grávidas e fetos negros. Quase todo conteúdo de internet, de escola, tudo que você vê são bebês brancos, Mulheres grávidas brancas, e ainda vi gente metralhando, querendo explicar que, biologicamente, a criança nasce mais clara porque a melatonina ainda não tá ativada, essas coisas. E alguém respondeu: Mas e essas mães? Não tem mãe negra? Só tem mãe branca? E todas

as Mulheres são magras? Essas Mulheres grávidas de cintura fina com o peito em pé… São corpos muito surrealistas para uma gravidez. Corpos sempre brancos, rosados. E são coisas que eu nunca tinha parado pra pensar… E a gente vê que se estende para todo o restante das representações, em livros didáticos. Além de ser branco, o menino está de azul, e a menina de rosa. São representações sutis que vão fortalecendo esse estereótipo. Que vão moldando a gente desde muito pequeno.

Bianca: Alguém quer comentar mais alguma coisa? Ou, Rita se você quiser comentar sobre alguma outra imagem, fique a vontade.

Naomi: Eu quero comentar sobre essa imagem que a Rita falou. Tem a representação dos corpos do que é dito masculino e feminino, e eu lembro muito das representações de livros didáticos, e como esses corpos são representados por pessoas magras. Parece que as pessoas que têm corpo gordo não existem ou não podem estar sendo representadas nesse espaço.

María: Por que tem o rosto da mulher ali, naquela imagem? Na “uterine fibroid?”

Bianca: Então, não sei dizer porque tem. Mas acredito que seja porque pra mostrar alguma coisa relacionada à anatomia do olho, algo nesse sentido.

Elisabeth: Eu acho que eles estão falando que, quando a mulher tem alguma inflamação no útero, pode ocorrer também em outros lugares, como nos olhos e impede de engravidar.

María: Tipo a endometriose?

Elisabeth: Isso! Aí a imagem traz essa questão da endometriose em outros lugares que ela pode aparecer, mas o mais comum é nos órgãos reprodutores. E quando eu vi essa imagem, eu fiquei pensando, ainda mais com essa questão política, da família, nem todas as Mulheres querem ter filhos, e eu acho que acaba tendo uma pressão psicológica por parte da sociedade e, algumas Mulheres que têm… Então, eu me identifiquei na imagem da mãe trabalhando em home office e o marido jogando vídeo-game e ela segurando o bebê. Eu me identifico nessa imagem, não que meu marido fique jogando vídeo-game, mas eu saí da escola pra poder tentar aproveitar mais a reunião, porque da última vez eu me perdi a conexão e tudo, mas muitas vezes a gente tá nessa situação. Pra gente conseguir ser pesquisadora, para conseguir estudar, a gente que já têm filhos, como a Rita que tá com a neném pequena, ela já mamou, tá ali brincando, mas a vezes, não é porque a gente não tem essa rede de apoio, mas porque o filho quer ficar com a gente, mas a gente

também precisa trabalhar. Aí vem aquela imagem da mulher guerreira, mas é estressante. Como se fosse só obrigação da mulher. Essa questão da anatomia, da questão da gravidez, como se a nossa função fosse somente essa de ser mãe e não de ser cientista. Mas, nós podemos ser mães, podemos ser cientistas, podemos trabalhar, mas parece que é uma obrigação nossa a limpeza da casa, organização, filhos. Na imagem do banheiro, ela teve um pré-julgamento, como se a outra não fosse digna de usar aquele banheiro. E na imagem das princesas tem um círculo em volta da cintura das princesas e têm crianças assistindo. E tem uma criança mais magrinha e uma menina mais gordinha. Assistindo um vídeo que diz que pra gente ser bonita, ser princesa, não que a gente precise ser princesa, né? Mas para sermos princesas temos que ter um corpinho bonitinho, desse jeito aí. E a vilã, as maldosas, obrigatoriamente têm que ser “feias”, gordas. E assim, por que tem que ter o corpo grande para ser vilã? Porque nessa imagem tá que para ser princesa tem que ter o corpo perfeito, E pra ser vilã tem que ser feia, digamos assim entre aspas, como se você fosse julgar e colocando estereótipos de beleza. E na outra imagem a moça sendo julgada justamente por não fazer parte desse estereótipo de beleza. Aí tem a imagem dos pré-conceitos, das Mulheres fáceis, chatas, lésbicas… E eu me lembrei daquele caso da Maríana Ferrer, aquela moça que foi estuprada em uma festa, e pelo fato dela dela publicar fotos sensuais nas redes sociais e ela era modelo, então ela fazia propagandas de calcinhas, roupas íntimas e tal, no julgamento dela, foi colocado que foi um estupro culposo, quando não há intenção, que no caso, ela era culpada, porque ela tava divulgando imagens dela muito sensuais. Então, coloca a mulher numa situação assim, como se a vítima fosse culpada. Se ela não tivesse andando daquele jeito, tivesse aquelas fotos, isso não teria acontecido. Então a culpa é dela. E não o homem que deveria ter sido respeitoso, saber que o corpo é dela e que ele não deveria ter feito o que ele fez, né? Essa violação. Então, aqui ela coloca uma roupa um pouco mais sensual, então ela é fácil. Se ela usa aí o tradicional, ela é chata. Se ela não usa o cabelo liso, ela é relaxada. Se ela corta o cabelo muito curto, ela é lésbica. Se ela faz compras, ela é fútil, se ela é um pouco mais fortinha, ela é gulosa, se ela tá saindo com outros rapazes, ela é galinha. E se ela está amamentando um filho em público, ela é vulgar. Aí, na outra imagem, a mulher na cadeira de rodas aqui é como se ela fosse… Ela está pensando em fazer faculdade, trabalhar, ir ao banco. Ela não está pondo limites na condição que ela tá, mas o homem olha para ela, fala assim, tadinha, tão jovem, bonita, presa nessa cadeira de

rodas, como se fosse uma condenação e ela não pudesse fazer nada. Então assim, tá excluindo ela, e não incluindo na sociedade, não é pelo fato dela não andar. Aí, depois da cirurgia plástica, com estatística de procedimentos de cirurgias, né? Aí essa figura me remeteu aquela lá das princesas. Então, lá de criança a gente parece que é condicionado, que pra gente ser bonita a gente tem que ter esse corpinho, né? Não pode ter barriga, não pode ter nada. Então, para a gente resolver o nosso problema, a gente tem que ir pro bisturi. Para poder seguir esse padrão de beleza. É, eu penso que esses motivos que levam as pessoas a não gostarem de si, seria justamente essa influência externa também, que a gente acaba ficando em exposição e expondo também. No nosso caso, os filhos, né? É só essas observações que eu que eu vi, enfim, passo a palavra.

Rita: Eu vou fazer um comentário sobre a imagem do banheiro que enquanto a Elisabeth falava, eu me lembrei que esse negócio do banheiro está muito em voga agora por causa das eleições, né? Eu nem consigo entender a psicodelia argumentativa do pessoal de colocar aquelas imagens do homem adulto com a criança desconhecida no banheiro, enfim, mas para não fugir muito do tema, eu vi esses dias também no Facebook, uma imagem de um banheiro que estava escrito banheiro unissex e uma foto real de um banheiro falando: “Ó, já está acontecendo em tal shopping, em tal lugar vai acontecer em todo lugar.” E eu lembrei de uma discussão relacionada a essa propaganda, porque tem lugares mesmo que estão muito acertadamente fazendo banheiros unissex, no sentido de um pai com um filho poder trocar a fralda desse filho, por exemplo, porque se eu for com a minha família no shopping, só tem trocador no banheiro feminino ou no supermercado ou em qualquer lugar. Ou se eu tô com uma criança pequena, então tem que ter. Mas, nesse banheiro não vai entrar 1 homem adulto desacompanhado ou uma mulher adulta desacompanhada, é um banheiro para que você possa levar o seu filho, que não consegue ir ao banheiro sozinho ou trocar essa criança nesse ambiente, né? Então, fiquei pensando muito nisso aí também, que essa coisa do banheiro está muito em voga e as pessoas têm uma loucura, falam coisas que não é o que está acontecendo. Chama muita atenção, como se a gente não tivesse congresso, senado, população, nada.

Bianca: Há um tempo atrás, nem tinha muito essa separação, né? Alguns lugares só tinha um banheiro, não tinha nem unissex, nem nada, era só aquele banheiro e ninguém reclamava, né? Sei lá, em restaurante, em bar, em algum lugar

assim, e aí de uns tempos pra cá que começou, né? Fazer essa distinção que não sei se é obrigatório, mas que você sempre vê em todos os lugares, né? É estranho.

Rita: E a placa vai inibir um caso de uma pedofilia, por exemplo? É a placa que inibe, se for uma pessoa que for entrar num banheiro para fazer uma maldade com uma criança? Ah, mas tem placa, então não vou mais.

Bianca: É, Rita, eu lembrei da moradia, né? Vários casos das meninas tomando banho lá na moradia da Unesp, e os caras entrando para espionar. E eram os próprios alunos da que moravam ali na moradia. Caras estranhos entravam no banheiro na ala feminina, no banheiro feminino. Isso não impedia ninguém.

María: Essa questão do banheiro, não sei se vocês viram um vídeo circulando, das escolas terem um banheiro só, um banheiro unissex, e aí mostra várias escolas com um único banheiro pra todos, e as escolas sem saneamento básico, vocês viram esse vídeo?

Bianca: Não vi, mas eu lembro de uma reportagem que passou no Fantástico que mostravam umas escolas em situações bem calamitosas, em que os alunos iam no mato pra usar o banheiro, porque não tinha nem banheiro na escola.

María: É, esse vídeo compila várias escolas, algumas que não tem banheiro nenhum, algumas têm um banheiro só. Essa deveria ser a preocupação: dar o banheiro para as pessoas, ainda mais em escolas que são responsabilidade ainda maior do Estado. E não essa bobagem que tá sendo reproduzida nessas fake news que a campanha do Bolsonaro tá divulgando. E lembrei também de um caso que, agora tem uma criança do quinto ano na nossa escola que é trans, então pela primeira vez ela chegou e falou: “Eu sou trans.” Pela primeira vez, a escola está vivenciando isso. E aí? Ela veio de outras escolas. É uma menina que tem grande vulnerabilidade social. Ela passou por várias escolas e a tia veio nos falar que ela não ia ao banheiro, em nenhuma das escolas. Porque quando ela entrava no banheiro das meninas, as meninas achavam que ela era um menino. Então, virava uma confusão nas escolas em que ela passou, e aí nós tivemos que colocar um banheiro que era de funcionário, para que ela pudesse se sentir à vontade para usar. Para que ela não ficasse cinco horas sem ir ao banheiro. Mesmo assim, ela ainda tem dificuldade de ir ao banheiro, ela tem um trauma muito grande por conta disso. E a história dessa menina é bem mais complicada, porque ela optou por se vestir como um menino devido a uma situação de abuso anterior, então não foi uma escolha. Ela sentiu que precisava se cobrir. Então usa camisetões, calças largas e

ela não quer mais se parecer com uma menina por conta disso. É triste demais. E aí, essas crianças não merecem o mesmo cuidado que as outras? A mesma atenção, a mesma preocupação por conta da orientação sexual? Ou, menos ainda, eu nem sei se essa vai ser mesmo a orientação sexual dela, ou se ela só se veste, né? E ela ta se autodenominando trans. É isso.

Bianca: María, como a escola além de fornecer esse banheiro para que ela se sinta a vontade de usar… Mas teve alguma outra coisa que, você enquanto coordenadora, ou a escola, teve alguma outra coisa? Ou vocês têm conversado com os professores sobre essa situação?

María: A gente conversou com a professora dela, e às vezes a gente traz essa situação no conselho, do HTPC mas uma outra coisa que a gente perguntou foi se ela se sentia à vontade ser chamada de XXX, porque o nome dela é XXX. E aí, a gente perguntou se ela não gostaria de ser chamada de um outro nome, né? De um homem masculino e ela disse que não, que o nome não incomodava ela, que ela se reconheceu como XXX e que o nome não era um problema. Então, por enquanto é isso, porém, a gente explicou pra ela que ela poderia ter um nome social, porém a gente ficou sabendo que ela rasgou os documentos pessoais dela. Então, a tia estava com grande dificuldade de fazer um novo RG pra ela, porque ela havia rasgado. Ela disse que rasgou por conta do nome da mãe. Mas, a gente não sabe.

Bianca: Teve mais alguma imagem que causou algum desconforto, ou mais alguma coisa que vocês gostariam de comentar?

Naomi: Eu gostaria de comentar sobre a charge, e me fez pensar que na maioria das vezes as pessoas acham que uma pessoa trans precisa passar pela cirurgia de redesignação sexual. E nem sempre uma pessoa trans quer passar por esse tipo de cirurgia.

María: Eu me identifiquei com a número sete, que é a mulher segurando o mundo nas costas. Me lembrei de quando eu tive o meu bebê, e logo que ele nasceu e eu fiquei pouco tempo de licença maternidade, então eu tive um tempo que foi cortado. E quando eu voltei, eu fazia matemática na Unesp e foi toda uma situação. Para quem não sabe, foi uma gravidez que não foi planejada, eu ainda era estudante, morava em república, nós éramos muito jovens, vinte e um anos, eu fazia matemática e era professora em Mirassol, aí eu me lembro que eu tava pensando se eu conseguiria equilibrar matéria durante a tarde, durante a noite e esse bebê pra levar pra lá e pra cá, porque o meu marido trabalhava em casa, e tinha que levar pra

minha sogra, e eu não dirigia e voltava de ônibus, e chegando em casa não sabia se estudava, se fazia algo pra sala de aula para o outro dia, porque eu era professora de primeiro ano, e primeiro ano suga a gente porque tem fazer muito material em casa, e casamento novo, pensando no aluguel… E eu tinha amigas que iam comigo dar aula, e até então, tudo ok, todas éramos jovens, e aí elas começaram a falar muito sobre sobrancelha, batom, cuidar da roupa, e eu comecei a entender que aquilo era indireta. Gente, fiquei muito impactada na época. Eu sempre fui muito cuidadosa com a minha imagem, e se eu não estava sendo naquele momento é porque realmente não estava dando. Como as pessoas julgam uma coisa dessas? E ainda vindo de outras Mulheres… Foi bem impactante. Por fim, eu tive que desistir do curso. Então, entre o trabalho e o curso eu tive que escolher, e eu escolhi o trabalho… E foi uma época muito difícil, então, essa imagem me pegou bastante.

Elisabeth: Eu também tinha anotado ela, porque parece até que é uma questão histórica, né? Já que a gente quis trabalhar, por que essa história que você relatou é a história da vida da gente, né? É a minha história também. Para estarmos aqui sentadas estudando, nossa! Primeiro, que eu acordo às seis da manhã, aí pra estar aqui já tive que deixar a janta pronta porque tem a questão familiar. E a gente trabalha por uma questão financeira, não tem condições hoje em dia de um homem arcar com todas as despesas da casa, fora que a gente também precisa, enquanto mulher investir na gente, né? Mas tem a cobrança. Quando eu me casei, também tinha essa essa cobrança muito grande, a minha sogra chegava: “Uai, mas o meu filho que está fazendo a comida?” Como se fosse uma obrigação minha, né? E, às vezes, eu me vejo desse jeito também, segurando o mundo, porque a gente tem que fazer mil e uma coisas. “Uai, mas nem penteou o cabelo hoje?” “Ai, você é muito pálida. Não, está faltando o batom?” E essa condenação muitas vezes vem de outra mulher. E eu fiquei pensando, minha sogra teve 3 filhos e ela teve que sair da escola também porque meu sogro não aceitava que ela estudasse. Ele fazia comentários do tipo que era obrigação dela mesmo cuidar dos filhos, e eu vejo que ela também veio com isso. Então, eu e a minha cunhada passamos pela mesma situação. É muito difícil pra gente tirar essa imagem de ser essa mulher que segura o mundo.

María: É muito difícil essa cobrança em relação à imagem também da mulher, né?

Elisabeth: E até a própria mídia, né? Eu não sei se vocês viram recentemente, é que eu não guardo muito bem o nome desse povo da televisão, mas

teve uma atriz magérrima que postou uma foto amamentando um recém-nascido com uma mão só, e um corpão,né? Ela estava toda linda e eu fiquei pensando, quando eu tive a minha filha, meu peito ficou rachado, foi horrível. E a privação de sono é terrível, né? E entre lavar o cabelo, ou cuidar um pouco da minha sobrancelha, ou da minha unha, ou dormir, eu muitas vezes escolhi dormir porque eu não aguentava. Dane-se essas coisas. Eu queria dormir porque eu estava imensamente cansada. E essa atriz estava sendo criticada por outra atriz que tem três filhos, e ela é mais realista, e ela falou: Como que posta uma foto dessa? O que as outras mães vão pensar? E é isso. O que a gente tá vivendo é muito tóxico. E além de tudo a gente ainda tem a obrigação de não envelhecer, né? A gente ter um filho e continuar linda, maravilhosa. Não dá. E eu assim perdi as contas de quantas vezes meu marido trabalhava, sempre trabalhou em usina, né? Ele demorava para chegar às vezes, e eu tinha que colocar o nenê no carrinho, não fechar a porta do banheiro, e tomar banho olhando pra ela no carrinho. Então, eu vejo que são realidades, né? E aí chega uma senhora e vira pra essa mãe mais jovem, como se ela fosse a detentora de todos os saberes sobre maternidade e fala pra ela que tudo tá errado. Como se fosse tudo fácil. E essa questão da mulher segurar o mundo, às vezes ela mesma se coloca nisso. “Deixa que eu faço, que eu resolvo.” Só que depois psicologicamente, emocionalmente, a gente não dá conta. Eu vejo dentro da escola também, ainda mais agora que eu fui pra coordenação. María do céu, porque você não me disse antes? Eu estou trabalhando o triplo do que eu trabalhava. Meu Deus, se você soubesse tantas coisas que eu fiz hoje e eu não me orgulho disso. Sinceramente, não estou orgulhosa disso. Eu estou tentando colocar um breque, eu não posso resolver tudo, né? Quando eu vejo a minha mesa está lotada de coisas. E eu não dou conta. Eu acho que a gente não tem essa função de carregar o mundo nas costas. A gente tem que reconhecer nossas potencialidades, mas também as nossas fragilidades. E eu acho que eu, enquanto mulher, quando eu faço isso, eu estou ajudando a propagar esse tipo de função para minha filha que está me observando todos os dias dentro de casa, que tem que abraçar o mundo. E eu só fui pro Gepac quando eu comecei a conversar com a María e eu vi que ela era mãe e que ela também era professora e trabalhava, e aí, sabe quando você encontra o consolo? Então, eu tava vendo outras mães que também têm essas dificuldades que eu tenho, então eu falei: Eu vou tentar. E eu venho me fortalecendo com esse tipo

de conversa, com as reuniões que a gente tem. Essa dificuldade que a gente tem, enquanto mulher, enquanto mãe, e dessa sociedade que nos cobra tanto.

Rita: Só pra comentar que essa coisa da maternidade pega muito, mas mesmo antes de ser mãe, essa imagem me tocou e me lembrou de uma época que eu tinha depressão, e eu tinha que lidar com coisas que, ainda não eram cuidar de uma criança, de trabalhar na escola, mas eu tinha meus estágios, minhas provas, eu tinha um universo de coisas acontecendo, meus problemas familiares, com amigos, semanas de prova, TPM sincronizada na república, então, várias coisas aconteciam e essa sensação de carregar o mundo, ainda mais quando você está passando por uma fragilidade emocional, ainda que não seja uma depressão clínica, existe uma cobrança muito grande sobre a aparência. Não só uma cobrança, mas é como se a sua aparência te legitimasse algo ou te desse alguma responsabilidade sobre algo. Porque quando eu estava muito deprimida, teve fases da minha vida, que a única coisa que eu conseguia ter controle era a minha aparência.Então, eu tava muito mal, muito triste, muito deprimida. Não dormia a noite, só chorava, não me alimentava bem. Mas a minha aparência estava entre aspas impecável, eu saía maquiada, com o cabelo hidratado, bem vestida. Então, isso passava um ar para as pessoas que tudo estava no lugar certo. E, modéstia a parte, por me comunicar bem também, as pessoas acham que a pessoa que ela é bonita fala bem, essa pessoa tem tudo e se eu reclamo de alguma coisa, nossa! “Nossa, eu tenho vergonha de me apresentar em público.” “É mentira, você é sempre linda, maravilhosa e fala bem.” Isso é um peso também colocado só sobre as Mulheres. Você não vê esse peso sobre os homens. Os homens, eles estão sempre ilesos; não tem batom pra homem, o homem tem que fazer sobrancelha, ele se veste da mesma forma, o meu esposo tem um monte de camiseta repetida, ele usa sempre as mesmas camisetas, ele tem a responsabilidade de fazer a barba, mas quando ele não faz ninguém faz nenhum comentário. Agora, a mulher tem um trilhão de coisas para cuidar, é a unha, é o cabelo, é a sobrancelha, é o buço, é a roupa, é o peso, é tudo, é tudo. E se você falha em alguma coisa, você está falhando em tudo e também, se você cuida disso, é como se isso te trouxesse um peso de que então está tudo bem na sua vida. Não sei se consegui expressar bem, qual é o sentimento sobre isso, mas nessa minha época de depressão, parece que isso era o que me definia, eu sentia que a minha aparência me definia, se eu fosse para uma festa, para uma reunião, ou em uma festa de república e eu tivesse bonita, pronto para as pessoas, eu estava bem, eu

era Rita, maravilhosa que todo mundo gostava e era amigo. Então eu estava bem, mas eu chegava em casa e chorava porque eu não estava bem. E se eu tivesse com a minha aparência correspondente ao meu estado emocional, que na maior parte do tempo era agora minha aparência cotidiana, que é largada, sem fazer sobrancelha, cabelo preso sem lavar por uma semana, isso causava um grande choque, tipo: “Nossa, está tudo bem?” Sendo que eu estava falando que não estava tudo bem, as pessoas não te ouvem, eu falava, as pessoas sabiam que eu não estava bem, que eu era depressiva, então, são essas coisas, sabe? Porque às vezes, a sua aparência diz mais do que você. Você fala que não está bem, ninguém escuta, ninguém acredita que você tenha depressão, que você está triste, que você tem vergonha, que você está com dificuldade em alguma coisa porque sua aparência está intacta. Então, isso é uma coisa que me pega muito. Assim, foi uma fase da minha juventude, que isso foi muito forte, eu me cobrava muito mais da minha aparência, porque isso é o que me legitimava pro outro.

María: Exatamente, porque o que me feriu nesse relato que eu fiz para vocês foi a vinculação de uma imagem que não é tão boa para uma professora. Nossa, o que os pais vão pensar, o que as pessoas da escola vão pensar? O que é uma imagem de uma professora? É tão diferente, né? Tão diverso. Se a gente olhar numa reunião de professores, tem gente de tudo quanto é tipo. Por que pra eu ser uma boa profissional, eu tenho que estar com a imagem de determinado modo? Isso é estranho, e eu sempre observei isso. Depois que passou essa época da minha vida, fiquei muito tempo preocupada com a imagem. Eu associei muito isso, sobre a questão de sucesso profissional e cuidados com a imagem. Quando a Elisabeth me conheceu lá no mestrado, eu era outra pessoa, eu estava super animada, era uma oportunidade que eu esperava há muito tempo, eu estava muito feliz e foi muito leve levar o mestrado, foi uma experiência que foi muito boa na minha vida. Agora, no doutorado, depois de ter passado pela pandemia, e por as coisas estarem cada vez mais difíceis na educação, na escola, de eu ter comprometido a minha saúde para estudar, eu já faço outras reflexões. Até que ponto carregar o mundo nas costas vale a pena? E na escola eu desassociei isso. Eu me estabeleci na minha escola já tem um tempo, as pessoas me conhecem, sabem quem eu sou, sabem que eu estudo, sabem que eu levo meu trabalho a sério, então eu me despreocupei da minha imagem. E, estando despreocupada, eu não me vejo mais com certas obrigações que outras pessoas possuem, por exemplo, a diretora que acabou de chegar lá na

escola tem, e eu deixo a minha equipe mais leve também. Se você tá de tênis, você tá com o cabelo preso, isso quer dizer que você não está se cuidando? Ou que você não é uma boa profissional por causa disso? Não. Quer dizer que você está em um dia que você precisa andar de tênis. E, inclusive, agora eu só ando de tênis. E as pessoas vão se contaminando, então, acho que dar o apoio para as pessoas, principalmente em escolas que majoritariamente as professoras são Mulheres, eu acho importante. Então, eu tento fazer o contrário do que fizeram comigo. Tentar aliviar um pouco.

Bianca: Vocês estão comentando sobre tudo isso, eu acabei de perceber que depois que eu comecei a dar aula, eu tenho tido uma preocupação muito maior com a minha aparência. Não que esteja vindo uma cobrança direta. Talvez um pouco da minha mãe, em alguns comentários que ela fez, mas eu tenho tido essa preocupação de forma muito mais intensa, que eu não tinha antes. Eu fiquei anos sem passar esmalte na unha, ou de estar com a sobrancelha perfeita. E quando eu comecei a dar aula, eu comecei a ficar frenética pensando nessas coisas, sabe? De não me sentir à vontade, porque na escola em que eu estou, as Mulheres têm esse comportamento, esse hábito. E agora eu estou um pouco chocada de perceber isso. Acabei de cair na real sobre essa cobrança que a gente tem. E para comentar também sobre um caso de uma pessoa próxima a mim e da minha família, sobre essa questão de carregar o mundo nas costas, ser cobrada, e sobre esse relato da Rita, também me veio sobre essa pessoa. Ela teve um filho recentemente e passou por uma separação muito traumática. Vindo de um relacionamento abusivo, onde ela praticamente fugiu, né? Voltando para casa dos pais, e vivendo todo esse turbilhão de coisas, e com uma bebê recém-nascida e tudo isso, e ela foi intimada no trabalho dela que se ela não melhorasse a aparência, se ela não desse um up, ela seria mandada embora. Com um mês de tudo o que ela estava vivendo, sabe? Ela foi colocada nesse lugar, se você não dar uma melhorada na sua cara, você vai ser mandada embora. A gente vai colocar outra pessoa. Foi muito chocante quando essa pessoa me contou que isso aconteceu, porque eu fico imaginando assim, tudo o que essa pessoa estava vivendo, acabado de ser mãe, tava sobrevivendo. Sobrevivendo a um relacionamento abusivo, voltando a morar na casa dos pais e tudo o que aconteceu, tendo que encontrar força não sei de onde para levantar e ir trabalhar todos os dias e ainda, ser tratada dessa forma porque não passou um batom. Então, é uma cobrança que com o ex-marido, tenho certeza absoluta que ele não teve. Se

ele ficou mal, se ele não ficou, não sei. Mas, mesmo que ele tenha ficado mal com a separação, com tudo o que aconteceu, eu duvido que alguém chegou nele e ameaçou de perder o emprego por conta da aparência dele. Então, é algo que foge da escola, que foge da pesquisa, mas, que é muito triste. As Mulheres têm que passar por isso. Teve também a Manu Gavassi, não sei se vocês conhecem, ela fez o BBB, é cantora também, ela, tipo, trabalhou super na música dela, no trabalho dela, e ela saiu numa capa de uma revista falando sobre a aparência dela, né? Que ela tirou o silicone e falava só sobre a aparência dela, né? Então, quanto que para a mulher a nossa aparência, como a Rita falou, né, nossa aparência? É o que importa, não importa se a gente está bem, não importa se a gente está conquistando coisas, se a gente está alavancando a nossa carreira, carregando o mundo nas costas. O que importa é se a gente está com uma boa aparência, né? Essa boa aparência, geralmente atrelado a um padrão que é imposto também, né? É muito revoltante. E no meu caso, eu acabei de perceber o quanto isso tá pesando. De eu só me sentir uma boa profissional, se eu tiver com a unha feita. Qual o sentido?

Elisabeth: É o que eu falei, né? Da questão dos padrões que são colocados. E eu acho que você cuidar da sua aparência, cuidar de si, passar um creme, é gostoso, a gente relaxa. Ainda mais depois de um dia cheio. Alguém vir e fazer a sua unha, por exemplo, é gostoso. Mas não quando isso é uma obrigação. Quando é uma obrigação, é terrível. E eu senti muito quando eu vim pra cá, sabe? É porque assim, a gente que é de cidade grande, eu sempre morei em São Paulo e lá a gente tinha que pegar trem, metrô, então assim, trabalhar de saia, vestido e se não for de tênis, não rola. Tem que ser de tênis e não dá pra ir de vestido, porque se você pega o trem, os metrôs, essas coisas, você corre o risco de ser assediada ou sair do trem sem o vestido porque parece uma lata de sardinha, né? Aí quando eu cheguei aqui, eu trabalhei muitos anos numa escola que a gente usava uniforme: calça bailarina, tênis e a camiseta da escola. Eu sempre gostei de All Star, sempre gostei de camiseta e tal, né? E eu fui trabalhar na escola. Aí eu fui de moletom, eu lembro até hoje, é um mico, mas eu me senti muito mal. Eu estava de moletom e tênis, aí uma professora antiga olhou pra mim e falou: A minha filha anda assim. Como se eu tivesse ido de pijama, mal arrumada. E depois ela falou: Ah, esses moletons são uma beleza pra dormir, né? Aí eu percebi que eu estava mal arrumada. E não entendam mal o comentário que eu vou fazer, mas assim, quando a gente encontra com amigas antigas, né? Principalmente que eu ainda tenho contato lá em São Paulo, eu

costumava dizer para elas, que o pessoal aqui no interior é muito assim. Metido porque se preocupa com a aparência, se vai aqui na praça que eu moro, o pessoal vai de salto. Eu estou indo muito em reuniões na diretoria de ensino e eu até falei pro meu marido, nossa, eu vou ter que fazer a unha, dar uma melhorada aqui na carcaça, porque chega lá a mulherada de salto, mas eu continuo usando o meu tênis. E o que eu fico chateada é que são Mulheres reparando uma na outra. Eu fui no banheiro e uma senhora chegou em mim e falou assim: “Tem bebezinho nessa barriga?” Pensem numa revolta. E eu estava com uma amiga e ela é bem jovem, professora recém formada, tem uns vinte e sete anos, e eu falei pra ela: “Estou muito bem resolvida com meu corpo, a senhora não está bem resolvida com o seu corpo, não? Porque eu fiquei grávida três vezes, isso aqui é o corpo real de uma mãe que não faz academia. Fiz o concurso para ser professora, não para ser modelo.” Mas eu achei muito chato da parte dela, não pelo comentário porque eu realmente não ligo, eu tenho mesmo uma barriguinha de mãezinha, e isso pra mim não é um problema. Mas eu fiquei chateada por ser uma mulher fazendo esse comentário, e eu olhei pra ela e ela não era nenhuma modelo, ela não era nenhuma Gisele Bündchen, não era nenhuma princesa da Disney e tava falando de mim, que ela nem conhecia. Ela não tinha essa liberdade pra falar comigo. Então, eu não sei se um dia a gente vai conseguir quebrar isso, mas a gente precisava. A minha filha só tem dezesseis anos, e ela tem uma protuberância na testa porque ela nasceu com o crânio triângular, é uma característica genética rara e a gente não sabe por que. E eu tive que mudar ela de escola. E ainda mais com esse governo ridículo, que parece que fomenta esse tipo de coisa, né? Enfim, meninas. Só um desabafo. E essas imagens trazem pra gente uma inquietação. Então, se você não tá na moda, você é feia. Se você não tá bem vestida, você não serve. A gente é muito cobrada.

María: Bianca, então tenta não entrar nessa vibe de fazer as unhas, sei lá essa imagem de mulher, de professoras que temos na escola, vai contra, e a lição que eu tiro dessa situação é: você tem um círculo de convívio, ali dá pra dar um toque em uma amiga, falar assim: Ou, pra que esse tipo de comentário? Essa fala me veio em um momento que eu estava fragilizada, se fosse em um outro momento… Provavelmente, eu já havia ouvido esse tipo de coisa, eu deveria ter intervindo nesse tipo de fala, para não chegar a esse ponto. E dessa fala, vem todas aquelas outras. Se tá assim, é porque é chata. Se tá com o cabelo curto, é porque é lésbica. E assim por diante…

Bianca: Teve mais alguma imagem que chamou a atenção de vocês que vocês gostariam de comentar?

Rita: Eu queria falar da cirurgia plástica. Gente, eu fiquei horrorizada, eu não conhecia esses dados. Isso deveria ser proibido. O adolescente não tem condições de tomar uma decisão desse tipo, dessa natureza. Eu quando era adolescente eu falava que queria mexer no meu nariz e pôr silicone e hoje em dia eu não quero mais. E se eu tivesse colocado quando era adolescente? E a influência da internet, né? A internet é uma potência e uma pressão muito grande. Até para se estar na internet. Eu tenho usado muito menos a internet e não é por causa da nenê, eu comecei a usar menos a internet na época da pandemia. Minha vida mudou. É muito raro eu postar foto, compartilhar coisas, mas não por nada. Por uma questão minha. E parece que eu tenho uma obrigação de postar algo. Eu já ouvi até gente insinuando que isso tinha alguma coisa a ver com o meu relacionamento, como se eu tivesse em um relacionamento ruim porque não uso mais a internet. Como se eu tivesse infeliz, e não, é o contrário, agora eu tô feliz, antes ninguém me ouvia que eu era uma pessoa depressiva, eu tinha que mexer com a minha aparência, eu tinha que postar trinta fotos para conseguir validação externa, e agora isso, influenciando adolescente a fazer cirurgia plástica, me chocou muito isso. Eu não tinha dimensão. Eu sabia que o Brasil era o país que mais fazia cirurgia plástica, mas não tinha dimensão desses dados sobre os adolescentes. Muito perturbador.

Bianca: Rita, eu não encontrei um desenho pra colocar, mas em relação a cirurgia genital de reconstrução, o Brasil também é campeão mundial e não são por questões médicas, são por questões estéticas. De meninas que querem ficar com a vulva esteticamente bonitas.

Rita: Outra cirurgia que eu gostaria de ter feito quando eu era adolescente, porque o meu relacionamento com o sexo não foi algo aprendido, conversado. Eu fui jogada na vida sexual de forma precoce, com uma pessoa mais velha, então eu fui impelida a consumir pornografia, pra saber o que eu estava fazendo e minha vagina não era igual as dos filmes que eu via. Meu Deus, assim ninguém nunca vai me querer, ninguém nunca vai me amar. Eu fui fazer as pazes com a minha vulva muito recentemente, e ainda não digo que eu amo, não, eu ainda tenho as minhas questões. Eu não consigo achar que é bonita, que é grande, que é escura e isso é por causa da pornografia, que é outra coisa extremamente nociva que a gente só vai tendo noção com o passar dos anos. Já fazem alguns anos que eu não consumo

pornografia, Graças a Deus, com muita conscientização porque eu descobri também que eu tinha um vício em pornografia. Viu? Mulheres também têm vício em pornografia… Viu, eu vou desligar aqui porque a neném tá chorando.

María: Chocante mesmo, né? O instagram mostra o tempo todo os corpos padrões. Eu fiquei pensando naquela imagem do filme, da criança gorda olhando a vilã sempre gorda, né? E aí eu fiquei pensando se tem filmes em que a princesa é gorda… Porque, na questão do preconceito racial, a gente listou alguns filmes na escola, né? E a gente precisa dessas listas porque é a criança em contato, né? Por causa da representatividade, e como eu estou um pouco desatualizada dos filmes de criança eu não me lembro de nenhum, que eu me lembre, só o Shrek, né?

Bianca: E a princesa Fiona, quando ela se transforma na princesa, ela é uma princesa magra. Ela só é gorda quando ela está como uma ogra.

María: Ah, verdade.

Bianca: De cabeça agora, eu não me lembro. Mas, os filmes da Disney de princesas atuais, talvez não estejam mais com a cintura tão afinadinha assim, né? Mas ainda assim, são princesas magras. A Moana, se eu não me engano, ela não tem a cintura tão afinada, mas ela também não é uma princesa gorda.Eu sei que tem alguns filmes onde a protagonista é gorda, e apesar de serem filmes de comédia, comédia romântica, o corpo da protagonista não é uma questão cômica. Porque a gente vê muito na TV que quando a pessoa é gorda, ela nunca é protagonista, nunca tá em papel sério, é sempre papéis cômicos e a comédia está sempre relacionada ao corpo, dela ser desengonçada, enfim, né? Mas são poucos, muito poucos.

Elisabeth: Tem um filme, eu não sei se vocês já assistiram “o amor é cego”, ele é de comédia e, embora pareça que passa uma mensagem que o amor está nos olhos de quem contempla, ele é hipnotizado a enxergar a moça, não pelo que ela era, mas pelo corpo ideal, e quando ele abre os olhos, ele se recusa por conta da imagem, depois ele vai entender, mas até lá… Então, tem poucos filmes sobre isso, assim como tem poucos filmes com princesas negras. A Moana é a única que a gente vê, ela e a Pocahontas que traz uma questão indígena, eu acredito que a gente ainda precisa evoluir muito nessas questões. Eu acho que mudou um pouco, mas não o suficiente. E acredito que nessa questão da cirurgia plástica, eu não me lembro onde foi que eu recebi essa orientação, mas era algo falando sobre a vagina, dos lábios, da vulva, mas eu nunca nem tinha pensado nisso, mas tem um projeto, a gente até recebeu um material, eu vou procurar e mandar pra vocês, mas parece

que a gente tá sendo treinado para não gostar de si mesmo. A gente tem que seguir padrões, rótulos, modelos, estereótipos. E isso me lembra aquele livro do Aldous Huxley, o Admirável Mundo Novo que falava que as pessoas seriam como bonecos modelados. Gente, eu sou coordenadora do Ensino Médio, e eu nunca tive tantos alunos com crise de ansiedade. E aí a gente vai conversar com eles para saber quais são os gatilhos e, a maioria estão relacionados a aparência. “Ah, porque eu sou feia, porque ninguém gosta de mim na sala.” É um problema estrutural, tem que mudar a nossa sociedade, porque não existe pessoa perfeita. Cada um tem sua beleza e pronto. Eu fui professora de primeira a quarta série muitos anos e gostava dos filmes da Disney, mas eu nunca tinha parado para pensar sobre essa questão do corpo perfeito, e depois de um tempo que eu passei a analisar essas questões, eu parei de incluir esses filmes nas aulas.

Bianca: Tem a representação da Barbie que sempre foi uma referência de muitas meninas há muitas décadas, e hoje começaram a produzir Barbies mais cheinhas. Não chegam a ser gordas, mas já não têm mais a cintura tão fina. Tá tendo um pouco mais de representatividade, mas ainda assim, eu não sei até que ponto. Não se o objetivo é vender mais ou ajudar as crianças a se reconhecerem mais

María: E os filmes também, a gente tem que reparar muito nisso, né? Se é só para vender, porque, por exemplo, quando a gente foi buscar os exemplos da questão racial, a gente procurou alguns desenhos que há muito tempo são retratados assim, né? Por exemplo, a gente teve aquele Bino e Fino que é um desenho de algum lugar da África, mas os personagens são de algum país lá da África, então esse desenho, legitimamente foi produzido para representar uma comunidade, uma sociedade, um país. E outros não. Se a gente for ver a produção cultural dos últimos filmes, todos arrebentam de bilheteria, né? Se colocam a questão racial, a questão da mulher. Por um lado, é bom, né? Mas no fundo, o objetivo pode não ser esse.

Bianca: Eu acho que individualmente para uma criança negra, uma criança gorda, conseguirem se ver dentro do filme, do desenho, do livro tem um ganho muito positivo, porque você vê relatos de pessoas que não tiveram isso na infância. Só que, como você falou, o objetivo é realmente abrir esse espaço ou só aumentar o público que vai comprar?

María: Se depois o conteúdo dentro do livro não remete mesmo ao objetivo, aí fica ruim.

Rita: Eu acho que muitas vezes, algumas mídias, acabam reforçando o estereótipo, eu fiquei pensando muito nesse filme “O amor é cego”, ele é um filme que pode até ser bem intencionado, mas ele reforça um estereótipo, porque colocam ainda essas pessoas no lugar do outro, algo fora da norma que nós vamos tolerar, que nós vamos aceitar junto com os padrões, com os corretos. Muitas vezes é uma celebração da diversidade forçada. Que continua reforçando preconceitos: “Olha, a gente gosta dessa moça, apesar dela ser gorda. A gente é amigo dessa pessoa, apesar dela ter deficiência. Essa pessoa é bem sucedida, apesar dela ser negra.” É sempre nesse sentido. Isso me preocupa muito. Mas, agora eu tô vendo algumas produções que tá parecendo mais natural a inclusão dessas pessoas, sem ser caricato, né? O gay sem ser escandaloso, caricato, comediante. O gordo estabanado. O negro periférico. Tá acontecendo. Uma série que me chamou bastante atenção em relação a isso, foi Sandman, mas é muito legal. Tem pessoas não-binárias, pessoas negras em posição de poder, e isso não é o foco, não gira em torno disso. É só como é na realidade. Essas pessoas só são, e esses traços não as definem. E isso é uma coisa recente, porque antes, até quando se fazia algo para ser inclusivo, acabavam-se reforçando alguns estereótipos.

Bianca: É, fazer essa inclusão com foco nessa inclusão, não era como no Sandman que era algo muito natural, como você falou. A aparência, o formato do corpo não estão em questão. Mas ainda é raro. E espero que cada vez mais isso aconteça, porque as pessoas vêm ainda casais homossexuais, casais de lésbicas, ficam muito em choque ainda. Então, quanto mais aparece isso, mais vai trazendo para a “normalidade”. Vão se acostumando a ver, a ter contato. Eu acredito que isso seja bom. Eu vejo muitas pessoas falando que: “Ai, é muito estranho pra mim.” Olha com muita estranheza. E se todo dia tá aparecendo na casa dela, na série, na tv, em algum momento ela vai parar de olhar com estranheza.

María: Ou no livro de literatura infantil. A gente teve a experiência com uma autora, e os livros tratavam da questão racial, mas se debatia o tempo todo na história sobre isso, e aí quando se vai levar pra sala de aula, surge a questão da visibilidade, e aconteceu isso com a questão étnico-racial. Algumas crianças acabaram se sentindo muito constrangidas porque elas viraram o foco. E eu fico pensando, se isso acontece em um debate com a questão étnico-racial que é uma coisa mais fácil de se falar no ensino infantil que questões de gênero e sexualidade, imagina um livro infantil que trate somente disso. Vai virar alvo, com certeza. Quando

a gente fala de família, por exemplo, a gente usa um livrinho do Todd Parr que fala que tem famílias de todos os jeitos e vai mostrando que tem famílias que gostam de ser mais limpinhas, algumas que gostam de ser mais sujinhas, e em determinado momento, mostra que tem famílias que têm mãe e pai e têm famílias que tem duas mães, dois pais, têm família que têm avó e criança. Muito naturalmente. Desde 2014 esse livro é abordado e nunca tivemos nenhum problema, então, a questão não era o foco. Nosso objetivo ali era atingir as crianças que na época dos dias dos pais ou dias das mães, ficam constrangidas, porque às vezes não tem pai e mãe naquele formato. Têm avós que são mães, às vezes são adotadas. Mas o livro não tem só esse foco, têm outras coisas e aí acaba se tornando mais natural a abordagem da temática.

Bianca: É importante essa abordagem, principalmente dessa forma tão natural, para não colocar como uma questão. Mais alguma imagem que vocês gostariam de comentar? Se quiserem falar de alguma coisa que aconteceu com vocês nesse período, dos últimos encontros pra cá, que vocês vivenciaram, ou ouviram, fiquem à vontade. Eu queria compartilhar algo que eu vivenciei na semana passada, mas como um desabafo nesse lugar que a gente está aqui desse grupo, desse ambiente seguro. Eu fui ao médico oftalmologista para trocar de óculos, é um oftalmologista que minha família toda vai desde sempre. Desde quando eu tive meu primeiro óculos, a gente vai nesse médico, né? E chegando lá, esse médico começou a falar coisas muito absurdas, muito xenofóbicas. Eu comentei que depois que eu tive Covid eu comecei a ter uma sensibilidade muito forte à luz e eu queria que ele visse se tinha um problema que tivesse relacionado, mas só para contextualizar, ele que foi depois desse período e tal. E ele foi muito xenofóbico em relação aos chineses, começou falar umas coisas absurdas. Entrou em questão política e a todo momento eu falava para ele que eu não queria falar sobre aquilo, né? Que eu queria que ele olhasse meu olho e até que chegou o momento que ele falou coisas muito absurdas e eu falei assim, olha, eu não quero mais falar sobre isso, porque vocês estão sendo xenofóbico e eu estou pagando a consulta para você me examinar, não para falar sobre dessas coisas, né? E aí, na mesma hora ele perguntou qual era a minha profissão, e eu falei: “Sou professora de biologia no estado, estou terminando meu doutorado em Educação para a Ciência na Unesp, e tal´”. Ele deu uma risada, muito debochado, tipo, ele riu alto. E falou: “É por isso que você tá me chamando de xenofóbico, então. E, eu continuei pedindo para ele parar de falar aquelas coisas,

que eu só queria ser examinada, que eu estava pagando a consulta pelo trabalho dele, não pelo que ele queria falar sobre a visão dele. E nesse momento que ele riu alto, eu fiquei muito nervosa e eu aumentei o tom de voz porque eu estava sendo extremamente desrespeitada ali e ele falou: “Não precisa ficar tão nervosinha assim, não.” E eu: “O que que você falou?” e ele: “Não, nada não. Pode colocar o rosto ali que eu vou te examinar, já que você tá pagando a consulta.” Então, assim, eu fui muito maltratada enquanto professora, enquanto estudante de doutorado, enquanto mulher. Porque ele me colocou como a nervosinha, tipo histérica, né? Foi bem traumático isso que eu vivenciei. Já vivenciei outras questões, né? Em consultas médicas, por ser uma mulher gorda, de ter o tratamento negado, né? Falam assim: “É só emagrecer que está tudo ok.” Eu fiquei anos tentando resolver meu problema de saúde porque os médicos não queriam fazer exame de sangue. Assim, não era só questão de emagrecer, mas eles falavam, ah emagrece aí, mas também não me encaminhavam para uma nutricionista, por exemplo. Então, foi uma situação muito traumática para mim e que teve um peso muito grande por eu ser professora e pesquisadora também. Não foi uma questão só em relação a mim, ao meu corpo, mas em relação à minha profissão, a minha intelectualidade, e parece que hoje em dia ser professor virou crime para algumas pessoas e foi muito chocante, eu não levantei na hora porque eu pensava a todo momento no dinheiro, porque eu estava gastando ali, porque não é uma consulta barata, e ainda consegui um desconto e tudo mais e eu falei, pô, se esse cara está fazendo isso aqui comigo, como paciente, ele não vai devolver meu dinheiro, né? Eu não queria perder o dinheiro da consulta. Aí, eu fiquei até o final, fui embora, peguei a receita dos meus óculos, e aí, por fim, ele parou de ficar falando tudo aquilo depois que eu fiquei “histérica”, “nervosinha”. Mas, foi muito, muito traumático vivenciar tudo aquilo, sabe? E eu fiquei ansiosa para dividir isso com vocês porque talvez vocês entendam o que eu passei ali na hora, foi bem foda, e eu tô buscando meios de denunciar.

María: Isso, denuncia no Conselho de Medicina. Não sei se você quer chegar ao ponto de um processo, de danos morais, levar pra justiça, mas pelo menos perante a comunidade, ele tem que se sentir constrangido também. E é triste ver a associação da universidade pública aqueles que estão defendendo todo tipo de preconceito, né? A universidade sai condenada por isso, ou o professor ser o pobre que não tem valor. Porque é professor já está louco.

Bianca: E foi muito chocante para mim, porque talvez tenha sido a primeira vez que eu tenha sido violentada tão diretamente por ser mulher e professora. Eu sei que é muito comum, mas foi…nossa!

María: Porque é diferente quando você vai em um nutricionista, em um endocrinologista talvez você se prepare para o preconceito em relação ao seu peso, né, Bianca? Agora, você vai a um oftalmologista, preparada para falar de xenofobia? É uma coisa muito distante, né?

Bianca: E eu fiquei pensando…

Elisabeth: E ele foi um grosso, né? Totalmente desrespeitoso, desde quando a gente tem que seguir algum padrão de beleza? Porque quando a gente é magro, a gente também sofre. Ah, porque é perna de saracura, você nunca tá de acordo com a língua do povo. Aí se você casa e engorda um pouquinho: Ah, a lá, ficou relaxada.

Bianca: O marido vai largar…

Elisabeth: É…

María: Mas ela tava sofrendo preconceito por ser mulher, associada a louca, histérica, nervosinha, professora ou desequilibrada…

Elisabeth: Que não é pra tanto. Mas gente, com essa questão do Bolsonaro, eu tô angustiada. Eu tive que engolir um sapo esses dias, porque o meu irmão caçula, a mulher dele é bolsonarista roxa, e ela não recebe nenhum real para fazer propaganda do Bolsonaro, mas ela faz. E ele falou lá: Não permita que um petista dê aula para os seus filhos, e eu fiquei pensando: Eu comecei a dar aula muito nova, e eu dei aula pra ele, eu dei aula pra filha dele, e aí ele vem na minha casa, ele dorme aqui, ele almoça aqui, e eu fiquei pensando: Tá muito difícil. E essas falas do presidente, tá só fomentando coisas ruins, todo o tipo de preconceito. E eles estão se escondendo atrás desse maluco, desse fascista, desse cara ridículo, sabe assim que vai contra a ciência. A moça que faz a minha unha, eu quase rolei com ela um tempo atrás aqui na sala, porque ela ficou falando pra mim que os nossos alunos não merecem estar na universidade pública, que a universidade pública tem que acabar mesmo porque quem está lá é o quê? É pra virar viado, pra ficar achando defeito em tudo, para questionar a sociedade, que a gente não tem que ser crítico, que as coisas estão postas, gente, pensa ela falando isso pra mim, eu fiquei maluca, né? E não tem nada a ver, mas ela é extremamente cristã, católica, né? E aí ela fazendo umas críticas muito pesadas. E eu falei assim, você tá todo dia na igreja e

fala esse tipo de coisa? E ela: “Como assim?” Como é que você se permite um tipo de coisa dessa?

Bianca: Bom, meninas, vocês gostariam de falar mais alguma coisa? Comentar mais sobre alguma coisa?

María: A questão dos médicos que está se tornando rotina, Bianca. Eu também já estou me preparando, né? Porque eu tive um ganho de peso, em seis anos, de quase vinte quilos, no mestrado e no doutorado. Também vieram outros problemas, como a questão da coluna, da gastrite, então assim, eu tenho gastrite devido ao meu estado emocional, eu pareço ser calma, mas por dentro eu fervo, então, eu acho que somatizo no meu estômago. Eu sempre tive, mas agora se tornou muito. Então eu estou tendo que ir em profissionais desse tipo, então, eu vou no endócrino, é inevitável falar do ganho de peso, então, já se associa, um problema que eu já tinha antes do ganho de peso, agora é por causa do ganho de peso. A coluna, ah, se você perder peso, vai melhorar. Então tudo ficou associado ao peso. E eu não estou preocupada com o meu peso, não tenho nem tempo pra me preocupar com meu peso agora, infelizmente. Fico preocupada com os problemas que eu estou, a gastrite. Mas eu sei que isso é muito mais associado ao meu estado emocional, a má-alimentação. Então, se eu emagrecer tomando remédio, eu sei que o remédio é muito mais nocivo que a alimentação incorreta que eu tenho que fazer rapidamente porque eu não tenho tempo. Então é uma questão que eu estou me preparando para enfrentar quando eu vou aos médicos. E não é fácil.

Bianca: Esse problema médico que eu tive, era porque eu não estava menstruando, a minha família toda, todas as Mulheres tiveram problemas de cistos, ovários policístico, e eu passei em muitos médicos, particulares, pelo SUS, e todos eles falavam que era questão de emagrecer, e nenhum deles pediram exames, o ovário policístico também tem relação com a gordura, com o peso, mas também tem várias outras questões, como por exemplo, o estresse, fator genético e precisa ser investigado para saber qual a causa. E nesses médicos eu não fui nem examinada, não pediram nem exame de sangue. Fiquei anos nessa, sendo maltratada, até que eu encontrei uma médica, e ela pediu exames e ela falou que eu estava com microcistos e que era só tomar um anticoncepcional que já resolvia, que era o tratamento. Eu fiquei anos, e tudo foi resolvido em uma consulta porque ela pediu os exames, que era o que eles deveriam ter feito. E sempre que eu vou ao médico ginecologista, eu fico em pânico porque foi muito trauma. E igual Elisabeth falou, né?

As pessoas estão tomando coragem de cometer esses absurdos em qualquer ambiente.

Elisabeth: Ai, também com esse maluco aí desse cara, né? E eu não sei como as pessoas não conseguem enxergar, né? Deus me perdoe, mas eu concordo com você, María. Se não mudar essa política aí eu não sei, vão começar a aparecer coisas assim… Já estão acontecendo mortes, né? Tá acontecendo coisas absurdas que não dá pra crer.

Bianca: Vai começar a ser institucionalizada, né? E, bom, meninas, obrigada, viu? Por vocês terem ficado até agora, a gente se encontra de novo dia 17 de novembro, mas se vocês quiserem trocar a data, trocar o dia da semana que fica melhor, fiquem à vontade, tá? A gente vai conversando lá no grupo.

María: Tá bom.

Bianca: Obrigada mais uma vez. Bom descanso para vocês.

Elisabeth: Beijo, tchau, meninas. Tchau, tchau.

4º ENCONTRO

Bianca: Antes da gente começar eu queria ver se vocês gostariam de comentar alguma coisa, algo que vocês vivenciaram ou que vocês lembraram do nosso grupo de discussão, algo que tem acontecido com vocês, seja na pós, em casa ou na escola.

Rita: Eu lembrei ontem, Bianca. Na reunião com a minha orientadora, que eu comentei, ela tava recebendo os orientados novos e falou um pouco da pesquisa de uma colega do grupo. Sua pesquisa é sobre maternidade e professoras de matemática. Ela fez grupos para conversar com mães que são professoras de matemática e falou do que estava vivendo. Eu lembrei das conversas que a gente tinha aqui, falei: “Olha que legal, tem muitas pesquisas agora se preocupando com questões de diversidades, de pessoas, modos de viver, de tantas coisas, isso é tão importante.” E eu lembrei do grupo.

Bianca: Bacana. Eu acho muito legal essa pesquisa dela. Estou ansiosa para ver os resultados, porque essa discussão da maternidade, de professoras e maternidade na ciência, causa um impacto muito grande na vida das Mulheres. Muito

de forma positiva, mas também a questão das Mulheres na ciência ficarem para trás em relação aos homens por conta da maternidade. Então ver pesquisas discutindo isso e a gente estar discutindo isso aqui também, é muito importante, eu acho que é revolucionário para área acadêmica e cientista porque não se ouvia falar sobre esses assuntos alguns anos atrás e hoje isso está em pauta. Eu lembrei de uma situação na escola onde lembrei do nosso grupo, eu queria sair correndo para contar pro grupo. Houve um caso de uma professora, que comentou que estava sofrendo perseguição do ex marido e o comentário do pessoal da escola, Mulheres principalmente, era: “Será que não vale a pena voltar? Será que vale a pena jogar o casamento fora? Não denuncia que isso não dá em nada.” Foi um incentivo que as próprias Mulheres, colegas de trabalho dela, deram para essa professora. Eu fiquei muito em choque na hora, tentei conversar, tentei falar que não era assim, mas foi muito difícil porque eu também estava ali numa posição subordinada e foi bem chocante pra mim vivenciar isso entre Mulheres, bem complicado. Eu lembrei do grupo, das discussões que a gente falou sobre as violências veladas que a gente sofre também na escola, no ambiente acadêmico e tudo mais.

Rita: Eu lembrei de outra coisa que aconteceu, não foi uma semana atrás ainda. Eu tenho uma sobrinha, um pouco mais nova, então a gente trata como sobrinha, ela tem treze anos e é do Rio de Janeiro, mas veio passar esse semestre aqui em Pereira Barreto para estudar e para as coisas familiares. Ela estava sofrendo racismo na escola que ela estuda e ela estuda numa escola no Rio de Janeiro super bem conceituada, mensalidade cara, que tem Paulo Freire na parede, tem tudo para ser super descolada, mas é uma escola muito cara e as crianças que estão lá são filhas de famílias de Boa Vista do Rio de Janeiro e são crianças preconceituosas, essa é a verdade. Ainda vão separando as crianças por crianças do cabelo em pé e crianças do cabelo para baixo. E ela é uma menina de pele branca, mas de cabelo afro, bem crespo. Eles vieram para cá e ela lidou super bem com isso, conseguiu recuperar as notas, mas algo que me marcou logo que ela veio, ela passou por um problema com a turma, porque a turma falou que ela estava dando em cima de um menino e depois era de outro, sendo que ela só estava vivendo a vida dela, ela tirou um bichinho do cabelo do menino e uma outra menina falou que ela estava dando em cima dele. Começaram a falar na escola: “Cuidado com ela porque ela vai dar em cima de todo mundo.” Ela se afastou de todos esses meninos porque ela não gostava de menino nenhum, a mãe dela perguntou: “Pelo menos você gosta de

algum menino?" Se você gostar, tudo bem" Ela respondeu "Não mãe, não gosto." E ela fez amizade com uma menina, ficaram bem próximas, e era só uma amizade também e agora, falam na escola que ela é lésbica e está com essa menina. Então todas as atitudes dela, por ela ser menina e por ela ser de fora, são de alguma forma levadas como se ela fosse uma vadia, apesar de ela ser uma criança, mas tudo que ela faz agora dizem que ela está dando em cima de fulano: "Cuidado que ela dá em cima de todo mundo." Ela não teve um envolvimento romântico de adolescente, mas ela está sempre sendo julgada por isso. Eu fiquei pensando que com meninos não deve ser assim, os meninos que tem amigos próximos não são considerados gays.

Bianca: Provavelmente eles seriam populares na escola.

Elisabeth: Eu atendi uma aluna agora a pouco, eu estava até conversando com a professora aqui e veio uma história parecida com a sua, que traz a questão do cabelo. Uma aluna está namorando um menino da sala e tem duas meninas que não se conformam, porque ela tem o cabelo afro. Elas ficam tirando sarro. Eu fiquei tão enfurecida, fui até a sala pra saber quem eram essas duas meninas e elas estavam menosprezando a aluna, falando que ela não merece namorar com esse rapaz porque ela é feia. Ela não quer nem vir na escola e ela é uma boa aluna. Eu falei pra mãe: "Nós temos que cuidar dos nossos filhos e ensinar os nossos filhos desde pequenos que eles precisam respeitar as outras pessoas." E são meninas denegrindo a imagem de outra menina e como vocês estavam falando, com os meninos não acontece nada, se os meninos saírem com dez meninas daqui ele é considerado o gostoso, é o super. Agora, se uma menina sair com outros meninos, num curto período de tempo, ela é considerada vagabunda. Então é umas coisas que vão se perpetuando na sociedade e, até por exemplo desse governo, quando a gente vai falar que não é assim que a gente tem que ver as coisas, dizem: "Mas a gente é da família conservadora, dos bons princípios, dos valores." E eu te pergunto, que valores são esses? Que tipo de pessoas são essas, que são formadas? Então você estava relatando, Rita, e eu estava lembrando disso. Eu atendi essa menina e fiquei tão chateada quando falou do cabelo dela. Realmente ela tem o cabelo afro, mas é um cabelo lindo, bem cuidado, tem umas mechas vermelhas, ela é toda moderna e a gente vê também a questão da inveja, da intolerância, do desrespeito, é complicado. Nós estamos numa geração que se as meninas não gostam uma da outra, elas batem, por isso que a mãe veio aqui hoje conversar comigo, elas batem de machucar, as vezes jogam coisas no rosto pra deixar a pessoa deformada. Eu

penso que esse governo ajudou a tirar dessas pessoas esses ânimos aflorados, intolerantes e ridículos.

Bianca: Elisabeth, não só em relação a esse caso, mas a escola chegou a trabalhar alguma coisa em relação? Como a consciência negra?

Elisabeth: Sim, trabalhamos. Nós fizemos um trabalho muito bacana aqui de consciência negra, mas foi num sábado e a maioria dos alunos do ensino médio não vieram, veio só os alunos do ensino fundamental. A gente faz a roda de conversa, que traz situações reais, debates. A gente fez esses trabalhos com eles de conscientização, mas ainda não é o suficiente porque esse currículo que vem muito grande, muito cheio de demandas, às vezes não sobra muito espaço para essas atividades. É até chato para gente falar, mas um ou outro professor comenta, mas entre os alunos, eles fortalecem esse tipo de conduta. Hoje eu recebi a reclamação dessa menina, referente ao cabelo e ao namorado, agora eu vou sentar com os professores pra gente fazer uma ação um pouco mais perto do menino e dessas meninas para poder melhorar, digamos assim, conscientizar, não sei se seria essa palavra. É aquela coisa de desconstruir conceitos que não prevalecem à vida. Ontem minha professora fez uma fala sobre essa questão da vida, não é Rita? E eu fiquei pensando, são assuntos que não motivam e nem enobrecem uma vida e sim destroem a vida das pessoas. Agora nós teremos que sentar e pensar nessa situação específica aqui, dessa menina e o que me chamou mais atenção foi a questão de falarem do cabelo e da pele, foi uma coisa que me deixou muito irritada e ver ainda que essas alunas têm acesso a tanta coisa, hoje tem um monte de vídeo falando, tem muitas meninas adolescentes feministas que tem uma bagagem de leitura interessante e que falam com pequenos vídeos sobre essas coisas e a gente vê adolescentes fazendo isso é realmente desesperador. Agora eu vou me reunir com a vice-diretora e chamar especificamente essas duas meninas que fizeram a afronta, conversar primeiro, acolher e orientar. E depois chamar os pais, têm os protocolos que a gente tem que seguir, mas a gente vai fazer isso. Eu recebi essa informação a pouco tempo, faz uns quarenta minutos que a mãe saiu daqui da minha sala.

Bianca: Pegando um gancho em relação a essas questões de racismo, hoje eu queria conversar com vocês um pouquinho sobre ciência, a percepção que vocês têm de ciência, do papel da ciência na sociedade. Eu queria saber, na visão de vocês enquanto docentes, enquanto pesquisadoras da área de ensino e educação. Qual é

a percepção de vocês a respeito do papel da ciência na sociedade? Como vocês percebem a ciência?

Rita: Que pergunta ampla, não é? Depende de que nível a gente vai pensar em sociedade, vou pensar em sociedade enquanto uma construção histórica desde os primórdios do que a gente entende por ciência. A ciência foi o que possibilitou um desenvolvimento social, a ciência não é só aquela ciência como a gente compreende hoje, não é só o cientista dentro do laboratório, pesquisador na frente do computador pensando nos múltiplos desdobramentos e caixinhas que a ciência está hoje. A ciência já foi uma mulher na cozinha mexendo em ervas para tratar feridas, a ciência já foi homens ou Mulheres desenvolvendo ferramentas para lidar com o campo, para lidar com a caça, então eu acho que todas as etapas de desenvolvimento do ser humano enquanto sociedade, de sairmos de um estágio de viver de forma menos organizada socialmente falando, acho que a ciência que possibilitou isso. O domínio do fogo, acho que é um dos primeiros marcos da ciência pro homem, pro homem e pra mulher, para o ser humano, olha como a gente é condicionado, para os seres humanos poderem se desenvolver, filosofar, poderem ter grandes ideias, porque foi o fogo que possibilitou que a gente pudesse se organizar no período da noite e ficar em torno de uma fogueira pensando, refletindo, foi o fogo que permitiu que a gente cozesse os alimentos, diminuísse as doenças que a gente tinha. Então pensando na ciência nessa questão humana, acho que a ciência é um motor do desenvolvimento da sociedade, a ciência foi o que possibilitou os grandes marcos, mas pensando na ciência nos dias de hoje, eu acredito que a ciência ainda tem esse papel, mas também acho que a ciência está passando por uma crise de legitimação. Acho que antigamente a ciência era tida como uma instituição que era parte das pessoas e do conjunto da sociedade, era respeitada, mas a gente passou por um processo que eu não sei identificar muito bem aonde foi ou quando foi, onde começou a ver essa crise de legitimidade da ciência. As pessoas não acreditam mais na ciência, no que a ciência produz, no que os cientistas produzem, no que as universidades produzem e eu acho que isso é muito nocivo, não sei o que causou isso, apesar de também ter um lado positivo, que as pessoas devem sempre questionar, pode ser uma cultura geral de questionamento das coisas, talvez a gente olhar para um tempo onde a ciência não era questionada, outras instituições também não era, religiosidade também não era questionada, ciência não era questionada, a autoridade patriarcal não era questionada, nada era questionado. Agora a gente está enfrentando uma

crise de legitimidade de tudo, da política, da religião, da ciência, dos papéis das figuras de poder e isso é bom, mas também é ruim, a gente está mexendo doce. A gente costuma brincar aqui em casa, quando a gente tenta explicar alguma coisa, que sempre que eu vou arrumar a casa eu preciso bagunçar ela primeiro, no processo de arrumar vai tudo saindo do lugar para depois reconstruir. Acho que a ciência tem esse papel de ser uma força motora do desenvolvimento social, que infelizmente está passando por uma crise de legitimidade que pode ser fruto de uma crise geral, social e não só voltada para ciência, que tem se intensificado nesses últimos quatro anos, tem uma questão política também por trás que pode colocar mais lenha na fogueira.

Bianca: Obrigada Rita. Você trouxe um ponto importante nessa questão da ciência que é o que nos moveu para o nosso desenvolvimento, pra gente estar aqui até hoje, foi muito importante inclusive para nossa sobrevivência enquanto ser humano. A medicina evoluiu muito nos últimos séculos e essa questão da perda de legitimidade, se a gente for olhar, é pra vários âmbitos da sociedade, não é só na ciência e eu acho que uma coisa está relacionada a outra. É um ponto bem interessante. Elisabeth, você gostaria de comentar alguma coisa?

Elisabeth: Sim meninas, até lembrei da prova que a gente fez no processo seletivo em Bauru com o doutorado, que falava justamente sobre essa questão da ciência, desses marcos e agora como que a gente faz enquanto educador, enquanto professor, como é que a gente faz para trabalhar o conceito de ciência na escola? Porque o que eu mais penso é a questão da vacina. O que mais me causa revolta é a questão da vacina, porque a gente sabe que as vacinas controlaram outras pandemias que tiveram. A criança nascia, se não era vacinada nós éramos jogados na sorte, hoje a gente tem uma tecnologia muito mais avançada, que a gente consegue desenvolver vacinas até numa velocidade rápida e o Brasil é referência na questão da produção de vacinas do Instituto Butantã. Eu fiz estágio lá na época e foi sensacional, eu levava meus alunos lá, eu lembro que quando eu estava no início da carreira, eu comecei dar aula muito cedo, eu estava até falando para um aluno hoje, ele perguntou: “Quando você começou a dar aula?” Eu falei: “Eu comecei com quinze anos.” A gente fazia CEFAM e ganhava um salário mínimo. Quando eu estava com dezoito anos e ingressei na universidade, a gente já podia dar aula para o ensino médio, então eu entrei na sala do ensino médio antes de entrar na sala da universidade. Eu lembro que eu chegava na escola muito empolgada, eu era

novinha, então falava para os alunos dos locais que tinha pra gente pesquisar, eu vivia no Butantã com esses alunos, era dois reais o ingresso para entrar nos laboratórios e com doze reais você tinha acesso a tudo. Os alunos amavam ir lá e eles contam todo o processo, como eles fazem o soro, o antiofídico, mas eles também fazem outras coisas lá dentro. Isso fascinava as crianças e deixava a gente empolgada, eles gostavam de falar de ciência, na minha época não tinha internet com fácil acesso igual temos hoje, então eles liam a superinteressante. A Superinteressante é uma revista para leigo, mas ela trazia um monte de coisas interessantes, a gente via o papel da ciência, mesmo com todas as dificuldades de acesso, a gente via ela muito mais do que a gente está vendo hoje. Quando eu me casei e me tornei mãe, eu comecei a acompanhar alguns programas que falam da criação dos filhos, cada fase é uma fase. Eu acompanhei o Discovery Home Health e tinha um grupo de mães que são anti vacinas, hoje a Isabela tem dezesseis anos, mas quando comecei a assistir eu estava grávida dela e a gente via esses pais que colocavam o filho com catapora perto de outras crianças que não tinha porque queria que criasse imunidade, eu acho que se vocês pesquisarem na internet vocês vão encontrar esse programa, que mostra essas mães naturebas. E tem a Festa da Catapora, meu filho está com catapora e os filhos de vocês vem para poder pegar a catapora porque eles vão desenvolver uma imunidade natural e a gente sabe que as coisas não funcionam desse jeito. Eu vejo hoje uma resistência maior desses jovens devido a essas fake news, devido a esse desgoverno que desvaloriza a ciência, essa questão da diminuição de verbas para investimento na ciência, o Brasil é um país rico, rico em inteligência e tudo mais. Tem uma professora de geografia que trabalha aqui comigo, ela estava falando sobre um movimento, eu esqueci o nome que é dado na geografia para países que vêm em outros lugares, como no Brasil, e eles pegam essas mentes inteligentes, oferecem estudo e pós-graduação. (Elisabeth perdeu a conexão).

***Bianca**:* Oi Elisabeth, conseguiu voltar?

Elisabeth: Oi, eu estou no celular agora. Então, como eu estava falando, até para os professores é mais difícil para falar de ciências, você mostra um artigo, alguma coisa que saiu sobre uma descoberta que é interessante, eles falam: “Mas será? Como é que você sabe disso?” Já começa descrente e é sempre difícil convencer alguém que não está disposto a entender, se você vai discutir com uma pessoa que não está interessada em aprender, que só a ideia dela prevalece, é

difícil. Hoje eu vejo que esses valores sociais, que esse governo potencializou, fez com que dificultasse também na escola, vocês podem ver que tudo que acontece, falam: “Os professores estão ensinando os alunos a falar sobre isso. Não pode!” E parece que é uma libertinagem na escola porque está falando da ciência, do corpo, da humanidade, parece que a gente está voltando para a idade da pedra, que não pode falar, é como se a escola fosse um mundo próprio, tivesse uma vida própria e não dialogasse. Eu vejo, principalmente nessa questão da volta dessas doenças, que a ciência está, de uma certa forma hoje no Brasil, não é que ela está fraca, mas estão tentando enfraquecê-la e a gente não pode. Na escola, principalmente o professor da área de biologia, tem que trazer para o aluno esse lado de extrema relevância para sociedade que a ciência traz, que o estudo, a pesquisa, o desenvolvimento dessas pesquisas, são extremamente importantes. E dentro desse contexto que você perguntou, eu vejo que o papel do professor se torna cada vez mais importante e de uma certa forma exaustivo, porque se a família não aceita essas ideias, ela vem na escola, a gente recebe os pais aqui. Como eu estou na coordenação, não estou na sala de aula, eu recebo os pais aqui, que dizem: “A professora falou isso, a minha religião não permite isso.” E eu pergunto: “Qual é a sua religião?" E respondem: “Eu vou em todas as igrejas.” Então, não tem nenhuma doutrina, não tem um argumento, fica bem complicado para esses jovens. Eu vejo que a gente, enquanto professora, temos que mudar essa realidade, não desistir porque chega a ser assustadora essas ideias e a gente viu que a pandemia não controlou até hoje porque eu não sei quantos por cento da população, que é muito grande, não está tomando as doses de reforço, vai ter que jogar fora essas vacinas. Meu irmão não vacinou a filha dele, a minha sobrinha de doze anos não foi vacinada, ele só foi vacinado porque foi obrigado pela empresa, porque ele é completamente devoto, virou uma devoção, uma religião, o bolsonarismo, então ele aceita esse tipo de coisa, ele acha que as pessoas não são obrigadas a tomar vacina. A gente vê essas ideias no livro didático dos alunos, contando que quando a vacina chegou as pessoas tinham medo, elas achavam que iam ser vacinadas, que iam ser transformadas ou todo mundo morto por conta daquela ideia: “Eu vou dominar o mundo.” Naquela época era plausível esse medo, esse receio, mas e hoje? Hoje não é. Então por que não tomar essa vacina? Já vi um monte de gente morrendo e mesmo assim, a minha mãe morreu de covid, ele sabe disso e ainda fala: “Mas ela vacinou.” Eu falei: “Eu sei que ela vacinou, mas ela foi vacinada no início, estamos

na quarta dose.” Minha mãe só tinha tomado duas doses. Então eu acho que é assim, não sei se eu falei de acordo, mas é o que eu vejo, para mim é revoltante.

Bianca: Sim, é muito, Elisabeth. Eu tive uma situação com uma aluna do EJA na segunda-feira, que é o dia que dou aula para essa turma. Eu voltei a usar máscara na escola porque a covid aqui em Araçatuba está pipocando de novo, apesar de eu dar aula em Birigui. Semana passada eu tive virose, então eu voltei a usar máscara na escola para não passar virose pra ninguém e essa aluna é muito bolsonarista, assim que eu pisei o pé na sala de aula ela me questionou com um tom de deboche por que que eu estava usando máscara? Eu expliquei o porquê, minha sogra está com a saúde debilitada, minha sobrinha de um ano e pouquinho não tomou a vacina, inclusive minha cunhada não quer dar vacina porque o médico recomendou que não dessem. E eu expliquei e ela ficou inconformada, falou que não tem onda de covid, que é a mídia que está querendo dispersar as manifestações. Ela ficou me confrontando como se eu estivesse errada de estar usando máscara e depois ela teve um surto de nervoso por conta disso, foi toda uma situação e eu tinha trabalhado com a turma anteriormente a respeito da vacina, sobre o funcionamento da vacina e ainda assim ela também não tomou, acho que tomou só até a segunda dose porque foi obrigada no trabalho e vários dos meus alunos, acho que noventa por cento não passou da segunda dose. O dia que eu cheguei lá, toda feliz que eu tinha tomado a quarta dose, eles riram na minha cara, falando que não tinha que tomar e é muito assustador, enquanto professora de biologia vivenciar isso, porque é uma população jovem, eles têm acesso ao conhecimento, só que eles são completamente alienados. Eu fico muito assustada de ver a juventude tendo esse tipo de comportamento, tendo esse tipo de ideia, de percepção do mundo, é bem complicado.

Elisabeth: Eles são alienados, mas o que eu fico mais triste é esse pai transformar, é aquela frase “Ninguém nasce racista.” Eu acho que ela nunca se tornou tão forte nesse momento, porque a gente vê que os próprios pais, que nem eu hoje, eu falei para mãe que eu estava atendendo: “Os pais deveriam ensinar seus filhos a respeitar as diferenças.” E ela respondeu: “Mas não tem como.” Lá em casa, por exemplo, eu sempre brinco com meus filhos, falo: “Não pode, se não eu vou quebrar seus dentes.” Lógico que eu nunca vou fazer isso, mas eu falo, eu falo: “Isso é muito feio.” E eles têm uma consciência até de proteção, sabe? Eu vejo as conversas que a gente tem em casa, tudo que eu discuto lá no grupo eu comento com a minha filha, eu vejo as leituras que ela faz, eu vejo o poder que a família tem

sobre os filhos. Se você chega com uma ideia diferente, porque quando eu estava estudando Jung no mestrado, ele fala que a escola liberta os alunos das amarras da família. Eu até falei: “Que estranho, porque geralmente a família ama os filhos.” Mas ele estava se referindo a esse tipo de comportamento errôneo, que a escola vai permitir o aluno a pensar e formar as suas próprias conclusões, só que é diferente, porque essas conclusões têm base científica. Hoje eu vejo assim, pra mim é assustador, que nem na Copa, eu não estou conseguindo usar uma camiseta verde e amarelo, não é uma coisa assustadora? De repente você está usando uma camiseta verde e amarela e é como se fosse de outro mundo, por exemplo, pessoas preconceituosas falam: “Ela é bolsonarista. Ela é do nosso time.” E você aparece com uma camiseta vermelha que não está fazendo nenhuma menção, você tem que votar em proposta e não em candidato porque eu estou vendo hoje que é fã-clube. Eu não sei como conseguem votar em uma pessoa que estava imitando as pessoas morrendo por falta de ar, me causou um desespero ver colocando um caixão por cima do outro na Amazônia porque não tinha lugar para enterrar tanta gente doente e eu falo: “Meu Deus, onde que essas pessoas estão vivendo?” E ver os adolescentes chegar na escola e te confrontar dessa maneira como fizeram com você, não é assustador?

Bianca: Muito, é muito.

Elisabeth: Para mim é uma coisa de outro mundo, é uma coisa que não encaixa na minha pobre humildade.

Rita: Você passar por isso, ainda como professora de biologia, torna tudo mais claro parece, é tipo Porta dos Fundos, vai aparecer as câmeras e dizer que é tudo mentira o que você está vivendo.

Elisabeth: Exato. É igual aquela história também, o menino está com o celular, se ele gravar você falando, de repente dizem: “A professora está falando na escola sobre política.” E é necessário, você não está aqui pra ficar ensinando ele ser do fulano ou do ciclano, você está ensinando ele a pensar, peneirar, selecionar, ver o que realmente ele pode fazer ou não. Não é treinar ele para ser uma pessoa ignorante, porque ele vai sair e a ignorância está prevalecendo agora. Ele saia naquelas conferências que o pessoal chamava, para dar entrevista, parece que para a maldade que existe em algumas pessoas ele era uma referência positiva, que tudo isso era completamente aceitável e normal. Tem vídeo dele falando de tanta coisa e meu irmão fala: “Só pegam um pedaço da fala dele e colocam na mídia para

denegrir.” Como se ele fosse uma pessoa sofrida, uma pessoa que está sendo massacrada pela sociedade e eu vejo que essa questão do acesso à leituras, essa questão da ganância de ganhar dinheiro, do capitalismo, a gente precisa se manter, precisa manter nossos filhos, mas as pessoas não estão investindo tanto em educação como era investido antes, porque foi uma fala dele mesmo. Tem uma aluna minha que falou: “Professora, depois que forma na faculdade, paga um absurdo nesse FIES, é melhor a gente fazer um curso de manicure, de cortar cabelo.” Porque foi isso que ele falou, que a gente como mulher não precisava estudar, bastava a gente fazer um curso para ganhar um dinheirinho e estava tudo bem e não é só isso. Então são questões assim que hoje, quando a gente vai falar em ciência, não tem como não lembrarmos desse movimento social de desgoverno que aconteceu nesse período e que ainda não cessou. Aqui em Pereira Barreto, eu fiquei parada na rodovia com a minha filha porque a gente não podia passar, fizeram uma montanha de pedra e eu estava perguntando: “Pra que fazer isso?” E ainda teve a questão que ele está contestando a tecnologia das máquinas.

Rita: Aqui em Pereira Barreto, o presidente da câmara estava lá junto falando sobre a votação, como é que uma pessoa que não só foi eleita vereador, como fez uma eleição interna na qual ele foi eleito presidente da Câmara dos Vereadores, está lá liderando e filmando o movimento.

Elisabeth: Eu ainda falei para a diretora, ela é um amor, gosto dela demais: “Seu marido não é o delegado aqui da cidade? Será que você não podia ir lá conversar com ele? Porque eu preciso ir embora.” Eu estava com medo porque eles estavam parando os carros e perguntando em quem a gente votou.

Bianca: Nossa, que absurdo.

Elisabeth: Eu tenho até o vídeo. Eu ia mandar para o Flávio, mas como eu troquei de celular com a minha filha eu não sei muito bem onde estão minhas coisas. Mas tinha um vídeo que mostrava eles falando que iam colocar nos comércios, que quem votou no presidente oposto não era para entrar no comércio e eles estavam perguntando em quem você votava, se você falou que votou no presidente eleito eles queriam virar seu carro, não deixavam você passar. E vem aquela coisa, já que estava um monte de macho escroto lá, a questão por eu ser mulher, junto com a minha filha, é como se a gente fosse inútil para esse povo machista e eu estava mais preocupada com isso, nem com o carro, o carro tem seguro, a gente dá um jeito, mas é com a vida, eu vejo que a nossa vida hoje está ameaçada. A minha manicure

começou a falar dessa questão da faculdade, que tem que acabar mesmo com a universidade pública porque hoje os aluno não querem saber de nada, que eles são tudo ignorantes, eu estava quieta e meu pedreiro estava lá trabalhando e colocava aquela música " Está na hora está na hora do Jair já ir embora." Ele colocou bem alto o som lá no fundo onde estava arrumando minha lavanderia, ele estava errado de ter colocado a música, mas ela também estava errada de estar discutindo uma coisa que ela nem é apropriada. É triste, realmente é muito triste. E ver uma pessoa, um representante governamental, no caso de Pereira, compactuando daquela ação que não era um protesto, aquilo era um ato de violência com as pessoas. Tinha gente que estava esperando transplante no hospital que não conseguiu passar, teve um monte de histórias que o pessoal estava contando e eram pessoas que defendiam ele. A conversa começou porque ela queria o remédio de pressão e não estava conseguindo encontrar, eu falei: "Você está apoiando o movimento, não vai chegar remédio aqui."

Rita: Vou aproveitar para falar de um ponto que a Elisabeth tocou, que eu acho que influencia muito nessa crise também. As pessoas, além desse desrespeito com a universidade, ainda sabem o que que é uma universidade, o que é uma faculdade, mas as pessoas no geral, posso estar sendo equivocada, mas eu acho que não fazem a menor ideia de como se forma um cientista e não é só as pessoas que têm menos acesso a informação, que tem menos estudos, você encontra gente formada com pós-graduação que não sabe o que é um mestrado, um doutorado, para que você está fazendo isso. O que eu mais escuto de pergunta é: "Para que você está fazendo isso? Você já não pode dar aula?" Eu falo: "Eu não quero só dar aula, eu quero ser pesquisadora, eu estou me formando para pesquisar." Se você perguntar para alguém, adolescente ou adulto: "Como que se forma um cientista?" Acho que a pessoa não sabe e desrespeita todo o processo e se você explica, a pessoa não quer ouvir, eu não sei o que acontece, mas não se tem ideia, mesmo as pessoas próximas de alguém que está se formando para atuar com pesquisa, não sabem o que está acontecendo.

Bianca: Isso é muito real.

Elisabeth: É muito real mesmo, é preocupante, assustador. Quando eu estava fazendo a minha pesquisa, eu tive que pesquisar um pouco sobre a história da educação para entender quando chegou a educação integral aqui no Brasil e uma das coisas que foi memorizada na minha cabeça, embora o Anísio Teixeira seja um

liberal, ele falou que o governo naquela época não precisava de pessoas letradas, por que a gente ia aprender matemática se era para puxar carroça? E ele não concordava, ele queria uma educação, mas por quê? Ele não estava pensando nessa questão da formação humana, ele estava querendo formação de pessoas habilitadas para o trabalho, para que essas pessoas gerassem mais riquezas para o país, girasse a questão econômica, mas sempre naquela posição de subalternização. O pobre foi concedido, tem gente que odeia o Paulo Freire mas não sabe quem foi Paulo Freire, odeia ele porque em um determinado momento da vida ele se associou ao PT e o pessoal pensa que ele é um doido. Ele era muito religioso, tanto é que foi um padre, um bispo, em São Paulo, que ajudou trazer ele de volta para o Brasil quando ele foi exilado e que se preocupou com o pobre que trabalhava na roça, com a questão da alfabetização. Eu vejo alunos aqui na escola que não sabem quem que é e repete essas coisas e eu fico também com aquele sentimento, como é que ele vai questionar o pai? Que botou ele no mundo, porque querendo ou não, o pai e a mãe têm aquela coisa da proteção, então eles pensam: “Ele é meu protetor, não vai querer meu mal.”

Bianca: E tem uma relação de autoridade também, não é?

Elisabeth: Sim, eles não querem quebrar essa questão do domínio que o patriarca da casa tem, essa questão do patriarcado também é muito forte, ele é o provedor, seu pai e pensam: “Minha mãe está falando isso então é porque é.” E errado é a escola. Hoje eu vi um adolescente no TikTok falando que a escola não serve para nada, tudo que ele aprende aqui ele não vai usar para nada e eu fiquei pensando: “Meu Deus, o que nós vamos fazer?” Eu fico me perguntando como é que a gente vai ter médico daqui pra frente? Como é que essas pessoas estão se formando? Porque não é uma questão só de uma profissão, é uma questão humana, essa humanidade parece que está se extinguindo, somente se você tem dinheiro, se você tem alguma coisa, como a história do escravo “Eu comprei, ele é meu.” Quando os escravos foram libertos, muitos deles já tinham comprado a sua carta de alforria, foi uma população até um pouco menor do que deveria ser e não foi porque todo mundo foi bonzinho, foi uma questão política e econômica por trás. Para mim é revoltante.

Bianca: Eu vou provocar um pouco vocês agora. Eu perguntei para vocês o que vocês pensam sobre o papel da ciência e eu vou trazer algumas imagens. Elisabeth, eu sei que você está no celular com a tela pequena, mas eu vou explicar

as imagens. E depois eu quero fazer mais uma pergunta a respeito dessas imagens e o que vocês pensam em relação à ciência. Vou compartilhar minha tela. É mais provocativo, então se vocês quiserem comentar também, fiquem à vontade. A gente tem uma ideia da ciência, como a Rita falou, como a Elisabeth comentou também, sobre algo que foi bom e que movimentou a sociedade, que nos transformou em uma sociedade, digamos assim, só que tem uma parte da ciência, que foi essencial para perpetuação do racismo, por exemplo, do machismo. Então eu trouxe essas imagens, contextualizando algumas coisas, para a gente lembrar e provocar um pouco vocês em relação a como vocês percebem a ciência. Algumas imagens se referem à questão da Eugenia e do Darwinismo social, foram duas teorias que tiveram cientistas que apoiaram e desenvolveram essas teorias e que perpetuaram fortemente o racismo. Essas duas teorias, apesar das especificidades de cada uma, basicamente foram utilizadas pra dizer que o branco era superior ao negro, que o pobre era inferior ao rico, por exemplo. Aqui eu trouxe um cartaz, onde tem um professor da faculdade de farmácia, eu não consegui encontrar de que época é, mas é como se fosse um diálogo que ele teve. Está escrito assim, sobre o cruzamento do branco com o preto: “Razoável o casamento do branco com o preto? Não, absolutamente não. E ainda mais, nem razoável, nem decente, pela não razoabilidade, falta com eloquência, a hereditariedade, essa vigilante sentinela que, não raramente, acorda a humanidade pelos estigmas, pelos sinais que tanto degradam, que tanto diminuem.” Tem a continuação, mas basicamente ele está reforçando a ideia de ser contra o cruzamento do branco com o preto, porque não é algo decente, não é algo razoável. Tem uma imagem também, que é bem famosa para ilustrar o movimento de Eugenia no Brasil, que tinha essa ideia de embranquecer a população e a gente tem uma imagem de uma mulher segurando o filho, o suposto pai ao lado e a avó da criança. A avó da criança está com as mãos para cima como se estivesse agradecendo que o neto dela nasceu mais branco, como se a família dela estivesse sendo salva por esse embranquecimento. Aqui tem algumas imagens que mostram sobre alguns estudos que foram desenvolvidos para comprovar que a população negra era inferior ao branco a partir dos estudos do crânio. Foram feitos estudos da anatomia, do cérebro, do crânio, das pessoas e foi colocado que as pessoas negras eram inferiores, então aqui temos algumas ilustrações a respeito disso. Foram estudos de craniologia e eu não lembro agora a outra área que estudou, mas eram estudos mais anatômico e fisiológicos, digamos

assim, para dizer a partir da biologia que os negros eram inferiores e que se perpetuaram por muito tempo. Temos aqui também dois casos que são bem famosos, primeiro a gente tem a Sarah Baartman, que foi conhecida como a Vênus Negra, ela foi uma mulher negra escravizada que foi comprada para ser exibida num circo por conta do formato do corpo dela. Eu não lembro agora qual era a nação que ela pertencia, mas era uma nação da África do Sul e ela viveu durante anos sendo exibida em circo, as pessoas a hostilizavam e a cutucavam porque ela era considerada uma monstruosidade, algo exótico. Ela era utilizada também como exemplo de como a mulher negra é sexualmente selvagem e após sua morte, que ninguém sabe como foi, o corpo dela foi dissecado e estudado, as partes do corpo dela ficaram por anos e séculos expostas em um museu, não lembro agora qual museu, mas um museu bem importante de ciência. Em dois mil e dois o Nelson Mandela fez um pedido para que os restos mortais dela fossem devolvidos para a cidade de origem, para que ela pudesse ter paz e descansar junto à família, junto às pessoas que são seus descendentes. É uma imagem muito complicada porque as pessoas que compraram elas eram cientistas, era um paleontólogo muito famoso, um cara muito foda da medicina e eles compraram elas justamente para exibir e para estudar a anatomia do corpo dela. E ao lado nós tem uma ilustração do James Marion Sims, se eu não me engano é esse cara aqui, que é considerado pai da ginecologia. Esse cara comprava Mulheres escravizadas para fazer testes, para estudar a anatomia do corpo feminino e ele fazia esses procedimentos, cirurgias e tudo mais sem anestesia, fazia repetidas vezes, então elas eram torturadas em prol do conhecimento que ele ia adquirindo em relação ao corpo feminino. Tem a história de uma das escravas que ele comprou, que teve um parto muito dolorido, com muita dificuldade, ela teve uma fístula e para estudar essa questão da fístula ele fez um procedimento nela mais de trinta vezes sem anestesia e no material que ele descrevia como que era feito, ele falava o quanto que ela chorava, o quanto que ela gritava, como se fosse algo super normal. Então foi algo muito desumano e um cara que hoje é famoso como pai da ginecologia e eu acredito que, muito provavelmente, isso não deve ser problematizado nos cursos de medicina. E pensando nesse caso, do pai da ginecologia, eu encontrei essa notícia de dois mil e vinte, que nós já discutimos no Nabisa e no Nugens algumas vezes, que até hoje as Mulheres negras são consideradas Mulheres fortes, que elas aguentam o trampo, que elas aguentam mais dor e por isso tem estudos que mostram que as Mulheres negras são as que

mais sofrem com falta de anestesia durante o parto, durante as cesáreas ou qualquer outro tipo de cirurgia. Elas sofrem muito mais violência obstétrica por conta dessa percepção de que a mulher negra é mais forte, então a gente percebe que isso é uma herança lá de trás. Eu trouxe também outros dois exemplos, o caso do estudo da sífilis de Tuskegee, nos Estados Unidos, que era o nome da instituição de pesquisa, esse caso foi por volta da década de setenta, mais ou menos e durou algum alguns anos. Foi feito um estudo a respeito do desenvolvimento da cura da sífilis em homens negros e esses homens eram utilizados como cobaias sem saberem o que estava acontecendo, era oferecido o tratamento só que eles não sabiam que estavam sendo infectados e que não receberiam tratamento depois. Eles injetavam a doença nesses homens negros e acompanhavam, só que não davam tratamento adequado, isso tudo sem eles saberem. Foi entre trezentos a quatrocentos homens negros que passaram por essa pesquisa sendo usados como cobária sem ter nenhum tipo de direito, nenhum tipo de tratamento adequado e só na década de dois mil, se eu não me engano, que o governo dos Estados Unidos da época fez uma homenagem para as pessoas que tinham sobrevivido e pagaram uma indenização mísera a respeito do que aconteceu, se desculpando sobre esses casos. É mais um caso onde a ciência, geralmente a medicina como a gente está vendo aqui, foi extremamente racista e desenvolveu pesquisas sem autorização. Aqui a gente tem Henrietta Lacks, não sei se vocês já ouviram falar, ela foi uma mulher negra que foi internada porque estava com um estágio muito desenvolvido de câncer no útero e quando ela estava internada um médico fez a coleta das células do útero e ele descobriu como que funciona o desenvolvimento das células do câncer. Ele estava desenvolvendo pesquisas e isso tudo sem a Henrietta saber, inclusive ela morreu por conta do câncer, ela não conseguiu tratar o câncer a tempo. Esse médico conseguiu desenvolver e descobrir várias coisas em relação à divisão celular das células cancerígenas, ele foi vendendo essas células, elas existem até hoje e são conhecidas como células HeLa em referência a Henrietta Lacks, até hoje essas células são vendidas em laboratórios e são utilizadas em pesquisas referentes ao câncer. Tiveram várias descobertas utilizando esse tipo de células, que são células da Henrietta e a família dela, há pouco tempo, reuniu uma equipe jurídica para conseguir os direitos autorais, a patente, não sei muito bem como que funciona isso, para que conseguissem receber por conta das células da Henrietta, porque elas eram vendidas, as pessoas enriqueceram às custas dessas células e a Henrietta

nunca soube que isso foi coletado dela, ela morreu sem saber. Então mais uma vez a ciência teve o desenvolvimento às custas de uma pessoa negra, de uma mulher no caso, que foi violada e violentada. Aqui eu trouxe algumas reportagens, a primeira lembrando que a OMS retirou a transexualidade da lista de doenças e distúrbios mentais em dois mil e dezoito, até poucos anos atrás a transexualidade era tida como um distúrbio mental. Então a gente consegue imaginar como que as pessoas transexuais foram tratadas até esse momento, tratadas como pessoas doentes e a gente sabe que tem um preconceito muito grande, que tem uma desumanização muito grande em relação às pessoas transexuais e eu trouxe também uma outra reportagem deste ano, para chamar atenção para desigualdade de gênero na área científica, que ainda é uma realidade no cenário atual apesar de todas as discussões que a gente tem, apesar dos avanços dos estudos feministas, das pesquisas, ainda tem uma desigualdade muito grande de gênero, as Mulheres ainda enfrentam dificuldades para entrar e permanecer na área científica. Um tempo atrás, eu não sei se foi do CNPQ especificamente, mas saiu um gráfico mostrando que as Mulheres, apesar de terem maior formação acadêmica, elas são a que ocupam menos cargos de liderança e que recebem menos reconhecimento por bolsa, são menos citadas, então tem uma discrepância onde as Mulheres têm maior estudo, só que na hora do reconhecimento elas são minorias. É uma discrepância muito grande e que não faz sentido, na verdade faz por conta do machismo, mas logicamente não faz sentido isso. Para finalizar as provocações, eu trouxe uma reportagem de dois mil e dezenove falando sobre a gordofobia médica, como que o preconceito na saúde afeta pacientes gordas e que existem hoje em dia vários relatos de pessoas gordas que sofreram agressões, tiveram traumas, foram impedidas de realizar algum procedimento, alguma cirurgia, tiveram tratamento ou até a consulta negada por falta de equipamento adequado, por preconceito do próprio médico ou médica que estava atendendo a pessoa na hora. Eu mesma sofri gordofobia médica por um tempo, tive um tratamento negado porque falaram que era só emagrecer, demorei anos pra descobrir qual era o meu problema, realmente era algo muito simples de ser tratado inclusive. E aqui eu trouxe uma imagem que me remeteu muito ao ensino de alimentação saudável nas escolas, na área de ciências e biologia, onde geralmente se coloca uma pessoa gorda como uma pessoa que só come besteira, só come “porcaria” e a pessoa magra saudável, que tem uma alimentação saudável, criando um estereótipo de que a pessoa gorda não se cuida, que tem uma alimentação mal

enquanto a pessoa magra tem uma boa alimentação, se cuida. Esse é um estereótipo muito grave porque você patologiza os corpos gordos e você cria um estereótipo de que a pessoa gorda é preguiçosa, que ela não se cuida e isso vai refletir de diversas formas na vida das pessoas. Eu queria saber o que vocês acharam, se teve alguma imagem, alguns contextos que chamaram mais atenção de vocês e pensando na pesquisa ou no ensino de ciências e biologia na escola, como que vocês pensam que a ciência pode contribuir para uma luta contra hegemônica na sociedade, refletindo sobre o que a gente estava conversando com essas imagens.

Rita: Bianca, achei muito legal essas imagens que você colocou porque são coisas que a gente aprende, que a gente sabe, mas esquece. A hora que fala de ciência só vem as coisas boas na mente, a grande questão é, a ciência é uma ferramenta assim como a tecnologia, mas ela é manipulada por pessoas e pessoas podem ser perversas ou podem ser boas, as intencionalidades das pessoas são das mais diversas. Então, ainda bem que hoje em dia, apesar de ainda acontecer muita coisa absurda com a ciência, a gente tem a ferramenta da ética de pesquisa, são coisas que às vezes é um saco preencher a plataforma Brasil para o comitê de ética, mas é o que impede de que absurdos maiores continuem acontecendo. Enquanto você ia falando de como a ciência tem uma cor também, que ela tem corpos que ela desumaniza, eu fiquei me lembrando de outra coisa, que os anticoncepcionais femininos foram testados na América Latina porque “a América Latina não importa”, essas Mulheres daqui tomavam os anticoncepcionais, em outra época, onde eles não tinham testes, não tinham nada. Não foi testado na América Latina porque a América Latina desenvolveu esses remédios, não, eram remédios que vinham de fora e populações daqui, mulheres pobres, carentes, que não tinha muito noção do que estava acontecendo com os corpos delas foram usadas para serem cobaias desses testes. No Nazismo também houve diversos tipos de experimentos, da medicina e de diversas naturezas, a gente vê também vários relatos de documentos secretos das forças militares que desenvolvem pesquisas sem nenhum tipo de ética e sempre com as populações mais vulneráveis. Um caso muito recente, apesar de tudo que a gente pensa, que às vezes pode dar um ar que ficou no passado porque a gente tem algo de ética hoje em dia, na verdade não. Há dois ou três anos, provavelmente vocês acompanharam, teve o desenvolvimento da tecnologia CRISPR, que consegue editar o genoma das pessoas e é uma ferramenta que pode

ser usada para isso ou para aquilo e um cientista chinês, se eu não me engano, criou bebês com o CRISPR sem passar por nenhum tipo de ética. Ele usou para que? Ele alegou ter usado para que a criança viesse sem HIV, que os pais eram soropositivos e que a criança nasceu sem HIV por conta do uso do CRISPR, mas essa ferramenta, que potencial que ela tem na mão de pessoas com interesse de dizimar? E se o darwinismo social tiver uma corrente viva ainda, o que é muito provável, porque a gente tem uma corrente viva de tudo que não presta por aí, que tenha nas mãos uma ferramenta como essa? Que consegue literalmente editar o genoma ou qual que é o interesse militar disso, de você fazer super soldados que você vai criar com ferramentas de psicologia também, deturpadas. Eu tenho muito medo, eu fico imaginando futuros distópicos porque é isso, a ciência pode ser usada pra qualquer coisa porque ela é uma ferramenta, assim como a tecnologia, que pode ser uma ferramenta boa, como pode ser ruim. A questão dos corpos gordos que você colocou, eu estava tendo uma conversa com uma pessoa que estava falando: “Eu estou me sentindo meio mal, eu acho que eu preciso ir ao médico, tenho me sentido muito cansado.” Falei: “Nossa, é bom, tem que fazer check-up, né? Às vezes é bom a gente ver como é que está a questão endócrina, ver como é que está o nível de vitamina.” E me responderam: “Mas eu já sei a resposta, eu tenho que emagrecer.” E eu disse “Mas ainda que por algum motivo, esteja influenciando isso, você tem que saber o restante da sua saúde.” Só que isso não é culpa da pessoa, é um condicionante social de que esse é o único problema, mas você pode ter um desequilíbrio hormonal sendo magro, você pode ter um déficit de vitamina sendo magro, sendo criança, sendo adulto, sendo idoso. Então é importante que o primeiro passo seja o mesmo para todos os tipos de pessoas, eu fiquei lembrando disso porque aconteceu justamente hoje e então você colocou essa imagem e essa conversa rolou hoje. Então fiquei pensando nisso.

Elisabeth: Depois que você mostrou essas imagens eu também fiquei com aquele sentimento que a gente só falou o lado bom da ciência, que eu já fui direto nas vacinas, mas eu também sabia dessa história das Mulheres negras que eram submetidas porque elas suportavam mais a dor do parto do que as Mulheres brancas. Isso daí era péssimo, horroroso, e essa questão dos nazistas também, essas histórias me chamam muito atenção, eu fui pegando um pouquinho de cada história, a questão nazista que eles aplicavam a tinta azul pra ver porque que os olhos não eram azuis. Eu penso que hoje esse seria um lado negro de uma ciência

que não era na verdade uma ciência, era uma desumanidade que eles atribuíam esse nome e eu fico pensando como é que essas pessoas, que detêm o poder, elas manipulam as outras. Essa questão que a mulher não pode fazer sexo antes do casamento, que todas as religiões são contra, mas isso foi criado pra quê? Para que essas Mulheres não engravidassem e as famílias não tivessem a responsabilidade de criar esses seres humanos, então eles não queriam e diziam: “Engravidou vai ter que casar.” É mais um conceito cultural ou então fazer atrocidades em nome de Deus, que nem quando queimavam as Mulheres que não aceitavam a realidade, como bruxas, porque era em nome de Deus. Então, eu vejo que foi atribuído essas atrocidades, essas desumanidades como ciência e que hoje pelo conceito que a gente tem de pesquisador, de pesquisa de ciência, ainda bem que a gente tem também pessoas que supervisionam para que essas maluquices não sejam efetuadas. A gente não pode sair matando animais por uma ideia que eu tive e isso vale para todos os setores, hoje se dá uma importância maior para os animais. Eu fiquei muito chocada, sinceramente, com essas fotos, eu lembrei também da questão do holocausto brasileiro, não sei se vocês já leram nesse livro, dos manicômios que eles também utilizavam essas pessoas, como se as vidas dessas pessoas não importassem, “Elas perderam o juízo, então elas não servem mais para a sociedade.” Até pensando numa visão capitalista, elas não vão trabalhar, não vão produzir, essas Mulheres foram abusadas sexualmente, os filhos nasceram, eu cresci ao lado do Juqueri, lá em Franco da Rocha. Eu gostava de ir lá com os meus pais no Domingo porque tinham os jogos e a gente comia fruta dos pés de frutas que esses pacientes plantavam e cuidavam, eu ainda falava para os meus pais: “Mas por que eles tão aqui? Eles só mexem com planta, ele é louco por quê?” Até hoje eles cultivam um museu e lá tem os instrumentos que eles utilizavam como ciência para cuidar da loucura das pessoas, a gente vê um pouco no livro do Michel Foucault, do tempo que ele passou lá, o pai dele colocou ele lá para se curar porque ele era gay. Então também tinha um tratamento de choque, hoje tem filmes mostrando isso, como é que as pessoas eram tratadas e tudo isso como se fosse em nome da ciência, como se a ciência resolvesse tudo e com métodos de tortura, porque essa história que você contou dele ter feito tanta cirurgia em uma pessoa sem o uso de anestesia é algo muito cruel. Acho que não tem nenhuma palavra que descreve o sentimento e a dor que essa pessoa sentiu e guardar os restos mortais de uma pessoa porque ela tinha uma silhueta, que eu vi que era uma silhueta de mulher gostosona, por que guardar

os restos mortais dessa pessoa só por conta da pele, o que eles queriam com isso? Esse tipo de ciência, eu acho que é aquela ciência do Frankenstein, uma ciência de gente maluca, a gente não podia chamar de ciência, essas pessoas aculturadas que chamam de ciência algo que não é ciência, não pode ser considerado ciência. Voltando a história dos manicômios, se a mulher se manifestasse com o homem porque ele traiu e era um crime e ela queria se livrar daquele casamento tóxico que ela tava vivendo, a família colocava também lá no manicômio, porque ela tinha ficado maluca, como que ela pode falar isso desse marido tão maravilhoso e ainda ele colocava a amante dentro de casa para cuidar dos filhos alegando a questão de que ele não podia cuidar de um monte de filhos e precisava de uma figura feminina para cuidar. Eu acredito que a universidade poderia desenvolver trabalhos para desmistificar essa questão da ciência como uma forma de tortura, falas como: “Eu matei, mas foi pelo bem da ciência. Nós fizemos isso, mas era para o bem da ciência.” Quando eu tava fazendo biologia, na minha época ainda podia usar o rato no laboratório, eu lembro que a gente treinava o rato no laboratório desde o primeiro ano e quando a gente chegou no penúltimo ano nós tivemos que matar o rato para poder abrir. O rato foi treinado, ele aprendeu a comer comidinha, a gente deu o nome para ele porque a gente era estudante e gostava de animais e no final a gente teve que matar, era triste, mas a gente matou e não foi só um rato, foram coelhos e rãs. Naquela época não tinha esses pré-requisitos de leituras para identificar que isso era realmente errado e eu lembro que na época que eu estava na faculdade começou a ser mais incisivo essa questão de não usar animais vivos para fazer experimentos na universidade, eu converso com alguns alunos que estão graduando agora, ninguém passou por essa experiência que eu passei, de sacrificar esses animais. E eu sinceramente nunca usei a anatomia do coelho, nem nas minhas aulas de biologia, eu sei falar para você tudo que tem dentro dele, mas isso não é relevante hoje. Eu vejo que a ciência também sofreu uma parte evolucionista que hoje fez com que eu e a Rita só lembrasse as coisas boas da ciência e não essas atrocidades do passado. Foi muito legal essa sacada sua, eu gostei bastante.

Bianca: E como vocês acham que a ciência, sendo uma pesquisa na escola, ela pode ser um instrumento de luta contra hegemônica? Como vocês percebem isso? Como poderia ser usado?

Elisabeth: Você fala, como a aula de biologia poderia contribuir?

Bianca: Sim, também. Pode ser.

Elisabeth: Eu acredito que tem a ver com a formação do professor, a formação do docente. Eu vejo essa questão da formação do professor porque quando eu cheguei no GEPAC eu vi algumas coisas e identifiquei que eu estava reproduzindo de uma forma inconsciente, eu achava que isso era certo, foi um choque pra mim, eu não tenho vergonha nenhuma de falar pra vocês isso porque eu vi essa questão da base, da formação do professor que ensina a biologia. Até então eu tava agindo como uma bióloga, e como eu falei, eu fui treinada no laboratório e eu ficava focando nisso também e quando eu comecei a fazer parte do grupo, eu até estava dando aula para uma aluna, que agora é orientada da minha professora e eu lembro que a gente fazia altas discussões filosóficas e também essa questão social e a gente questionava bastante alguns pontos de acordo com o que a gente falava, como você falou dessa questão da evolução, do crânio. Eu lembro que ela apresentou até um seminário que eu pedi, eu já fiz completamente diferente com as turmas que vieram porque eu já estava tendo esses diálogos, essas leituras e eu comecei também a questionar os meninos e trazer essas questões. Se eu estivesse na sala agora pode ter certeza que essa conversa aqui também iria refletir na aula com eles, questionar eles também em relação a esse papel da ciência, positivo e negativo historicamente falando. Eu acredito que dá para gente trabalhar com uma aula preparada, a nossa aula hoje eu vejo como se fosse um planejamento de pesquisa, quais são esses objetivos? O que eu quero com isso? E não ficar só engessado nos objetivos do caderno do aluno. A gente pode dar esse toque especial de uma forma diferente, porque hoje na coordenação, às vezes tem que estar tudo escrito para o professor, se sai um negócio por lá, dizem: “Você não falou que eu podia fazer isso. Eu não sabia que podia fazer assim.” Eu vejo essa questão da autonomia, de você entrar na sala e querer trazer também conhecimentos além daqueles que são prescritos nos currículos. Então, respondendo a sua pergunta com esses exemplos, eu acredito que a gente consegue sim trabalhar essas questões utilizando de conversas, debates, às vezes utilizando o próprio caderno do aluno e subvertendo. Eu nunca fui de seguir esses cadernos à risca, eu sempre colocava uma ideia, esses dias eu fui convidada pra fazer uma formação na diretoria de ensino para professores de biologia e eu dei uma gafe enorme porque eu estava no núcleo do negócio e eles queriam que eu apresentasse umas habilidades, eu apresentei e falava sobre a questão genética de hereditariedade. Era para os gestores, para poder

formar os professores, eu percebi que eles ficaram impactados, comentaram: “Nossa, mas você leva essa imagem pra lá? Você faz isso com os meninos? Isso aqui não tá escrito no caderno.” Eu falei: “O caderno abre portas pra você ser criativo.” E na verdade não abre, mas eu mostrei que dá pra abrir. Eu acho que o material nos limita bastante, então a gente tem que ir além desse material para trabalhar essas questões hegemônicas, a gente tem que trazer para o aluno, aproveitar aquele material de uma forma para encaminhar para esse objetivo. Eu acredito que seja isso.

Rita: Como eu não estou na sala de aula ainda, eu vou falar mais como aluna e professora e pesquisadora em formação. Acho que os caminhos, além de tudo que a Elisabeth falou, concordo bastante, mas não tenho essa vivência de sala de aula ainda, eu acho que como aluna, coisas que eu vi na universidade que foram muito potentes para quebrar essas hegemonias, ou que eu faço também enquanto professora e pesquisadora de informação, utilizar referenciais que são pessoas que não são essa normativa, usar Mulheres, usar pessoas negras, usar pessoas trans, sempre procurar se não tem alguém dessas caixinhas que normalmente são deixadas de lado, dizendo essas mesmas coisas, pessoas referenciais latino-americanas. A gente tem que buscar tanto em sala de aula, quanto nas nossas pesquisas, ouvir o que essas pessoas têm a dizer, acho que isso é um caminho, a gente tem que se preocupar com essas questões dos nossos problemas de pesquisa. Ontem mesmo minha orientadora fez uma chamada que era para todo mundo colocar a questão da diversidade nos próprios trabalhos. O meu trabalho não tinha nada de diversidade, eu estava falando de influência do CDE em currículos da América Latina e eu percebi que estava muito na cara, era só eu falar de como isso também acaba com a diversidade cultural desses países, porque são currículos universalizadores. Estava ali na minha cara o tempo todo, eu discuti isso todo dia e eu nunca pensei em incluir isso no meu programa de pesquisa, porque eu já vou formatada nisso que eu estou querendo questionar e pesquisar, então acho que esses são caminhos. A gente utilizar esses residenciais, a gente montar aulas e pesquisas que demonstrem, que escancarem esses problemas para a sociedade ainda que não tenha o alcance que a gente gostaria que tivesse, que tenham pessoas desrespeitando essas pesquisas, sempre colocar a ciência para quebrar os mitos que se colocam aí e que até hoje são perpetuados. A hora que a Elisabeth estava falando da questão da sexualidade, eu me lembrei da imagem que a Bianca

colocou da transfobia, essas pessoas transexuais estarem até dois mil e dezoito no CID e eu pensei como isso ainda é replicado em alguns nichos, se você olhar para alguns grupos fundamentalistas religiosos vão falar em cura gay, se existe uma cura gay é porque é uma doença na perspectiva dessas pessoas. Existem grupos fundamentalistas religiosos também que colocam que as pessoas negras seriam descendentes da maldição de Caim, que as pessoas negras são amaldiçoadas por um erro no passado. São preconceitos que são perpetuados ainda, são nichos, são grupos pequenos? São, mas eles existem e eles influenciam e a gente tem que combater essas coisas a todo custo, por meio da ciência, da educação. A educação transforma essas pessoas, então os professores têm que estar ativos nisso e não pararem, porque a gente olha os últimos anos, ainda que exista muito deboche, muitas pessoas caçoando dos movimentos sociais que lutam por mais igualdade, a gente tem notado que tem impacto sim, a gente tem estátuas de colonizadores sendo derrubadas, a gente tem Portugal falando que vai devolver tesouro para as nações que eram colonizadas por eles, a gente tem discussões dessas questões aparecendo no currículo, ainda que de forma tímida. Então, é um trabalho de formiguinha, tem que continuar, não pode desanimar porque parece não ter efeito. Eu acho que a ciência pode fazer isso, pode desmistificar. A gente tem que trabalhar muito também com divulgação científica, a ciência às vezes fica muito restrita e eu não sei bem como que a gente faz isso, uma iniciativa super legal é a do Paulo Gabriel e da Carla, que fizeram podcast falando “Esse medo é mesmo meu?” Durante as eleições, achei aquilo fantástico, uma discussão que tem que ser ampliada. A gente tem que multiplicar e valorizar essas iniciativas sempre que ver uma coisa assim, acompanhar, curtir, compartilhar, acho que é isso.

Bianca: Obrigada, Rita. Obrigada, Elisabeth.

Elisabeth: Eu achei bem legal a visão que a Rita trouxe e a visão de quem está dentro da sala de aula, que é o meu caso. Não significa que o que eu tenha feito esteja certo, porque eu também quero compreender de que forma mesmo a gente perpassa por esses assuntos e às vezes a gente está tão ligado no automático que a gente não para. Eu sempre falo isso nos encontros, que a gente precisa escrever também numa linguagem acessível porque muitos professores não querem ver os artigos porque às vezes a gente usa uma linguagem que é necessária, mas também que é eurocentrada. Minha professora falou sobre a questão do modelo de pesquisa que a gente adota, mas que não é nosso e eu comecei a olhar mais também para

esses países da América Latina, porque quando a gente está falando na Bolívia, já pensam em tiroteio, drogas, Pablo Escobar e essa questão da subalternização também é muito séria e eu não tinha noção da dimensão e que os nossos trabalhos não são, às vezes, muito divulgados justamente porque a gente é uma classe modernizada.

Bianca: Obrigada, mais uma vez, é sempre muito bom estar aqui com vocês. Muito Obrigada. No próximo reencontro a gente continua conversando.

5º ENCONTRO

Bianca: Bom, meninas, muito obrigada por vocês estarem aqui novamente, eu sei que vocês estão de férias e se dispuseram a estarem aqui, mais uma vez no nosso encontro. Eu estou muito feliz de ter vocês aqui e eu não me canso de falar o quanto eu admiro vocês e o quanto eu estou grata, por vocês fazerem parte dessa etapa da minha vida, da minha carreira e da minha pesquisa do doutorado, e é muito incrível ter vocês aqui comigo e por vocês contribuírem tanto com a minha pesquisa. Então, eu fico muito feliz de vocês tirarem um tempinho para estarem aqui, mesmo com a família, com filhos, nas férias de vocês. Obrigada por vocês estarem aqui. Acho que a María não estava na última reunião, a gente discutiu um pouquinho sobre o papel da ciência na reconstrução das relações, de gênero de corpo, de ciência, qual o papel da ciência nesse entendimento de corpo e gênero, as meninas falaram um pouco sobre o que elas pensam a respeito disso e qual seria o papel da ciência na percepção delas entre corpo e gênero e discutimos também sobre esse processo de construção, legitimação, politização, e essa relação que a ciência as vezes legitimou preconceitos, racismo, machismo. E a ciência não é neutra, né? Ela possui um viés político, ideológico, que estão sempre ali fazendo parte dessa construção desse conhecimento científico. E eu queria saber se você gostaria de comentar alguma coisa. Se mais alguém gostaria de pontuar algo.

María: Bom, eu acho que a ciência é realmente isso, é fundamental. É uma outra forma de poder ver o corpo, o gênero…porque a gente conhece muitas concepções ligadas à religião, né? Então, desde cedo a gente é educada com esses princípios ligados à religião e, isso vem sendo passado de geração para geração,

pelos nossos pais, pelos nossos avós, então, é ressignificar e conhecer, né? Todas essas concepções ligadas à ciência tornam realmente a gente mais politizada, né? E apresenta para todos uma outra forma de enxergar tudo isso. Para mim, foi essencial conhecer sobre gênero, sexualidade, corpo e racismo pela visão da ciência. Foi um divisor de águas e isso aconteceu no mestrado, não foi na graduação. Porque eu vivi a minha graduação já faz algum tempo, então essa nova etapa da minha vida, que foi tardia, é muito importante pra minha constituição como pessoa, como mãe, né? E o meu papel dentro da minha família também. É isso.

Bianca: Ok, obrigada, María. Rita, você gostaria de comentar mais alguma coisa sobre a questão do papel da ciência?

Rita: Hum, eu estava conversando com a minha irmã mais nova e me lembrei do grupo… Eu tenho uma irmã de quinze anos e ela está fazendo a transição do ensino fundamental dois para o ensino médio, e aqui é o novo ensino médio, né? Só que aí no Estado de São Paulo parece que eu vejo que os alunos têm mais opções para escolher o itinerário formativo que eles querem. Eu acho isso péssimo, né? Mas enfim, parece que eles ainda têm mais opções para escolher o que eles querem seguir. Agora aqui, ela estava muito triste porque a escola dela só tem o itinerário de matemática, e é tudo voltado para matemática econômica, e ela queria o itinerário de ciências humanas, ciências biológicas, mas, ela vai ser moldada para as relações capitalistas, porque é isso, as disciplinas que ela vai ter serão assim. E é bem triste.

María: E como a gente previu, né? Porque quando a gente discutia a reforma do Ensino Médio a gente já previa que esses itinerários formativos iam acontecer de acordo com a formação do corpo docente daquela localidade, né?

Rita: É, aí tem bastante professor de biologia por conta da Unesp, UFMS, né? É até difícil conseguir aula aí. Aqui, a minha mãe falou que uma vez estava conversando com a diretora da escola, e falou que eu era formada em biologia, e ela: “Meu Deus, fala pra ela trazer currículo pra cá!” Porque pra cá não tem, né? Então, eles não conseguem oferecer esse itinerário. Deve ser por causa das faculdades que tem aqui, mas eu não sei, não venho com frequência para a casa da minha mãe, e aí deve ter só gente voltada para essa área e quem sofre são os alunos, né? Achei bem triste.

María: Qual é a região?

Rita: É em Santa Catarina, no Vale do Itajaí, a cidade que ela tá é Ituporanga, é perto do litoral, de Navegantes, Camboriú.

Bianca: Essa questão dos itinerários foi uma das primeiras coisas que a gente se incomodou, quando tava analisando esse projeto da nova reforma. E, na escola onde eu dei aula, neste ano, os alunos faziam a opção, na escola tinha a opção de um ou dois, mas o que o aluno escolhia não era exatamente o que ele iria, era a escola quem decidia. Então, porque deveria dividir as turmas, e aí no caso a escola optou por não dividir as turmas, mas eles escolhiam o itinerário que eles iriam fazer. Então, eu tive muitos alunos que detestavam a disciplina porque eles não queriam fazer aquilo, eles queriam fazer uma outra e a escola não permitiu. O que vai contra a proposta, né? É complicado; eu fui professora de itinerário formativo e eles dão um material pra você, com as atividades pronta, tudo que você tem que fazer, o material final dos alunos e tudo mais, mas eles não preparam, não tem uma formação do corpo docente, da escola, dos alunos para seguir esse material. É um material bem bacana, tem proposta de trabalhar com outros professores da mesma área. Atividades interessantes, só que por exemplo, nessa escola que eu dava o itinerário formativo, eu era professora de uma turma e dava duas aulas por semana, não tinha contato com nenhum professor. Eu chegava, dava minha aula, falava com a coordenadora em época de conselho e só. Como eu iria criar uma atividade interdisciplinar, multidisciplinar que seja, sendo que eu não conhecia os outros professores da mesma área que eu? Então, o itinerário formativo ficou meio jogado. E também por ser uma disciplina que não tem a nota final, a gente sabe que essa questão de número ainda é muito importante nas escolas, e tem que ser, por conta das exigências externas e tudo, mas para os alunos não tem esse entendimento, então eles faziam tudo de qualquer jeito, sabe? Tipo: “Ah, eu não tenho nota! Não vou fazer essa atividade, depois no final do ano eu vou passar mesmo.” No final eles tem o engajamento e eles não ligavam muito pra isso, porque tem essa mentalidade de não precisar tirar nota para passar de ano, então, para eles não era importante. Então, imagina o quanto não tinha que preparar a todos para inserir o itinerário.

Rita: Mas, a equipe de transição do governo tem criticado o novo ensino médio, né? Acho que pode acontecer alguma reviravolta aí ainda, não sei se foi no grupo do Gepac ou se foi no grupo da pós que mandaram uns áudios de um professor que está na equipe de transição, na pasta da educação, e ele estava falando sobre as reuniões, mas eu não acompanhei.

Bianca: Mas, vamos ver como vai ser. Eu acho a proposta interessante, mas eu também ouvi rumores de que no terceiro ano do ensino médio só teria português

e matemática e itinerários formativos, não teria mais disciplinas, não sei se é verdade ou não, mas eu sei que causou um pouco de choque nos professores da escola onde eu estava. E o pessoal ficou bem encucado. Não sei se realmente vai acontecer, mas a gente tá sendo um desmonte bem orquestrado, né?

María: E cada vez mais as escolas se tornando de ensino integral sem estrutura.

Bianca: É complicado. É aquilo que muitos autores que a gente já estudou falam: sempre surgem novas reformas, e as que foram reformadas não concluíram. Não faz um levantamento, se foi bom ou se foi ruim, só vai reformando, reformando, e não vê se é bom ou não. Se realmente está sendo uma reforma ou não e é sempre mais do mesmo,

María: Sempre de cima pra baixo. E eu percebo que as escolas estão mais estruturadas agora em relação a recursos tecnológicos, materiais, livro didático, mas está carente em recursos humanos, não há investimento em recursos humanos, nem no quadro atual. Aumentando a remuneração e nem assim para suprir todas as necessidades de substituição.

Rita: Nossa, e esse cadastramento que teve agora na Secretaria de Educação. nas diretorias de ensino, não entendi nada do que foi isso. Fiz a inscrição, mas se tinha que declarar interesse, a tela não salvava. Não entendi nada. Eu e o Virgílio fizemos e a gente não sabe se deu certo, se não deu, se ficou salvo, se não ficou. Que dia que é de fazer, que dia que não é. Fiquei perdida. Não dá pra entender.

Bianca: Eu também fiquei bem confusa, Rita. Eu consegui atribuir as minhas aulas, mas, eu liguei na diretoria de ensino de Birigui que é a minha sede e perguntei pra supervisora, e nem a supervisora conseguiu me explicar direito. E eu fui seguindo o fluxo, deu certo, mas eu fiz o cadastro do PEI mas eu não sei o que virou e ninguém soube me explicar.

Rita: Aqui na diretoria de Andradina a gente ligou e quando ia transferir, desligaram. A gente ligou umas quatro, cinco vezes e a gente desistiu porque não atendiam a gente.

Bianca: Sim. É uma loucura porque a sede também não é uma plataforma muito boa, você vê que tem muita falha e sempre cai no final do bimestre, não salva as coisas e sempre dá muito trabalho para o professor. Tem muita coisa pra melhorar ali. E sobre esse período, desde o nosso último encontro, aconteceu alguma coisa

que vocês gostariam de comentar? Pensaram, refletiram sobre as nossas últimas conversas?

Rita: Bianca, além disso, sobre a escola da minha irmã, dela ter sido privada de aprender ciências, eu fiquei pensando muito em relação ao natal, na verdade foi um post que eu vi no Facebook que me fez pensar nisso, e era o post de uma escritora, e ela posta umas coisas do feminismo bem crítico, ela vai bem na raiz do problema e ela tava falando sobre o natal, sobre como o natal e toda a carga de organização de cozinhar, de tudo sempre é da mulher. A mulher prepara a ceia, compra os presentes, organiza viagem, tudo gira em torno da mulher e que isso é uma carga muito pesada, ela tava lá narrando um conto de uma avó que sempre fazia ceia e aquele ano as netas falaram pra ela não fazer, que todo mundo iria ajudar e as pessoas ficaram bravas. Como assim? Era uma tradição. E aí vai a avó pra cozinha, e eu cheguei na casa da minha mãe e vejo ela assim o tempo todo, minha mãe tá sempre na cozinha, só que em parte, ela gosta, daí eu fico pensando também como isso é estrutural, que já está implantada nas pessoas, né? E como isso às vezes cansa ela, mas como isso pra ela é um espaço de honra, de estar cuidando das refeições da casa. E eu fiquei lembrando de uns textos que eu vi uma vez sobre uma vertente que chama feminismo africana que fala sobre o feminismo em uma outra ótica, de algumas sociedades que se organizam onde o espaço da comida é um espaço de honra, onde você ser responsável por produzir o alimento da família é algo honrado, mas desde que isso seja valorizado e em outros espaços os homens também ficam responsáveis e tal. Eu sei lá, só fiquei viajando nisso tudo mesmo. porque toda vez que ela põe o café, que ela faz o almoço, que ela faz a janta eu fico pensando nisso.

Bianca: E eu pensei muito sobre isso porque a minha mãe odeia o natal, ela sempre odiou. Nos últimos anos ela nem comemora, e eu sempre passo com a família do Thiago justamente porque ela só trabalhava, né? Minha mãe não gosta de cozinhar só que chegava a época do natal sempre sobrava pra ela e para as minhas tias, enfim, sempre detestou o natal. E conversando com ela, eu fui entendendo o porquê. Ela só trabalhava, ficava super cansada e aí no final o pessoal que vinha de visita, ia embora e ela tinha que limpar tudo, arrumar tudo. Então, era um sinônimo de trabalho pra ela, trabalho não reconhecido, não remunerado. E a gente tá tentando ressignificar isso, de transformar não em uma obrigação, mas em um momento relax. E me veio isso, eu vi publicações em relação a isso também

questionando, né? Se as Mulheres não fizessem a ceia, teria ceia de Natal na sua casa? Como seria?

María: Interessante mesmo, porque tem todo o trabalho antes, porque você vai receber pessoas na sua casa, a casa precisa estar apresentável, todo o trabalho durante, mercado… Muito trabalho mesmo e depois ainda tem toda a sujeira né?

Bianca: E a questão de ficar ali, né? Pronta pra servir, cozinhando, fazendo sala. Nem tanto pela cozinha, mas você tá ali fazendo sala, cuidando, isso também é cansativo. Porque os homens da minha família geralmente sentam com a cervejinha e ficam ali batendo papo. E as Mulheres ali, lavar toda a louça, organizar tudo, tentar reaproveitar o que sobrou da ceia pra fazer o almoço no outro dia, pra ter essa economia doméstica. Tudo isso na minha família sempre foi a mulher.

Rita: É, minha mãe também, se matando de fazer a ceia e o pessoal que chegou na casa dela só pra hora ceia, chegaram maquiadas, todo mundo arrumado, e ela lá com uma crise de rinite e cozinhando e cozinhando e aí ela teve que sair, tomar banho, como se ela tivesse atrasando o natal, sendo que ela passou dias envolvida em organizar o natal. Não é só cozinhar. Eu estava conversando com o Virgílio e explicando: É tudo, desde escolher a toalha que vai na mesa, e ela tá pensando nisso desde o mês passado, em quem ela iria receber, que o quarto tinha que tá limpo, arrumado, tudo. É um peso.

María: E eu pergunto: É um peso que nós vamos carregar? Porque por enquanto a gente frequenta a casa dos nossos pais. E quando for a gente? Eu espero que não. É que eu já transfiro. No ano novo eu falei: Não vamos pra casa de ninguém, não. Vamos fazer alguma coisa aqui em casa, entre nós , aí já pensei, vou comprar uma carne e ele coloca na churrasqueira. Então, eu não sei. Acho que esse papel de mãe que tem que fazer o jantar, não vai ser meu não.

Rita: Eu converso muito com o Virgílio e quando eu fui falar pra ele sobre essas reflexões que eu tive a partir desse post, no começo ele discorda: “Ah, porque na minha família nem sempre foi assim, meu avô às vezes fazia a carne.” E eu: Não, mas e o seu tio fulano fazia alguma coisa? Porque a sua experiência não é totalizadora, e a gente foi conversando e eu fiquei irritada e eu falei: Engraçado, se eu tivesse essa conversa com qualquer mulher, nenhuma iria discordar. E passou um tempo e ele veio se desculpar e no natal ele levantou, recolheu todos os pratos, lavou a louça. No final das contas foi bom. Não fico brava porque é um processo, ele

não vai chegar com essa reflexão para mim, mas a gente conseguir conversar sobre já é um avanço.

María: E a autora foi muito sábia, né? Teria ceia? Eu acho que teria, mas não, né? Teria um churrasco. Na minha casa, no futuro, acredito que não vai ter ceia, vai ter um churrasco, um monte seu prato. Não vai ter aquele monte de prato, aquele monte de doce.

Rita: A minha irmã tem quatro filhos, entre eles um bebê de um ano, ela está grávida e eu mandei mensagem pra ela, para saber como ela estava e ela falou que tava fazendo a ceia. E eu: Mas, você não tá com enjôo? Ela: Ai, já parei três vezes para vomitar. Grávida, com quatro crianças pra cuidar fazendo a ceia.

Bianca: E é engraçado, Rita, você falar do Virgílio e ele falar, ah mas meu pai de vez em quando faz uma carne, e é sempre naquela questão de “Pô, tô ajudando.” e não responsável por organizar a bagaceira toda, né? É sempre um: eu tô ali sentado, vou fazer minha parte e tudo ok.

María: Conclusão: A ceia de natal vai realmente acabar na próxima geração.

Bianca: E dando continuação, eu queria saber de vocês: Como vocês percebem as relações de corpo, gênero e ciência e como isso influencia no ensino de ciências da natureza e matemática, e na pesquisa em currículo? Como vocês percebem essa influência? O que vocês pensam?

María: Olha, eu acho que afeta, mas a passos muito lentos, por exemplo, na minha escola, temos eu, a Renata que já saiu pra formação, a Kedma, que a pesquisa dela foi toda voltada pra gênero e sexualidade, a María, que também tá no doutorado, então, tem várias pessoas e mesmo assim a gente ainda não consegue fazer algo tão significativo. Então, pensando assim em relação ao ensino de ciências da natureza e matemática, a gente percebe que as duas estando, por exemplo, no ano que é o mais elevado dos anos iniciais, que é o nível que eu trabalho, que é o quinto ano, as crianças estão iniciando a pré-adolescência, e tendo no currículo os conteúdos de corpo humano, reprodução, no ensino de ciências, elas já conseguem ter algumas conversas sobre afetividade, por exemplo, quando vai falar de reprodução humana, por exemplo, elas entram no assunto. Mas, elas são duas, de todo o meu corpo docente que são vinte e duas. E somente elas estão preparadas, elas passaram por uma longa formação para isso. É muito difícil a gente fazer isso na escola. Então, por exemplo, eu me responsabilizar pela formação desses professores, lógico que eu me responsabilizo, porém, é um corpo docente que vai

sendo descontinuado ano após ano. Então, eles não viverão esse mesmo processo tendo apenas duas horas de estudo por semana, divididos em toda a demanda formativa necessária para se dar aula nos anos iniciais e todas as demandas além do nosso trabalho, né? Demanda formativa que vem de cima, né? Então, é difícil fazer o processo, a gente vai tentando, por exemplo, em relação à matemática, desde quando eu cheguei na escola, sempre teve uma demanda formativa em relação à matemática. E eu venho trabalhando nisso há bastante tempo, e no nosso projeto político pedagógico, há toda uma parte do plano de ação colocando indicadores em relação a mudar a visão sobre o ensino de matemática. E nós fizemos novamente a avaliação institucional agora no final do ano, que é a avaliação que a gente faz pra reprojetar, reformular o plano de ação do projeto político pedagógico, e lá tinha, por exemplo, os professores leem para os alunos pelo menos uma notícia por mês relacionadas ao ensino, a descobertas científicas, ou a descobertas tecnológicas e matemática? Não. E esse indicador, eu ajudei a formular quando eu cheguei na escola. Eu trabalhei uns dois anos nisso, eu compartilhava as notícias, por exemplo, a gente teve muita descoberta em relação a astronomia, né? Teve crianças descobrindo cometas, e a gente compartilhava isso, aquela moça que conseguiu mapear o espaço, esqueci detalhes, mas enfim, a gente ia compartilhando, mas aí tudo foi indo por água abaixo. Não foi suficiente. Então, agora eu penso em mudar, em trabalhar mais com a formação inicial, é uma chance de você trabalhar e alcançar mais as pessoas. Porque a continuada é difícil, sempre tem essa interrupção, às vezes você consegue trabalhar bem um determinado tema e quando você vê, dali quatro anos, quase ninguém vivenciou aquela oportunidade formativa e os poucos que vivenciaram não transmitiram para os demais, então fica bem complexo. E fica muito em cima do coordenador, né? É uma responsabilidade muito em cima de quem mexe com a formação. Eu já me livrei da culpa. Porque não adianta, não conseguiremos. Estou tentando até passar para próxima. O que dá pra fazer, a gente tenta, mas infelizmente.

Bianca: Certo. Então, você acha que essa relação corpo, gênero e ciência, seria melhor se tivesse um foco na formação inicial? Que seria uma formação mais contínua, a longo prazo para trazer um resultado depois pra escola?

María: Com certeza, com certeza. E você perguntou sobre as pesquisas em currículo, né? É importantíssimo. As descobertas científicas mesmo que ocorrem na universidade, elas são muito importantes, e a pesquisa em currículo ela vem

avançando muito em relação a esse tema. E quando eu fui escrever o início da minha pesquisa, eu recorri a um livro que é da Bell Hooks que se chama pertencimento. E aí ela vai na história dela, na infância dela, e pra fazer aquele memorial que a gente faz no início da pesquisa eu recorri a esse livro e ela mostra como isso implica na constituição dela enquanto teórica, professora, formadora, né? Vem desde a infância. E registrar, né? Toda essa trajetória dela, e tudo que ela viveu numa cidade que era racista, e sobre ela ser negra, ser mulher, e fala muito sobre essas dificuldades, e se assemelha muito com a nossa trajetória, embora seja lá em outro país, né? Em um país totalmente diferente do nosso, ainda lembra muito a nossa trajetória. E esse registro, estando na pesquisa, é uma contribuição, e quem pesquisa mesmo o assunto e incorpora a sua pesquisa, dissemina, né? Nos eventos, transforma em disciplina, em livro e eu acho que tem muito a contribuir com a ciência, com a formação, porque pra muita gente, é a formação que vai fazer a diferença, né? Então, esperamos que alcance cada vez mais pessoas, porque ainda o nosso campo acadêmico é muito limitado.

Bianca: Obrigada, María. Gostaria de comentar, Rita?

Rita: Eu vou comentar já respondendo a pergunta. Me veio muito a minha experiência como aluna na época do ensino médio, além de tudo aquilo que a gente discutiu no outro encontro sobre a falta de representatividade em livro didático, de corpos negros, de corpos gordos, de Mulheres em profissão que são usualmente masculinas. E os silêncios, né? Sobre questões de sexualidade, gênero, de identidade de gênero, além de tudo isso, tem o social que respinga no ensino de ciências. Vou contar um relato para ilustrar e acho que isso vai deixar claro essa influência que perpassa tudo. Quando eu tava no ensino médio, eu tinha um professor de física, ele era um homem gordo, hoje ele é aluno de doutorado junto comigo, vou falar o nome mas depois acho que você vai filtrar na hora de analisar os dados, né? O apelido dele era fulano, ele chegava na sala, se apresentava e o corpo dele nunca foi um questionamento pra ninguém. Aula dele era excelente, todo mundo respeitava ele, adorava a aula dele e eu nunca ouvi um questionamento sobre o corpo dele. Tudo certo. Agora, a professora de biologia, a gente mudava muito porque eu estudei em Ilha Solteira na Etec e tem a Unesp, né? Então, eu tinha a professora que entrava e saía porque começava o mestrado, acho que umas três professoras entraram e saíram por isso. A única professora que entrou e não saiu por causa do mestrado, foi tão pouco tempo que eu não me lembro o nome dela. E

era uma professora que era uma mulher gorda, e os alunos chamavam ela de presuntão. Então, ela entrava na sala e ninguém prestava atenção na aula dela, era como se o corpo dela desvalidasse tudo que ela tinha para ensinar. Não teve uma crítica a aula. Não foi: “Ah, a gente não gosta da aula dela porque ela fez isso.” Do momento que ela entrou na sala, já começaram as piadas, e eu acredito que foi isso que fez ela parar de dar aula ali. Porque todo mundo que parava a gente sabia o porquê: a professora 1 foi fazer mestrado, a professora 2 foi pra coordenação, a professora 3 foi pro curso de meio ambiente, e essa só começou e saiu, e a gente não soube. Então, isso é uma marca muito grande da relação, né? De corpo, gênero e ciência. Para o professor foi totalmente diferente do que foi pra ela, e também da maneira como eles eram vistos pelos alunos. E não era só nesse caso. Como tinha esse trânsito de professores de biologia, então, tinham muitas Mulheres jovens dando aula, então quando não era a que eles chamavam de presuntão, era a que eles chamavam de gostosa. Nunca houve somente a professora de ciências. Ou a professora fulana de biologia. Sempre estava sendo sexualizada ou caçoada. Então, isso foi uma coisa que me marcou muito no Ensino Médio, e agora lendo a pergunta eu me lembrei disso, isso é uma influência clara para o ensino, que talvez para o homem, o corpo dele não afete tanto, como ele vai ensinar ciência, para a mulher sim, até porque, eu me lembro que isso aconteceu no terceiro colegial, e no terceiro colegial, a gente tinha uma parte da disciplina que falava sobre nutrição, sobre a questão das vitaminas, de como o corpo faz a quebra, de cada processo celular, então isso foi a brecha para todo mundo começar a zuar o fato dela estar dando uma aula sobre nutrição. Então, foi algo bem pesado na minha época de ensino médio. Outra coisa que marcou bastante, é o fato de sempre ter algum curso de extensão porque a Unesp sempre esteve ali, né? E teve um curso de sexualidade naquela visão bem biologizante do corpo humano e depois de todas as aulinhas de IST, gravidez, separaram os meninos das meninas para que fizessem perguntas sobre sexualidade e para que eles dessem uma aulinha mais específica sobre preservativo. Então, isso também é corpo, gênero e ciência imbricado. Porque o que vai ser perguntado ou dito que tem não pode ser compartilhado? Por que a responsabilidade do anticoncepcional e da camisinha não é compartilhada? Como eu não estive responsável pela sala de aula, somente em estágio, eu recorri a experiência de aluna para falar sobre como eu vejo essa relação. Agora, a questão em pesquisa em currículo, acho que atravessa quem eu sou, quem vocês são, atravessa na hora de

fazer ciência, impossibilita as vezes, muda o olhar das pessoas sobre nós. Tem a casa, tem o cuidado com os filhos, com a família, com a refeição do parceiro, tudo está competindo com os estudos. Hoje eu estava conversando com a minha mãe e ela se lembrou de uma tia minha. “Nossa, a Sandra foi guerreira, criou os filhos sozinha e ainda estudou.” É um grande feito, agora um homem que estudou não é um grande feito porque ele não tem toda essa carga. A gente tem que colocar isso na pesquisa também, não fazer uma pesquisa isenta. Isso é a marca de um tempo na qual a gente tá produzindo e mudando de alguma forma, mesmo que sutilmente. Eu fico só observando, né? Aqui na casa da minha mãe, ontem ela estava preparando o café pro marido dela e dois colegas que vieram visitar, e aí ela pondo a mesa e minha irmã com a minha nenê no colo. Minha irmã tem quinze anos. E aí ela falou assim, brincando com a nenê: “Você não acha que esses homens tinham que fazer a comida deles?” E minha mãe só deu uma risada, mas ela é de outra geração. Ela observa e acha tudo uma babaquice. Ela não enfrenta a minha mãe porque a minha mãe é muito rígida, e ela é muito educadinha, não é uma adolescente problema, mas no jeitinho dela, ela fica falando essas coisas. Ela lê um quadrinho que é um casal LGBT, chama Heartstopper.

Bianca: Ah, tem uma série, é um amorzinho.

Rita: Ah, é? Vou assistir depois, eu não sabia… E aí ela tava me mostrando os livrinhos dela, e estava faltando dois, porque não tinha na livraria, e como o aniversário dela está próximo eu perguntei se ela queria que eu comprasse pela internet e enviasse pra ela. E ela ficou pensativa e disse que queria, mas que a mãe iria ver. Ou seja, ela comprou escondido, a minha mãe é pastora, o meu padrasto é pastor. E eu falei, então a gente dá um jeito, quando a mãe viajar, você avisa que eu compro pra você receber em casa sozinha. E que loucura, né? Mas é outra geração. Então, eu acho que tudo isso tem impacto. São essas pesquisas que a gente faz, essas aulas que a gente dá, então acho que é isso, a próxima geração vai ser um pouquinho mais cabeça aberta e as coisas vão mudando. Hoje em dia ainda tem todo esse peso.

María: Eu quero corrigir uma coisa que eu falei. Eu falei que eu me livrei da culpa em relação à formação, né? E que eu não vou mudar mais, porém eu ainda continuo insistindo, eu tenho a noção de que não vai dar para transformar todo mundo, mas é meu papel continuar investindo, realizando e eu continuo firme.

Bianca: O trabalho que você faz, mesmo que não dê continuidade na escola, os professores que desenvolveram esse tipo de discussão com você, eles vão levar, eles vão fazer trabalho de formiguinha. Às vezes, pode parecer que eles não foram muito afetados, que não foi significativo ali na hora, mas em algum momento, na atuação profissional, vai aparecer algum resultado. A gente não vai conseguir mudar todo o sistema de uma vez, mas esses trabalhos de formiguinha são importantíssimos. E às vezes, até com os nossos alunos.

(problemas com a conexão)

Rita: Bianca, vou começar falando porque essa pergunta me anima. Teve influência total, eu diria que o que molda minha forma de ver, de questionar, de pensar as relações entre corpo, gênero e ciência são as vivências do grupo de pesquisa. Atualmente, eu não estou participando dos núcleos porque eu estou priorizando outras coisas na minha vida, me desdobrar entre a pesquisa e a maternidade já está sendo puxado, mas eu tava no Nugens desde a fundação, eu me doei muito, teve uma parte na minha vida que era só o Nugens, Gepac, Nabisa e graduação e o mestrado, né? Então foi nesses espaços que eu aprendi muito, a questionar, a buscar referenciais. Como as coisas se interseccionam, então isso é muito forte, esse espaço é o espaço catalisador de todas as reflexões envolvendo esse campo para mim. Em termos de graduação eu não me lembro de ter tido nenhuma disciplina assim. Teve uma turma após a minha formatura que teve uma optativa que envolvia questões de gênero e sexualidade no ensino de biologia, mas eu não cursei, já tinha terminado a faculdade. E essa disciplina surgiu por conta do Gepac, do Nugens, do Nabisa, do professor Harryson e da professora Liliane, então, eu não tive. Até tive durante o mestrado, no doutorado não, mas alguma coisa pincelou. Não é que todas as reflexões que eu tenho derivam do grupo, mas as iniciais sim, e é lá que eu vejo com mais liberdade. E se eu precisar recorrer a alguém no grupo para compreender algo, eu sei a quem eu vou recorrer. Então, o espaço do grupo é um espaço de aperfeiçoamento, de compreensão, não só teórica, mas de sociedade como um todo.

María: Pra mim o grupo foi importante porque, primeiro, a gente conheceu pessoas… Por exemplo, eu não conhecia nenhuma pessoa que se declarava não-binária. Então a gente conheceu ali, conheceu muitas muitas coisas que talvez, se eu tivesse aqui na minha bolha, eu não teria conhecido. E eu fiz a disciplina de gênero e sexualidade no fim do mestrado, e foi proposta pelo Gepac, né? Tinha as

pessoas do Gepac, o Harry, Ana Lúcia que é uma professora que participa muito ainda que a distância, e muitos participantes do Gepac na disciplina. Então, foi muito importante ouvir as pessoas falando, as leituras, as pesquisas, os momentos antes da qualificação, antes da defesa, porém quando você só assiste é uma coisa, quando você lê, quando você vai na literatura… Bom, pra mim a leitura é algo que me toca muito. Então, quando eu li, ficou muito evidente essas relações, e contribuiu demais para a minha formação humana, profissional, como coordenadora, mas mais como pessoa mesmo.

Rita: Bianca, o que me afetou, foi que trouxe novamente pro cotidiano, talvez por eu estar afastada desses espaços de discussão, teve esse período de pandemia, o período de licença, e estar afastada do Nugens, tirou um pouco do cotidiano, né? Então foi muito importante, muito rico estar participando desse GM porque eu voltei a prestar atenção nas pequenas coisas, então trouxe a discussão pro cotidiano novamente e não afetou só a mim, mas as pessoas à minha volta, as conversas que eu tive com meus familiares, com meu companheiro. O GM foi multiplicador porque eu fui levando ao meu entorno as reflexões. Foi muito bom! Além de ser um espaço de elaboração, de vivências pessoais, de escuta do outro. Então, também tem essa função, de elaboração mesmo, quase que terapêutica, né? Da gente conseguir conversar, se aproximar, são pessoas que são amigas, né? Que participaram aqui. Então, isso é bom, é um respiro, né? Um compromisso gostoso, é ver pessoas amigas, ouvir essas pessoas, ver o que elas estão vivendo, falar da gente. Acho que foi muito importante. Então, tanto por esse aspecto afetivo, emocional, quanto também pelo questionamento interno e externo de tudo que está relacionado às discussões do GM porque eu fiquei com esse olhar mais atento.

María: Pra mim foi importante porque a fala de vocês que têm mais experiência com o tema, contribui demais para a minha formação, as suas falas, Bianca, as falas da Rita, e até mesmo as coisas que a gente fala, porque depois a gente pensa: Nossa! O que eu falei? Então, esse exercício de narrativa é muito forte, então quando a gente fala, a gente se compromete com algo. Você finca compromissos que quer continuar perseguindo. Você revê a sua forma de pensar, você elabora toda uma estrutura de pensamento e revê muitas concepções que você tem e que talvez você não quer ter mais. Então, é auto-formativo e é um compromisso com a mudança.

Rita: Foi maravilhoso participar, Bianca. Fiquei honrada com o convite, em fazer parte desse momento da sua trajetória, muito obrigada pelo convite e por proporcionar e gerenciar esse espaço de forma tão carinhosa e tão cuidadosa, sempre ouvindo a gente, nossas demandas, mudando as datas, você é especial. Foi muito bom estar com todas vocês, eu aprendo muito com vocês, obrigada pelo espaço, Bianca.

María: Eu também agradeço muito, Bianca. Vou agradecer mais ainda quando ler seu trabalho. Como eu disse, a leitura me afeta de muitas formas, e essa vai ser bem importante. Eu agradeço por ter participado, e espero que você consiga concretizar tudo o que você planejou, que você tenha muito sucesso na sua trajetória, na sua vida acadêmica pro futuro.

Bianca: Eu vou gravar um vídeo pra vocês com o que eu queria falar, porque eu não quero que a conexão corte ou quebre o clima, então eu vou mandar pra você depois um vídeo do meu agradecimento, do quanto vocês foram importantes pra mim nesse momento, e o quanto esse espaço significou pra mim, não só em relação a pesquisa, mas em relação a mim mesma, enquanto pessoa, professora, pesquisadora. Vocês transformaram a minha forma de me entender como pesquisadora totalmente, e eu fico muito feliz de ter pessoas que eu admiro tanto e que são tão importantes pra mim. Eu estava conversando com o Harryson da última vez que estive em Ilha Solteira e eu falei pra ele que vai ser um desespero minha qualificação, minha defesa, porque a responsabilidade que eu tenho de falar sobre o que vocês falaram pra mim, sobre o que vocês compartilharam comigo, e eu preciso fazer jus ao quanto vocês são maravilhosas. É uma missão que eu tenho na minha vida, conseguir traduzir todas as reflexões, tudo que vocês compartilharam comigo, vai ser uma responsabilidade muito grande e eu preciso conseguir fazer jus. Ao quanto o grupo foi especial, foi importante para trazer essas discussões, para a escola, para academia, para os grupos de pesquisa. Que o nosso trabalho seja amplificado, que o nosso grito ecoe em todos os cantos. E é isso que eu almejo com a minha pesquisa como objetivo final. Então, muito obrigada mais uma vez por terem deixado a família, por estarem aí na correria e ainda estarem comigo. Eu sei que não é fácil, eu tentei o máximo possível não tornar os nossos encontros mais um compromisso, que não fosse algo maçante. É o nosso último encontro, mas eu espero que não seja o encerramento, porque vocês são pessoas que eu sempre quero ter na minha vida, pela admiração que eu tenho por vocês, pelas meninas que

não estão aqui, e que eu quero sempre ter na minha vida. Eu admiro vocês demais e é isso, muito obrigada, meninas. As palavras finais eu vou deixar pra depois gravado pra mandar pra vocês.

Rita: Escreve tranquila, você é a pessoa para isso, é o seu propósito, é a sua caminhada, você tá nessa e você é mais do que capaz, parabéns pela pesquisa é uma pesquisa muito potente, muito legal, eu também estou muito ansiosa pra ler, vai ficar lindo, você é mais que capaz para isso, Bianca.

María: Escreva tranquilamente. Sim, e eu tenho certeza que vai ficar muito boa, porque pelo jeito que você escreve a gente já sabe, a tua escrita é muito boa, é muito fluida e vai ser um sucesso, tenho certeza.

Bianca: E eu posso dizer que eu tenho certeza também pela contribuição de vocês que foram maravilhosas. Mas meninas, muito obrigada, a gente vai encerrar por aqui, é uma pena que as meninas não conseguiram entrar, mas eu entendo, final de ano é uma loucura. Desejo tudo de bom pra vocês, que a gente possa encontrar e trocar abraços fortes de urso em breve. Que vocês tenham um ótimo final de ano. Recebam meu abraço. Muito obrigada, beijo e feliz ano novo.

Rita: Tchau, obrigada. Feliz ano novo.

María: Dá um beijinho na nenê, beijo, feliz ano novo.

AGRADECIMENTOS E ENCERRAMENTO

Bianca: Oi meninas, tudo bom? Tô me sentindo uma blogueira gravando esse vídeo pra vocês, mas só pra vocês entenderem. A Elisabeth e a Naomi não estavam nesse último encontro, mas a gente teve um problema com a conexão e tava travando muito aí a gente precisou conversar pelo chat. Com a Rita e com a María, mas eu queria que o agradecimento final fosse muito especial, então eu combinei com elas que eu gravaria esse vídeo pra conseguir agradecer. É como se o universo tivesse escolhido a dedo cada uma de vocês para participar desse grupo, da pesquisa que eu estou desenvolvendo no doutorado, porque vocês são Mulheres que eu admiro imensamente e não tem como mensurar o quanto eu admiro vocês. Admiro vocês enquanto amigas, enquanto Mulheres, professoras, pesquisadoras, vocês são Mulheres que eu me espelho muito, então é um privilégio muito grande poder ter a contribuição de vocês na minha pesquisa e poder falar sobre vocês, então eu agradeço muito, não tenho nem palavras para descrever o quanto eu estou grata por ter vocês aqui.

Eu tentei fazer com que os nossos encontros não fossem mais um compromisso que vocês tivessem, que a gente pudesse adequar a agenda vocês, à rotina, e que a gente pudesse levar de forma leve, que não ocupasse tanto tempo, porque eu sei que vocês têm família, trabalho, pesquisa e tudo mais, então, eu tentei fazer de uma forma leve e que não atrapalhasse tanto a rotina de vocês e eu agradeço muito por vocês terem participado, por terem deixado a família, os afazeres do trabalho, da pesquisa para estarem aqui comigo. E gostaria também de dizer o quanto as reflexões, as discussões e os desabafos que tivemos foram importantes. Nós conseguimos ter pontos de vista diferentes apesar de sermos professoras e pesquisadoras de um mesmo grupo de pesquisa. A gente teve o ponto de vista de coordenadora, professora já em sala de aula, professoras que têm muita experiência e professoras que estão entrando na escola agora. E pesquisadoras, né? Que estão se dedicando à pesquisa e não está em sala de aula nesse momento. Então, foi muito enriquecedor todas as nossas discussões, todos os pontos de vista. E, eu queria dizer agora, especificamente para cada uma de vocês.

Eu fico muito feliz de ter a Elisabeth em minha trajetória e de participar um pouquinho da trajetória dela também. A Elisabeth foi a primeira professora que eu tive contato na minha primeira pesquisa de iniciação científica. Ela foi a minha mentora. Foi a primeira pessoa que eu tive contato, e eu me inspiro e me espelho cada dia mais em você, Elisabeth. Porque você é uma pessoa extremamente delicada, você é um exemplo de professora pra mim, um exemplo de pesquisadora. Você transforma os obstáculos em fortalezas. Você se fortalece a partir desses obstáculos, e isso é muito inspirador. Eu vejo você cada dia mais como uma metamorfose, como se cada obstáculo que você passasse você se transformasse numa metamorfose. Enfim, você é muito especial pra mim e eu fico muito feliz de você estar aqui. Muito obrigada mesmo, você é o maior exemplo pra mim de professora de biologia.

María, eu agradeço muito por você ter aceitado o convite, você tornou tudo muito especial. Você é uma mulher extremamente centrada, você é uma mulher que, ao mesmo tempo que é um turbilhão, que é um tsunami, você é calma, você transmite calma, você transmite uma paz. E eu sei que sua cabeça está tudo um turbilhão de coisas passando, você é um exemplo de profissional muito grande pra mim, enquanto pesquisadora, professora e coordenadora. Você é uma pessoa extremamente responsável, dedicada em tudo que você faz. Você sempre dá o seu

melhor, você o possível e o impossível, e o que eu mais admiro em você, enquanto mulher é você ser uma pessoa semeadora de conhecimento. Você segue e traz as pessoas pra junto de você. Não é o tipo de pessoa que segue sozinha. E eu admiro muito você.

A Rita é uma pessoa que eu cruzava nos corredores da faculdade durante a graduação, era uma pessoa que eu sempre quis ser amiga, sempre admirei, sempre te achei muito foda. E eu admiro muito que você usa muito bem as palavras, você é uma mulher muito sábia, você é uma poesia viva, sabe? Pra mim, você vê as coisas com um olhar muito gentil e forte ao mesmo tempo. Você não deita, sabe? Como diria a Pabllo Vittar você não deita, né?

E a Naomi eu vejo ela como uma panterona, porque a Naomi não leva desaforo pra casa, ela é o tipo de mulher que reivindica seu espaço. Ela é uma mulher forte, marcante e por onde ela passa ela deixa o legado dela. Deixa a sua marca apesar do tamanho não ser muito, né? Mas você é uma mulher extremamente forte, extremamente marcante e você não leva desaforo pra casa e marca seu espaço. Muitas vezes você fala: Eu sou a Naomi e é isso. É isso que eu admiro muito em você. Muitas vezes eu penso como que a Naomi lidaria com essa situação. Você sabe lidar muito bem com seus obstáculos de uma forma elegante. E mesmo que você esteja desestabilizada, você não deixa as pessoas perceberem. Você tá ali sempre muito forte, apesar de ser frágil ao mesmo tempo.

Enfim, meninas, eu quis falar sobre cada uma de vocês porque cada uma de vocês mexe comigo de um jeito diferente e me deixam uma marca diferente e vocês contribuem de uma forma diferente, cada uma do seu próprio jeito com isso que a gente tá fazendo aqui, né? Com esse grupo de discussão. Então, o objetivo desse grupo era entender como professoras, pesquisadoras, que são Mulheres, que são mães, como vocês percebem as relações de gênero, sexualidade e corpo na atuação de vocês, na vida pessoal, nas vivências de vocês, e a gente foi muito além. A gente se tornou um grupo de acolhimento, de desabafo. Vocês comentaram coisas da vida pessoal de vocês, o quanto essas questões atravessam vocês, e foi muito importante ter esse momento. E como eu disse anteriormente, o meu objetivo com essa pesquisa é que a gente possa amplificar as nossas vozes, desse momento que a gente teve. Para que seja ouvida nos quatro cantos, que a experiência de vocês enquanto profissionais, enquanto Mulheres, possam ser ouvidas nos quatro cantos, possam ser ouvidas pela academia, pela escola, pelas pessoas no trabalho de

vocês, pelos homens, pelas Mulheres, enfim, por todos. Porque eu acredito que muito do que a gente discutiu aqui, várias Mulheres que também estão na mesma situação, e são temas que precisam ser falados, precisam ser colocados em pauta. Então, a minha motivação é essa. Que a gente possa amplificar as nossas vozes para que sejamos ouvidas e que esses temas sejam falados e ouvidos nos quatro cantos. Então, muito obrigada mais uma vez pela participação de vocês. Espero que esse não seja o encerramento, mas que seja o fim de um ciclo e que a gente possa dar continuidade em outros, e saibam que eu vou estar para o que vocês precisarem, enquanto amiga, enquanto colega pesquisadora, enquanto colega professora, enfim, pode contar sempre comigo. E eu comentei também com a María e com a Rita que pra mim tá sendo uma responsabilidade e uma honra muito grande poder escrever, poder traduzir tudo o que vocês trouxeram aqui nesse grupo, e eu espero fazer jus ao quanto vocês são incríveis e a todas as reflexões e as discussões que vocês trouxeram aqui nesse grupo, porque foram extremamente importantes e relevantes e que precisam ser colocadas em pauta na nossa área de pesquisa, na nossa área de trabalho. Então, muito obrigada mesmo. Eu gostaria de estar falando isso pessoalmente pra vocês, no bar tomando uma cervejinha, mas isso fica para o próximo encontro que a gente tiver, e aí eu dou um abraço apertado em cada uma de vocês. Muito obrigada mesmo, o que vocês precisarem estou aqui, e é isso meninas, um beijão no coração de vocês.